

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ALESSANDRA SECUNDO PAULINO**

**“UM MUNDO DE PURA MANIFESTAÇÃO DOS SENTIMENTOS”:  
A trajetória de Francisco Vianna e a representação de infância em suas obras (1876-  
1935)**

**Guarulhos**

**2019**

**ALESSANDRA SECUNDO PAULINO**

**“UM MUNDO DE PURA MANIFESTAÇÃO DOS SENTIMENTOS”:**

**A trajetória de Francisco Vianna e a representação de infância em suas obras (1876-1935)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação ao Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: História da Educação - Sujeitos, Objetos e Práticas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Panizzolo

**Guarulhos**

**2019**

Paulino, Alessandra Secundo

“Um mundo de pura manifestação dos sentimentos”: a trajetória de Francisco Vianna e a representação de infância em suas obras (1876-1935) / Alessandra Secundo Paulino. – Guarulhos, 2019.

226 f.

Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Claudia Panizzolo.

Título em inglês: "A world of pure manifestation of feelings": The trajectory of Francisco Vianna and the representation of childhood in his works (1876-1935)

1. História da educação. 2. Francisco Furtado Mendes Vianna 3. Representação da Infância. I. “Um mundo de pura manifestação dos sentimentos”: A representação de infância nas obras de Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935)

**ALESSANDRA SECUNDO PAULINO**

**“UM MUNDO DE PURA MANIFESTAÇÃO DOS SENTIMENTOS”:**

**A trajetória de Francisco Vianna e a representação de infância em suas obras (1876-1935)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração: História da Educação - Sujeitos, Objetos e Práticas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Panizzolo

Data: 28/02/2019

---

Prof. Dra. Claudia Panizzolo

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

---

Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

---

Prof. Dr. Cesar Augusto Castro

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Universidade de São Paulo (USP)



*Dedico esta dissertação aos meus  
pais Luis Antonio Paulino e Isabel Cristina  
Secundo Paulino*

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Panizzolo pela dedicação nas orientações e nos projetos realizados durante o meu processo de formação, fornecendo incentivo com tamanho carinho e confiança.

Aos meus pais, Luis Antonio Paulino e Isabel Cristina Secundo Paulino, e aos meus irmãos, Anderson Luis Secundo Paulino e Gabrielle Secundo Paulino, pela compreensão e incentivo que sempre recebi, concedendo total apoio para que a pesquisa fosse realizada.

À Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo (Campus Guarulhos), especialmente ao Programa Pós-Graduação em Educação, pelo seu corpo docente que me proporcionou conhecimento e aguçou meu interesse pela pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/DS) por ter fomentado a presente pesquisa.

Às amigas que construí durante o meu processo de formação fornecendo apoio constante: Juliana, Rosana, Elisméia, Gabriel, Sandra, Keila, Soraia e, principalmente, à minha amiga pra toda vida: Amanda Topic Ebizero.

Ao Thiago Felipe Melo Silva pelo seu amor constante, compreensão e apoio oferecido nos momentos difíceis.

E, essencialmente, a Deus, que me capacitou nos momentos de fraqueza e de indecisões, por permitir que todas essas pessoas estivessem comigo quando eu mais necessitei. Obrigada, Senhor, por mais essa conquista!

## RESUMO

Nesta pesquisa, abordou-se a região de São Paulo, no início do século XX, a qual passou por grandes transformações no âmbito social, econômico, político e cultural, caracterizando a educação como a principal ferramenta para sustentação dessas novas modificações e com a função de definir concepções sobre o papel do cidadão republicano, especificamente sobre as crianças. Para isso, novas instituições educativas foram implementadas e uma emergência em publicações de obras didáticas com intencionalidade de educar e moldar o novo cidadão republicano. Pretendeu-se, portanto, neste estudo analisar a representação da infância nas obras do autor de livros didáticos Francisco Furtado Mendes Vianna entre o período de vida do autor e de publicação de suas obras, ou seja, entre 1876 e 1935, tomando como fonte de pesquisa as obras que compõem a série *Leituras Infantis* (*Leitura preparatória; 1º, 2º, 3º “Livro de leituras infantis”* (1908); *Cartilha: Leituras Infantis* (1911?); *Primeiros passos na leitura* (1915)). Para subsidiar a análise, foram utilizados jornais e periódicos educacionais do período e outras publicações do autor, dentre elas conferências realizadas pelo mesmo, presentes na obra *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930). Considerando os aportes da História Cultural, esta pesquisa utilizou-se do conceito de “infância” apresentado por Faria Filho e Fernandes (2007); Kuhlmann e Fernandes (2004); Panizzolo e Belo (2016) e Gouvêa (2004, 2007) e a categoria analítica “representação” proposta por Chartier (1990; 1996; 1999; 2000) em diálogo com a História da Educação, História da Infância e da Literatura Infantil Escolar no Brasil. Almejou-se, assim, a investigação dos modos de representar a infância através das obras selecionadas, considerando a relação existente entre o processo de escolarização e a produção da concepção de infância nas sociedades modernas. De acordo com resultados encontrados, constatou-se uma relação entre a filosofia comteana com o percurso profissional e pessoal do autor, refletindo discursivamente em suas obras. Vianna utilizou tramas que partem de assuntos mais simples, como o uso de poucos personagens e ambientes com a mesma característica imagética para uma complexificação das relações sociais envolvendo: o trabalho, a escola e a família; tramas de maior dificuldade de resolução; tramas com temas de caráter científico; acompanhando, dessa forma, todo o processo de crescimento da criança e a sua relação com o mundo e perpassando por temáticas comuns ao conceito de civilização na ótica comteana, sendo elas: a indústria, as ciências e as belas-artes.

**Palavras-chave:** História da Infância. Série de leituras. Francisco Furtado Mendes Vianna. Representação de infância. Criança.

## ABSTRACT

In this research, the region of São Paulo was approached at the beginning of the 20th century, which underwent major transformations in the social, economic, political and cultural spheres, characterizing education as the main tool to sustain these new modifications and with the function to define conceptions about the role of the republican citizen, specifically about children. For this, new educational institutions were implemented and an emergency in publications of didactic works with intentionality to educate and shape the new republican citizen. The aim of this study was to analyze the representation of childhood in the works of the author of textbooks Francisco Furtado Mendes Vianna between the period of the author's life and the publication of his works, that is, between 1876 and 1935, taking as a source researches the works that make up the Children's Readings Series (Preparatory Reading, 1st, 2nd, 3rd "Book of Children's Readings" (1908); In order to subsidize the analysis, periodicals and periodicals of the period and other publications of the author were used, among them conferences made by the same one, present in the work *Modernas directives in the primary enzyme: active school of work or new* (1930). Considering the contributions of Cultural History, this research used the concept of "childhood" presented by Faria Filho and Fernandes (2007); Kuhlmann and Fernandes (2004); Panelli and Belo (2016) and Gouvêa (2004, 2007) and the analytical category "representation" proposed by Chartier (1990, 1996, 1999, 2000) in dialogue with the History of Education, Childhood History and Children's Literature in Brazil. Thus, research on ways of representing childhood through selected works was sought, considering the relationship between the process of schooling and the production of the conception of childhood in modern societies. According to the results found, a relation was found between the comteana philosophy and the professional and personal path of the author, reflecting discursively in his works. Vianna used plots that depart from simpler subjects, such as the use of a few characters and environments with the same imagery for a complexification of social relations involving: work, school and family; frames of greater difficulty of resolution; plots with scientific themes; thus accompanying the entire growth process of the child and its relationship with the world and passing through themes common to the concept of civilization in the Comtean view, being: industry, science and fine arts.

**Keywords:** Childhood History. Reading series. Francisco Furtado Mendes Vianna. Childhood representation. Kid.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planilha da obra "Cartilha" .....	24
Figura 2 – Planilha dos jornais localizados .....	29
Figura 3 - Francisco Furtado Mendes Vianna .....	35
Figura 4 - Matéria para a “Revista da Semana” .....	39
Figura 5 - Dedicatória de Francisco Vianna ao tio Godofredo José Furtado .....	40
Figura 6 - Registro de Matrícula de Francisco Vianna na “Escola Normal” .....	44
Figura 7 - Primeiro diploma de Habilitação de Francisco Vianna (1895) .....	45
Figura 8 - Lista de formandos do ano de 1895 da “Escola Normal de São Paulo” .....	46
Figura 9 - Segundo diploma de Habilitação de Francisco Vianna (1900) .....	49
Figura 10 - Divulgação do curso preparatório para a “Escola Normal”. .....	64
Figura 11 - Conferência realizada por Francisco Vianna sobre métodos de ensino .....	65
Figura 12 - Matéria da conferência “Ilusões, exageros e confusões no ensino primário” .....	83
Figura 13 - Capa e contracapa da obra “Cartilha: Leituras Infantis” .....	98
Figura 14 - Capa e contracapa do livro “Primeiros passos na leitura” .....	99
Figura 15 - Páginas da obra “Cartilha: Leituras Infantis” pelo método sentençação .....	101
Figura 16 - Página da obra “Primeiros Passos na leitura” pelo método de silabação .....	102
Figura 17 - Excerto do artigo “Phonação” sobre a obra “Primeiros Passos na leitura” .....	102
Figura 18 - Capa e contracapa da obra “Leitura Preparatória” .....	103
Figura 19 - Páginas do Livro “Leitura Preparatória” .....	104
Figura 20 - Capa e contracapa da obra “Primeiro Livro de Leituras Infantis” .....	105
Figura 21 - Páginas do “Primeiro Livro de Leituras Infantis” .....	106
Figura 22 - Exemplo de filetes da obra “Primeiro Livro de Leituras Infantis” .....	106
Figura 23 - Capa e contracapa da obra “Segundo Livro de Leituras Infantis” .....	107
Figura 24 - Contracapa da obra “Terceiro Livro de Leituras Infantis” .....	109
Figura 25 - Gravuras do livro “Terceiro Livro de Leituras Infantis” .....	110
Figura 26 - Propaganda da 2ª edição da obra “Pequena Historia do Brasil” .....	111
Figura 27 - Contracapa da obra “Quarto Livro de Leituras Infantis” .....	113
Figura 28 - Anúncio “livreto Caligrafia Vertical 4 Francisco Viana 1920 Lojaabcd” .....	115
Figura 29 - Anúncio “Livreto Caligrafia Americana 5 Francisco Viana 1890 Lojaabcd” .....	116
Figura 30 - Propaganda da coleção “Novos Cadernos de Linguagem” .....	117
Figura 31 - Catálogos publicados pela editora “Francisco Alves” .....	123
Figura 32 - Trecho da lição “O carro em disparada” .....	146

Figura 33 - Trecho da lição "Aventuras de um roceiro II" .....	149
Figura 34 - Trecho da lição "Quatro provas para um emprego" .....	151
Figura 35 - Trecho da lição "A Engommadeira" .....	151
Figura 36 - Trecho da lição "O lambe-sêlos" .....	152
Figura 37 - Trecho da lição "O brinquedo das taboinhas" .....	153
Figura 38 - Trecho da lição "A boa filha II" .....	153
Figura 39 - Trecho da lição "O orpham II" .....	156
Figura 40 - Trecho da lição "Garrafa" .....	157
Figura 41 - Poema positivista publicado na "Revista de Ensino" .....	164
Figura 42 - Gravura de Os ladrões e a machina photographica .....	172
Figura 43 - Gravura da lição "Um nariz gigante" .....	176
Figura 44 - Gravura de Um bom guarda não dorme .....	177
Figura 45 - Gravura da poesia "O no' vital" .....	179
Figura 46 - Trecho de "No barril" .....	179
Figura 47 - Trecho de "O relógio" .....	180
Figura 48 - Gravura da lição "A caixa de chocolate" .....	183
Figura 49 - Trecho da lição "A carta de Raymundo" .....	185
Figura 50 - Trecho da lição "Resposta a Raymundo" .....	185
Figura 51 - Sequência de gravuras da lição "O negrinho e o vigilante" .....	187
Figura 52 - Trecho da lição "Luizinho" .....	189
Figura 53 - Parte da lição "No Rio de Janeiro" .....	190
Figura 54 - Trecho da Lição "O Jacaré" .....	191
Figura 55 - Gravura e assinatura de Louis Maîtrejean .....	193
Figura 56 - Gravura e assinatura de Firmin Bouisset .....	194
Figura 57 - Fotografias da obra "Primeiro Livro de Leituras Infantis" .....	195
Figura 58 - Gravuras da obra "Segundo Livro de Leituras Infantis" .....	195
Figura 59 - Gravuras da obra "Terceiro Livro de Leituras Infantis" .....	196
Figura 60 - Gravuras do "Terceiro Livro de Leituras Infantis" .....	196
Figura 61 - Gravura da obra "Cartilha" .....	197
Figura 62 - Gravuras da obra "Leitura Preparatória" .....	198
Figura 63 - Gravura do "Segundo Livro de Leituras Infantis" .....	198
Figura 64 - Gravuras com brincadeiras da série "Leituras Infantis" .....	199

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de valores das obras de Vianna .....	124
Tabela 2 - Valores das obras publicadas pelos autores da "Francisco Alves" .....	125
Tabela 3 - Recorrências de personagens principais nas obras .....	144
Tabela 4 - Recorrências de relações entre personagens nas obras .....	144
Tabela 5 - Adultos representados nas obras .....	144
Tabela 6 - Espaços presentes nas obras .....	147
Tabela 7 - Atitudes interessadas na obra "Cartilha" .....	168
Tabela 8 - Atitudes interessadas na obra "Leitura Preparatória" .....	168
Tabela 9 - Atitudes interessadas na obra "Primeiro Livro de Leituras Infantis" .....	168
Tabela 10 - Atitudes interessadas na obra "Segundo Livro de Leituras Infantis" .....	169
Tabela 11 - Atitudes interessadas na obra "Terceiro Livro de Leituras Infantis" .....	169
Tabela 12 - Recorrência de ações negativas presentes na série "Leituras Infantis" .....	170
Tabela 13 - Recorrência de ações positivas presentes na série "Leituras Infantis" .....	182

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Percurso educacional e profissional de Francisco Vianna.....	69
Quadro 2 - Publicações de Francisco Vianna em São Paulo (Revista de Ensino) .....	75
Quadro 3 - Publicações de Francisco Vianna no Rio de Janeiro .....	80
Quadro 4 - Categorização das obras publicadas por Francisco Vianna (1890? - 1922) .....	95
Quadro 5 - Perfil das publicações de Francisco Vianna .....	131
Quadro 6 - O ensino na concepção de Francisco Vianna .....	155



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
AHECC	Acervo da Escola Caetano de Campos
ANM	Associação Nacional de Medicina
BLD	Biblioteca do Livro Didático da Universidade de São Paulo
BN	Biblioteca Nacional
BND	Biblioteca Nacional Digital
BnF	Bibliothèque nationale de France
BNM	Biblioteca Nacional de Maestros
CCLA	Centro de Ciências, Letras e Artes
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CRE	Centro de Referência Mario Covas
DF	Distrito Federal
EFAP	Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GEPICH	Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História
HISTEDBR	Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" Faculdade de Educação
RJ	Rio de Janeiro
SEA	Seminário de Estudos Avançados
SEE/SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
SP	São Paulo
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

## SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	15
Fontes e procedimentos da pesquisa.....	21
Organização dos capítulos.....	31
CAPÍTULO I: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE FRANCISCO FURTADO MENDES VIANNA: NORMALISTA, INSPETOR, SUPERINTENDENTE GERAL E AUTOR DE LIVROS DIDÁTICOS. ....	34
1.1 A formação educacional e o percurso profissional de Francisco Vianna.....	42
CAPÍTULO II: PUBLICAÇÕES, EDITORAÇÃO E CIRCULAÇÃO DAS OBRAS DE FRANCISCO VIANNA.....	72
2.1 Poemas e artigos educacionais de Francisco Vianna.....	74
2.2 As obras didáticas de Francisco Vianna.....	90
2.3 A comunicação entre Francisco Vianna e os professores.....	117
2.4 Circulação da série <i>Leituras Infantis</i> .....	122
CAPÍTULO III: UM MUNDO DE PURA MANIFESTAÇÃO DOS SENTIMENTOS”: A INFÂNCIA REPRESENTADA NAS OBRAS DE FRANCISCO VIANNA.....	135
3.1 As narrativas de Francisco Vianna.....	142
3.2 O positivismo e as ações que convergem para o altruísmo.....	161
3.3 A criança modelar: o Luizinho.....	188
3.4 Ilustradores e as ilustrações da <i>Série Leituras Infantis</i> .....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS.....	206
ANEXOS.....	225

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, foram apresentados os resultados da pesquisa de Mestrado em Educação, sob fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desenvolvida junto à linha de pesquisa "História da Educação: Sujeitos, Objetos e Práticas" do Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos, e vinculada ao GEPICH (Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Panizzolo.

Como integrante do GEPICH e sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Panizzolo, foi possível desenvolver, entre março de 2017 e janeiro de 2019, a pesquisa de Mestrado em educação com a proposta de analisar a representação de infância do professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935) por meio das suas obras: *Cartilha: leituras infantis* [1912?]; *Primeiros passos na leitura* (1915); *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).

Dentre as sete pesquisas realizadas no GEPICH, três buscaram analisar a representação da infância. Em *Amigos do Coração: Representação de Criança, Infância e Educação na obra de Edmondo de Amicis*, Domingos Belo (2017) analisa a materialidade e o discurso presente no romance *Cuore*, do autor italiano Edmondo de Amicis, obra que se transformou em livro didático para o ensino da leitura. O estudo possibilita compreender como o autor entende criança, infância e escola, além de identificar o motivo do sucesso dessa obra, tornando-se modelo para os livros de autores brasileiros.

Na pesquisa *A representação de Infância nas obras de Arnaldo Barreto: educar, civilizar e modernizar o cidadão republicano*, Regina (2017) pretendeu compreender a infância produzida e impressa nas obras didáticas publicadas por Arnaldo Barreto, autor que exerceu cargos de renome na instrução paulista. Dessa forma, a pesquisadora analisou livros de leitura e cartilhas que foram publicadas pelo autor, além do uso de revistas periódicas, jornais, decretos, leis e documentos oficiais para subsidiar a análise.

Na dissertação *Representação de infância em Zalina Rolim: entre a arte poética e a educação*, Santos (2017) estudou a obra *Livro das Crianças*, aprovado e utilizado para o ensino da leitura, além das publicações da autora na *Revista do Jardim da Infância*, impresso voltado para a formação de professoras do Jardim de Infância. Além de analisar as obras em sua

materialidade, a pesquisadora visou estudar a trajetória de Zalina Rolim e compreender como a autora concebe a infância por meio desses impressos, aliando ao contexto educacional do período.

A dissertação intitulada *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901)*, Chagas (2016) apresenta a vida e as obras publicadas por Anália Franco, especificamente o impresso *Álbum das Meninas: revista educativa e literária dedicada às jovens brasileiras*, publicados entre 1898 e 1901, analisa a concepção de jovem presente nessas fontes. Para a autora, os impressos tiveram a função de “instruir e moralizar especialmente o público feminino, incentivando a reivindicação quanto ao acesso à educação e a profissionalização, bem como em participar coletivamente da regeneração da sociedade por meio da educação dos filhos” (CHAGAS, 2016, p.10).

O GEPICH me permitiu um contato mais próximo com as questões voltadas para a infância, porém em uma perspectiva histórica. Além do grupo, a minha formação em pedagogia possibilitou-me ter um contato mais próximo com a cultura infantil, mesmo que fosse uma pesquisa contemporânea que focalizava na valorização da infância por meio da promoção de jogos e brincadeiras em espaços que permitissem o contato maior entre os pares, ou seja, as brinquedotecas – sejam elas escolares, comunitárias ou hospitalares. O meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Brinquedoteca, Brinquedo e Cultura: uma experiência formativa sobre o lúdico em defesa das últimas infâncias*, forneceu conhecimentos teóricos sobre a infância, na perspectiva da sociologia e na cultura lúdica. Ao terminar a graduação e, concomitantemente, participar dos encontros quinzenais do GEPICH e assistir o SEA *Cultura material escolar: produção, circulação e apropriação*, aliou-se o interesse nos estudos sobre a criança e a infância e os questionamentos específicos do ambiente escolar na perspectiva histórica.

Assim como as pesquisas das integrantes do grupo que optaram por analisar autores que possuem seus nomes marcados na historiografia da educação, o interesse foi em identificar indivíduos que tiveram grandes produções e vendagens, mas são pontualmente citados em estudos educacionais. Dessa forma, o interesse decorreu em analisar as obras e vida do autor Francisco Furtado Mendes Vianna, autor de obras diversificadas voltadas para a educação dos infantes, no entanto foi esquecido pela história educacional.

Partindo da abordagem histórica, a qual implica a revisão bibliográfica, localização e coleta de fontes, análise documental, análise da bibliografia fundamental, analisou-se a representação de infância presente nas obras do autor, considerando o seu percurso pessoal e

profissional, as obras e escritos publicados e o contexto do período, possibilitando trazer visibilidade do autor e de suas produções educacionais em comunicação com a História da Infância e da Educação.

Para a coleta das fontes, foi imprescindível consultar diferentes acervos localizados na cidade de São Paulo, além de sites especializados que contêm base de dados, catálogos e fontes digitalizadas para acesso ao público em geral.

Simultaneamente ao período de coleta das fontes, foram cursadas oito disciplinas entre o segundo semestre 2016<sup>1</sup> e o segundo semestre de 2018, distribuídas entre obrigatórias, cursadas dentro do programa de educação e de outros, além dos SEA (Seminário de Estudos Avançados), são elas: *SEA Cultura material escolar: produção, circulação e apropriação*, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Claudia Panizzolo; *A escrita da História da Infância: perspectivas teórico-metodológicas*, *História e Historiografia da educação brasileira* e *A cultura e as gentes de São Paulo*, ministradas pela Prof<sup>a</sup> Dra. Miria Jorge Warde; *Elementos de Análise do Discurso*, ministrado pelo Prof. Dr. João Kogawa, do Programa de Pós-Graduação em Letras; *Raízes históricas de práticas de seleção e segregação na escola*, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Regina Cândida Ellero Gualtieri, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde; *SEA Comparar, descomparar e conectar: possibilidades de investigação em história da educação*, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Renata Marcílio; por fim, o *SEA Metodologias de Investigação e Análise documental na pesquisa em História da Educação*, ministrado pelo Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira.

Além das unidades curriculares cursadas para composição dos créditos, houve a oportunidade em realizar um estágio docência sob supervisão do Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira, intitulado de *Estágio Docência em Literatura Infantil e Juvenil*, que me permitiu um contato mais próximo da literatura infantil do século XX.

Assim como o estágio em docência foi imprescindível para a escrita final da dissertação, a participação nas orientações presenciais com a professora orientadora e nos encontros quinzenais dos estudos do GEPICH, a fim de complementar os estudos voltados para a História da Infância.

O *Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História* foi criado em 2011, em parceria com a Prof<sup>a</sup> Dra. Claudia Panizzolo e com a Prof<sup>a</sup> Dra. Mirian Jorge Warde. Distribuído em 5 linhas de pesquisa, oportuniza estudos e produções específicas sobre a infância e a

---

<sup>1</sup> No segundo semestre de 2016 foi possível cursar como ouvinte uma matéria intitulada “Seminário de Estudos Avançados Cultura material escolar: produção, circulação e apropriação”, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Claudia Panizzolo.

adolescência, sendo essas: *Os veículos de comunicação/divulgação social e o amoldamento da infância*; *A escola e a modelação da infância*; *Os discursos científicos e a construção da infância*; *Infância: estudos de história, cultura e sociedade* e *História da Educação*. Dentre as linhas, a que mais causou interesse foi a segunda, pois a mesma está voltada para as práticas materiais e institucionais que visam moldar a infância.

Dentre os diferentes materiais educacionais, os livros escolares tornaram-se o principal interesse para compreender a forma como a criança é concebida nesses discursos e como esse tipo de material tem impacto sobre a formação dos mesmos. No que tange às pesquisas que estudam a concepção e modelação da infância e da adolescência por meio dos impressos, foi possível localizar quatro dissertações de alunas integrantes do Programa de Pós-Graduação e Educação da UNIFESP.

Por meio da revisão bibliográfica em artigos, livros, dissertações e outros foi possível identificar diferentes obras publicadas por Francisco Vianna: *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos* (1901); *Leitura preparatória, 1º, 2º, 3º livros de leitura* (1908); *Novo methodo de caligraphia vertical* (1909?); *Cartilha: Leituras Infantis* (1911?); *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/cartilhas: leituras infantis* (1912?); *Primeiros passos na leitura* (1915); *Quarto Livro de leituras infantis* (1919); *Pequena Historia do Brazil* (1922); *Modernas directrizes no enzino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930); *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)* (1890?); *Cadernos illustrados* (s.d.); *Novos cadernos de linguagem* (s.d).

Nos estudos historiográficos em educação brasileira relativos ao início do XX, Francisco Vianna é pontualmente citado em teses, dissertações, artigos de revistas, seminários e capítulos de livros. Há comentários pontuais sobre o autor em diferentes textos, citando apenas a sua série de leituras (MORTATTI, 2000; OLIVEIRA & TREVISAN, 2015; BITTENCOURT, 2004; VALDEZ, 2004; GAZOLI, 2010 e 2011; OLIVEIRA, 2015; FERREIRA, 2016, CAMPELLO DILL, 2014). Em verbetes de dicionários<sup>2</sup> mais importantes acerca de autores de livros didáticos há falta de informações sobre Francisco Vianna. No que concerne às pesquisas realizadas especificamente sobre o autor, considera-se a de Oriani (2010, 2015) a mais aprofundada. Seus textos analisam a configuração textual dos livros que integram a série *Leituras Infantis*, outros aspectos como a representatividade dessas obras na história do

---

<sup>2</sup> Os dicionários consultados para a presente pesquisa foram: *Dicionário Biobibliográfico de autores brasileiros: filosofia, pensamento político, sociologia, antropologia* (BRASILIA, 1999); *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882-1982* (COELHO, 1983); *“Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais* (FAVERO&BRITTO, 2002)

ensino de leitura e alfabetização no Brasil, além da tentativa de reconstituir a sua trajetória profissional como professor, inspetor, autor de livros didáticos e de poemas.

*O Livro na educação* (1974) apresenta um levantamento de livros utilizados nas escolas brasileiras para o ensino de ciências, matemática, estudos sociais, de alfabetização e literatura didática brasileira, permitindo visualizar um panorama sobre as principais obras em circulação no Brasil. Os autores definem Francisco Vianna como legatário herdeiro de obras já publicadas para o ensino primário, como as de Abílio Cezar Borges, Felisberto de Carvalho e Hilário Ribeiro com seus compêndios com conteúdo informativo; do livro *Cuore* de Edmundo De Amicis (1886) com apelo ao nacionalismo e seguindo um enredo do início ao fim; Köpke e Puiggari-Barreto com maior relação ao espírito brasileiro. Pfromm Neto et al (1974) afirmam a opção de Francisco Vianna em seguir o perfil dos livros de Puiggari-Barreto, no que concerne à estruturação dos livros em seriação, utilizando poemas e histórias.

O artigo *Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil*, sob a organização de Mortatti et al (2009), apresenta as propostas de ensino do método analítico<sup>3</sup> ou misto e as cartilhas que foram criadas pelos professores formados pela Escola Normal de São Paulo: Theodoro de Moraes, Arnaldo Barreto, Mariano de Oliveira, Antonio Proença, M. B. Lourenço Filho, Renato Fleury e Francisco Vianna.

Em suas áreas de atuação é possível identificá-lo como inspetor secundário, como aponta o artigo de Gaze (2012) e a sua atuação como professor de matemática nos artigos de Bertini e Sousa (2016), e Soares e Amaral (2016); além da sua atuação como professor de História Natural (SÃO PAULO, 2010).

Ainda foi possível localizar uma publicação que apresenta as relações profissionais, ideológicas e políticas de positivistas brasileiros, entre o final do século XIX e início do XX, incluindo Francisco Vianna, no artigo *Positivism, Modernization, and the Middle Class in Brazil* (NACHMAN, 1977).

Constatou-se que o autor vivenciou um movimento de efervescência de obras didáticas publicadas por autores nacionais, e além de fazer parte deste movimento publicou outras obras como livros de caligrafia, de matemática e de história, além de poemas e artigos educacionais.

---

<sup>3</sup> Segundo Mortatti (2000), o *método analítico* constitui o processo da alfabetização por meio do ensino da leitura ou escrita com o uso de textos, frases ou histórias, e a partir delas, realizar a decomposição de seus elementos até as sílabas e letras, movimento contrário ao *método sintético*. A autora ramifica o método analítico pelos métodos de *palavração*, *sentenciação*, o *método das histórias* e o *método global*, no qual “ênfatiza-se inicialmente o imediato reconhecimento de palavras ou sentenças inteiras, e, ocasionalmente, pode ser identificado com os métodos da palavração, da sentenciação ou das historietas”. (p. 123)

Assim, identifica-se um autor com vasta produção educacional, porém sem possuir o reconhecimento histórico devido. Portanto, a presente pesquisa pretende lançar luz sobre o legado desse autor para a educação brasileira, apresentando o seu percurso profissional e pessoal, além das suas obras publicadas, atrelando os seus ideais à concepção de infância presente em suas obras.

Portanto, a pesquisa aqui proposta se diferencia dos estudos já realizados, uma vez que toma as obras de Francisco Vianna como fonte principal para compreender a representação de infância e criança, em um período idealizado por sujeitos que tinham o intuito de moldar um novo perfil, o de cidadão republicano. Inegavelmente os livros de leitura faziam parte dessa proposta formativa, pois tinham por finalidade a educação do infante, tal como Panizzolo (2017, p. 11) constata que esses indivíduos se converteriam em homens e fariam o progresso do país, pois “(...) Não há espaço para a abstenção, pelo contrário, os autores levam ao termo e ao cabo um projeto civilizador pela via da leitura”.

A significativa circulação de livros do autor e a sua atuação no meio educacional provocam interesse em compreender o modo como Francisco Vianna vislumbrou os seus leitores de destino e quais valores para a infância pretendeu impor em seus escritos. Desse modo, a escolha desta série de obras como objeto de investigação suscitou diferentes questões de pesquisa como: Qual o contexto de produção da Série *Leituras Infantis*? O que os cenários sociais e culturais podem indicar sobre a possível motivação de Francisco Vianna para a elaboração destes materiais? Quais foram as relações de Francisco Vianna e quais foram as marcas deixadas em sua trajetória profissional e intelectual? Qual era o público de destinação desses livros didáticos? Quais as características apresentadas e concebidas por este autor por meio dos livros quanto à rotina, comportamentos, socialização e valores? Como se configura a estrutura material da obra no que diz respeito a seu conteúdo? Quais são os ilustradores da série? Como foi a circulação e a receptividade dos livros? Qual é a representação de infância veiculada através das obras?

Desse modo, a presente pesquisa teve por objetivo analisar a representação de infância e criança presente nas obras do autor Francisco Furtado Mendes Vianna, tendo em vista seus conteúdos associados e destinados à infância. Para isso pretendeu-se analisar o contexto histórico e social em que as obras de Francisco Vianna foram publicadas; identificar a representação de criança e infância por meio do conteúdo das obras publicadas pelo autor e o público-leitor a que tais obras se destinam.

## **Objetivos**



Objetivo geral: Analisar e compreender a representação de infância presente nas obras do autor Francisco Furtado Mendes Vianna, tendo em vista seus conteúdos associados e destinados à infância.

Objetivos específicos:

- Analisar o contexto histórico e social em que as obras do Francisco Furtado Mendes Vianna foram publicadas, atrelados ao período de vida do autor.
- Verificar o público leitor de destinação das obras
- Compreender os comportamentos, valores e virtudes defendidas pelo autor
- Identificar a representação de criança e infância por meio do conteúdo das obras do autor.

### **Fontes e procedimentos da pesquisa**

Ao inserir o presente trabalho na perspectiva da História Cultural, a qual caracteriza-se por apresentar uma diversificação de documentos históricos para compreender determinados fenômenos culturais e sociais, considerou-se que esses documentos podem se tornar problemáticos na pesquisa quando não há o tratamento crítico devido para cada um deles, pois uma fonte histórica é produto da escolha de um indivíduo para a perpetuação de determinada memória e não representam fielmente a realidade:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 2003, p. 525)

Assim, considerando a diferença entre o *documento* e um *monumento*, tornou-se necessário a coleta e seleção de diferentes fontes com a consciência de que o entrecruzamento entre essas possa responder os questionamentos apresentados na presente pesquisa.

A escolha por utilizar mais de um tipo de fonte também entra em conformidade com os estudos de Bourdieu (2004), que utiliza a noção de campo para compreender as diferentes produções culturais. Para o autor, há o perigo de analisar o texto pelo texto ou o texto e o contexto em uma relação biunívoca – erro de curto circuito – para isso é necessário relacionar e estudar os diferentes universos que permeiam essas obras, “*campo literário, artístico, jurídico ou científico*, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência” (BOURDIEU, 2004, p.20); os campos que são constituídos de relações e regras sociais, sendo elas específicas ou não. À

vista disso, os estudos de Bourdieu foram importantes para irem além da análise das obras pelo seu texto, mas estudar os agentes que permeiam a construção desses materiais, as instituições que validam ou não esses discursos e os diferentes campos que permeiam essas produções.

O primeiro tipo de fonte utilizado na presente pesquisa foram as obras didáticas; logo, as cartilhas e a série de leitura foram selecionadas como fonte para a análise, sendo elas: a *Série Leituras infantis* (*Cartilha: leituras infantis; Primeiros passos na leitura; Leitura preparatória; Primeiro livro de leituras infantis; Segundo livro de leituras infantis; Terceiro livro de leituras infantis*). As obras escolhidas para a presente pesquisa estão localizadas nos seguintes acervos: *Centro de Referência em Educação Mario Covas* (CRE), acervo do *Centro do Professorado Paulista* (CPP) – sob a curadoria da *Universidade Federal de São Paulo* (UNIFESP) –, *Biblioteca Nacional de Maestros* (BNM) e a *Biblioteca do Livro Didático da Universidade de São Paulo* (BLD).

No que concerne às cartilhas, Boto (2004) contextualiza a sua origem como uma das práticas culturais da Idade Moderna para o ensino da leitura, da escrita e do contar. Definido como “cartinha”, são textos impressos constituídos de abecedários, construções de palavras, pequenos textos de conteúdos moralizantes, “precedidos de excertos de orações ou de salmos, posto que a religiosidade era a marca daquele ensino primário que, pouco a pouco, se constituía” (p.495). Assim, as “cartinhas” seriam as formas primitivas do que atualmente conhecemos como cartilhas, já que o conteúdo religioso “aparentemente” não está presente nas obras do autor Francisco Vianna. As cartilhas escolhidas para a análise foram: *Cartilha: leituras infantis* e *Primeiros passos na leitura*.

Sobre as séries de leitura, Oliveira e Souza (2000) as definem pela composição de uma sequência de três até cinco livros, organizadas de forma sequencial (primeiro livro de leitura, segundo livro de leitura, terceiro...). As obras distribuem conhecimentos a serem aprendidos do primeiro até o último ano da escola primária e cada livro equivale a um ano letivo. Os conteúdos são divididos a partir de lições ou títulos, além de apresentarem diferentes grafias e uma grande quantidade de gravura. Das obras seriadas, foram elegidas para o presente trabalho: *Leitura preparatória, Primeiro livro de leituras infantis, Segundo livro de leituras infantis* e *Terceiro livro de leituras infantis*.

A intenção em analisar a representação de infância por meio de livros didáticos justificou-se pela sua amplitude discursiva, atingindo não somente aqueles que estão inseridos na cultura escolar, mas também a sociedade da qual a escola faz parte:

O livro escolar, ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, veiculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla. Por isso, esse tipo de

material serve como instrumento, por excelência, da análise sobre a “mediação” que a escola realiza entre a sociedade e os sujeitos em formação, o que significa interpretar parte de sua função social. (CORRÊA, 2000, p. 19)

Portanto, considerando a característica do livro escolar e a sua magnitude discursiva, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: o exame da bibliografia sobre o objeto de investigação, análise da materialidade (lugares de circulação e aprovação, como também o valor das mesmas); o conteúdo das obras escolhidas (temas, imagens e histórias), e exame do contexto no qual estão inseridas as obras<sup>4</sup>.

Uma primeira investigação das obras de Francisco Vianna compôs uma leitura dos índices, títulos e histórias presentes em cada livro, ou seja, a identificação dos protocolos de leitura dos próprios livros, isto é, o modo como foram estruturadas obras sob sua autoria (capa, introdução, imagens, dedicatórias), pois a configuração desses materiais direciona o leitor a uma “determinada” interpretação de seu discurso, ou seja, “a imagem no frontispício, ou na página do título, na obra do texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é um protocolo de leitura, um indício identificador” (Chartier, 1996, p.131). Essa análise inicial também forneceu indícios de quais temáticas e ambientes aparecem com maior regularidade (espaços rurais ou urbanos, escolar ou doméstico; presença de crianças e adultos ou somente crianças; gênero mais presente: meninos ou meninas, ou ambos; animais como personagens ou somente a presença de humanos).

O modo de operação para a análise documental dos livros do autor partiu da concepção *técnica* de Vieira et al (2007) na elaboração de tabelas no *Excel* para a sistematização dos elementos encontrados. Os itens presentes na concepção de *técnica* foram adaptados para abarcar todas as informações coletadas, sendo assim, cada obra obteve uma planilha específica contendo dados gerais como: título, resumo da historieta/poema, “diagnóstico”, “caminhos”, “propostas” e “Destinatário/Observação” e página; mas também informações específicas: se existia crianças, adultos, animais, espaço da trama, diálogos ou não, assunto diferenciado, conteúdos científicos, brinquedos ou brincadeiras, presença de material ou rotina escolar, se tinha ilustrações ou fotografias, se são coloridas ou não, e por fim, a assinatura desses ilustradores. Essas categorias específicas foram elaboradas no decorrer da análise das obras, a fim de identificar regularidades discursivas ou mudanças dessas tramas entre as obras.

---

<sup>4</sup> Optou-se nessa pesquisa manter a escrita original da época, tanto para a análise das obras do autor quanto para a reconstituição da sua vida pessoal e profissional por meio das diferentes fontes coletadas.

Figura 1 - Planilha da obra "Cartilha"

Cartilha, 1931 (29ª edição)																			
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
	Tipo	Resumo	Diagnóstico	Proposta	Destinatário	Crianças?	Sexo	Idade +/- (mais vs)	Adultos?	Relação	Animal?	Quais?	Campo	Cidade	Casa	Escola	Diálogo com leit	Diálogo entre pe	Assunto #
3	Ativ. Nexo lóg	Duas cri	Crianças do campo	Observação da natureza	Crianças da cidade (?)	2	M/F	8 anos		1 avô	S	Ave	x			N	N	N	
4	Ativ. Nexo lóg	Criança	criança no campo	Observação da natureza	Crianças da cidade (?)	1	M	6 anos	N	N	S	Ave		x		S	N	N	
5	Ativ. Nexo lóg	O vô dá	Crianças que vivem em	Relação com a natureza/afetiv	Crianças da cidade (?)	2	M/F	9F / 7M		1 avô	S	Ave		x		S	N	N	
6	Ativ. Nexo lóg	Criança	Relação de afeto entre ir	Amor familiar	Crianças que recebem carinho/mim	2	M/F	6F / 3M	S (n imagem)	mãe	N	N		X		S	N	N	
7	Ativ. Nexo lóg	Crianças	Crianças sempre acomp	Crianças com objetos que gan	Crianças que andam sozinhas (?)	2	M/F	12M / 10F	N	N	N	N	x			S	N	N	
8	Ativ. Nexo lóg	Crianças	Crianças fazendo ativida	Apoio mútuo em atividades (?)	Crianças que não ajudam (?)	3	M/M/F	11 anos	N	N	S	Aves	x		x		S	S	N
9	Ativ. Nexo lóg	Meninas	crianças que fazem ativ	Comparação entre objetos	-	2	F	8 anos	N	N	N	N	x			N	S	N	
10	Ativ. Nexo lóg	Menina	Crianças que fazem ativ	Ajudar o próximo	Crianças que não ajudam (?)	2	M/F	8 anos	N	N	S	bodebo	x			S	N	Criança surda e muda	
11	Ativ. Nexo lóg	Menino	Crianças que fazem ativ	Trabalho não é errado	Inculcar a importância do trabalho	1	M	11 anos	N	N	N	N	x			S	N	Criança trabalhando e es	
12	Ativ. Nexo lóg	Renato	-	-	-	1 (n imagem)	M	-	S	mãe/empregad	S	rato		x		N	N	N	
13	Ativ. Nexo lóg	menina	Criança deve ir à escola	Estudar/cuidar do animais	Crianças que não gostam de estuda	1	F	9 anos	N	N	S	cachorr	x		x	S	N	ir à escola	
14	Ativ. Nexo lóg	Crianças	Crianças que estudam co	Estudar/dedicação	Crianças que não cuidam dos mater	2	F/M	9F / 7M	S	médico	N	N		x		N	S	ir à escola	
15	Ativ. Nexo lóg	irmãs qu	crianças que brincam e d	Brincar/estudar	crianças que acordam tarde, não brin	2	F/F	9 anos	N	N	S	cachorr	x		x	N	N	ir à escola	
16	Historieta	Fifina va	Criança que não seja car	Roubar é errado, melhor fazer d	Crianças que roubam as outras	2	FF	9 anos	N	N	N	N		x		N	S	Não roubar	
17	Historieta	Roque v	Crianças que respeitam	Deixar os animais em seus hab	Crianças que tendem a tirar os anim	1	M	9 anos	S (n imagem)	mãe	S	rolinha	x		x	N	S	Não tirar os animais de s	
18	Historieta	Alberto	Criança não deve assus	Crianças que não assustam/fa	Crianças que fazem traquinagens	2	M/M	8 anos	N	N	S	cachorr	x			N	S	Não fazer traquinagens	
19	Historieta	Guido tir	Crianças devem acordar	Acordar cedo (rotina)	Crianças preguiçosas e que não gos	1	M	7 anos	S (n imagem)	mãe	S	Galo, ga	x			N	S	Acordar cedo!!	
20	Historieta	Paulo re	Crianças boas que não r	Não maltratar os animais	Crianças que maltratam os animais	1	M	8 anos	S (indiretamente)	pai	S	cachorr	x			N	S	Não maltratar os animai	
21	Poema	Menino	Criança perspicaz = relac	Criança que relaciona a brincad	Crianças que não relacionam os coi	1	M	8 anos	N	N	N	N		x		N	N	Brincadeira/ciência	
22	Historieta	Julia dec	Criança sempre acompa	Nunca sair sozinha (menina), m	Crianças que tendem a sair sozinhas	2	M/F	9 anos	S (indiretamente)	mãe/pai	N	N		x	x	N	S	Andar acompanhados/ s	
23	Poema	Qual bor	Criança que escolha o si	Crianças que saibam escolher	Crianças que gostam de coisas gran	2	M/F	7 anos	N	N	N	N		x		N	S	sentimento acima de out	
24	Historieta	Zozimo	Crianças boas e que não	Crianças que respeitem os anir	Crianças que machucam os animais	3	M/M/F	8 anos	N	N	S	ave	x		x	N	S	Não maltratar os animai	
25	Historieta	Crianças	Crianças que não sejam	Propor que as crianças sejam	Crianças descuidadas e aquelas que	2	M/M	6 anos	N	N	S	peite		x		N	S	Não ser descuidado	
26	Historieta	Uma cri	Crianças que não roubar	Crianças que não roubam e qu	Crianças que tendem a pegar coisas	3	M/M/F	9M / 8M / 3(+/-)	S	Vizinho	N	N	x			N	S	Não roubar/ser caridosoc	
27	Poema	Lina dá	Crianças que não sejam	Seguir o exemplo dos animais	Crianças choronas	1	F	10 anos	N	N	S	cachorr	x		x	N	N	Não ser chorão/palmad	
28	Historieta	Menina	Crianças que não sejam	Crianças não devem ser invejo	Crianças que tendem ter inveja do ir	2 (umaindret	F/F	8 anos/ 1 ano	S (indiretamente)	mãe e pai	N	N		x		N	N	Inveja/desejar o bem do	
29	Historieta	Menino	Crianças que fazem boa	Crianças que fazem boas açõe	Crianças que maltratam os animais	1	M	8 anos	S (indiretamente)	mãe e pai	S	Pintasil	x		x	N	N	Boas ações/cuidar dos .	
30	Historieta	Menino	Crianças que comem fru	Observação da natureza e daq	Crianças que não comem frutas	2 (umaindret	M/M	8 anos	S (indiretamente)	tia e tio	N	N	x			N	S	Imigração/ comer frutas	
31	Poema	Menina	Crianças que brincam e d	Preparo da menina como mãe	Meninas que não brincam de bonec	1	F	7 anos	S (indiretamente)	mãe	N	N		x		N	N	Projeto de ser mãe pelo	
32	Historieta	Plinio pa	Crianças que ouvem os	Ouvir os conselhos dos mais v	Crianças que não ouvem conselhos	2 (1n imagem	M	8 anos	S (indiretamente)	pai	N	N	x		x	N	S	Ouvir conselhos, obedec	
33	Historieta	Lucio m	Crianças que não maltra	Não maltratar os animais	Crianças que maltratam os animais	2 (1n imagem	M/M	7 anos	N	N	S	lagartixa		x		N	S	Maltrato de animais/ens	
34	Historieta	Beatriz	Crianças festivas, que te	Crianças solícitas e que não te	Crianças que não tenham educação	Várias (uma	F/M	11 anos	S (indiretamente)	pai, mãe, cunha	N	N		x		N	N	crianças festivas/educac	

Ilustração parcial da planilha de análise da 29ª edição da obra "Cartilha: Leituras Infantis". Fonte: acervo pessoal

O item “diagnóstico” foi preenchido com uma descrição detalhada acerca da representação, de uma forma geral, que a sociedade faz da criança e é explicitada discursivamente nas obras do autor. O campo “caminhos” indica quais são as estratégias apresentadas pelo autor para que a criança possa modificar ou permanecer com seus comportamentos ou ações. O campo “propostas” é constituído por palavras-chave com as concepções que o autor faz das crianças, como uma forma de facilitar a identificação dos termos para uma análise que possui muitas recorrências; o campo “Destinatário/Observação” a quem ou a qual leitor se destina determinado texto, para uma criança que necessita ou não melhorar tal comportamento. Seguidamente, os assuntos mais abordados foram separados por categorias, como: família, escolarização da criança, higiene, trabalho, ou seja, os temas mais presentes, o que Francisco Vianna apresenta como característicos do mundo infantil.

Nesse sentido, foi necessário um “estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem, procurar-lhes o sentido, captar-lhes às intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial” (LAVILLE&DIONNE, 2008, p.214), para que fossem selecionadas as regularidades discursivas proferidas pelo autor, uma forma de analisar o extenso conteúdo.

Além da análise do conteúdo e da materialidade das obras, o exame das fotografias e gravuras presentes nas obras foi importante para compreender o período representado pelo autor e seus papéis sociais (crianças, pais, professores, escola, vestimentas, alimentação, profissões), além das práticas culturais. Assim, foi realizada uma apreciação crítica sobre os indícios presentes nas reproduções imagéticas a fim de captar essas particularidades, por meio da obtenção de elementos como: vestimenta, posição dos indivíduos/personagens nas imagens, ambientação, relação com o texto, além das assinaturas dos ilustradores/fotógrafos com a finalidade identificar o seu contexto e a sua relação com a produção didática do período:

O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, conhecimento crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2017 p.24)

Compreendeu-se que essas gravuras foram elaboradas para alguma finalidade ideológica, seja ela educativa, política ou religiosa; além do que, a maioria das gravuras presentes em obras didáticas brasileiras do final do século XIX e início do XX são de origem francesa. O próprio autor afirma no prefácio do *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917) a utilização dessas imagens para composição final de sua obra:

Procurando corresponder ao favorável acolhimento que esta serie tem merecido, resolvi, de acordo com os seus dignos e esforçados editores, com grande sacrifício de parte a parte, ir illustral-a na Europa, estereotypando-a também, afim de evitar os erros typographicos, tão inconvenientes nos livros escolares infantis (VIANNA, 1917, p. VI)

Essa opção do autor e dos editores em realizarem a produção dos livros fora do Brasil era muito comum, pois de acordo Valdez (2006, p.209) a qualidade e o preço da produção francesa eram melhores do que a brasileira, pois “mesmo arcando com o preço do frete transatlântico, o produto europeu era mais barato e de melhor qualidade”. Dessa forma, a análise foi cautelosa no que concerne à origem das imagens, considerando a escolha dos editores em utilizá-las, ou seja, da intencionalidade dos indivíduos na utilização de representações imagéticas como complemento ou parte principal das histórias.

Portanto, o primeiro tipo de fonte considerou: modos de operacionalização interpretativa das obras, os ambientes representados, os comportamentos presentes das crianças nas histórias, os valores a serem propagados ou recusados, as imagens como a representação de uma realidade e as temáticas referentes ao universo infantil.

O segundo tipo de fonte utilizado para a análise foram periódicos educacionais e as conferências publicadas pelo autor. Em relação às publicações educacionais, foram escolhidas: os *Anuários do Ensino do Estado de São Paulo* (1907-1920), o periódico paulista *Revista de Ensino* (1902-1918) e a revista carioca *A Escola Primária* (1910-1939). No Arquivo Público do Estado de São Paulo encontram-se digitalizados os Anuários; os exemplares da *Revista de Ensino* de 1902 a 1917 estão disponíveis na sessão de *Revistas e impressos pedagógicos* do *Repositório Institucional (RI)*<sup>5</sup> da *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)* e disponíveis para consulta local no acervo do CPP-UNIFESP. O *Jornal A Escola Primária* foi localizado no acervo da *Biblioteca Nacional Digital (BND)*. No total, foram encontradas 42 ocorrências sobre Francisco Vianna; entretanto, serão utilizadas outras informações para complementar a análise das obras e do contexto educacional.

No que concerne às conferências do autor, foram selecionadas para a análise as que estão presentes nos periódicos *Revista de Ensino* e *Escola Primária*, além da obra *Modernas Diretrizes no Ensino Primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930) que contém um conjunto de 5 conferências realizadas pelo autor entre o período de 1917 e 1928, no Rio de Janeiro. A presente obra está disponível na *Biblioteca do Livro Didático da Universidade de São Paulo (BLD)*.

---

<sup>5</sup> O serviço do Repositório Institucional da UFSC, conhecido também como Repositório de Conteúdo Digital, permite o armazenamento, a organização e a publicação de coleções digitais, como revistas, artigos, apresentações, programas, imagens, livros, vídeos, etc. (<https://repositorio.ufsc.br/>)

Sobre a análise das fontes documentais educacionais, o interesse foi ao encontro com Catani (1997), que afirma que o corpus documental educacional carrega de forma densa as vivências, métodos e concepções pedagógicas de determinada época e de acordo com determinada ideologia moral, social e política, ou seja, é um tipo de fonte fundamental para entender a complexidade de concepções educacionais. A autora também afirma que a imprensa educacional oferece um duplo caminho aos estudos da História da Educação: a primeira possibilidade como acesso a “fontes ou núcleos informativos para a compreensão de discursos, relações e práticas que ultrapassam e as modelam”; a segunda possibilidade, de um ponto de vista mais interno, “quando então configuram-se aos analistas como objetos que explicitam em si modalidades de funcionamento do campo educacional” (p.7). Assim, foi escolhida a primeira possibilidade de análise, sobre o uso das fontes para análise dos discursos educacionais destinados à modelação da criança.

Quanto à escolha da imprensa como procedimento metodológico para constituir o perfil profissional do autor Francisco Vianna, bem como a divulgação de suas obras e ideais educacionais, entrou em conformidade com Sirinelli (1996), sobre o uso da revista no estudo da história intelectual, pois ela (revista) “é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (p.249). Por isso, os impressos como a *Revista de Ensino* e *A Escola Primária* possibilitam a divulgação de concepções individuais em um ambiente coletivamente construído por meio da escrita, oferecendo uma gama de informações acerca do contexto social e do campo de atuação do autor.

O terceiro tipo de fonte utilizada para a presente análise residiu nos jornais e revistas do período. Dessa forma, pretendeu-se inicialmente constituir a vida profissional do autor, assim como informações sobre suas obras didáticas (tanto as notícias sobre os livros publicados quanto as suas aprovações e solicitações nas escolas cariocas e paulistas). Assim, foram pesquisados os jornais presentes no acervo da *Biblioteca Nacional (BN) – Acervo Hemeroteca Digital Brasileira*<sup>6</sup>. Foram utilizados os seguintes títulos publicados no Distrito Federal: *A época* (1880-1889/1910-1919)<sup>7</sup>, *A Lanterna* (1870-1879), *Jornal da Noite* (1870-1889), *A Manhã* (1920-1959), *A noite* (1910-1969), *A Razão* (1910-1929), *Revista da Semana* (1900-

---

<sup>6</sup> A *Hemeroteca Digital Brasileira* é um portal de periódicos nacionais que oferece uma ampla consulta ao seu acervo (jornais, revistas, anuários, boletins etc.) e de publicações seriadas. ([bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/](http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/))

<sup>7</sup> Os anos em parênteses indicam o período de publicação dos jornais em disponibilidade no site da *Hemeroteca Digital Brasileira*. De acordo com o refinamento das pesquisas, partindo do ano de nascimento e morte do autor Francisco Vianna, foram consideradas as matérias publicadas entre os anos de 1876 e 1935.

1959), *Almanak-Henault* (1900-1919), *Annaes da Assembléa Nacional Constituinte* (1930-1939), *Correio da Manhã* (1900-1979), *Diário Carioca* (1920-1969), *Diário da Noite* (1930-1979), *Diário de Notícias* (1860-1899/1930-1979), *Gazeta de Notícias* (1870-1959), *Jornal do Brasil* (1860-1869/1890-2018), *Jornal do Commercio* (1820-2018), *O imparcial - diario illustrado do Rio de Janeiro* (1910-1949), *O imparcial* (1920-1929), *O Jornal* (1870-1879/1900-1979), *O Malho* (1900-1959), *O Paiz* (1860-1939); os publicados em São Paulo foram: *O Estado de São Paulo* (1875-2018)<sup>8</sup>, *Correio Paulistano* (1850-1949), *Commercio de São Paulo* (SP) e *A Lanterna: Folha Anti-Clerical de Combate* (1900-1919). Um total de 150 ocorrências sobre suas atividades profissionais e pessoais foram localizadas entre os anos de 1893 e 1937 (dois anos após a sua morte), tanto na cidade de São Paulo quanto no Distrito Federal (Rio de Janeiro).

Os jornais selecionados para a presente pesquisa foram publicados entre o fim do século XIX até a metade do XX, período marcado por uma expansão de periódicos com diferentes posições ideológicas, reflexo de um contexto marcado pelas mudanças políticas, no aumento populacional e imigratório, além do desenvolvimento econômico que refletiram no consumo frenético de informações e na necessidade de definir novos ideais sobre o novo cidadão:

A chegada do século XX parecia anunciar mais do que uma simples mudança no calendário; travava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração. (LUCA, p. 137, 2005)

De tal modo, foram coletados os jornais que possuíam referências ao autor como forma de situá-lo socialmente, mas também sobre as obras publicadas com o seu nome, com a finalidade de identificar a circularidade dessas. Portanto, esse terceiro tipo de fonte foi utilizado de forma complementar ao presente estudo, considerando o caráter diversificado da imprensa:

[...]Alguns autores utilizam a linguística na análise da ideologia; outros, se preocupam com a identificação das matrizes de idéias, procurando compreender os pressupostos dos projetos políticos veiculados nos jornais; alguns escolhem a imprensa como fonte primordial para esse tipo de investigação, e há também os que dela se servem como fonte complementar para o estudo de um determinado tema. Os pesquisadores que se dedicam às análises político-ideológicas privilegiam os editoriais e artigos que constituem, por excelência, a parte opinativa do jornal. [...]. (CAPELATO, 1988, p. 34).

<sup>8</sup> O jornal *O Estado de São Paulo* foi consultado por meio de uma assinatura mensal com o jornal *Estadão*. De acordo com o refinamento das pesquisas, partindo do ano de nascimento e morte do autor Francisco Vianna, foram consideradas as matérias publicadas entre os anos de 1876 e 1935. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2018.



Figura 2 – Planilha dos jornais localizados

	A	B	C	D	E	F	G	H	J	K	L
1	Ano	Dia e mês	Jornal	Cidade	Sessão	Título da matéria	Acontecimento	Pessoas envolvidas	Pode ser reproduzido?	Texto Integral	Observações do artigo (info a mais)
2	1893	17 de março	Correio Paulistano	SP	-	Escola Normal	Aprovação de FV na Escola Normal, em 3ª em igualdade, plenamente. Pa		Sim	O resultado geral do c	Identificar pessoas que tiveram relações pro
3	1909	30 de outubro	A Lanterna Folha Ant	SP	-	Campinas	Suposto poema criado por FV sobre o assassina	-	Sim	De Campinas - Receb	-
4	1909	23 de outubro	A Lanterna Folha Ant	SP	-	"A Lanterna" em Cam	Protesto contra a morte de Ferrer com a participação das lentes do Gymna		Sim	A execução do educa	Ver relações de FV com o movimento operár
5	1909	17 de março	O Comercio de São	SP	Informes Officiaes	Informes Officiaes	Pagamento realizado ao FV referente (?...)	Dr. Crescencio Vianna; dr.	Sim	Pela Secretaria do Inte	Identificar origem desse dinheiro, seria paga
6	1909	4 de dezembro	Correio Paulistano	SP	-	Grupo Escolar da Aven	Sessão de encerramento das aulas do grupo.	F-	Sim	Com a presença do ins	Saber Mais sobre Miguel Carneiro Junior
7	1909	4 de outubro	Correio Paulistano	SP	Notas	Notas...	Aprovação do livro "Novo Methodo de calligrap	-	Sim	O sr. secretario do Inte	-
8	1910	26 de novembro	A Lanterna Folha Ant	SP	Pequenos Ecos	Campinas	Evento com professores ilustres de Campinas s	Erasmio Braga, Mendes Vi	Sim	CampinasDesta flores	Tem uma matéria em 1911 falando sobre a me
9	1911	11 de fevereiro	Correio Paulistano	SP	Factos diversos	Primeiro Congresso e l	Adesão do Gymnasio de Campinas ao Primeiro	José Stott, dr. Eugenio Gu	Sim	Adheriram a este Cong	Deu-nos hontem o prazer da sua visita á estr
10	1912	25 de novembro	A época RJ	RJ	-	11ª escola primaria mixt	Exame de aprovação e aproveitamento de nom	Noemia do Couto, Rosa Ar	Sim	Aos 22, 23, 25 w 26 dia	-
11	1912	16 de abril	Correio Paulistano	SP	Escolas e exames	Em Santo Amaro - A F	Uso de um poema de FV em uma confraternizac	-	Sim	Realizou-se, no dia 13	Identificar esses sonetos/poesias de FV
12	1912	30 de março	Correio Paulistano	SP	-	Publicações	Poema "O ninho" de Francisco Vianna, publica	Aelyno de Leão, S. de Pa	Sim	Revista do Ensino, pul	Encontrar outras matérias da Revista de Ens
13	1912	9 de dezembro	Jornal do Brasil	RJ	-	Exames	FV como inspetor do 10º distrito	D. Thereza Monteiro de Ba	Não	Resultado dos exames de promoção de classe, pelo Inspecti	Esco
14	1913	2 de maio	Correio Paulistano	SP	Telegrammas: Serviço	Livros Escolares - Pind	Livros aprovados para os grupos escolares e es	-	Sim	Pindamonhangaba, l	Livros de FV aprovados (Primeiro anno - "Le
15	1913	12 de dezembro	Jornal do Brasil	RJ	-	Inspectoria escolar do	FV como inspetor do 10º distrito	D. Thereza Monteiro de Ba	Não	Na primeira Escola Mixta do 10º districto Escolar, alto á rua da Harmo	
16	1913	21 de novembro	O Paiz	RJ	-	A festa da bandeira	Participação de FV como inspetor do 10º distrito	FV, Luiza Soares Barbosa	Sim	Na 2ª escola elemental mixta do 10º districto, sob a direção da distir	
17	1913	19 de novembro	O Paiz	RJ	Processos disciplinares	Compendios	Cartilha de FV aprovada no parecer	-	Sim	"CompendiosForam emitidos pareceres sobre os compendios cons	
18	1914	30 de novembro	Correio Paulistano	SP	Telegrammas: Serviço	Rio de Janeiro - Instru	Possivel nomeação de FV ao cargo de Diretor	Hemeterio dos Santos, Fra	Sim	Instrução Publica Mu	Ver essa possivel nomeação pesquisando c
19	1914	16 de dezembro	Correio Paulistano	SP	-	Grupo Escolar da Pen	Uso de um poema de FV em uma confraternizac	-	Sim	No grupo escolar da P	Identificar esses sonetos/poesias de FV
20	1914	15 de março	Gazeta de Noticias	RJ	-	Nota.	Nota de reparo da Escola Ferreira Vianna sob in	-	Sim	Por estes dias será resolvida a reabertura das aulas da Escola Ferre	
21	1914	24 de novembro	Jornal do Brasil	RJ	Instrução Publica	5ª escola mixta do 12º	FV como inspetor do 12º distrito	Sylvia de Souza Marques,	Não	Realizaram-se nos dias 5, 6 e 7 os exames de promoção de classe	
22	1914	15 de março	O Paiz	RJ	-	Por estes dias será res	Entrega da Escola Ferreira Vianna após aument	FV, Elisa Serrão de Medel	Sim	Por estes dias será resolvida a reabertura das aulas da escola Ferre	
23	1914	28 de janeiro	O Paiz	RJ	Inspectores escolares	Editaes - 10º districto	FV comunica como inspetor do 10º distrito o ac	-	Sim	Comunico ao interessados que, devidamente autorizado pelo Sr.	
24	1914	5 de setembro	O Paiz	RJ	Instrução Publica	Annexo	Comunicado de distribuição de materiais para a	-	Sim	Durante o primeiro semestre do nno corrente, o almoxarifado de letr	
25	1914	6 de fevereiro	O Paiz	RJ	O Paiz em Minas	Bello Horizonte - Unifo	Livros instituidos para uso nas escolas de Belo	Dr. Americo Lopes	Sim	O Dr. Americo Lopes, secretario do interior, determinou para unifom	
26	1915	10 de dezembro	A época RJ	RJ	-	5ª escola primaria mixt	Reexame dos alunos sob responsabilidade de F	Albertina de Andrade e a	Sim	Realizaram-se nos dia	-
27	1915	23 de novembro	A Noite	RJ	-	Cursos para a Escola N	Divulgação do curso preparatório para a Escola	F. Vianna e DD. Rachel de	Sim	Cursos para a Escola f	-
28	1915	23 de setembro	A Noite	RJ	-	Cursos para a Escola N	Divulgação do curso preparatório para a Escola	F. Vianna, D D. Rachel de	Sim	Cursos para a Escola f	-
29	1915	20 de outubro	A Noite	RJ	-	Para o Dr. Azevedo Sq	Matéria denunciando descaso das professoras	F. Vianna, Dr. Azevedo Sq	Sim	"Sr. redactor da A NDI	-
30	1915	13 de junho	Correio da Manha	RJ	-	Cursos para a Escola N	Divulgação do curso preparatório para a Escola	Pessoal docente Francisq	Sim	Direção do inspector	-

Ilustração parcial da planilha de análise dos jornais encontrados com informações de Francisco Furtado Mendes Vianna. Fonte: acervo pessoal

Considerando, portanto, a diversidade dos modos de utilização do jornal para o estudo historiográfico, compreendeu-se esses materiais como ferramenta para identificar diferentes esferas que permeiam o mundo infantil, como a escola, o trabalho e a família. Dessa forma, os jornais:

[...] oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia-a-dia estão registrados em suas páginas. Neste tipo de abordagem o pesquisador pode recorrer as colunas sociais, aos “faits divers”, às ilustrações, às caricaturas e às diferentes seções de entretenimento. O noticiário tem grande importância para as investigações históricas. É utilizado nas análises econômicas, nos estudos sobre as condições de vida, relações e lutas sociais, e etc. (CAPELATO, 1988, p. 34).

Portanto, foram selecionados três tipos de fontes, considerando que cada uma possui uma função de análise para compor a presente pesquisa. Dentre as fontes utilizadas, o primeiro e o segundo tipo, ou seja, as obras do autor Francisco Furtado Mendes Vianna e as palestras e escritos publicados por ele, foram analisadas através de duas categorias de análise: criança e infância.

Para analisar a criança e a infância presente nas obras do autor Francisco Vianna, foi utilizado o conceito operacional de *representação* delimitado por Chartier (1990, p. 17), que insere sua teoria na perspectiva da História Cultural, que tem “(...) por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos de uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Assim, a análise da representação teve por objetivo apreender que os discursos materializados não são, de forma alguma, escritos neutros ou imparciais, pois, por mais que estejam imersos em saberes pautados na universalidade e na razão da época, foram constituídos por interesses de grupos que as formularam e pretenderam promover. Dessa forma, a representação:

[...] permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns <<representantes>> (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23)

A análise dessa representação partiu da materialidade dos discursos, ou seja, por meio dos impressos, que estão mediados por práticas sociais e por instituições como a escola, a política e o aparato administrativo e burocrático educacional. Além desses pontos, livros escolares são objetos em circulação, pois comunicam ideias, valores e comportamentos desejosos a serem ensinados. Outro ponto importante a considerar é que, entre o mundo do texto e o do sujeito há elementos na leitura que proporcionam compreender a apropriação desses

discursos e como eles afetam o leitor ao conduzir a uma nova visão de mundo, posto que “cada emprego da palavra, cada definição da noção remete, portanto a uma estratégia enunciativa que é também representação das relações sociais” (CHARTIER, 2003, p.48). Para isso, consiste em reconstituir as variações e diferenciações nas obras escolhidas, isto é, “os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimento de interpretação” (CHARTIER, 1998, p.12).

Assim, não temos um “espelho” da realidade, pois “é preciso postular que existe uma distância entre a norma e a vivência, a injunção e a prática, o sentido visado e o sentido produzido (...)” (CHARTIER, 2003, p.16). À vista disso, o objetivo foi identificar as intenções de um sujeito inserido no início do período republicano, autor de livros didáticos, escritos educacionais e poemas, professor normalista, inspetor e supervisor de ensino, Francisco Vianna, conceber o seu ideal de infância e como ele reivindica o status de criança naquele período histórico, levando em consideração que os seus escritos são dispositivos que visam promover o controle e a repressão, elaborando “táticas que o amenizam ou o subvertem”, mas que também estão inseridos num campo que define regras para a sua produção, dado que “não existe produção cultural livre e inédita que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e não esteja submetida à vigilância ou censura de quem tem poder sobre as palavras e as coisas”.

Portanto, para compreender a infância presente nos discursos do autor Francisco Vianna foi necessário considerar o contexto de produção desses discursos, onde foram publicados, sob quais regras de enunciação e publicação foram veiculados, quais são as instituições reguladoras que permearam essas regras e o lugar de onde foram proferidas, e qual foi o percurso de vida e a posição de Francisco Vianna no campo educacional capaz de concebê-lo como autor de obras infantis. Dessa forma, considerar esses elementos atrelados à concepção de criança e infância nas obras possibilitará compreender como o autor concebe a sua visão e seus valores sobre essa fase de idade.

### **Organização dos capítulos**

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais, organizados de forma a apresentar os objetivos que conduzem a pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado *A trajetória profissional de Francisco Furtado Mendes Vianna: normalista, inspetor, superintendente e autor de livros didáticos*, teve como ênfase a

reconstrução de sua formação acadêmica e profissional por meio de jornais e periódicos educacionais, desde seu percurso formativo na Escola Normal, tornando-se a partir daí professor secundário concursado e diretor interino do *Colégio Culto à Ciência*, inspetor de ensino nos distritos do Distrito Federal até o cargo de Superintendente Geral do Ensino Elementar e Particular do Departamento de Educação do Distrito Federal nos anos finais de sua vida.

Além de apresentar os cargos os quais Francisco Vianna ocupou, o presente capítulo teve por finalidade também apresentar a sua atuação como autor de livros didáticos, escritos educacionais e poemas, bem como as conferências, os eventos educacionais nos quais esteve presente e a sua participação na criação do *Centro Francisco Vianna*, para a formação de professores primários.

As perguntas fundamentais a que esse capítulo procurou responder foram: Qual foi a trajetória educacional do autor Francisco Furtado Mendes Vianna? Qual o cenário político e intelectual da Escola Normal, enquanto ali esteve? Com quem conviveu durante o período em que esteve em formação?

O segundo capítulo, intitulado de *Publicações, editoração e circulação das obras de Francisco Vianna*, pretendeu apresentar todas as publicações do autor, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, envolvendo manuais de ensino, escritos, poemas e conferências em articulação com as publicações destas em meios de comunicação do período. O capítulo também visou apresentar alguns ilustradores identificados na série *Leituras Infantis*, como as crianças são representadas nas imagens, o preço das obras durante a década de 20 e 30, além da adoção dessas no município carioca.

Dessa forma, o capítulo visou responder as seguintes questões: Quais foram as suas obras e como elas estavam estruturadas? Essas se inserem em qual categoria de material didático? E as suas produções científicas? Onde e quando foram publicadas? Quais foram os ilustradores contratados na série *Leituras Infantis*? Como a criança brasileira é retratada nas ilustrações e fotografias da série? Qual foi o valor de venda da série? E a circulação dessas obras nas escolas?

O terceiro capítulo, intitulado *Um mundo de pura manifestação dos sentimentos: a infância representada nas obras de Francisco Vianna*, teve por objetivo analisar a representação de infância presente nas obras de Francisco Vianna, com uma análise voltada para os valores morais, “defeitos” e sentimentos infantis considerados para a infância, ou seja, as virtudes e erros por meio das obras. Logo, foram examinados os seus conteúdos discursivos com a finalidade de identificar o protocolo de leitura presente nas obras, quais recursos

imagéticos presentes nas obras, buscando compreender a relação entre o discurso voltado para a infância, no que concerne às virtudes e defeitos e o projeto de criança a ser instituído por ele. O capítulo também pretendeu discorrer sobre as expectativas depositadas à fase de criança, no que concerne ao ambiente escolar, família e trabalho. Para isso foram utilizados a Série *Leituras Infantis* em comunicação com as conferências proferidas pelo autor e publicadas na obra *Modernas Directrizes no Enzino Primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).

Portanto, o presente capítulo pretendeu responder os seguintes questionamentos: Qual foi a representação de infância ou infâncias concebidas em seus livros? Como a criança foi retratada em suas obras? Houve algum protocolo que permite o diálogo entre o autor e o leitor? Quais suas características apresentadas e concebidas por este autor por meio dos livros quanto aos valores morais e éticos? Houve alguma relação entre o seu percurso intelectual e as produções infantis? Qual foi a fase de idade que caracteriza a infância para Francisco Vianna? Qual foi a relação entre a criança, a família, a escola e o trabalho?

## **CAPÍTULO I**

**A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE FRANCISCO FURTADO MENDES VIANNA:  
NORMALISTA, INSPETOR, SUPERINTENDENTE GERAL E AUTOR DE LIVROS  
DIDÁTICOS.**

Figura 3 - Francisco Furtado Mendes Vianna



Jornal "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro - 5 de abril de 1935, p.5  
Fonte: Acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* - BND.

O presente capítulo busca reconstituir a vida pessoal e profissional do autor, professor, inspetor e superintendente Francisco Furtado Mendes Vianna, entre os últimos anos do século XIX e início do XX, tomando por ponto de referência as três décadas do último século. Para buscar uma melhor compreensão de sua formação intelectual, procura-se recuperar o ambiente físico, social e cultural em que Vianna se movia, apresentando, assim, a sua formação, os seus parceiros profissionais e eventos sociais nos quais esteve presente em sua trajetória de vida. O interesse em analisar esse indivíduo na perspectiva da história entra em conformidade com as considerações de Prost (2012):

Para que um homem, isoladamente, suscite o interesse da história é necessário que ele seja, como se diz, representativo, isto é, *representativo* de um grande número de outros homens; ou, então, que tenha exercido uma verdadeira influência sobre a vida e o destino dos outros; ou, ainda, tenha chamado atenção, por sua própria singularidade, para as normas e os hábitos de um grupo em determinada época. (p. 136)

Considerando a representatividade de Francisco Vianna na educação, foi necessário compreender como o autor escreveu as suas obras e as motivações para esses escritos. Dessa forma, Bourdieu (1996) apresenta a possibilidade da construção da trajetória do indivíduo, diferentemente do que considera como biografia, pois a concepção de trajetória incide localizar as posições que esse indivíduo ocupa na sociedade e o modo como o mesmo se desloca ou se mantém, portanto, o autor aponta que:

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis compatíveis, marca uma nova etapa de *envelhecimento social* que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida. (BOURDIEU, 1996, p. 292)

Dessa forma, o presente capítulo pretende apresentar as permanências e os deslocamentos realizados por Francisco Furtado Mendes Vianna em sua trajetória de vida, relacionando a sua posição com as relações próximas ao autor com a finalidade de identificar essas possíveis mudanças.

Observa-se que Francisco Vianna aceita para si uma “missão educativa”, ao ser identificado o seu percurso profissional, a sua formação e permanência no campo educacional, apesar das mudanças nos subcampos. Ao estar dentro do campo geral em que atua, compreende-se que esse espaço está imbuído de regras e sanções, e dentro do jogo educativo do qual faz parte; portanto, é necessário compreender que nenhuma ação é desinteressada, e “lembrar que os jogos intelectuais também têm alvos, que esses alvos suscitam interesse” (BOURDIEU, 1996, p. 137). É entendê-lo, dessa forma, em um campo de disputas com outros professores e



autores de escritos educacionais, e que esses também percorreram um caminho parecido para se constituírem dentro desse universo, tendo a consciência de estar dentro do jogo, aceitá-lo e reconhecer seus alvos, muitas vezes de forma inconsciente.

Portanto, é possível relacionar esse interesse com o conceito de *illusio*, que “é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social” (BOURDIEU, 1996, p. 140), mas também que esse jogo pode ou não ser consciente entre os agentes, pois ao possuir certos *habitus* os fazem agir como tais: escrevendo escritos em jornais e revistas, terem uma formação específica, lerem autores em comum, realizar viagens para a formulação de suas obras, serem avaliados por comissões revisoras de obras, ocuparem posições políticas, burocráticas ou técnicas; ou seja, possuir capital simbólico que os permitem ter “certa autonomia”, ou melhor, ter alguma legitimidade de dentro do seu campo, pois unem no seu percurso percepções cognitivas de conhecimento e reconhecimento entre eles. Para isso, entende-se por capital simbólico:

[...] qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e divisão, os sistemas de classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, da estrutura de distribuição do capital no campo considerado. (BOURDIEU, 1996, p. 149).

Em relação às obras didáticas (especialmente às séries de leitura) publicadas por tantos autores – inclusive Vianna – no início do primeiro período republicano, constituem-se em objetos nobres ou temas dignos de interesse, ou seja, possui uma valorização por definição ideológica, constituída por grupos dominantes acerca do que pode ou não ser dito e valorizado. Para que esses objetos (no caso os livros educacionais) sejam estimados hierarquicamente, é necessário investimentos intelectuais suficientes, sendo esses objetos apreciados por meio de legitimidade e prestígio. Para Chartier (1990, p.17), essas lutas por legitimidade são identificáveis no estudo das representações, logo que “supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termo de poder e dominação”.

Nesse jogo de disputa por prestígio e legitimidade, compreende-se o percurso de Francisco Vianna na disputa por um espaço dentro da educação, considerando o momento e os locais em que exerceu a sua profissão. Nesse sentido, buscou-se em Sirinelli (1996, pp. 242-243) uma melhor compreensão. De acordo com o autor, há dois sentidos para o termo intelectual: o primeiro, seria de uma visão mais ampla e sociocultural, abrangendo “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”, também como os

“criadores”, ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura”; o segundo sentido seria mais estreito, no engajamento do indivíduo para com a região na qual está estabelecido, além da sua casual notoriedade “ou sua “especialização” reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade – que o intelectual põe a serviço da causa que defende”.

É possível enquadrar o autor nos dois sentidos do termo intelectual. Em relação à primeira acepção, justifica-se pela autoria de diversas obras didáticas, escritos educacionais e poemas. A série *Leituras Infantis* pela Editora Francisco Alves obteve circulação nacional durante o século XX em diferentes estados como “(...) por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Santa Catarina” (ORIANI, 2010, p.18).

Além de ser instituído o uso de suas obras nos estados, houve também uma significativa produção e vendagem de seus materiais didáticos pelo Brasil. De acordo com o artigo *Francisco Vianna – Leituras Infantis – Livraria Francisco Alves – 1934*, presente no periódico carioca intitulado *Jornal do Brasil*, a vendagem das obras até o ano de 1934 foi significativo, “(...) a "Cartilha" obteve 33 edições de 10.000 exemplares cada uma; os "Primeiros Passos", 30; a "Leitura Preparatoria", 64; o "Primeiro Livro" 47; o "Segundo", 54; o "Terceiro", 40. Ao todo, 273 edições.” (JORNAL DO BRASIL, 17 de maio de 1934, p.8). Outra obra do autor com grande vendagem são os *Cadernos de Calligraphia*, lançados em 1909 pela Editora Melhoramentos que, de acordo com Razzini (2007), foram reeditados até 1999, ou seja, uma contínua reprodução de suas obras.

A segunda acepção considera o seu engajamento em alguma área de conhecimento específico ou uma relação ativa com a comunidade ou região de atuação profissional. Além de publicar escritos sobre práticas de ensino ou discussões sobre as reformas educacionais e poemas na *Revista de Ensino*<sup>9</sup>, também participou na organização do periódico educacional carioca *A Escola Primária*<sup>10</sup>, criado por um grupo de inspetores de ensino do Distrito Federal (atual Rio de Janeiro) sob a liderança de Afrânio Peixoto. O autor Francisco Vianna, publicou artigos e críticas pedagógicas de sua autoria nesse veículo de comunicação, além de ser citado por outros inspetores sobre determinados conhecimentos pedagógicos e por professores, indicando suas obras em planos de aula.

---

<sup>9</sup> A *Revista de Ensino* foi criada no início do século XX pelos inspetores da educação paulista, sob apoio da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Para saber mais, ler Catani (2003), *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*

<sup>10</sup> A revista *A Escola Primária* (1910-1939) foi um periódico criado pela *Sociedade Anônima Escola Primária* e impressa sob a direção de inspetores do Distrito Federal (Rio de Janeiro). O regime de publicação era mensal, com a editoração da Francisco Alves & C.

Outro ponto importante é sua atuação com a comunidade, em especial com o professorado carioca, com a inauguração do serviço dentário para professores e a criação da “Liga Infantil de Hygiene Dentaria”, sob a realização do *Centro Francisco Vianna*, uma organização que leva o seu nome, destinada à formação de professores.

Figura 4 - Matéria para a “Revista da Semana”



Criação do serviço dentário para professores e da Liga Infantil de Hygiene Dentária. (1935, adaptado)  
Fonte: Acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* - BND.

Francisco Vianna, nasceu em 26 de fevereiro 1876 no Distrito Federal (Rio de Janeiro)<sup>11</sup>, filho de D. Francisca Martins Furtado e do Capitão Franklin Mendes Vianna. O pai de Francisco Vianna foi oficial do estado-maior de artilharia da Província de São Paulo, de acordo com as informações presentes no periódico paulista *O Vinte e Dous de Maio*, do dia 29 de agosto 1872, e tornou-se capitão da artilharia em 1873, como aponta o *Diario de S. Paulo* do dia 15 de outubro. Não foi possível encontrar maiores informações sobre o pai de Francisco

<sup>11</sup> Apesar das informações sobre a sua infância convergirem sobre São Paulo, Francisco Vianna nasceu no Distrito Federal, pois o mesmo afirma na obra *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930, p.15) o seu local de nascimento: “na medida em que me senti estimulado pelo meio e que me permitiam minha orientação philosophica e meus pequenos estudos, já me venho batendo, mesmo antes de vir desempenhar, nesta minha cidade natal, em 1912, as funções de inspector escolar.”

Vianna, contudo estima-se o ano de sua morte entre 1878 e 1879 ao ser identificado um decreto federal (n. 2888, de 9 de agosto de 1879), possibilitando à mãe de Vianna o recebimento de um soldo, acumulando a pensão do seu falecido marido, o Capitão Franklin Mendes Vianna (pai de Francisco Vianna) com o pai dela, o finado avô de Vianna, o deputado e senador do Maranhão, Conselheiro Francisco José Furtado. No mesmo ano do decreto, Vianna tinha 3 anos de idade e já morava com a mãe em São Paulo.

Em 1888, de acordo com o jornal *Correio Paulistano* do dia 10 de maio, sua mãe é sepultada por “lesão orgânica no coração” (p.2). Nesse período, Vianna morava com a mãe na freguesia da Sé e tinha 12 anos de idade. A confirmação de sua criação por parte do seu tio está presente em uma das dedicatórias do *Quarto Livro de Leituras Infantis* (1928):

Figura 5 - Dedicatória de Francisco Vianna ao tio Godofredo José Furtado



Fonte: Quarto Livro de Leituras Infantis, 5ª ed. (1928)

A partir desse período, Francisco Vianna passou a morar com o tio, o Dr. Godofredo José Furtado, quem o deu todo o apoio educacional.

Antes de tornar-se professor, o tio de Francisco Vianna foi formado na Escola de Engenharia, a antiga Escola Central. Chegou a ser convidado a assumir a Comissão Geral do Brasil, que faria o levantamento para determinar a latitude de São Paulo, entretanto, por desentendimento entre os membros da comissão, pediu demissão e dedicou-se ao ensino de matemática.

De acordo com o *Anuario de Ensino de São Paulo* (1907), relatório destinado a fornecer um panorama histórico das reformas educacionais e das instituições escolares de São Paulo, recorda que o tio de Francisco Vianna ocupou uma das 5 cadeiras da *Escola Normal* em sua terceira fase da instituição, em 1881 (2ª cadeira - Arithmetica e Geometria).

Para Golombek (2016), durante o seu período de atuação na instituição (1881-1888), Godofredo ocupou as cadeiras de Aritmética, Álgebra, Geometria e Escrituração Mercantil. Também foi nesse período de atuação na instituição que Godofredo José Furtado teve contato com o ideal positivista:

Foi nessa época que seu primo Raimundo Teixeira Mendes e Miguel de Lemos, chegados de Paris, onde haviam conhecido Auguste Comte, fizeram-no abraçar a religião fundada por aquele eminente filósofo. Foi então que Godofredo, tornando-se positivista, passou a ser republicano - até então ele tinha sido monarquista (...) Era amigo de Antônio da Silva Jardim: ambos faziam parte do bloco de professores de ideais republicanos no corpo docente da Escola Normal. (GOLOMBEK, 2016, p. 68).

No ano de 1888, o tio de Vianna solicita a exoneração do cargo ocupado. O motivo de seu pedido de demissão foi por apoiar o professor Cipriano de Carvalho e por desentender-se com o diretor da escola, o Dr. Cônego Manuel Vicente da Silva. De acordo com a autora, anos antes do seu desligamento foi cogitado a tornar-se diretor da escola, contudo recusou o cargo.

Após a demissão voluntária, o tio de Vianna fundou o *Centro Positivista de São Paulo*, oferecendo palestras republicanas e positivistas, além de cursos para operários sobre a importância da alfabetização da classe. Em 1890, "já fazia parte do corpo docente do colégio Neutralidade, do professor Manuel Ciridião Buarque, lente da Escola Normal". (GOLOMBEK, 2016, p.70). No ano seguinte, volta a ser professor na Escola Normal no curso de geometria e trigonometria até o ano de sua morte, em 1904.

Há indícios que, por meio do professor Godofredo José Furtado que Francisco Vianna seguiu a carreira de professor normalista. Assim como o tio, Vianna também ofereceu palestras para operários, a fim de promover a importância da alfabetização da classe, conforme aponta o jornal carioca *A Razão* – “Centro B. dos Operarios Municipaes – Reunião de propaganda educativa”, do dia 07 de novembro de 1919. Além de algumas causas operárias, a filosofia positivista também esteve presente nos escritos educacionais do autor como também no prefácio de suas obras didáticas (*Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*).

Para confirmar a relação de Vianna com a associação criada pelo tio, é possível recorrer a uma nota do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 04 de julho de 1898, onde Vianna e o tio aparecem como signatários do *Centro Positivista de São Paulo*, juntamente com Jeronymo de Azevedo, Joaquim C. Barros, F. Medeiros Germano, Aloibiafes F. Moreira, J. A. de Paula e Costa, J. Portugal Freixo, Silvio de Almeida e Florisbelle Leivas. Esses esclarecem a destinação de parte do dinheiro da associação para “facilitar a propaganda social e religiosa do positivismo na capital” e esclarecem que “(...) parte dessas quantias foi empregada no pagamento da impressão de um folheto em que o primeiro apóstolo da Religião da Humanidade no Brasil é inqualificavelmente agredido” (ESTADO DE SÃO PAULO, 1898, p. 2).

Dessa maneira, foi num cenário político, e cultural marcado pela disputa entre os diversos grupos sobre os valores a serem propagados na população e na defesa da educação como forma de mudança na sociedade que Francisco Vianna cresceu. Observa-se o investimento do governo sobre implementação de instituições e materiais pautados em

conhecimentos de diferentes profissionais. Sendo assim, a seguir será apresentado o percurso educacional e profissional do autor, considerando o ambiente ao qual está inserido.

### 1.1 A formação educacional e o percurso profissional de Francisco Vianna

Não foram encontradas informações sobre a formação primária de Francisco Vianna. O primeiro registro encontrado sobre o seu percurso escolar data-se em 17 de março de 1893, com a sua aprovação na *Escola Normal*, como aponta o jornal *Correio Paulistano*:

O resultado geral do concurso de admissão foi o seguinte: Inscreveram-se 38 concorrentes e d'entre elles: Não exhibiram provas escriptas.....2 Tiveram provas nullas.....6 Foram reprovados.....3 Foram aprovados plenamente.....6 Foram aprovados simplesmente.....24 /38 - Os aprovados, conforme a respectiva disposição regulamentar, foram classificados por ordem de merecimento do modo seguinte Plenamente 1º Cecilia Fortes 2º em igualdade: Antonio O. Santos/ Altina O. Rodrigues/ Cecilia M. de Abreu **3º em igualdade: Francisco M. Vianna**/ João C. S. Borges Simplesmente 1º João B. S. Cesar 2º Alfredo R. do Prado 3º em igualdade: Ambrosina C. Xavier/ Maria de Araujo 4º em igualdade: Anna F. M. do Amaral/ Maria G. M. do Amaral/ Filisbina Atzingen 5º em igualdade: Marianna M. Salgado/ Adelaide E. Bueno/ Julieta de Almeida/ Maria L. Rangel 6º em igualdade: Joanna Grassi/ Anna de Barros/ Tancredo H. da Cunha/ Carolino L. Araujo 7º em igualdade: Alzira O. Andrade/ Antonia Nogueira 8º em igualdade: Benedicto M. Calazans/ Maria B. Fernandes 9º Georgina Girondon **10º Helena Ribeiro** - De manhã, em deante, funcionarão todas as aulas do segundo anno. (CORREIO PAULISTANO: ORGAM REPUBLICANO, 1918, p. 1, grifo nosso)

Foi possível constatar que na mesma lista de aprovados do concurso para o ingresso na Escola Normal em 1893, na décima posição aparece Helena Ribeiro<sup>12</sup>, esposa do autor desde 1898, permanecendo em união por 37 anos<sup>13</sup>, até o ano do falecimento do mesmo. Supostamente os dois se conheceram no período de estudos na instituição. Francisco Vianna cursou três anos, e formou-se em 16 de dezembro de 1895.

O período de iniciação dos estudos de Francisco Vianna coincide com a Reforma da Instrução Pública do Estado de São Paulo instituída com a Lei nº 88, de 8 de setembro de 1892, a qual instituiu o curso em três anos e aumentou a quantidade de matérias a serem cursadas.

<sup>12</sup> Foram encontradas algumas informações sobre a formação e atuação profissional de Helena Ribeiro. Conforme aponta o jornal *Estado de São Paulo* do dia 24 de fevereiro de 1900, foi aluna do terceiro ano do curso secundário da Escola Normal de São Paulo e professora no grupo escolar de Botucatu em 1904, como aponta o mesmo jornal, com edição do dia 09 de outubro. Oriani (2010) destaca que Helena foi professora adjunta do Primeiro Grupo Escolar de Campinas, porém não há informações sobre o período de atuação. No entanto, conforme aponta a edição de 25 de agosto de 1914 do jornal *O Correio Paulistano*, a professora foi exonerada do mesmo cargo. Supõe-se que a mesma esteve afastada desde 1913, período esse de mudança de São Paulo para o Distrito Federal com o marido e filhos. Após esse período não foram encontradas outras informações sobre a professora.

<sup>13</sup> Foi possível identificar três notas sobre a bodas de prata de Francisco e Helena Vianna, nas edições de 8 de fevereiro de 1923 dos jornais *O jornal*, *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*. Segundo os jornais, os professores completariam no dia seguinte às publicações (9 de fevereiro) 25 anos de casamento, “Festejando essa data, os jovens Euclides Paulo, Heloisa, Rosalia e Rubens, filhos do casal Mendes Vianna, offerecem, em seu palacete, em Copacabana, um baiel ás pessoas de suas relações.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1923, p.5)

De acordo com a mesma lei, o exame realizado pelos ingressantes versava sobre os conteúdos de: Francês, Português, História e Geografia Geral, Desenho a mão livre, Aritmética, Noções de Cosmografia, Geometria, Noções de Álgebra e de Ciências Físicas, Químicas e Naturais. Tanuri (1979, p.92), identifica que essa reforma, diferente das anteriores, foi marcadamente enciclopédica, aumentando cursos voltados para a formação mais científica e teórica do que prática. De acordo com a autora, foi uma tentativa de melhorar a qualidade do ensino, tomando como inspiração os países mais desenvolvidos, como Estados Unidos, França, Alemanha e outros. Assim, o curso foi estruturado com as seguintes disciplinas:

Moral, Educação Cívica, Psicologia, Pedagogia e Direção de Escolas, Português, Francês, Inglês ou Alemão, História, Geografia, Matemáticas Elementares compreendendo Elementos de Mecânica, Astronomia Elementar, Generalidades sobre Anatomia e Fisiologia, Física, Química, História Natural, Agrimensura, Escrituração Mercantil, Economia Política, Economia Doméstica, Desenho, Caligrafia, Música, Exercícios Militares, Exercícios Ginásticos e Manuais, Geografia do Brasil, especialmente do Estado de São Paulo, História do Brasil, Trigonometria, Higiene. O ensino de Agrimensura, Economia Política e Exercícios Militares destinava-se exclusivamente aos elementos do sexo masculino, e o de Economia Doméstica, apenas às mulheres. (TANURI, 1979, p.92)

Ao identificar o diploma do autor no *Acervo da Escola Caetano de Campos – Centro de Referência Mário Covas*, foi possível constatar que Vianna foi um aluno aplicado, formou-se no primeiro ano com o conceito “Simplesmente”, o segundo ano com “Plenamente” e o terceiro com “Distinção”. Abaixo é possível observar o registro de matrícula de Vianna na instituição de ensino, contendo o ano e região de nascimento, nome do pai, ano de ingresso na escola, e a assinatura do mesmo. A segunda imagem é o seu formulário de diploma do ano de 1895, que contém informações sobre o seu rendimento escolar. A terceira imagem é constituída pela lista de formandos, com um total de 23 alunos, dentre eles identifica-se René de Oliveira Barreto<sup>14</sup>, amigo de Francisco Vianna.

René de Oliveira Barreto foi irmão de Arnaldo Barreto, que foi um grande intelectual e autor de obras didáticas, além de tornar-se diretor de uma das instituições mais conhecidas do período, o *Gymnasio de Campinas*. Na mesma área de atuação do seu irmão, René foi um importante autor de obras didáticas (principalmente na área de matemática), foi editor da revista *A Eschola Pública*, inspetor e lente de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal de São Paulo (MACIEL, 2016). Além disso, René também fez parte da comissão responsável por elaborar relatórios para os *Anuarios do Ensino Primario do Estado de São Paulo* juntamente com João

---

<sup>14</sup> A amizade de René Barreto e Francisco Vianna justifica-se pelas diversas publicações de poemas com dedicatórias, dentre eles, Francisco Vianna publicou na *Revista de Ensino*, intitulado “Companhia Fatal (A René Barreto)”, possibilitando assim inferir sobre uma possível relação de amizade entre eles.

Lourenço Rodrigues, Ramon Roca Dordal e José Carneiro da Silva, demonstrando a importância do mesmo no meio educacional.

A amizade entre René Barreto e Francisco Vianna se fez pública a partir da *Revista de Ensino*, grande periódico organizado por inspetores de ensino. No capítulo 2, serão discutidas a relação entre a produção de poemas e escritos de Vianna em São Paulo e a sua relação com o colega de trabalho.

Figura 6 - Registro de Matrícula de Francisco Vianna na “Escola Normal”

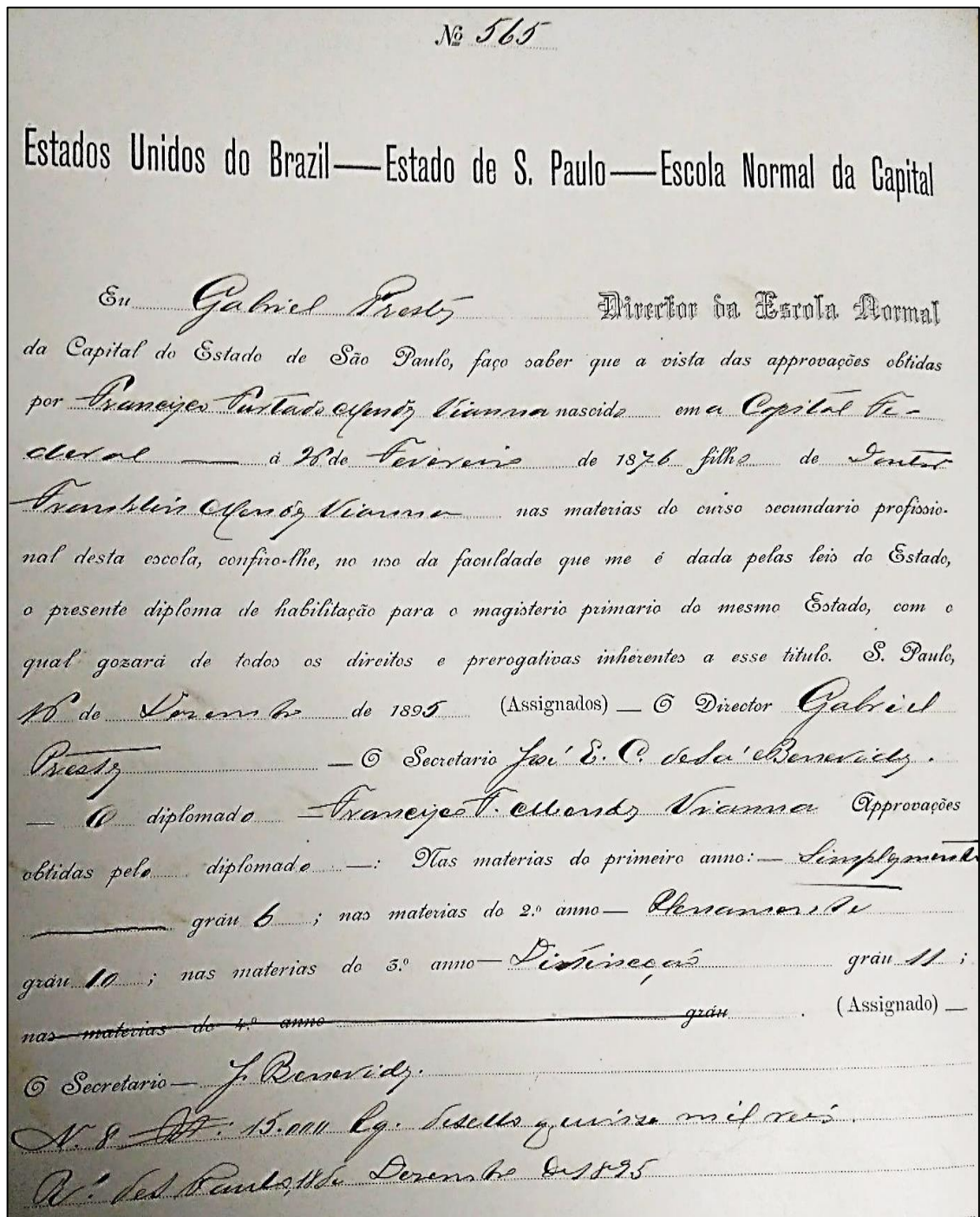
Aos 18 de Março de 1893 foi admitido a matricula <i>Pravio</i> em 18-3-1893	
<i>Augusto elbendes Vianna</i>	filho de <i>Frankis elbendes Vianna</i> N. 22
nascido em <i>Capital Federal</i> a 20 de <i>Novembro</i> de 1870	
e para constar lavrou-se este termo.	
O Secretario, <i>inscrio</i>	O Matriculado,
<i>Armino P. de Almeida Buoyne</i>	<i>Francisco Turtado Mendes Vianna</i>

Página 30 do Registro de matrícula dos alunos da Escola Normal de São Paulo (1893)

Fonte: AHECC/CRE MARIO COVAS/EFAP/SEE-SP (adaptado)



Figura 7 - Primeiro diploma de Habilitação de Francisco Vianna (1895)



Fonte: AHECC/CRE MARIO COVAS/EFAP/SEE-SP.



A *Escola Normal de São Paulo*, destinada à formação de professores primários e secundários inicialmente instituída em 1846, com constantes fechamentos e aberturas<sup>15</sup>, obteve maior estabilidade em 1894 com a sua implementação na Praça da República, após a aprovação do Regulamento da Instrução Pública, do dia 27 de novembro do ano anterior, o qual instituiu a formação de 4 anos destinados a educar professores do magistério primário (cursos preliminares, complementares ou adjuntos), com aulas teóricas e práticas (REIS FILHO, 1995). Sobre as aulas práticas dos professores normalistas, é possível identificar o projeto criado por Caetano de Campos no que concerne às escolas experimentais e o processo de construção da forma escolar seriada, pautada em metodologias específicas de ensino:

Pensada por Caetano de Campos como escola experimental, logo transformou-se em escola de demonstração metodológica, desde que o método intuitivo e os processos de ilustração pedagógica foram aceitos como técnicas desejáveis ao ensino. A experimentação permaneceu mais longamente no campo da organização escolar. Mas, já em 1894, também a organização de classes com alunos do mesmo desenvolvimento cultural, seriando por graduação o curso elementar. Foi essa organização que se difundiu na forma de Grupo Escolar, com um diretor da escola, e um professor por série graduada e por sexo. Ambos: padrão de ensino e organização fixaram-se de 1896 em diante, no ensino público paulista, até 1920. As escolas-modelo transformaram-se em Grupo Escolar ou estes foram instalando-se já com a organização das escolas-modelo. (REIS FILHO, 1995, p. 167-168)

Após quatro anos formado na *Escola Normal de São Paulo*, Francisco Vianna retorna à Escola Normal para completar mais um período de 12 meses. Ao retornar à instituição em 1899, Vianna cursou as matérias que foram integradas na reforma de 1893, aprovada por Gabriel Prestes:

O novo projeto apresentado por Gabriel Prestes transformou-se na Lei nº 169, de 7/8/1893, que alterou diversas disposições da lei aprovada no ano anterior. Uma das principais modificações estruturais realizadas na Escola Normal foi o prolongamento de seu curso para quatro anos, "... os fatos vieram demonstrar que eu tinha razão. - discorria Gabriel Prestes na Câmara dos Deputados - Em três anos de curso é absolutamente impossível estudar com proveito as vinte matérias de que se compõe o programa..." Realmente, o alargamento do currículo da Escola Normal, dentro do mesmo prazo de duração do curso, proporcionava grande acúmulo de matérias, sobretudo nas séries iniciais; o primeiro ano, por exemplo, contava com doze disciplinas, sendo que algumas delas tinham uma única aula por semana. (TANURI, 1979, p.96)

---

<sup>15</sup> Conforme Tanuri (1979), a primeira Escola Normal de São Paulo foi implementada por meio da Lei estadual nº 34, de 16/3/1846, instalada em uma única sala do edifício próximo à Catedral da Sé e destinada ao sexo masculino. A mesma padecia pela falta do baixo número de matrículas, falta de recursos financeiros, descontinuidade administrativa e desenvolvimento insuficiente na instrução do Império, tornando-se extinta em 1867. A segunda Escola Normal foi instalada em uma das salas do curso anexo à Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1875. No mesmo ano, foi autorizada uma lei presidencial destinada à liberação do ensino para as mulheres, entrando em funcionamento em 1876, em uma das dependências do pavimento térreo do Seminário da Glória. No início de 1878, foi fechada temporariamente por conta do revezamento dos partidos monárquicos no poder, a justificativa era que o poder legislativo teria que decretar fundos suficientes para o funcionamento da instituição. A mesma foi reaberta por meio da Lei nº 130, de 25/4/1880 com o presidente da Província paulista Laurindo Abelardo de Brito, que foi advogado e ex-aluno da Escola Normal. A instituição não sofreu mais interrupções, mudando de localidade em 1894, tornando-se a *Escola Normal da Praça da República* (Caetano de Campos).

De acordo com a autora, a alteração do tempo de formação iniciou-se em 1894, ou seja, um ano antes de Francisco Vianna se formar. Como o mesmo optou por uma formação preliminar, conseguiu o título de professor normalista no ano de 1895, iniciando a sua regência em uma escola preliminar. No entanto, como a reforma de 1893 alterou as características da atuação do professor, logo que a formação de quatro anos possibilitou ao professor lecionar nas escolas complementares, muitos alunos optaram por realizar somente o curso preliminar por ser mais curto, “(...) pois nem mesmo estavam criadas as escolas complementares a cuja docência deveria conduzir o diploma do curso complementar da Escola Normal” (TANURI 1979, p.97).

Além da referida reforma aumentar para quatro anos e diferenciar a formação do professor de escola preliminar dos professores que viriam ensinar em escolas complementares, integrou também duas cadeiras para a formação dos professores, a “(...) de Psicologia e de Pedagogia e Direção de Escolas – continuava a Escola Normal ainda como uma única cadeira responsável pela formação profissional do futuro professor” (TANURI 1979, p.97).

Dessa forma, Francisco Vianna opta por retornar à instituição para obter o título de professor complementar, aumentando as possibilidades de ascender profissionalmente. Na imagem a seguir, é possível ver o segundo título de formação do professor:



Figura 9 - Segundo diploma de Habilitação de Francisco Vianna (1900)

N.º 115 J. Benevenuto 275

Estados Unidos do Brazil—Estado de S. Paulo—Escola Normal da Capital

Eu José Alves Sells Director da Escola Normal da Capital do Estado de São Paulo, faço saber que a vista das aprovações obtidas por Francisco F. Vianna nascida em Cap. Federal a 25 de Setembro de 1878 filha de D. Franklin Mercedes Vianna nas matérias do curso secundario profissional desta escola, confiro-lhe, no uso da faculdade que me é dada pelas leis do Estado, e presente diploma de habilitação para o magisterio primario do mesmo Estado, com o qual gozará de todos os direitos e prerogativas inherentes a esse título. S. Paulo, 9 de Outubro de 1900 (Assignados) — O Director José Alves Sells — O Secretario Carlos Lentz

— O diplomado Francisco F. Vianna Aprovações obtidas pel diplomado —: Nas matérias do primeiro anno: — simplesmente grau 6; nas matérias de 2.º anno — plena grau 11; nas matérias de 3.º anno — distinção grau 11; nas matérias de 4.º anno distinção grau 11. (Assignado) — O Secretario Carlos Lentz.

N. 3. 20.000. Pagou de seis mil e mil réis Recebido em S. Paulo. 11 de Outubro de 1900. O administrador Christiano P. de Souza.

Fonte: AHECC/CRE MARIO COVAS/EFAP/SEE-SP.

Nesse período, além do investimento na formação de professores, o ensino primário também recebeu mais atenção com a instauração da República. O interesse pela educação partiu de diversos grupos como os “republicanos radicais, positivistas, maçons, liberais e, claro, adesistas de última hora” (MONARCHA, 2016, p. 130), com diversos ideais, e até mesmo contraditórios, tinham uma preocupação maior com “Povo-Soberano” em detrimento do poder Monárquico. Assim, os diversos grupos políticos (principalmente os republicanos liberais) acreditavam na representação popular e na preocupação com a vida nacional em suas diversas esferas: política, institucional, cultural, melhorias materiais e agregação coletiva. Portanto, a instrução básica do povo era de essencial importância.

Por meio da instituição da Lei estadual nº 374, de 3 de setembro de 1895, o ensino primário paulista passou a ser dividido em duas etapas: a primeira era o ensino preliminar, obrigatório dos sete aos quinze anos e optativo até os dezesseis; segunda etapa era o ensino complementar, destinado aos habilitados no curso preliminar, que teriam por tempo de formação 4 anos, mas por conta das diversas modificações metodológicas tornou-se em escola de formação de professores primários, com duração de 5 anos (REIS FILHO, 1995).

As escolas preliminares eram conduzidas por professores normalistas concursados, tinham salas apropriadas para trabalhos manuais, mobília escolar determinada pelo Conselho Superior de Instrução Pública<sup>16</sup>, os livros – aprovados pelas comissões revisoras<sup>17</sup> – e demais materiais eram distribuídos pela Diretoria Geral da Instrução Pública; geralmente eram escolas separadas por sexo, somente em alguns casos eram mistas com funcionamento diferenciado; o ensino tinha por duração quatro anos; a organização das matérias “(...) tinha em vista o desenvolvimento gradual e harmonioso das faculdades infantis. Principalmente, desenvolver a faculdade de observação pelo emprego dos processos intuitivos”. (REIS FILHO, 1995, p.136)

---

<sup>16</sup> De acordo com Paulo (2013), no ano de 1893, Cesário Mota Júnior foi nomeado Secretário dos Negócios do Interior, com objetivos de colocar em vigor a legislação aprovada sobre a Reforma da Instrução Pública instituída pela Lei 88, de 8 de setembro de 1892 (decreto n. 144-B de 30 de dezembro de 1892), sancionada pelo presidente do Estado Bernardino de Campos. O Secretário propôs, a Lei estadual n. 169, de 7 de agosto de 1893 aprovada em Decreto n. 218 de 27 de novembro de 1893, para a redefinição da “estrutura administrativo-burocrática do ensino do Estado de São Paulo” (p.2). Na legislação aprovada, a direção do ensino cabe ao Presidente do Estado, com os auxiliares: o Secretário dos Negócios do Interior, o Conselho Superior, o Diretor Geral da Instrução Pública, os Inspectores de Distrito e as Câmaras Municipais. Ao Conselho Superior da Instrução Pública, foram feitas 25 atribuições de auxílio ao governo no que concerne à instrução pública.

<sup>17</sup> As comissões revisoras nomeadas pela Diretoria Geral da Instrução Pública ofereceram, durante a Primeira República, uma organização e publicação acerca dos livros a serem “aprovados” e “adoptados” pelas escolas primárias estaduais de São Paulo. Para maiores informações, ler Paulino (2018) Oliveira e Trevisan (2015), Rocha (2013).

O ensino preliminar foi caracterizado por diferentes configurações escolares. Os diferentes tipos eram denominados em: *grupos escolares*, *escolas intermédias*, *escolas provisórias*, *escolas ambulantes*, *escolas noturnas*, *escolas reunidas* e *escolas isoladas*.

Os grupos escolares eram constituídos pela organização de quatro a dez escolas em um único prédio, sob a responsabilidade de um diretor. O modo de organização desses prédios partia do Conselho Superior que instituíra um raio de obrigatoriedade para que as escolas fossem reunidas – de 2 km para as escolas masculinas e 1 km para as femininas. Além do diretor, a escola era constituída por adjuntos e professores auxiliares. Em relação à organização das turmas, os alunos eram separados sob a forma de seriação (1ª ao 4º ano), cada série constituída de duas classes, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino. (REIS FILHO, 1995, pp. 137-138)

O modo de organização dos diversos grupos escolares situados por todo o estado de São Paulo era norteado pelo grupo escolar anexo à *Escola Normal*, localizada na praça da República. Em um relatório anual realizado por inspetores escolares do ensino paulista, é possível compreender a importância desse espaço como modelo para as escolas paulistas, como também para os outros estados do Brasil:

São os grupos escolares, inquestionavelmente, o melhor tipo de escola graduada primária. Tendo uma perfeita divisão de trabalho, com as classes homogêneas quanto ao preparo e idade do aluno, pôde o ensino ser ministrado nesses estabelecimentos com os mais profícuos resultados. A Directoria Geral da Instrução Pública tem-se esforçado, como determina a legislação escolar, no sentido de modelar os grupos pela escola-modelo anexa á Escola Normal. Foi esta escola creada com esse objetivo, sua organização é molde a corresponder aos seus alevantados fins. Faltava apenas torná-la mais conhecida, divulgar, entre os professores do Estado, os progressos que ella vem realizando a partir de sua fundação. Assim pensando, esta Directoria, acompanhada dos inspectores escolares, primeiramente, e mais tarde, dos directores de grupos da Capital, emprehendeu áquella escola diversas visitas, assistindo a todas as aulas e acompanhando a processuação dos methodos ali exercidos. (SÃO PAULO, 1909-1910, p. 54)

As escolas intermédias eram ministradas por professores não formados na *Escola Normal*. Segundo Reis Filho (1995), esses mestres estavam enquadrados nos Regulamentos de 1869 e 1887, que tinham instituído a realização das provas de habilitação em uma das salas do Palácio do Governo com uma Comissão Examinadora, a presença do Presidente da Província e do Inspetor Geral da Instrução Pública. Essas escolas tinham um caráter mais precário, pois os professores eram habilitados nas matérias que escolhiam concorrer, refletindo assim na redução do plano de estudo dos alunos, pois o professor era facultado “ao ensino das matérias nas quais não havia prestado exames” (p.139)

As escolas provisórias eram caracterizadas pela regência de professores habilitados em concurso organizado por inspetores de distrito, nos termos do Regulamento de 1893. Apesar do

ensino ser considerado preliminar, o plano de estudo também era reduzido. Já as escolas ambulantes foram criadas em situação de exigência do Conselho Superior, por meio do Regulamento de 1893. (REIS FILHO, 1995)

As escolas ambulantes eram construídas somente a pedido do Conselho Superior, por meio do artigo estadual 56, item 4º do Regulamento de 1893, com a finalidade de suprir a necessidade de lugares em que as crianças não fossem contempladas pelas outras instituições de ensino já criadas. De acordo com o Artigo nº 66 do Decreto n. 218, de 27 de novembro, os professores que atuavam nessas escolas deveriam:

[...] demorar-se em cada um dos pontos dos bairros sujeitos ao seu percurso o tempo preciso para que, reunidos os meninos da vizinhança, lhes dê o ensino do curso preliminar, de modo que nenhum alumno deixe de receber licções com intervallo maior de oito dias. (SÃO PAULO, 1893)

Em um relatório de um inspetor no ano de 1893, analisado por Reis Filho (1995), essas escolas não recebiam verbas suficientes para os seus funcionamentos, além de terem somente três professores para dar conta de três regiões diferentes cada um, atendendo em dias alternados. Outro ponto identificado pelo autor é que essas escolas só poderiam ser regidas por professores e que a possibilidade das escolas mistas (com regência de mulheres), só poderiam ser criadas se fossem próximas de vias férreas.

As escolas noturnas paulistas foram criadas a partir da Lei estadual nº 88, de 8 de setembro de 1893, para atender turmas a partir de 30 alunos. Com o Regulamento de 1894, essas escolas eram destinadas ao ensino do sexo masculino, para alunos acima de dezesseis anos que não conseguiram cursar as escolas preliminares. Esse tipo de ensino tinha um caráter não somente de alfabetização, mas também de profissionalização, com a ampliação dos estudos de geometria aplicados nos diferentes ofícios (REIS FILHO, 1995)

As escolas reunidas tornaram-se um grande problema para os defensores da escola pública, pois funcionavam de forma independente, prejudicando o projeto republicano de educação. Diferentemente dos grupos escolares que funcionavam de forma a ter várias turmas sob uma mesma gestão, as escolas reunidas agiam de forma desarticulada, com cada professor responsável por sua turma e por seus materiais:

Além dos grupos escolares, continua o Estado a manter as chamadas escolas reunidas, que são mais do que duas ou mais escolas funcionando num só prédio. Tem o governo nomeado director para algumas, dando-lhes então organização de grupo. Outras funcionam no mesmo prédio como escolas independentes. Entendemos que este typo de escola deve desaparecer, muito embora o governo forme grupos escolares de quatro classes no mínimo pelas vantagens que advem dessa organização. Si, porém, elas continuarem a fazer parte do nosso aparelho escolar, será necessario regulamental-as.(...) (SÃO PAULO, 1909-1910, p. 58)



Por fim, as escolas isoladas não tinham uma estrutura predial como as escolas reunidas. As escolas isoladas entraram em vigor no decorrer do século XIX e parte do século XX, com a estrutura de aulas avulsas, sob a responsabilidade dos mestre-escola, em seus próprios logradouros ou em salas alugadas. Quanto ao papel das escolas isoladas para a educação, Souza (1998) afirma que:

A necessidade das escolas isoladas era um fato incontestável. Durante as primeiras décadas deste século elas sobreviveram à sombra dos grupos escolares nas cidades, nos bairros e no campo. Apesar de elas serem consideradas tão necessárias, os grupos foram mais beneficiados, e nelas continuou predominando a carência de tudo: materiais escolares, livros, cadernos, salas apropriadas e salários para os professores. (SOUZA, 1998, p. 51)

Em suma, para superar a educação do período Imperial, a República apresenta novos elementos para o ensino: edifícios imponentes como símbolo da modernidade, novos materiais escolares, mobília diversificada, novo método de ensino (do individual para o simultâneo), formação de professores, separação de turmas por classe, idade e série e uma grande variedade de material didático (SOUZA, 1998, pp.28-30).

Francisco Vianna foi professor preliminar da escola “Prudente de Moraes” entre os anos de 1895 e 1904. Em 1901 publicou o seu primeiro livro *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triângulos esfericos*, voltado para o ensino secundário. Foi nessa instituição que o autor conheceu o seu colega profissional, Miguel Carneiro Junior<sup>18</sup>, também professor da escola na qual trabalhava, e publicaram uma obra anos depois, intitulada *Leitura preparatória* (1908), destinada ao ensino da leitura. Nesse mesmo ano, Francisco Vianna também publicou: *Leitura preparatória, Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*. (ORIANI, 2010).

Em abril de 1904, Francisco Vianna participou da inauguração da Escola Complementar de Guaratinguetá. Representando a Associação do Professorado de São Paulo, o professor realizou uma conferência sobre a instrução popular:

A conferencia que foi brilhantissima, durou perto de uma hora e o illustre conferecista prendeu a attenção de todos com a sua linguaguem bella, e cheia de ensinamentos e, mostrou quaes os conhecimentos que possui da nossa instrucção e do progresso material do nosso Estado. Ao terminar mereceu o illustrado professor uma salva de palmas do auditorio. (REVISTA DE ENSINO, 1904, p. 167)

No mesmo ano, Francisco Vianna ocupou o cargo de diretor do Grupo Escolar *Dr. “Cardoso de Almeida”* em Botucatu-SP, até o ano de 1906, período em que foi aprovado no *Gymnasio de Campinas*, pois “com a exoneração do professor Dr. Francisco da Paula

---

<sup>18</sup> Miguel Carneiro Junior foi professor da escola preliminar “Prudente de Moraes”, presumivelmente durante o mesmo período do autor Francisco Vianna. Tornou-se inspetor escolar em São Paulo em 1905.

Magalhães Gomes, que ocupava a 12<sup>a</sup>. cadeira de “História Natural” no Ginásio do Estado em Campinas-SP, foi aberto concurso nessa escola, para o qual Francisco Vianna se inscreveu.” (ORIANI, 2010, p. 61).

Na *Revista de Ensino* do ano de 1906 foi publicada uma nota intitulada *Professor Mendes Vianna*, a qual descreveu o processo de seleção para a escolha do catedrático, citando as fases de seleção e a constituição da banca examinadora composta pelo Diretor do Ginásio, Arnaldo de Oliveira Barreto<sup>19</sup>, pelos professores da instituição – Abílio Alvaro Miller<sup>20</sup>, Camillo Vanzolini<sup>21</sup> e Manoel Agostinho de Lourenzi<sup>22</sup> –, e pelo fiscal do governo, sr. Dr. Octavio Marcondes Machado. A revista felicita o autor, citando o seu “lustre saber” e erudição, e por fim parabeniza o Ginásio “pela belíssima aquisição” (SÃO PAULO, 1906, p. 38). De acordo com a nota presente no *O Estado de São Paulo* de 10 de julho de 1906, Francisco Vianna segue para campinas para assumir o cargo para o qual fora nomeado.

É possível observar que o período de atuação de Francisco Vianna nas escolas do interior paulista entra em conformidade com o processo de expansão dos grupos escolares e escolas-modelos no estado de São Paulo. Dessa forma, compreende-se que os professores formados na escola Caetano de Campos tinham a possibilidade de atuar não somente na capital, mas em outras regiões do estado:

Ao longo das décadas de 1890 e 1900, outas escolas-modelos vão sendo instaladas na capital bem como no interior do Estado, acompanhando a expansão do ensino normal;

---

<sup>19</sup> Arnaldo de Oliveira Barreto, nasceu em Campinas no ano de 1869. De acordo com Regina (2017), foi maçônico, professor normalista na da Escola-Modelo do Carmo (1894); diretor da escola para filhos de operários da Estrada de Ferro Central do Brasil (1894), diretor do Ginásio de Campinas (1908), diretor da Escola Normal de São Paulo (1924-1925); inspetor das escolas anexas à Escola Normal (1897); tradutor, escritor, redator-chefe da *Revista de Ensino* (1902-1904) e assessor de autoridades da educação. Arnaldo Barreto foi um dos grandes divulgadores do método analítico a partir dos anos de 1890; morreu aos 55 anos de idade, aos 24 de julho de 1925, na cidade de São Paulo, vítima de angina pectoris.

<sup>20</sup> Abílio Álvaro Miller nasceu em 1872, no Rio Grande do Sul. Formado em direito, além de exercer a profissão de advogado, foi poeta, ensaísta, jornalista, advogado, professor, membro do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas; foi professor de psicologia e lógica no Ginásio de Campinas, em 1907. Foi orador nos anos de 1903/1904 da “Loja Maçônica Independência”, publicou críticas no jornal “Comércio de Campinas” sobre a arte de Lasar Segall, denominando o pintor como “Um pintor das almas” (Mattos, 1997). Álvaro Miller faleceu em Campinas, no dia 30 de dezembro de 1928.

<sup>21</sup> Segundo Rosevics (2009), Vanzolini era italiano, médico e foi um dos representantes da colônia italiana nas festas dos Quatrocentos Anos do Descobrimento. O professor foi também um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, em 1900. Residia em Curitiba, porém prestava serviços em diferentes regiões do país. Foi um dos responsáveis pela fundação do Colégio “Culto à Ciência” de Campinas, tornou-se professor de italiano do instituto e chegou a dirigi-lo entre 1911 e 1921.

<sup>22</sup> Apesar do nome do professor estar como Manoel Agostinho de Lourenzi na *Revista de Ensino*, foi identificado no Anuário de Ensino do ano de 1907 e no artigo do Centro de Referências Mário Covas (SÃO PAULO, 2010), além de outras publicações como Manoel Agostinho de Lourenço. São poucas informações encontradas sobre o professor, porém identificou-se que o mesmo foi professor da cadeira de “physica e chimica” do Ginásio de Campinas. De acordo com o Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), Manoel de Lourenço foi um dos integrantes da Comissão da organização criada em 1901 e que tinha por objetivo dedicar-se ao estudo de questões “científicas, culturais, políticas, históricas e sociais”. Maiores informações: <http://ccla.org.br/ciencias/> - Acesso em: 15 mai. 2018.

e, por intermédio das "missões" de professores paulistas, esse modelo de ensino vai sendo divulgado em outros estados da nação. (MORTATTI, 2000, p. 81)

No mesmo período em que esteve atuando como professor no instituto, Francisco Vianna passou a integrar o *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* (CCLA), participando das reuniões com os integrantes, publicando escritos na revista da instituição e apresentando conferências:

Na cidade de Campinas, numa serie de palestras scientificas, instituída pelp Centro de Sciencias e Letras, e de que, por me haver retirado de lá, só me coube realizar uma, pensei em tomar por thema para a outra minha vez, o seguinte: *Porque as mulheres falam mais do que os homens* [...] Pois não havia tal e afim de que uma ou outra das minhas gentis ouvintes, um tamanho mais curiosa, não fique em duvida quanto à conclusão, apressom-e em dizer-vos: porque são melhores e mais sensiveis do que o homem. (VIANNA, 1930, p. 111)

De acordo com Gomes (2009), o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (CCLA) foi criado em 1901 em reuniões realizadas na casa de Coelho Netto entre 1901 e 1904, período em que atuou no “Colégio Culto à Ciência” como professor da Cadeira de Literatura. As reuniões proporcionaram um ambiente profícuo para criar relações profissionais com a camada culta da região, promovendo conferências, saraus e discussões da mesma forma que o fazia com os intelectuais do Rio de Janeiro. De acordo com a autora da dissertação intitulada *A revista do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas (1902 - 1916)*, os planos iniciais das reuniões incidiam sobre:

[...] formar um núcleo para os estudos das ciências naturais; todavia, o objetivo fora julgado demasiado limitado para a heterogeneidade das pessoas que estavam envolvidas naquele projeto, e atendendo a necessidade eclética, o então “Grêmio de Estudos de Ciências” passa a incluir em seus fins as letras e as artes e, por sugestão de Coelho Netto passa a ser denominado “Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas”. (GOMES, 2009, p. 18)

No tocante ao perfil de pessoas que faziam parte do *Centro*, Barreto (1994) realizou um censo acerca dos integrantes entre os anos de 1901 e 1904 e identificou que:

Os 52,5% dos sócios rastreados no período de 1901-1903, compunham-se das seguintes categorias profissionais: 42 (17%) eram "profissionais liberais" nas áreas de saúde, de engenharia, de geografia, geologia e biologia; 41 (16%) proprietários - fazendeiros, comerciantes e capitalistas - e, ainda neste grupo, empregados e funcionários públicos médios; 29 (11%) nas áreas de direito e do magistério; 17 (6%) nas áreas de ciências humanas e sociais - historiadores, escritores, músicos, jornalistas, guarda-livros, bibliotecários, arquivistas etc. e, por fim, 6 (2,5%) eram políticos ou religiosos. Dos restantes 47,5%, infelizmente, não foi possível rastrear a origem profissional. (BARRETO, 1994, p.7)

O *Centro* foi, portanto, um ambiente profícuo para que Francisco Vianna pudesse relacionar-se com os intelectuais de Campinas e produzisse sobre assuntos voltados para a lógica educacional e positivista na revista da citada instituição, além de proporcionar contatos importantes entre São Paulo e Rio de Janeiro que, talvez, tenha favorecido a sua mudança para

a região carioca anos depois. Mas até o presente momento não foi possível encontrar demais pistas sobre as motivações.

Após alguns anos lecionando no ginásio, Francisco Vianna tornou-se vice-diretor interino da instituição entre o período de 1910 e 1911, substituindo o até então diretor Arnaldo de Oliveira Barreto. A substituição teria, inicialmente seis meses de duração, porém foi prorrogada por mais seis meses.

Observa-se que Francisco Vianna ocupou um cargo de importância poucos anos depois de sua atuação como professor da instituição, sendo que, outros professores mais experientes ou com mais tempo na instituição poderiam fazer tal substituição. Considera-se a escolha mais de caráter pessoal, já que Francisco Vianna foi amigo de longa data do irmão de Arnaldo de Oliveira Barreto, René Barreto, o que pode ter possibilitado a entrada de Francisco Vianna no Ginásio.

Em uma matéria publicada no dia 5 de abril de 1935 em São Paulo, no *Jornal do Commercio*, é citado que Francisco Vianna foi “o professor mais novo desse estabelecimento de ensino, foi escolhido para ser director, cargo que exerceu por algum tempo” (p. 6). Durante esse período, Francisco Vianna colocou-se à frente da instituição participando de eventos educacionais, como o *Primeiro Congresso de Instrução Secundária*:

[...]O Congresso instalar-se-á no dia 15 á 1 hora da tarde, no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, á rua Benjamin Constant. O srs. Francisco Vianna, lente e director interino do Gymnasio de Campinas, também enviou a sua adesão ao Congresso. (CORREIO PAULISTANO, 11 de fevereiro de 1911, p. 3)

Enquanto a sua carreira como profissional da educação passava por mudanças, os seus livros publicados também recebiam certa notoriedade. Em 1911, em Santa Catarina, o estado passou a aprovar o uso de 5 livros de sua autoria dentre as 7 obras escolhidas para o ensino nos grupos escolares e escolas isoladas primárias, resultado da primeira reforma do ensino catarinense de 1911, sob responsabilidade do pedagogo paulista Orestes Guimarães. De acordo com Nobrega (2011), O professor paulista Orestes de Oliveira Guimarães foi contratado em 1910 para assessorar a reforma educacional catarinense, implementando a reorganização da Escola Normal, a utilização de métodos de ensino “ideais” e a divulgação dos grupos escolares para que fossem criados no estado.

Em uma matéria publicada em junho no periódico paulista *Revista de Ensino*, intitulado *A Instrução Publica em Santa Catharina: Professor Orestes Guimarães*, é possível identificar as obras escolhidas pelo professor e Inspetor Geral de ensino:

[...] Por Decreto, de hontem datado (8 de Junho de 1911), o exmo. sr. coronel Governador do Estado distinguiu com a nomeação de Inspector Geral do Ensino, ao nosso estimado amigo sr. professor Orestes de Oliveira Guimarães, que com

intelligencia e criterio tem auxiliado efficazmente o Governo na obra patriotica da reforma da nossa Instrucção Publica. (...)Relação das obras didacticas, adoptadas nas escolas publicas daquelle Estado, de conformidade com o Decreto n. 596, de 7 de Junho de 1911, do Governo do Estado: 1. - Cartilha - Arnaldo Barreto; 2. - Leitura Preparatoria - Francisco Vianna; 3. - Primeiro Livro - Francisco Vianna; 4. - Segundo Livro - Francisco Vianna; 5. - Terceiro Livro - Francisco Vianna; 6. - Minha Patria - Pinto e Silva; 7. - Cadernos de Calligraphia Vertical - Francisco Vianna. (REVISTA DE ENSINO, 1911, pp.41-42)

No mesmo ano da aprovação dos seus livros em Santa Catarina, Francisco Vianna viajou para a Europa com a finalidade de reeditar parte de sua série de livros de leitura publicada em 1908 (*Leitura preparatória, Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras infantis*). O prefácio do *Terceiro Livro* confirma que foi um processo de muitas discussões entre os editores para que a revisão tipográfica fosse aprovada para ser realizada fora do país (ORIANI, 2010).

Nessa viagem à Europa, Francisco Vianna visitou diversos países com a finalidade de conhecer diferentes instituições de ensino profissional. Na palestra realizada no Rio de Janeiro intitulada *Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação: Conferência realizada, na Bibliotheca Nacional a 13 de Dezembro de 1917* (VIANNA, 1930), identifica-se essa finalidade ao constatar, por exemplo, a sua visita a uma escola localizada na cidade de Dusseldorf, na Alemanha, no mês de dezembro de 1911:

Conversando com o director da escola e elogiando-lhe certos dispositivos e systemas muito praticos, realmente vantajosos, que eu via pela primeira vez applicados, externei-me tambem com louvor a algo do que observára em escolas profissionaes francezas e, especialmente em belgas. Pois o director da escola mandou buscar umas pastas em que se achavam classificados varios typos de ornamentação de painéis internos e fez-me passar sob os olhos os themas realizados pelos alumnos sobre ornamentação byzantina, oriental, egypciaca, assyria, italiana de varias epocas, flamenga, ingleza, allemã e franceza, rematando a sua exhibição com a dupla observação seguinte: "como o Snr, vê, somos capazes de fazer tanto quanto cada um desses povos faz isoladamente. Mesmo a ornamentação franceza, mais difficil de imitar, pelo seu character de levesa, nós a fazemos sem que ninguem possa desconfiar que ella é devida a pinceis allemães!" (VIANNA, 1930, p. 154)

O autor descreve nessa palestra uma crítica ao engrandecimento e o exibicionismo dos países germânicos em comparação com os de outras regiões, principalmente em suas produções culturais. No final da descrição, o autor discorda da concepção do diretor alemão no que concerne ao trabalho dos ornamentos criados por seus alunos, copiados de outros países (como forma de afirmar a capacidade dos alemães na emulação dos elementos artísticos de qualquer nação). Francisco Vianna afirma que, apesar de haver elementos leves e delicados nas ornamentações, possuíam também uma característica "(...) pesada, germanicamente combinados, com uma tal falta de sobriedade que a ornamentação perdia de todo aquelle seu caracteristico." (VIANNA, 1930, p.155).

Da forma como descreve em sua palestra sobre o seu período fora do país, compreende-se que Francisco Vianna não somente tinha a opção de reeditar suas obras na Europa, mas também recolher elementos educacionais de outros países para importar uma concepção ou apropriar-se desses ideais para elaborar a palestra citada, assim como outras, pautada sobre o conceito de uma “(...) escola activa, do trabalho ou nova” (1930), diferente da até então *educação moderna* presente no Brasil. Contudo, é importante destacar que o autor não foi o único a realizar essas viagens a outros países para apropriar-se de projetos educacionais, mas atenta-se ao modo como essa discussão sobre novas concepções já estava em circulação no país.

No ano de 1912, retorna à sua cidade natal (Rio de Janeiro), a convite do Superintendente Geral do Ensino Álvaro Baptista<sup>23</sup>, assumindo a responsabilidade de atuar em diferentes distritos como inspetor de ensino (CORREIO DA MANHÃ, 1935; JORNAL DO COMERCIO, 1935).

A possível justificativa da transferência de Francisco Vianna para o Rio de Janeiro é apresentada no artigo *Positivism, Modernization, and the middle class in Brazil* (NACHMAN, 1977), o qual faz um percurso analítico da entrada dos ideais positivistas de Comte no país entre a segunda metade do século XIX e primeira do século XX, por meio da reforma realizada pelo positivista e Ministro da Justiça Rivadávia Corrêa, no ano de 1911, e instituída com a finalidade de implementar ideais positivistas no Distrito Federal. Para o seu auxílio, o mesmo admitiu o senhor Álvaro Baptista como Diretor Geral de Ensino, sendo esse a convidar Francisco Vianna para compor a equipe técnica educacional do município. Como citado anteriormente, o autor foi um grande defensor das concepções positivistas tanto em suas palestras quanto nos livros que produziu, sendo assim, um perfil forte no auxílio dessa nova reforma:

Mendes Vianna held the position until 1930, enchanching positivist influence in the capital. During most of this time his own elementary school textbooks were required Reading in all public schools in Rio de Janeiro and the state of São Paulo, and were used widely elsewhere. His textbook of children's Stories extolled such positivist attitudes as nationalism and progress through the application of Science to industry. He also developed his elementar world history text along Comtian lines. (NACHMAN, 1977, p. 21)<sup>24</sup>

<sup>23</sup> De acordo com o verbete do CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, Álvaro Baptista foi Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro entre os anos de 1910 e 1912, realizando nesse período a reforma do ensino primário regulamentando o ensino profissional. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BATISTA,%20%C3%81lvaro.pdf>> Acesso em: 01 mai. 2018.

<sup>24</sup> Tradução: Mendes Vianna ocupou o cargo até 1930, reforçando a influência positivista na capital. Durante a maior parte desse período, seus livros didáticos de ensino fundamental eram obrigatórios para leitura em todas as escolas públicas do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo, e eram amplamente utilizados em outros lugares. Seu livro de histórias infantis exaltava atitudes positivistas como o nacionalismo e o progresso, através da aplicação da ciência à indústria. Ele também desenvolveu seu texto de história mundial elementar dentro das linhas comteanas. (tradução nossa)

Dentre tantos professores positivistas paulistas e cariocas<sup>25</sup>, por que Francisco Vianna foi escolhido para um cargo considerado politicamente relevante? A resposta a essa pergunta talvez resida na sua relação parental com Raimundo Teixeira Mendes<sup>26</sup> (1855-1927), tio do autor e amigo de longa data de Álvaro Baptista. O professor Teixeira Mendes foi também um matemático e grande difusor do positivismo carioca, além de ter formulado a bandeira do Brasil, pautada no ideal comteano:

Os membros da ortoxia positivista foram responsáveis por uma forte militância a favor da instalação de um regime ditatorial que eles consideravam o ideal: a “Ditadura Republicana”. A divisa “Ordem e Progresso” presente na Bandeira Nacional é fruto do positivismo comtiano e foi idealizada a partir do lema Amor por princípio a Ordem por base; e o Progresso por fim. A bandeira inclusive foi toda idealizada por Raimundo Teixeira Mendes, e desenhada por Décio Villares que foi um pintor, escultor e desenhista carioca que tornou-se positivista em sua viagem à França. (MELLO, s.d, p.4)

Portanto, as relações familiares e profissionais de Francisco Vianna, tanto em São Paulo quanto no Distrito Federal foram perpassadas pelo ideal positivista, o que favoreceu o seu crescimento profissional na Capital do país e a grande circulação de suas obras tanto nessa região quanto em outras regiões do Brasil.

O cargo de inspetor escolar foi um dos mais importantes na educação, percorrendo o século XIX e XX como a profissão que mais produziu relatórios acerca da realidade escolar brasileira. No que tange às atribuições do cargo de inspetor escolar no Rio de Janeiro, início do período da atuação de Francisco Vianna, foi possível identificar as funções listadas pela Comissão de 1919, constituída por Esther Pedreira de Mello<sup>27</sup>, José Getúlio da Frota Pessôa<sup>28</sup>,

<sup>25</sup> De acordo com Nachman (1977), cerca de ¼ dos membros masculinos da Igreja Positivista são professores e cerca de 18% dos praticantes positivistas brasileiros eram professores.

<sup>26</sup> Conforme o glossário HISTEDBR/UNICAMP Raimundo Teixeira Mendes foi filho de engenheiro da Escola Central de Paris, foi educado a partir do catolicismo por meio do colégio dos jesuítas seguindo as áreas da Matemática e da Filosofia. A partir dos ensinamentos católicos passou a adotar os dogmas de Comte por meio da conversão de Miguel de Lemos, participando de forma ativa na sociedade positivista, com dedicação a ortodoxia comtiana. Disponível em:

<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_raimundo\\_teixeira\\_mendes.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_raimundo_teixeira_mendes.htm#_ftn1)>

Acesso em: 17 jul. 2018.

<sup>27</sup> Esther Pedreira de Mello foi professora normalista e a primeira mulher a assumir um cargo de diretora na Escola Normal do Distrito Federal. Além de atuar na prática educacional foi sócia da Sociedade Anônima Escola Primária, entidade que criou a Revista educacional *A Escola Primária*. Para maiores informações, consultar “Esther Pedreira de Mello, uma mulher (in)visível” (MELLO, 2017).

<sup>28</sup> José Getúlio da Frota Pessôa, natural de Fortaleza, formou-se em engenharia, porém largou a profissão para trabalhar como amanuense interino na Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal e professor de matemática. Foi redator de jornais como: A Gazeta de Notícias, O País, Folha da Tarde, Diário de Notícias e Jornal do Brasil. Voltou para a sua terra natal para exercer cargos políticos, mas por pouco tempo. Ao retornar para o Rio de Janeiro, ocupou os cargos de Secretário Geral da Instrução Pública do Distrito Federal e Subdiretor da Instrução Pública. Em 1932, participou da assinatura do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, sendo o único cearense a estar presente no documento. Para saber mais, ler “Conhecer o homem, compreender seu tempo: sobre a importância de José Getúlio da Frota Pessôa e o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova para a história da educação brasileira” (MAIA, 2010).

Leonel Gonzaga<sup>29</sup>, Affonsina das Chagas Rosa<sup>30</sup> e Francisco Furtado Mendes Vianna, incumbida pelo Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro, Raul de Faria<sup>31</sup> em organizar um projeto de regulamento geral para a Reforma do Ensino Primário Municipal, aprovado no mesmo ano. Para a comissão, de acordo com o Art. 95 compete ao inspetor:

a) - orientar, sob o ponto de vista pedagogico, o corpo docente do ensino primario; b) - estimular ou corrigir a applicação dos methodos de ensino, fiscalizar a execução dos programmas e o cumprimento dos deveres funcçionaes de ordem administrativa do pessoal docente; c) - estar em permanente contacto com as classes das escolas de seu districto (...) d) - visitar cada escola de seu districto, diurna ou nocturna, pelo menos duas vezes ao mez, de modo a poder formar juizo seguro, não quanto á competencia dos professores e adjuntos, como quanto ao preparo das classes e alumnos; (...) f) - convocar os professores e adjuntos para tratar de questões de interesse do ensino, devendo essas reuniões realizar-se em uma escola do districto; g) - propor a localização das escolas do seu districto; h) - remetter á Directoria de Instrucção os attestados de exercicio do pessoal docente e administrativo, os boletins e os mappas de matricula e frequencia e todos os dados estatisticos, dentro dos prazos marcados pelo Director Geral; (...) k) - apresentar annualmente ao Director Geral um relatorio sobre as occurencias do seu districto, contendo as suggestões que lhe parece, oportunas (...) (A ESCOLA PRIMARIA, 1919, p. 187)

As funções realizadas por Francisco Vianna em sua função como inspetor escolar foi recorrentemente citada em vários jornais do Distrito Federal, como, por exemplo, o acompanhamento de exames para seleção e aproveitamento de normalistas.

Na primeira Escola Mixta do 10º districto Escolar, alto á rua da Harmonia n.22, effectuaram-se os exames de promoçõ de classe nos dias 10, 12 e 20 de Novembro, a cargo da professora cathedratica D. Thereza Monteiro de Barros e Mello, pelo inspetor Dr. Francisco Vianna. (JORNAL DO BRASIL, 1913, p. 15)

Também houve o acompanhamento do inspetor nas escolas que estavam em processo de construção ou reforma, como aponta o jornal *O Paiz*:

Por estes dias será resolvida a reabertura das aulas da escola Ferreira Vianna, á rua Archias Cordeiro, sob a direcção da professora cathedratica D. Elisa Serrão de Medeiros Reis e inspecção do Dr. Francisco Vianna. A grande frequencia desse

<sup>29</sup> De acordo com a Academia Nacional de Medicina, Leonel Gonzaga Pereira da Fonseca nasceu em Minas Gerais, doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1908); ocupou o cargo de assistente extranumerário da cadeira de clínica pediátrica médica e de higiene infantil da Faculdade de Medicina, tornando-se livre docente, chefe de laboratório e assistente efetivo. Em 1925 ocupou a chefia da clínica pediátrica, tornou-se representante dos livres docentes da Faculdade de Medicina do Rio e no Conselho Nacional de Ensino. Foi membro do Conselho de Assistência e Proteção a Menores, Inspetor Médico Escolar do Distrito Federal, médico adjunto voluntário no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia e membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Ocupa a cadeira nº 47 da Associação Nacional de Medicina - ANM.

<sup>30</sup> Até a elaboração do presente relatório de qualificação, não foram encontradas informações sobre a biografia de Affonsina das Chagas Rosa.

<sup>31</sup> De acordo com Sousa (s.d), Raul de Faria, natural de Minas Gerais, bacharelou-se em 1906 pela Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais. Atuou como Deputado Estadual entre os anos de 1907 e 1914. Em 1921 ocupou a cadeira na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro até o ano de 1930, quando com a Revolução do mesmo ano Getúlio Vargas assume o poder e extingue todos os órgãos legislativos do Brasil. No ano de 1943, já afastado do meio político, assinou o Manifesto dos mineiros, contra o Estado Novo, que em retaliação exonera todos que assinaram o documento. O político também assumiu as funções de procurador da Saúde Pública, diretor da Instrução Pública e professor da Escola Normal do Distrito Federal e inspetor de ensino. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FARIA,%20Raul%20de.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2018



estabelecimento obrigou a Prefeitura ao aumento do edificio e a introduzir os melhoramentos exigidos para torná-lo de primeira ordem, não esquecendo os reparos de todo o mobiliario, que não puderam ainda ficar promptos. (O PAIZ, 1914, p. 3)

Além da questão burocrática e acompanhamento dos processos educacionais, os inspetores também participavam de festividades cívicas, das visitas em forma de festejo e dos eventos de final de ano das escolas de seus distritos de atuação. De um total de 6 eventos noticiados: *Festa da Bandeira* (O PAIZ, 1913); *Escola Ferreira Viana* (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1915); *Os preparativos para a Festa da Bandeira: No 1º Districto Escolar* (A NOITE, 1917c); *O dia da missão universitária argentina* (CORREIO DA MANHÃ, 1918); *Escola Colombia* (JORNAL DO BRASIL, 1928); *O dia 21 de Abril e as homenagens da Escola Tiradentes* (DIARIO DA NOITE, 1934), um deles obteve maior ressonância, tendo ocorrido em 1917 no Cinema Americano do Distrito Federal, com cobertura das mídias impressas por três dias:

Revestiu-se de um brilhantismo excepcional a festa que, por iniciativa do inspector escolar Sr. Francisco Vianna, realizou-se em homenagem ao nosso pavilhão, com alumnos de todas as escolas municipaes do 1º districto, e á qual se associou o collegio São Paulo, no cinema Americano, em Copacabana, gentilmente cedido pelo seu proprietario, o Sr. Palmeira. Ao mesmo dia achava-se o salão repleto, com cerca de mil alumnos de escolas municipaes, que para ahi se haviam transportado quasi todos em bondes especiaes, trazendo cada criança sobre o peito de uma bandeirinha nacional. Cerca de 150 meninos das escolas municipaes, 35 do Gymnasio Brasileiro, sob a direcção do Dr. Gustavo Guimarães, e 15 do collegio S. Paulo, sob a direcção do dr. Mello de Souza, tendo este por paranympo, prestaram com o maior garbo o juramento juvenil á bandeira, iniciado nos annos anteriores com seus alumnos por este ultimo. (...) e os discursos altamente práticos pronunciados pelo inspector escolar pela professora D. Maria José Xaltron Gaze, que falou em nome das cathedricas, e de D. Alba Nascimento, em nome das adjuntas. Em virtude do adiantado da hora foram apenas passadas duas das quatro fitas graciosamente cedidas pela Companhia Cinematographica Brasileira e que constavam do programma, cuja ultima parte foi honrada com a presença do Dr. Manoel Cicero, director de instrucção, o qual, ao se retirar-se, felicitou o inspector e o seu pessoal docente e discente pela patriótica homenagem prestada á nossa bandeira. (...) (O PAIZ, 1917, p. 2)

A preocupação em demonstrar atividades voltadas para o exibicionismo da educação e a sua relação com os assuntos pátrios está intimamente relacionada com as expectativas republicanas sobre a educação. Quanto às expectativas sobre o povo republicano, Câmara (2010, p. 119) apresenta que as principais preocupações eram com a criação de uma identidade pautada na padronização e homogeneização da população. Para isso, criar símbolos para identificação de sua unidade pátria era de principal importância, logo que, para criar a nação passava “(...) pelo ideal civilizador da integração nacional e de reforma social do país, tendo em vista incorporar o “todo social”, com suas diferenças e individualidades, aos ideais modernizantes de transformação da sociedade”. No que concerne à mobilização para criação dessa nacionalidade, a autora aponta que:

Os intelectuais, ao intencionar produzir a identidade nacional do povo brasileiro, cindiram os ideais de sua integração política, cultural e moral como partes constitutivas da ideia de nacionalidade. A partir dessa sutura entre o político, moral e o cultural estabeleceram não só os aspectos constituintes dos direitos e dos deveres do povo, mas também mapearam as diferenças no seu interior, a fim de suprimi-las (CÂMARA, 2010, p. 121)

Quanto às esperanças depositadas no povo, Rago (1997), apresenta que as idealizações sobre as tradições culturais, comportamentos e relações civilizadas dos imigrantes, principalmente dos provenientes do Sul da Europa, foram frustradas por conta dos diversos conflitos entre operários e industriais, que passaram a ser considerados:

[...] indolentes, preguiçosos, boêmios, grevistas ou anarquistas, segundo a representação imaginária construída pela sociedade burguesa, lutam para definir sua nova identidade, a partir de sistemas de representações, dos valores e das crenças que lhe são próprios. As expectativas burguesas projetadas sobre o imigrante recém-chegado se frustram continuamente. Em contrapartida, (os industriais procuram fixar sua mão-de-obra nas fábricas, recorrendo a inúmeras tecnologias de disciplinarização, incessantes e ramificadas. Do interior do espaço da produção ao percurso de volta à casa, penetram em sua habitação, invadindo e procurando controlar até mesmo os momentos mais inesperados da vida cotidiana.” (RAGO, 1985, p. 17).

Dessa forma, outros discursos surgiram para definir uma representação sobre a população. O saber médico – principalmente sanitarista – define o papel do trabalhador, da mulher e da criança. A definição dos papéis torna-se central em comparação com a indiferença no período político anterior. Questões acerca do trabalho feminino e das crianças, mortalidade infantil e aleitamento materno ganham proeminência, levantando questionamentos sobre a infância:

De uma posição secundária e indiferenciada em relação ao mundo dos adultos, a criança foi paulatinamente separada e elevada à condição de figura central no interior da família, demandando um espaço próprio e atenção especial: tratamento e alimentação específicos, vestuário, brinquedos e horários especiais, cuidados fundamentados nos novos saberes da pediatria, da puericultura, da pedagogia e da psicologia” (RAGO, 1985, p.117)

Além da questão médica, a policial também clama pelo Estado, especificamente, contra o que denominavam vagabundagem e criminalidade, criando demandas para a criação de diversas instituições de reclusão da infância:

Estratégia disciplinar suave e sutil de adestramento dos corpos e do espírito, a terapia do trabalho visava manter os menores ocupados o tempo todo: no interior das escolas particulares ou na esfera do lar, para os ricos, nas instituições assistenciais ou nos patronatos e orfanatos, no caso dos pobres. (RAGO, 1985, p.117)

Sendo assim, a escola tornou-se o principal espaço para a educação dos infantes no período e diversos discursos permearam sobre o ensino desses. Francisco Vianna foi um desses indivíduos que atuou na manutenção e alteração de concepções sobre a criança, atuando como professor, diretor e inspetor.

Além de ocupar o cargo de inspetor distrital, Vianna ofertava aulas de preparação para os exames nas Escolas Normais entre os anos de 1915 e 1917 (CORREIO DA MANHA, 1915; O PAIZ, 1915; A NOITE, 1917). De forma conjunta com o autor, as professoras normalistas DD. Rachel de Moura<sup>32</sup>, Luiza Azambuja Vieira Ferreira<sup>33</sup>, Esther de Moura<sup>34</sup>, Antonieta Barreto<sup>35</sup> e Maria da Gloria de Moura Diniz<sup>36</sup> ofertavam aulas de Aritmética, Português, Francês, Geografia e Caligrafia, Ginástica e Música para os futuros candidatos às Escolas Normais. Vale ressaltar que no ano de 1916, esteve no corpo docente para o curso preparatório o professor Omar Simões Magro<sup>37</sup>, citado em dedicatória no *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917).

---

<sup>32</sup> Até o momento da escrita do presente relatório de qualificação, não foram encontradas referências biográficas da professora Rachel de Moura. Porém, foi possível identificar recorrências aos cursos preparatórios para a Escola Normal, ofertados somente pela professora antes do período em que se reuniu com Vianna e com os outros profissionais. A professora também lecionou e foi secretária da diretora na Escola Ferreira Vianna (1911), uma das escolas que Francisco Vianna foi inspetor; e professora catedrática e diretora da escola Padre Antônio Vieira (1916), ambas localizadas no Distrito Federal, além de ocupar o cargo de inspetora interina no ano de 1916. (CORREIO DA MANHÃ, 1915; 1916)

<sup>33</sup> Até o momento da escrita do presente relatório de qualificação, não foram encontradas referências da professora Luiza Azambuja Vieira Ferreira.

<sup>34</sup> Até o momento da escrita do presente relatório de qualificação não foram encontradas referências biográficas da professora Esther de Moura. Sabe-se que ela foi nomeada professora catedrática de primeiras letras em 1913, sob autorização do General Bento Ribeiro, Presidente do Distrito Federal (O IMPARCIAL: DIARIO ILLUSTRADO DO RIO DE JANEIRO, 9 de março de 1913, p.7)

<sup>35</sup> Até o momento da escrita do presente relatório de qualificação não foram encontradas referências biográficas da professora. Porém, de acordo com o jornal *O Paiz* (1911; 1913), Antonieta Barreto foi professora catedrática da 15ª escola feminina e examinadora dos cursos normais nas disciplinas de português e ginástica.

<sup>36</sup> Não foram encontradas referências biográficas da professora até o momento da produção do relatório de qualificação. Porém, de acordo com os jornais *Correio da Noite*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias* e *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*; Maria da Gloria de Moura Diniz foi professora de música da entre os anos de 1913 e 1916, tornando-se diretora da 5ª escola mista do 5º distrito no ano de 1930.

<sup>37</sup> Foram identificadas informações esparsas sobre Omar Simões. Sabe-se que foi professor e escritor de assuntos voltados para a história paulistana. Foi professor do Gymnasio Hydecroft, em Jundiaí (ALMANAK-HENAUULT, 1912), professor da Escola Normal primária de Campinas (A GAZETA, 1915) e colaborador da Revista "Arquivo Municipal" de São Paulo, na seção de História (A NAÇÃO, 1914)

Figura 10 - Divulgação do curso preparatório para a “Escola Normal”.

## CURSOS PARA A ESCOLA NORMAL

**Direcção do inspector escolar Francisco Furtado Mendes Vianna**  
Ex-professor de Escolas Normaes de São Paulo

Admissão ao 1º anno á abrir-se á 15 do corrente : professores F. Vianna e D. D. Rachel de Moura, Luiza Azambuja Vieira Ferreira e Esther de Moura.

Admissão ao 2º anno : professores Francisco Vianna (arithmetic), e D. D. Esther de Moura (portuguez), Luiza Vieira, (francez), Rachel de Moura, (geographia e calligraphia), Antonietta Barreto (gymnastica) e Maria da Gloria Moura Diniz (musica), todas ex-regentes de turmas na Escola Normal, de materias que leccionam neste curso.

Já está funcionando das 3 ás 6 da tarde. Continuam abertas as matriculas. Admissão ao 3º anno: Acham-se abertas as matriculas, para ser iniciado a 1º de junho e já funcionam as aulas de algebra e geometria, por Francisco Vianna. Matriculas das 3 ½ ás 5 ½. Aceitam-se alumnos para uma só materia.

A sede destes cursos foi transferida para a rua Gonçalves Dias n. 30, 2º andar

INFORMAÇÕES PELO TELEPHONE CENTRAL 1.738

Fonte: Jornal *O Paiz* (3 de maio de 1915). Acervo da *Biblioteca Nacional do Brasil* – BND.

Foi possível constatar que as novas relações profissionais de Francisco Vianna não estavam mais pautadas nos contatos realizados em São Paulo a partir da Escola Normal e pela *Revista de Ensino*, mas de profissionais da educação que eram do Distrito Federal e que também fizeram parte da redação do periódico *A Escola Primária*, que tinha os mesmos objetivos da primeira revista citada, de divulgação de assuntos pedagógicos, e com elaboração e edição por responsabilidade dos inspetores do município. Além de publicarem os escritos na revista, os inspetores distritais tinham por responsabilidade participar das reuniões da *Sociedade Anônima Escola Primária* como forma de organizar as discussões mobilizadas pelo periódico e compunham comissões para a elaboração de propostas para alterações na instrução pública carioca.

Além da publicação de escritos e da atuação como inspetor, Francisco Vianna também oferecia palestras destinadas à formação de professores primários, desde a exposição dos métodos, concepções educacionais até a prática no ensino de algumas disciplinas, como a Aritmética. No livro *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou*

nova (1930), há um conjunto de cinco conferências realizadas pelo autor entre os anos 1917 e 1928, no Rio de Janeiro, intituladas de: *Illusões, exageros e confusões no ensino primário - Conferência realizada, Bibliotheca Nacional, a 6 de Novembro de 1919, a convite da Liga de Professores; Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação - Conferência realizada, na Bibliotheca Nacional, a 13 de Dezembro de 1917; Apreciação sobre as directrizes que tendem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria; Cotejo entre estas, que são as da chamada "Escola Activa" e as anteriores; O verdadeiro espirito da reforma - Tres conferencias realizadas na Associação Brasileira de Educação, a 13, 18 e 20 de Dezembro de 1928*). Além dessas, o professor Henrique Souza Jardim, em um escrito intitulado *Problemas de Arithmetica na escola primaria - Como ensinar a resolvel-os?* (JARDIM, 1918), comenta uma palestra realizada por Francisco Vianna:

(...) sabemos que raros collegas lerão o nosso trabalho. Quando, ha pouco, o digno inspector escolar, Dr. Francisco Vianna, annunciou uma conferencia para tratar do modo de ensinar arithmetica nas escolas primarias, tendo o cuidado de expedir convites a todos os professoes, verificámos que o salão de conferencia da Bibliotheca Nacional não se achava repleto, como era de esperar, attendendo ao interesse da materia e á reconhecida competencia do conferencista. Não será, pois, de estranhar que o nosso modesto trabalho seja lido por muito poucos, mesmo dentre aquelles a quem especialmente nos dirigimos - os novos no magisterio. (JARDIM, 1918, p. 252)

Em outra palestra do autor, realizada no dia 05 de novembro de 1921, destinada a um grupo de professoras, Francisco Vianna utiliza como tema os diferentes métodos de ensino.

Figura 11 - Conferência realizada por Francisco Vianna sobre métodos de ensino



Fonte: Jornal *O Malho* (5 de novembro de 1921). Acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* – BND.

Além das palestras e cursos ofertados, também foram diversas as reuniões que foram noticiadas nos jornais com a finalidade de divulgar os métodos oficiais, materiais didáticos, modos de ensinar e prováveis reformas no ensino público. O jornal *O imparcial – diario illustrado do Rio de Janeiro*, do dia 28 de maio de 1915, noticia a reunião da Diretoria Geral da Instrução Pública com a presença dos inspetores de todos os 12 distritos escolares e do Diretor Geral da Instrução, Azevedo Sodré, para tratar sobre “a alteração da folha de pagamento das professoras e da falta de adjuntas em uns districtos, quando em outros sobram.”, o Diretor Geral também deliberou que “cada inspector escolar lhe envie uma lista das professoras e adjuntas de todas as escolas, especificando as que podem ser transferidas (...)” (O IMPARCIAL, 1915, p. 8).

Quanto às discussões educacionais em grande escala, no periódico carioca *Jornal do Commercio*, do dia 14 de agosto de 1929, há uma matéria sobre a importância da normatização da ortografia brasileira, com a presença de professores, inspetores (dentre eles, Francisco Vianna) e o Diretor Geral da Instrução Pública, Sr. Leitão da Cunha, em uma sessão na Assembleia Legislativa realizada dois dias antes. Foi possível identificar a mudança ortográfica somente dois anos depois, com o Decreto no 20.108, de 22 de julho de 1931, que “Dispõe sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nacional nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino” (BRASIL, 1931). Após três anos, houve uma reedição das obras da coleção *Leituras Infantis*:

Tendo de reimprimir a sua excelente serie de livros para a leitura em ortografia simplificada oficial, o Inspector escolar Francisco Vianna aproveitou o ensejo para melhor-la nos textos e nas ilustrações, modernizando-a. Assim, sofreram profundas e beneficicas modificações a "Cartilha", os "Primeiros Passos na Leitura", a "Leitura Preparatoria", o "Primeiro", o "Segundo", e o "Terceiro" Livro de Leitura. (JORNAL DO BRASIL, 1934, p. 23)

No ano de 1931, os jornais *A Noite* e *Diário de Notícias* publicam uma carta escrita pela Associação Brasileira de Educação – ABE intitulada *O memorial da Associação Brasileira de Educação aos editores do Brasil*, destinado aos editores e autores de livros infantis. Com assuntos pautados na diminuição dos encargos sobre o papel de impressão e orientações gerais para a escrita de obras infantis, os signatários são vários, incluindo Francisco Vianna e seu filho Euclides Godofredo Mendes Vianna, encarregado da *Escola Technico Profissional da Armada* do Rio de Janeiro. Dentre as orientações sobre o fabrico dos livros, apresentam quatro pontos essenciais: apresentação do material, o texto, ilustrações e quanto ao gênero.

Constata-se que seu filho, Euclides Vianna, passou a seguir o percurso profissional na área da educação, publicando com o pai, na década de 20, o livro intitulado *Pequena Historia*

*do Brasil*, obtendo a segunda edição no ano de 1927. No capítulo 2, serão apresentadas as obras de Francisco Vianna com mais detalhamento, assim como as suas colaborações.

Outra mudança no seu percurso educacional aconteceu no ano de 1933. Francisco Vianna ocupou o papel de Superintendente de Educação Elementar. Não foi possível identificar notícias sobre a data de posse do cargo, porém há a primeira ocorrência sobre o autor em sua nova função no dia 21 de abril do mesmo ano:

Presidia pela directoria d. Idalina de Oliveira, e estando presente o superintendente da Escola, dr. Francisco Vianna, professores, jornalistas, representantes do Interventor e do director da Instrução Municipal, familias, realizou-se hoje, ás 10 horas, na Escola Tiradentes uma sessão commemorativa ao dia do grande martyr, a qual obteve um cunho de verdadeiro brilhantismo. (DIARIO DA NOITE, 1934, p. 9)

No que concerne às características do cargo, o jornal carioca *Diário da Noite* do dia 9 de setembro de 1933, apresenta o que seria a profissão de Superintendência. Para o jornal, as mudanças residiam na divisão geográfica de atendimento educacional do Rio de Janeiro. A primeira alteração modificou a disposição de atuação de “distritos escolares” para “circunscrições escolares” e a mudança do cargo de “inspetores de ensino” para “superintendentes de ensino”.

Outra mudança identificada envolve a quantidade de divisões. Anteriormente a distribuição residia em um grupo de dois a três inspetores (educacional, médico e dentário) para cada distrito, com um total 28 distritos englobando as escolas primárias, elementares e noturnas. A nova configuração passou a ter 3 divisões gerais: “Superintendentes de educação elementar”, com 10 profissionais para cada circunscrição; “Superintendentes de ensino particular”, ocupando 13 circunscrições, e “Superintendentes da educação de saúde e higiene escolar”, com um total de 14 circunscrições, sendo 10 dessas com dois profissionais cada, como aponta o jornal oficial do município do Distrito Federal, o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1930). Portanto, na nova configuração educacional carioca, Francisco Vianna ocupou a 3ª circunscrição da Superintendência de Educação Elementar no ano de 1933, alterando para Superintendente Geral do Ensino Elementar e Particular do Departamento de Educação da Prefeitura no final do ano de 1934.

A sua atuação como professor, diretor, inspetor, superintendente de ensino, autor de livros didáticos, poemas e escritos o fez ser reconhecido por diversos educadores. Com o seu falecimento, no dia 4 de abril 1935, no Rio de Janeiro, a revista *A Escola Primária* publicou cinco matérias, sendo duas de destaque. A primeira, intitulada *Francisco Vianna*, lamentando a perda e consagrando a “sua vida ao ensino inteiramente, desde a mocidade” (A ESCOLA PRIMÁRIA, 1935a, p.01); e a segunda, *Escola Francisco Mendes Vianna*, apresentando a

instituição com o nome do educador, localizada até hoje no Rio de Janeiro, a qual “(...) conservarão gerações sucessivas, e, assim viverá num culto permanente o nome desse educador de sólida cultura e bom coração que viveu entre as crianças, pelas crianças, sonhando com ellas (...)” (A ESCOLA PRIMÁRIA, nº 2, maio de 1935d, p.01).

Além do jornal *A Escola Primária*, os também periódicos cariocas *Correio da manhã*, *Diário Carioca*, *A Noite*, *Jornal do Commercio* prestaram homenagens póstumas ao autor:

Fallecimentos Professor Mendes Vianna - Falleceu hontem, pela manhã, em sua residencia, na rua Constante Ramos, n. 164, o Professor Francisco Furtado Mendes Vianna, Superintendente Geral do Ensino Elementar e Particular do Departamento de Educação da Prefeitura. (...) publicou o Professor Mendes Vianna varios livros de leitura e outras obras didacticas que o tornaram bastante conhecido e admirado. Era o Professor Mendes Vianna casado com D. Helena Ribeiro Mendes Vianna e deixa desse consorcio cinco filhos maiores, que são: Professor Euclides e Paulo Mendes Vianna, Heloisa, Rosalia e Rubens Mendes Vianna. Logo que teve conhecimento do trespasse esteve na residencia do extinto o Dr. Anysio Teixeira, Director do Departamento de Educação. O enterro do illustre educador effectua-se hoje, ás 9 horas, sahindo o fereio de sua residencia, á rua Constante Ramos, para o cemiterio de S. João Baptista. (JORNAL DO COMMERCIO, 1935b)

Após seis dias do falecimento, foi aprovada a construção do *Centro de Professores Francisco Vianna*, como aponta o periódico carioca *Jornal do Commercio* (1935a, p. 6); a escolha pelo nome do educador “(...) recentemente fallecido foi dado á nova sociedade como justa homenagem do professorado ás suas grandes virtudes e como prova de gratidão pelos grandes serviços á causa da educação popular”. O instituto teve por finalidade prestar apoio ao magistério e ao ensino os serviços ao seu alcance, além de terem criado uma biblioteca pedagógica e literária que “deverá ser, constantemente enriquecida de novas obras que forem aparecendo”; também possibilitando a oferta de cursos e conferências por professores especializados na área, a fim de desenvolver cada vez mais a cultura dos mestres.

Um mês depois, o Dr. Anísio Teixeira<sup>38</sup> aprova a implementação de Assistência dentária no Instituto por meio do Edital n. 82 (JORNAL DO BRASIL, 1935). Além da instituição de formação, Francisco Vianna passou a ter o seu nome em uma das escolas localizada no bairro do Irajá – *Escola Mendes Vianna* – a qual completou 50 anos<sup>39</sup> de existência em 2018, com um projeto de reconstituição da identidade do seu patrono.

<sup>38</sup> Não foram encontradas maiores informações acerca da relação profissional entre Francisco Vianna e Anísio Teixeira. Sabe-se que Anísio foi presidente da *Sociedade Anônima Escola Primaria* e Diretor Geral de Instrução Pública no ano de 1934, mesmo período em que Francisco Vianna era integrante da sociedade e atuava como inspetor distrital. Anísio também foi membro do Conselho Diretor do *Centro de Professores Francisco Vianna*, no ano de 1935, concomitantemente Anísio atuava como Diretor do Departamento de Educação.

<sup>39</sup> Para maiores detalhes do projeto realizado *Escola Mendes Viana*, em homenagem ao patrono Francisco Vianna, acessar o blog “Clube de História – Escola Mendes Vianna”: <<http://memoriamendesviana.blogspot.com/2018/04/francisco-furtado-mendes-viana-o-nosso.html>> Acesso em: 11 set. 2018.



Tendo certa consciência das “regras do jogo educacional”, Francisco Vianna formou-se em uma das instituições mais importantes da época (*A Escola Normal de São Paulo*), atuou em instituições educacionais como professor e diretor (*Escola Prudente de Moraes*, Grupo Escolar *Dr. Cardoso de Almeida* e *Gymnasio de Campinas*), ocupou cargos burocráticos e de importância (Inspetor de Ensino e Superintendente Geral do Ensino Elementar e Particular do Rio de Janeiro). Participou de eventos de caridade, criou uma instituição de apoio aos professores, ofereceu conferências educacionais e ofertou cursos preparatórios, publicou diversos escritos voltados para o campo ao qual disputava, dando visibilidade para os seus feitos e sendo reconhecido, de certa forma, por seus contemporâneos. Abaixo um quadro com o percurso de formação e atuação profissional de Francisco Furtado Mendes Vianna:

Quadro 1 - Percurso educacional e profissional de Francisco Vianna

<b>Período (ano)</b>	<b>Formação/Cargo</b>	<b>Região</b>
1892 - 1895	1ª formação como normalista (preliminar)	São Paulo
1895 - 1904	Professor preliminar da <i>Escola Prudente de Moraes</i>	São Paulo
1899 - 1900	2ª formação como normalista (complementar)	São Paulo
1904 - 1906	Professor de História Natural no <i>Gymnasio de Campinas</i>	Campinas
1910 - 1911	Diretor interino do <i>Gymnasio de Campinas</i>	Campinas
1912 - 1933	Inspetor Distrital de ensino	Rio de Janeiro
1915 - 1917	Professor de preparação para os exames nas Escolas Normais	Rio de Janeiro
1934	Superintendente de Ensino Elementar	Rio de Janeiro
1934 - 1935	Superintendente Geral do Ensino Elementar e Particular do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro

Fonte: dados coletados por meio da revisão bibliográfica e pesquisa documental

Considerando a sua educação por parte do tio, que foi um professor e intelectual, Vianna passou a seguir os passos do mesmo, avançando nas suas possibilidades dentro do campo educacional, publicando obras didáticas para o ensino da leitura, para a escrita, para o ensino da matemática e da história. Segundo Bourdieu (1996, p. 106), o percurso do autor é

característico de pessoas que possuem familiares com profissões reconhecidas socialmente, o que o mesmo considera como a *dupla orientação dos investimentos*:

Estando mais ou menos igualmente providos de capital econômico e de capital cultural, os escritores saídos das posições centrais no seio do campo do poder (como os filhos de médicos ou de membros das profissões “intelectuais” às quais a linguagem da época dava o nome de “capacidades”) parecem predispostos a ocupar uma profissão homóloga no campo literário. (BOURDIEU, 1996, p. 106)

Dessa forma, observa-se que o percurso de formação e de atuação de Francisco Vianna teve semelhanças com as trajetórias profissionais de seus contemporâneos. Também foi possível constatar como a relação familiar com os tios o possibilitou seguir a carreira da educação e a defesa do ideal positivista comteano e proferi-los em seus escritos.

No que tange ao posicionamento político, Francisco Vianna apreende por meio da vivência com o seu tio Godofredo José Furtado e seu outro tio, Teixeira Mendes, a defesa pelo ideal de comteano. Dessa forma, observa-se que as suas relações familiares (mesmo que pequena por conta da perda dos pais) o possibilitou manter contatos profissionais e pessoais tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro.

No que diz respeito aos vínculos sociais, principalmente a sua proximidade com a família Barreto por meio de René, foi criado um terreno fértil para que Francisco Vianna fosse aprovado no concurso para a cadeira de “História Natural” em um dos ginásios mais importantes do período, o de Campinas. Observa-se que, além de ocupar a cadeira de professor, o autor substituiu o diretor Arnaldo de Oliveira Barreto por um curto espaço de tempo. Ao ocupar um cargo de tamanha importância com pouco tempo de atuação na instituição e tempo de profissão, Francisco Vianna foi convidado para o cargo de inspetor no Distrito Federal, sendo esse um dos mais cobiçados pelos professores do período.

As suas escolhas inconscientes e a formulação de seus objetivos pessoais são marcadas por aquilo que Bourdieu (1996, p. 294) considera como a relação entre a sua posição social com o seu *habitus* que fora incorporado ou modificado no decorrer de suas experiências e relações com os outros indivíduos:

A relação subjetiva que um escritor (etc.) mantém em cada momento, com o espaço dos possíveis depende muito fortemente dos possíveis que lhe são estatutariamente conferidos nesse momento, e também de seu *habitus*, que se constitui originalmente em uma posição que implica, ela própria, certo direito aos possíveis. Todas as formas de consagração social e de destinação estatutária, as conferidas por uma origem social elevada, por um significativo sucesso escolar ou, para os escritores, pelo reconhecimento dos pares, têm por efeito aumentar o direito aos possíveis mais raros e, através dessa *segurança*, a capacidade subjetiva de os realizar praticamente. (BOURDIEU, 1996, p. 294)

Ao associar, dessa forma, a sua ascensão profissional com sua formação, identifica-se que além das suas relações sociais, a sua formação foi essencial para que crescesse no campo. Sobre esse fenômeno, Sirinelli (1996) observa que:

A morfologia das elites culturais é igualmente função das modalidades de acesso ao seu meio. Especialmente com a questão do papel da Escola. Porque, nas sociedades modernas da Europa industrializada do fim do século XIX e do século XX, a competência, essencial ao espelho social, é teoricamente ao mesmo tempo garantida e legitimada pelo diploma. (SIRINELLI, 1996, p. 267)

O pesquisador, entretanto, ressalta que essa ascensão pelo diploma possui um viés duplo, ao mesmo tempo em que possibilita a diferenciação, também é carregada por um fenômeno duplicador, pois possibilita que outros também possam ascender socialmente. Dessa forma, para além de um crescimento por meio da formação, é necessário também que se construam laços, principalmente quando são políticos:

Por um lado, as elites culturais, mesmo quando seja legítimo isolá-las para efeitos de análise, não existem como entidades autônomas, em posição de extraterritorialidade. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade. (SIRINELLI, 1996, p. 264)

Dessa forma, apesar de ser uma análise francesa, o diploma e suas relações tornam-se um requisito primordial para o reconhecimento dentro da elite, no caso de Francisco Vianna, uma elite marcada pelos ideais educativos, republicanos e de ideal positivista.

A seguir, atrelando o percurso profissional de Francisco Furtado Mendes Vianna e ideais políticos defendidos, o próximo item tratará de suas publicações, sendo elas obras didáticas, escritos, hinos e poemas e o modo como o autor legitima o seu percurso profissional atrelado às suas publicações. Também serão apresentados alguns ilustradores presentes na série, o preço das obras pelo Rio de Janeiro e a adesão dessas pelo município carioca e paulista.

## **CAPÍTULO II**

### **PUBLICAÇÕES, EDITORAÇÃO E CIRCULAÇÃO DAS OBRAS DE FRANCISCO VIANNA**

Ao analisar o percurso educacional e profissional de Francisco Vianna, identificou-se que o mesmo participou ativamente nos assuntos educacionais, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Além da atuação como professor, diretor, inspetor e superintendente de ensino, Vianna produziu diversos artigos educacionais, poemas, hinos, manuais de ensino<sup>40</sup> e conferências.

Dessa forma, o presente capítulo tem por objetivo apresentar as publicações do autor de forma a atrelar a sua vida educacional com os trabalhos que escreveu. Serão apresentadas, inicialmente, as suas produções em São Paulo, publicadas no periódico educacional *Revista de Ensino* em um período marcado pela sua atuação como professor e diretor escolar, ou seja, uma fase de caráter mais prática; seguidamente, serão abordadas as produções publicadas no segundo período profissional de Francisco Vianna, em que o autor morou no Rio de Janeiro e atuou como inspetor e superintendente de ensino, uma fase marcadamente técnica-burocrática, quando publicou artigos no periódico educacional *A Escola Primária*, além das palestras divulgadas no livro *Modernas directrizes no ensino primario escola activa do trabalho ou nova* (1930).

O capítulo também apresentará todas as obras educacionais publicadas pelo autor, de forma individual e conjunta. Além disso, serão apresentados alguns ilustradores identificados durante a análise da série de leitura e como as crianças e demais personagens são representadas nos livros; o preço de venda dessas entre os anos de 1920 e 1937, além de sua adoção nas escolas públicas do Rio de Janeiro e São Paulo.

No que corresponde a sua grande quantidade de publicações educacionais, Francisco Vianna fez parte de uma das duas gerações educacionais apresentadas nos estudos de Bittencourt (2004), que analisou o perfil dos autores de compêndios e livros escolares entre 1810 e 1910. De acordo com a autora, houve duas gerações de autores no Brasil: A primeira geração foi caracterizada por personagens do cenário político definido, temporalmente, a partir de 1827 com “os autores preocupados com a organização do curso secundário e superiores, apenas esboçando algumas contribuições para o ensino de primeiras letras” (p.480). A segunda iniciou-se na década de 80 do século XIX e passou a delinear o período de mudanças da política liberal e de valorização do nacionalismo, além de uma dedicação ao saber da escola elementar, possibilitando “(...) discussões sobre a necessidade da disseminação do saber escolar para outros setores da sociedade” (p.480). Dentre as duas gerações, Francisco Vianna insere-se na segunda geração marcada por valores nacionalistas e na disseminação do ensino elementar.

---

<sup>40</sup> Na presente pesquisa optou-se por usar os termos *manuals didáticos*, *livros didáticos*, *obras didáticas*, *cartilha*, *série de leituras* e *livro de leitura* como referência à série *Leituras Infantis* do autor Francisco Vianna.

Outros autores como Menezes Vieira<sup>41</sup>, Julia Lopes de Almeida<sup>42</sup>, Antônio Trajano<sup>43</sup> e Júlio Ribeiro<sup>44</sup> também publicaram obras no mesmo período. De acordo com Bittencourt (2004, p. 11), os livros publicados a partir da década de 80 do século XIX tornaram-se divulgadores da nova ordem republicana com o objetivo de elevar a escola como formadora da nova ordem, “(...) era a diferença entre o passado, considerado ‘de trevas’, e um futuro harmonioso em que o saber e a cidadania trariam ‘o progresso’”.

Considerando que nesse o período houve uma grande valorização sobre a educação, os materiais didáticos tiveram um papel indispensável para o ensino de leitura e escrita nos anos iniciais. E foi nesse período de efervescência de produções que o normalista, professor secundário, inspetor e supervisor de ensino, Francisco Furtado Mendes Vianna publicou os seus escritos educacionais.

## 2.1 Poemas e artigos educacionais de Francisco Vianna

Na sua primeira fase profissional, marcada por sua atuação como professor e diretor em São Paulo, Francisco Vianna publicou diversos poemas e artigos educacionais na *Revista de Ensino*, periódico criado pela Associação do Professorado Público de São Paulo. Durante o período de 1902 e 1906, publicou dezessete poemas, sete artigos e um hino escolar, e, após a entrada no *Gymnasio de Campinas*, Francisco Vianna foi integrante do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), entretanto, não foi possível identificar essas publicações.

---

<sup>41</sup> Para saber mais sobre Menezes Vieira, ler Bastos (2011) *Manual para os jardins da infância ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira*.

<sup>42</sup> Consultar Vidal (2004), *Julia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar Contos infantis*. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417103>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>43</sup> Ler Pais e Maranhão (2014), História do ensino da aritmética no final do século XIX: uma análise da obra de Antônio Bandeira Trajano. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/2297>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>44</sup> Para saber mais, ler Neto (2010), *A Grammatica portuguesa, de Júlio Ribeiro: um corte epistemológico na gramaticografia brasileira e a questão da língua portuguesa no Brasil*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select\\_action=&coobra=200079](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&coobra=200079)>. Acesso em: 23 nov. 2017.

Quadro 2 - Publicações de Francisco Vianna em São Paulo (Revista de Ensino)

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo</b>
1902	“Precoce”	Poema
1903	“Salvação de Lygia Do <<Quo Vadis?>> (inérita)”	Poema
1903	“Lei geral para a divisibilidade”	Artigo
1903	“Companhia Fatal (A René Barreto)”	Poema
1903	“Os desamparados (inérita)”	Poema
1903	“Santos Dumont”	Poema
1903	“Physica e Chimica - Phenomenos Physicos e Chimicos”	Artigo
1903	“O avô mendigo (Inédita)”	Poema
1903	“Physiologia: Uma particularidade sobre a visão (Phenomeno desconhecido?)”	Artigo
1903	“Lição Infantil: A Arnaldo Barreto (Inédita)”	Poema
1904	“Para a reforma da Instrução Publica” (1)	Artigo
1904	“O Bom Collegial: A meu amiguinho Dagoberto Padua Salles” (Inédita)	Poema
1904	“A Violeta e o Cravo” (Inédita)	Poema
1904	“Saudades de minha mãe”	Poema
1904	“Para a reforma da Instrução Publica” (2)	Artigo
1904	“Para a reforma da Instrução Publica” (3)	Artigo
1904	“Dó infantil (inérita)”	Poema
1904	“O ninho de andorinha (Inédita) Traducção de Vienet”	Poema
1904	“Conferencia”	Artigo
1904	“Sem médico”	Poema
1904	“A Mamãezinha”	Hino escolar
1904	“O velho mestre”	Poema
1904	“Saudades de minha mãe”	Poema
1904	“Minha filhinha Heloísa”	Poema
1906	“Saudade”	Poema

Fonte: Dados coletados das edições da *Revista de Ensino* (1902-1906) e Oriani (2010).

Dentre os poemas publicados pelo autor, um se destaca pela irreverência temática de assuntos ligados à religião. O poema “Salvação de Lygia” foi uma poesia criada por Francisco Vianna para o periódico (nº1, ano II, abril de 1903) a partir da trama “<<Quo Vadis?>>”, expressão utilizada pelo apóstolo São Pedro ao ter uma visão de Jesus Cristo a caminho da crucificação. Ao compreender tal ato de fé, São Pedro retorna a Roma para continuar a sua missão evangelizadora, porém é crucificado pelo Imperador Nero. A publicação contém 84 versos, sem a separação em estrofes. A mesma criação está presente no *Quarto Livro*, contudo, com alterações nas expressões e com acréscimo de oito versos (ORIANI, 2015).

Os demais poemas abordam questões voltadas para a relação no ambiente familiar e escolar, principalmente com a participação de crianças, envolvendo demonstrações de afeto ou de propagação de valores morais.

O poema “Precoce” foi publicado na *Revista de Ensino* de número 5, ano I, (dezembro de 1902) e contém uma dedicatória a um “possível” irmão do autor, porém não foram encontradas informações acerca de outros membros da família de Francisco Vianna além do avô, pai, mãe e tios.

O poema “Lição Infantil” foi também publicado em 1903. Com dedicatória destinada ao professor Arnaldo Barreto, conta a história de dois irmãos, um que gosta de estudar e deseja ser professor, e outro mais novo que pretende ser um Cigarreiro, profissão considerada não virtuosa. Com um final moralizante, esse poema está presente no Terceiro Livro, no qual as temáticas voltadas para o trabalho e o ambiente escolar estão mais destacadas.

Na mesma revista, na edição de número 2 do ano seguinte, o autor publicou o poema “Companhia Fatal” com dedicatória ao seu amigo normalista René Barreto, que estava enfermo. O poema conta a história de um professor que tinha um filho, que ao invés de seguir o caminho correto do pai, acaba por pegar os vícios do vizinho. Com o passar do tempo, o pai reencontra o filho na sarjeta e o acolhe novamente.

Além dos citados, Vianna também publicou na *Revista de Ensino* poemas que tratavam situações de afeto, como em “Minha filhinha Heloísa” e “A Mamãezinha”, e de perda ou saudosismo (sejam elas do âmbito familiar ou escolar), como “Saudades de minha mãe”, “Dó infantil (inérita)”, “A Violeta e o Cravo” (Inédita), “O velho mestre”, “Saudades de minha mãe”, e “Saudade”.

Outra temática abordada pelo autor destinou-se às pessoas desamparadas, principalmente aquelas que necessitam de maior cuidado e atenção. No poema publicado em 1903, intitulado de “Os desamparados”, aborda uma infância desvalida, especificamente as crianças sem abrigo, família, destituídas de amor e carinho. Para o autor, essas crianças não



tiveram o seu direito à infância, pois "são como a flôr já fanada/Antes de abrir-se em botão". Outra característica presente nesse poema é o apelo à caridade a fim de atender essas crianças.

Na mesma edição de dezembro o autor publicou o poema "O avô mendigo", ambientada e escrita em Barcelona, com data do mês de julho do ano de 1903, mesmo período em que estava de licença da escola "Prudente de Moraes".

A partir da análise descritiva dos poemas publicados por Vianna que envolvem as relações sociais, principalmente entre as crianças e a sua percepção do mundo, observou-se que essas possuem referências ao ideal de criança e os ambientes onde essa deve estar. Tal análise se faz presente no capítulo 3, onde será abordada a representação de criança do autor, utilizando como análise suas obras e publicações educacionais.

Quanto aos valores pátrios, foi possível encontrar somente um hino publicado na edição de número 4 de 1903, intitulado "Santos Dumont", que tem por finalidade apresentar os feitos do primeiro aviador brasileiro.

Alguns dos poemas publicados na *Revista de Ensino* foram utilizados na série de leitura de Vianna. Ao analisar as diferentes reedições dos livros que compõe a coleção *Leituras Infantis*, Oriani (2010) identifica alguns inclusos nas obras:

"O velho mestre" (1904e), que foi publicado no periódico no ano de 1904, tendo sido incluído em Segundo livro de leituras infantis; "O ninho das andorinhas" (1904f), que se trata de poema de Viennet que Francisco Vianna verteu para o português, tendo sido publicado no periódico em 1904 e incluído em Terceiro livro de leituras infantis; "Dó infantil" (1904g), "Lição infantil" (1902a), "Sem médico" (1904h), "O bom collegial" (1904i) e "Precoce" (1902b), que também foram publicadas no ano de 1904 nesse periódico e incluídos em Terceiro livro de leituras infantis. Destaco, porém, que apenas "Dó infantil" foi mantido no livro de modo idêntico ao qual foi publicado no periódico, sendo que os outros poemas tiveram alguns aspectos relativos à forma alterados — palavras ou expressões suprimidas e/ou modernizadas. (pp.82-83)

Além dos poemas, Vianna também publicou artigos educacionais na mesma revista. As suas primeiras publicações foram destinadas a aplicar determinado conteúdo científico dentro da sala de aula. As publicações foram intituladas de: "Lei geral para a divisibilidade", "Phenomenos Physicos e Chimicos" e "Physiologia: Uma particularidade sobre a visão (Phenomeno desconhecido?)".

No ano de 1903, o autor publicou o seu primeiro artigo, "Lei geral para a divisibilidade" com três páginas descrevendo os pormenores de uma regra matemática citada na edição anterior por seu amigo da Escola Normal, René Barreto. Apesar de explicar de forma clara todo o processo de divisibilidade e a aplicação da teoria com determinados valores, o autor não considera válido usar essa técnica no ensino em sala de aula, pois:

[...] ella nos revela as tendencias generalizadoras de seu auctor que, aliás, não busca, como julgam alguns, lhe dar sinão seu verdadeiro valor (...) creio que essa lei não deverá substituir o processo actualmente seguido para a determinação dos caracteres

no inicio da arithmetica. No emtanto, acho-a curiosa e conveniente para figurar em algebra. E assim como grande numero de theorias de arithmetica ficam generalizadas sómente na algebra, assim tambem se dará na deducção dos caracteres com a applicação da lei proposta pelo sr. René Barreto. (VIANNA, 1903, p. 80)

Destaca-se a relação profissional entre René e Vianna durante os primeiros anos de atuação do professor como autor de artigos, com uma demonstração de apoio mútuo nas publicações do periódico e sobre os assuntos da prática educativa.

Um segundo artigo publicado pelo autor no mês de dezembro do mesmo ano, intitulado “Phenomenos Physicos e Chimicos”, pretendeu delimitar com mais precisão a diferença entre esses dois fenômenos. A justificativa do autor deu-se pela falta de precisão dos compêndios, “isto nos revela que os auctores das Chemicas e Physicas modernas, em sua maioria, desconhecem por completo as paginas escriptas por Augusto Comte, quando aprecia estas duas sciencias em sua *Philosophia Positiva*” (VIANNA, 1903, p. 449). Observa-se que nesse periódico Vianna utiliza elementos da filosofia positivista a fim de atrelar os seus estudos com as leis de análise criadas por Comte.

Outro artigo de Vianna foi publicado no mês de julho de 1903 com o título “Physiologia: Uma particularidade sobre a visão (Phenomeno desconhecido?)”, que descreveu a sua dificuldade de encontrar tratados sobre a visão, resultando na tentativa de descrever como compreendia o fenômeno da visão, utilizando conceitos sobre o cérebro.

A partir de 1904, o autor deixa de publicar artigos voltados para o conteúdo escolar e passa a discutir sobre assuntos voltados para as questões gerais da educação. Nesse ano, Francisco Vianna publicou quatro artigos com reflexões acerca de mudanças consideradas importantes no ensino, intitulados de “Para a reforma da Instrucção Publica”. Não somente o autor, mas outros professores e inspetores se dispuseram a publicar artigos e realizarem conferências com a incumbência de auxiliar o Secretário do Interior Arthur Breves, fornecendo a “maior copia de informações, não só technicas como administrativas (...)” para que a reforma da instrução paulista seja realizada com devida qualidade.

No primeiro texto, Vianna discutiu a necessidade de melhora de vencimentos dos professores e o problema da diminuição do salário do professor, seja ele de escola isolada, dos Grupos Escolares ou Escolas Modelo caso necessite de uma licença; o segundo artigo apresenta um tipo único de escola voltada para a formação de professores, ou seja, as Escolas Normais, sendo necessário transformar as complementares, localizadas no interior de São Paulo (Campinas, Itapetininga, Piracicaba, entre outras), na mesma estrutura técnica, administrativa e pedagógica que a Escola Normal da Capital. Outro ponto citado foi a necessidade de separação das matérias em cadeiras, pois, de acordo com o autor, nas escolas complementares há um

professor lecionando a cada ano, proporcionando uma formação deficitária; no terceiro e último artigo o autor discorre mais detalhadamente sobre a questão da separação e supressão ou realocação de matérias e a possibilidade de diminuição do tempo de formação nas escolas complementares de 4 para 3 anos, entrando em conformidade com as Escolas Normais.

Aparentemente, Francisco Vianna parou de publicar em revistas educacionais no período em que foi aprovado para atuar como professor de História Natural no *Gymnasio de Campinas* (entre 1906 e 1911). No entanto, há indícios de que o autor realizou palestras e publicou escritos enquanto participou do *Centro de Ciências e Letras de Campinas*.

No Rio de Janeiro, a sua produção científica e participação em eventos foi muito mais ativa em detrimento à produção de poemas, porém com menos publicações em revistas. A justificativa dá-se pela sua segunda fase profissional de característica mais técnica-burocrática do que prática, logo que o autor se tornou inspetor e, posteriormente, superintendente de ensino, deixando de publicar poemas e artigos voltados para a prática escolar, e escrevendo artigos sobre métodos de ensino e pautas educacionais gerais.

Com a mudança de cargo, outras responsabilidades foram cobradas, como: a necessidade de visitação nas escolas públicas do distrito sob seu encargo, participação em eventos escolares e elaboração de relatórios sobre essas instituições e sobre assuntos pertinentes à educação a pedido do Diretor Geral de Instrução Pública.

Outro dado importante, já mencionado, é a obrigatoriedade dos inspetores escolares do Rio de Janeiro em realizar palestras educacionais para professores e diretores, assim justificase também a quantidade maior de produções científicas por parte do autor. Nessa segunda fase, foram identificadas seis publicações no periódico *A Escola Primaria*<sup>45</sup> nas quais foi redator, e cinco palestras educacionais reproduzidas no livro *Modernas directrizes no ensino primario escola activa do trabalho ou nova* (1930). Abaixo, um quadro com os títulos das obras publicadas pelo autor no período em que constituiu residência no Distrito Federal (Rio de Janeiro):

---

<sup>45</sup>A revista *A Escola Primaria* (1910-1939) foi um periódico criado pela *Sociedade Anônima Escola Primária* e impressa sob a direção de inspetores do Distrito Federal (Rio de Janeiro). O regime de publicação era mensal, com a editoração da Francisco Alves & C.

Quadro 3 - Publicações de Francisco Vianna no Rio de Janeiro

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Local</b>
1916	“Aplicações industriais do calor e do frio”	Revista <i>A Escola Primaria</i>
1917*	“A Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação”	Livro <i>Modernas Directrizes</i>
1918	“Fins da educação. Caracter e objectivo da instrução primaria. Organização e ensino do 1.º anno”	Revista <i>A Escola Primaria</i>
1919*	“Illusões, exageros e confusões no ensino primário”	Livro <i>Modernas Directrizes</i>
1924	“A questão do analfabetismo”	Revista <i>A Escola Primaria</i>
1924	“Classes e promoções no magistério municipal”	Revista <i>A Escola Primaria</i>
1925	“Diários de Classe”	Revista <i>A Escola Primaria</i>
1928*	“Cotejo entre estas, que são as da chamada "Escola Activa" e as anteriores”	Livro <i>Modernas Directrizes</i>
1928*	“O verdadeiro espirito da reforma”	Livro <i>Modernas Directrizes</i>
1928*	“Apreciação sobre as directrizes que tendem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria”	Livro <i>Modernas Directrizes</i>

Fonte: Dados coletados das edições do periódico *A Escola Primária* e da obra *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).

\* Os escritos indicados são referentes aos anos das conferências proferidas e publicadas na obra *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).

Dos 9 artigos publicados pelo autor no Rio de Janeiro, 5 foram decorrentes de palestras destinadas ao público educacional (professores, inspetores e demais profissionais da área) e

realizadas na Biblioteca Nacional<sup>46</sup> e na Associação Brasileira de Educação<sup>47</sup>, no Rio de Janeiro, entre os anos 1917, 1918 e 1928 e foram distribuídas no livro *Modernas Directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930), sob publicação da casa editora Francisco Alves.

Apesar das palestras terem sido destinadas aos profissionais da educação, o autor expandiu o seu público alvo ao inserir um primeiro prefácio intitulado “Aos mestres e aos paes”. É importante destacar a intencionalidade do autor em convidar os progenitores a lerem esse tipo de material, pois pretende explicar a concepção de *escola ativa* ou *escola nova* anos antes comentada por ele em diversas palestras que estão presentes nesse livro.

Essa transformação de concepção sobre a educação ficou fortemente marcada a partir das reformas educacionais realizadas no Rio de Janeiro por Fernando de Azevedo<sup>48</sup> e em Minas Gerais por Francisco Campos<sup>49</sup> entre os anos de 1927 e 1930. As palestras de Vianna perpassam sobre as mudanças na concepção de aprendizado, sobre o papel da escola, do aluno, do professor e como toda essa organização está atrelada à sociedade e ao trabalho e à humanidade em geral.

O autor ainda destacou no prefácio que as discussões sobre a implementação da *escola ativa* não foram totalmente aplicadas na Europa e nos Estados Unidos, porém foi considerada com fascinação pelos educadores:

Observando-se, entretanto, a direção geral, as fôrmas que revestem, os seus objetivos explícitos ou implícitos, ninguém poderá negar que a tendência fundamental é para estabelecer um regimen de maior positividade. Esta característica de evolução moderna é tão acentuada e avassaladora que domina mesmo áquelles que se filiam nominal e nomeadamente a orientações que parecem oppôr-se a que a tomem por paradigma. (VIANNA, 1930, p. 6)

Francisco Vianna também apontou a sua insatisfação por não ter sido convidado a participar de nenhuma das comissões de elaboração do projeto ou mesmo na reforma educacional do Rio de Janeiro, realizada em 1928, contudo, justificou a preferência em manter

---

<sup>46</sup> De acordo com as conferências e “A conflagração Universal apreciada sob ponto de vista dos meios e dos fins da educação” (1917) e “Apreciação sobre as directrizes que temem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria” (1928), Francisco Vianna apresentou outras seis conferências na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e que foram compiladas em um relatório anual de 1923 para o Diretor Geral de Instrução Pública, dentre essas o autor propôs que acrescentasse uma cadeira de História Geral no ensino primário, ideia essa que foi inclusa na comissão de ensino de 1918. Porém, até o momento de finalização da dissertação não foram identificados tais escritos.

<sup>47</sup> De acordo com o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, a Associação Brasileira de Educação (ABE) foi uma sociedade civil, com adesão voluntária, composta por professores e outros profissionais interessados em educação. A associação atuava principalmente por meio de encontros destinados às discussões sobre diferentes temas educacionais a partir de cursos, publicações, pesquisas e conferências. Para saber mais sobre a associação consultar: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/associacao-brasileira-de-educacao-abe>> Acesso em: 09 jun. 2018.

<sup>48</sup> Para saber mais ler “A Reforma Fernando de Azevedo — DF, 1927-30” (1982) e “Fernando de Azevedo: a educação como desafio” (1985)

<sup>49</sup> Consultar Dallabrida (2009) e Santos (2010)

um certo afastamento de relações sociais muito próximas que poderiam fazê-lo a acatar ideias que vão contra aos seus princípios:

[...] aliás quer pela minha insuficiência, quer pelo facto de ser para a maioria por demais aferrado a princípios, que o estudo, a idade, a experiência da vida e o desenrolar dos acontecimentos mundiais mais têm consolidado, sou o primeiro a não desejar e mesmo evitar em collaborações muito intimas, nas quaes eu teria fatalmente de sacrificar meu ponto de vista, sem trazer, em compensação áquelles a quem pretendesse servir, nenhuma vantagem apreciável. (VIANNA, 1930, p. 7)

Vale ressaltar que o período de publicação dessa obra foi anterior à sua nomeação a Superintendente Geral de Ensino. Provavelmente o autor pode ter participado nas discussões sobre a reforma nos anos que se seguiram.

Como explicitado no quadro anterior, o livro foi dividido nas seguintes palestras: “Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação”, “Illusões, exageros e confusões no ensino primário”, “Cotejo entre estas, que são as da chamada "Escola Activa" e as anteriores”, “O verdadeiro espirito da reforma”, “Apreciação sobre as directrizes que tendem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria”.

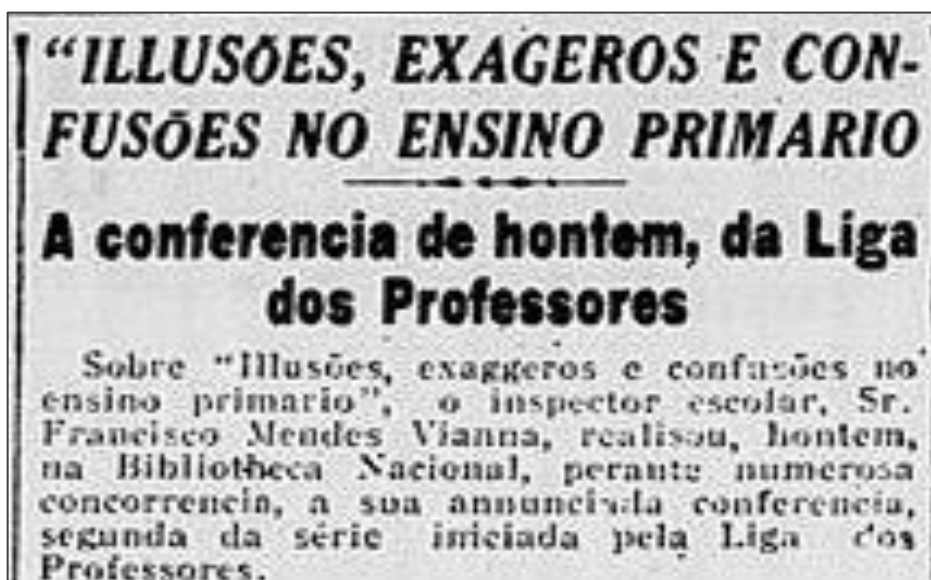
A palestra “Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação”, ocorreu no dia 13 de novembro de 1917, porém o autor a escreveu para ser apresentada meses antes. A justificativa da mudança de data deu-se "(...) por estar ainda o Brazil na posição de neutro, não pude obter o salão da Bibliotheca Nacional, do qual fazia questão para realizal-a" (VIANNA, 1930, p.141). Um resumo da palestra foi publicado no *Jornal do Commercio* do dia 14 de dezembro do mesmo ano, defendendo nessa explanação “(...) a necessidade imprescindível de fazermos prevalecer na educação o sentimento e ainda ter nesta como objetivo, final e principal, preparar para o serviço da Humanidade” (VIANNA, 1930, p. 11).

O trabalho “Illusões, exageros e confusões no ensino primário”, foi publicado a partir de uma palestra realizada no dia 06 de novembro de 1919 a convite da *Liga Nacional de Professores*<sup>50</sup>. O resumo da conferência foi publicado no jornal carioca "A noite", do dia 7 de novembro.

---

<sup>50</sup> Até o presente momento, não foram encontradas informações sobre a *Liga Nacional de Professores*.

Figura 12 - Matéria da conferência “Illusões, exageros e confusões no ensino primário”



Fonte: Jornal *A Noite*, 07 de novembro de 1919, p. 4.  
Acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* – BND.

De acordo com o autor, a citada palestra tinha por função apresentar a importância de valorizar a criança no que concerne a sua personalidade; da necessidade de eliminar a memorização na rotina de sala de aula, tornando o seu cérebro “verdadeiramente pensante e não quasi méro registro de noções mais memoriadas do que entendidas”; respeitar a capacidade de aprendizado das crianças, observando individualmente o nível desses alunos com a preocupação de não “abordar, de prompto, e directamente, certos objetivos, e, por fim, a de se reservar mais larga parte à capacidade dos alunos corrigirem seus proprios trabalhos (...)” (A NOITE, 1919, p. 4). Cabe ressaltar que a sua defesa pelo respeito às capacidades da criança está presente em todas as suas obras, inclusive na série de leitura. O próximo capítulo irá trazer as suas concepções de forma mais detalhada.

Os artigos “Cotejo entre estas, que são as da chamada “Escola Activa” e as anteriores”, “O verdadeiro espirito da reforma” e “Apreciação sobre as directrizes que tendem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria” foram realizados nos dias 13, 18 e 20 de dezembro de 1928, no Rio de Janeiro, na *Associação Brasileira de Educação* – ABE. Esses trabalhos ocorreram no mesmo período da reforma do Distrito Federal, no entanto o autor afirma que a escrita deles parte do estudo dos programas da reforma, liberados em junho do mesmo ano, enfocando na evolução desses.

Os demais artigos do autor publicados na sua segunda fase profissional foram veiculados na revista carioca *A Escola Primaria*. O periódico de circulação nacional criado por

Afrânio Peixoto<sup>51</sup> e inspetores de ensino do Distrito Federal entre os anos de 1916 e 1939, sob edição da Francisco Alves, tinha por intuito divulgar e auxiliar professores no que concerne a temas diversos voltados para a educação: reformas educacionais, transcrição de palestras, planos de aula, divulgação de livros didáticos, métodos de ensino, situação das escolas de outros estados do Brasil, relatórios oficiais e preliminares e outras publicações. O jornal seria para Peixoto “(...) a tribuna, a cátedra, o livro, o jornal, que uns para outros vão escrever os Professores Públicos do Distrito Federal, e talvez do Brasil, aproveitada a competência que lhes sobeja (...)” (PEIXOTO, 1916, p.1).

A organização desse periódico mensal ficou sob a responsabilidade da *Sociedade Anonyma Escola Primaria*. A partir da consulta nos jornais cariocas, *O imparcial* e *O Paiz* do dia 12 de julho de 1920, foi possível identificar os seguintes membros: Dr. Afrânio Peixoto (presidente), Cirne Lima<sup>52</sup>, Secundino Ribeiro<sup>53</sup>, Chermont de Brito<sup>54</sup>, Paulo Maranhão<sup>55</sup>, José

---

<sup>51</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Educação, Afrânio Peixoto foi educador, escritor e médico e membro ativo da ABE entre 1933 e 1947. No campo da educação, atuou com mais ênfase como professor reformador e administrador. Também ocupou cargos voltados para a direção do ensino público, empenhou-se na formação de educadores primários, principalmente na Escola de Aplicação. Em 1932, Afrânio assumiu a cadeira de História da Educação, além de tornar-se o primeiro reitor da Universidade do Distrito Federal. As obras produzidas pelo professor envolvem livros didáticos, obras na área da Medicina Legal, Direito, Pedagogia, crítica literária, poesia e romance. Faleceu em 12 de janeiro de 1947. Para maiores informações, consultar também Ribeiro (1950).

<sup>52</sup> De acordo com os jornais *O Paiz* (1901, 1908, 1909, 1929), *A Imprensa* (1908, 1911), *Gazeta de Notícias* (1920), *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1926, 1927) e *Jornal do Commercio* (1890, 1898, 1930), Luiz Cirne Lima foi advogado atuante como delegado do 5º distrito policial entre 1890 e 1898. Casado com Maria de Lourdes Costa Ferreira desde março de 1892, tornou-se inspetor escolar do Distrito Federal pelo Decreto n. 62, de 22 de novembro de 1897, atuando entre os anos de 1898 e 1929 em diferentes distritos escolares; em 1909 foi nomeado por ato do Diretor Geral da Instrução Pública como membro do Conselho Superior de Instrução, porém continuou exercendo o cargo de inspetor. Cirne Lima faleceu em 15 de maio de 1930.

<sup>53</sup> Secundino Ribeiro Junior foi filho de Secundino Ribeiro, capitão major do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Secundino Junior formou-se pelo *Collegio Paula Freitas*, equiparado ao *Gymnasio Nacional* em 1900; formou-se em direito no ano de 1912 pela *Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociaes* do Rio de Janeiro. No mesmo ano tentou concurso para o cargo de 4º oficial da secretaria da marinha, porém não foram encontradas informações acerca de sua aprovação. A partir de 1922, identificam-se referências nos jornais *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1922, 1927, 1931) e *A manhã* (1942) do advogado como inspetor escolar dos distritos do Rio de Janeiro. De acordo com o mesmo jornal, em 1934 Secundino Ribeiro, já com o cargo Superintendente de Ensino Particular da 9ª Circunscrição, torna-se vice-presidente da *União Geral dos Funcionário Civis do Brasil*.

<sup>54</sup> Conforme os jornais *O Paiz* (1909), *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1915, 1929, 1930, 1934), *Gazeta de Notícias* (1937) e *Para Todos* (1931), José Chermont de Brito foi estudante da Faculdade Livre de Direito, formando-se em 1909; ocupou o cargo de oficial de gabinete da Secretaria do Estado do Rio de Janeiro, provavelmente entre o período de 1910 e 1928. Entre 1929 e 1937 ocupa o cargo de inspetor escolar da mesma cidade e entre 1934 e 1937 torna-se Superintendente de Ensino Particular da 11ª Circunscrição.

<sup>55</sup> De acordo com as informações encontradas nos jornais *Tico-Tico* (1919, 1925); *Gazeta De Notícias* (1917, 1918, 1919); *O Combate* (1921); *Cinearte* (1929); *A.B.C. : Política, Actualidades, Questões Sociaes, Lettras e Artes* (1923); *A Cruz : Orgão da Parochia de S. João Baptista* (1934); *Movimento : Revista de Critica e Informação* (1929); *Vida doméstica* (1948); Paulo Maranhão foi professor, inspetor escolar do Rio de Janeiro entre os anos 1916 e 1933; porém exerceu conjuntamente a função de secretário de gabinete do prefeito Dr. Amaro Cavalcanti, até pedir exoneração desse cargo no mês de março de 1918. No ano de 1934 torna-se Superintendente da 1º circunscrição do ensino primário; e em 1948 ocupa o cargo de Diretor do Departamento de Educação Primária. No que concerne às suas publicações, foi possível identificar o livro *Escola experimental* (1929), sobre testes pedagógicos e psicológicos para as escolas.



Senna<sup>56</sup>, Velho da Silva<sup>57</sup>, João Baptista da Silva Pereira<sup>58</sup>, Francisco Vianna, Arthur Magioli<sup>59</sup>, Cesario Alvim<sup>60</sup>, Diniz Junior<sup>61</sup>, Raul Faria<sup>62</sup> e Esther Pedreira de Mello. Esses membros modificavam as suas funções dentro da sociedade a cada dois anos, sendo elas: diretor-presidente, diretor secretário, diretor-gerente, diretor tesoureiro, redatores, conselho fiscal e suplente.

Todos os integrantes da Associação foram inspetores do Distrito Federal durante a existência do periódico que inicia as suas atividades no ano de 1916 até o ano de 1939. Vianna conviveu com esses profissionais que participavam de forma ativa em diversas publicações do periódico com a finalidade de mostrar o que tem sido discutido sobre a educação, além de

---

<sup>56</sup> Até o momento da escrita do relatório de qualificação, não foram encontradas muitas informações sobre José Senna. Porém, de acordo com o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1913, 1916) e *Jornal do Brasil* (1911), Capitão José Senna atuou na Administração judiciária do 3º distrito do Distrito Federal e ministrava aulas de Pintura e Desenho na *Escola Preparatória de Ciências, Artes e Profissões, Orsina da Fonseca*.

<sup>57</sup> De acordo com a *Gazeta de Notícias* (1922), Antonio Carlos Velho da Silva foi diplomado pela Escola Normal, tornou-se professor adjunto municipal em 1889, sendo promovido a catedrático em 1904. Conforme as informações do *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1908, 1913, 1916, 1922), o professor ocupou o cargo de inspetor municipal entre 1908 e 1922, até a data de sua morte, em 20 de fevereiro de 1922. De acordo com o jornal *Gazeta de Notícias* (1922), Velho da Silva foi casado com D. Dalila Velho da Silva, catedrática jubilada.

<sup>58</sup> Como apontam os jornais *O Paiz* (1884), *A imprensa* (1899, 1912), *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1903, 1908, 1904, 1905, 1906, 1907, 1909, 1913, 1914, 1915, 1916, 1924, 1926), *A noite* (1926) e *A Escola Primária* (1922); o Bacharel João Baptista da Silva Pereira ocupou o cargo de inspetor escolar entre os anos de 1899 e 1926, foi membro do Conselho Superior de Instrução Pública entre 1903 e 1907 e ocupou a direção da revista *A Escola Primária*, juntamente com Raul Faria e Ignacio M; Azevedo do Amaral. O inspetor faleceu em 6 de setembro de 1926.

<sup>59</sup> Conforme os jornais *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1899, 1913, 1914, 1915, 1931), *A notícia* (1899, 1902), *Jornal do Brasil* (1930, 1934, 1935), *Gazeta de Notícias* (1938); Arthur de Oliveira Magioli foi médico e inspetor interino na Ilha do Governador do Distrito Federal até tornar-se efetivo no cargo no mesmo ano. Entre os anos 1913 e 1934 foi inspetor da cidade, perpassando sobre diferentes distritos. Em 1934 torna-se Superintendente do Ensino Particular e em 1936 Diretor do Departamento de Educação, mantendo também o cargo anterior. A partir de 1938, o professor torna-se impedido de exercer o cargo por problemas de saúde.

<sup>60</sup> Conforme informações coletadas dos jornais *O Paiz* (1911), *A Imprensa* (1913), *A Epoca* (1915, 1916), *A Razão* (1919), *A Cruz : Orgão da Parochia de S. João Baptista* (1928, 1932), *Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial* (1934), *Jornal do Brasil* (1931, 1935, 1936) e *Correio da Manhã* (1940, 1945) Alfredo Cesário de Faria Alvim foi bacharel e ocupou o cargo de escriturário da Caixa de Conversão provavelmente até 1917, quando tornou-se inspetor de ensino entre 1917 e 1934. Foi possível identificar que, em 1919 ficou responsável por dois distritos, um sob sua incumbência e outro ocupando o lugar de Chermont de Brito. No ano de 1934, ocupa o cargo de Superintendente de Educação Elementar e entre os anos de 1936 a 1940 atua como presidente da revista *A Escola Primária*. Cesário Alvim foi integrante da *Associação de Professores Católicos*, da *Congregação Marianna da Lagoa* e da *Liga da Defesa Nacional*. O professor faleceu em abril de 1940, e em 1945 o seu nome foi usado em uma escola localizada Campo Grande.

<sup>61</sup> De acordo com os jornais *A Notícia* (1914), *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (1924, 1925, 1926, 1929, 1931, 1934) Dr. Leopoldo Diniz Junior foi Secretário da Sociedade Mutua Dotal em 1914; há informações sobre a sua atuação como inspetor escolar entre 1924 e 1934, quando se tornou Superintendente de Educação Elementar.

<sup>62</sup> De acordo com os jornais *Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial* (1916, 1922, 1924, 1926, 1930, 1931, 1934), *Beira-Mar: Copacabana, Ipamema, Leme* (1934) e *Correio da manhã* (1944), Dr. Raul de Faria foi deputado federal de Minas Gerais, tornou-se inspetor em 1916 ocupando o cargo até 1930, quando foi convidado a exercer a função de Diretor da Inspeção Geral da Instrução Pública entre os anos de 1930 e 1931, retornando posteriormente ao seu cargo de inspetor. Em 1934 tornou-se Superintendente de Educação Elementar exercendo o cargo, provavelmente até o ano de seu falecimento, em agosto de 1944.

promoverem as suas obras por meio de artigos voltados para a sistematização de um determinado método ou conteúdo a ser aplicado na sala de aula.

Dentre as publicações da revista, Francisco Vianna produziu as seguintes: “Fins da educação. Caracter e objectivo da instrucção primaria. Organização e ensino do 1.º anno”, “A questão do analfabetismo”, “Classes e promoções no magistério municipal” e “Diários de Classe”. Os dois primeiros artigos têm por objetivo discursar sobre o que se passa sobre o “sistema educacional” do país e possíveis mudanças a serem feitas para a sua melhoria. Já os dois últimos destacam-se por falar de forma mais direta com o professor e com a equipe escolar no que tange aos seus direitos e deveres e a forma de lidar com a burocracia escolar atrelada à prática docente.

O artigo “Fins da educação. Caracter e objectivo da instrucção primaria. Organização e ensino do 1.º anno” também foi resultado de uma palestra realizada no dia 29 de agosto de 1918, na Biblioteca Nacional. A revista publicou o conteúdo no dia 15 de outubro de 1918 de forma parcial com a seguinte justificativa:

[...] com um numero muito limitado de paginas e dividida em secções que não podem ser sacrificadas, não permite a publicação de longos trabalhos, mesmo de inquestionavel utilidade como aquelles a que nos referimos. O nosso distincto collega Mendes Vianna, sempre gentil e ponderado obriga-nos a abrir precedente com a sua conferencia, a terceira serie de 1918, cortando propositalmente no original e ainda permitindo e exigindo maiores sacrificios, de accordo com as necessidades de paginação. (VIANNA, 1918, p. 6)

O trabalho inicia-se com a discussão sobre a organização do 1º ano da escola primária implementado por Miss Browne<sup>63</sup> na cidade de São Paulo. O autor comenta sobre a sistematização do tempo e dos espaços destinados a esse tipo de turma, que se baseia na alternância de “(...) certas disciplinas para tres turmas, com cerca de 15 alumnos cada uma, estabelecidas segundo o adeantamento na leitura. Não haverá lições por aluno, porém para a turma.” (VIANNA, 1918, p. 6)

Outra questão posta pelo autor foi a importância do espaço destinado a essa fase, que necessita ser diferenciado das demais séries, com a presença de quadros negros amplos, espaço suficiente para que as crianças possam fazer as atividades nela; “(...) que a distribuição de material deve ser tornada tão automatica quanto possivel, para não determinar perda de tempo

---

<sup>63</sup> De acordo com Tanuri (1979, p.85), a professora Márcia P. Browne foi professora-diretora da seção masculina da Escola Normal Caetano de Campos, sob indicação do diretor da Escola Americana Horácio Lane. Miss Browne atuou anteriormente como professora na Escola Americana. Para Mortatti (2002, p. 80), “Miss Browne era apresentada como professora solteira e rica que ensinava “por prazer e vocação” e que havia dirigido uma escola normal em S. Luiz (Massachusetts) e uma *high-school* em Malden, perto de Boston, além de ter auxiliado Caetano de Campos na reforma da instrução”.

para o docente" (p.6), que esses materiais sejam blocos de folhas ou cadernos, em detrimento das lousas individuais, que devem ser suprimidas.

Sobre a distribuição do tempo, Francisco Vianna defendeu a organização da classe em turmas de trabalho. Por exemplo, uma sala de aula seria dividida em turmas A, B e C para a realização de atividades, enquanto a turma A estivesse fazendo lições no quadro negro, a turma B ficaria com as atividades de cópia do livro ou caligrafia e a turma C se ocuparia com as cartas aritméticas de Parker. Cada grupo teria 25 minutos para realizá-las para que um rodízio entre as mesmas ocorresse. Dessa forma, o grupo A mudaria para a cópia do caderno e assim por diante até completar o período de 1h e 15 min de atividades em comum:

Assim ha semanalmente duas de explicação de arithmetica, duas de calligraphia, duas de linguagem escripta e uma de oral e duas de desenho. Nestas aulas o mestre ensina, explica, applica as regras (sem exigir enunciados), dá a maneira de resolver os problemas, raciocinando com os alunos, as operações, a construcção das taboadas, a numeração, o traçado das letras, a observação e as indicações para o desenho, as regras para a escripta, etc., etc. (VIANNA, 1918, p.7)

De acordo com Francisco Vianna, as vantagens sobre essa organização residia em duas melhorias: exigir da criança maior produtividade nas atividades e tornar para o mestre um trabalho menos penoso; todavia, a mudança só iria ocorrer se o mestre acreditasse na possibilidade da distribuição em grupos, logo, "o professor não crê que as turmas aprendam a ficar sobre si proprias de fôrma proveitosa" (VIANNA, 1918, p.7).

Assim, o autor teceu considerações sobre o trabalho com cada disciplina, definindo-as de acordo com os seus objetivos principais. Para o ensino de leitura, o autor a definiu como "habilitar a compreender os sentimentos ou pensamentos de outrem, apresentados sob a forma graphica" (p.7), defendendo que o ensino da leitura exige duas operações diferentes: a primeira envolve a tradução fônica dos signos e dos sons e a segunda envolve a assimilação do sentimento ou pensamento expresso por quem escreveu o texto, "é claro que a primeira operação é puramente intermediaria, preparatoria, e que só a segunda constitue o verdaeiro objectivo da leitura" (p.7).

O artigo "A questão do analfabetismo" teve a sua divulgação na revista carioca em 1 março de 1924 com o objetivo de discorrer acerca da alta taxa de analfabetismo da população brasileira. O autor teceu críticas ao imenso número de adultos e crianças que vivem sem as noções mais rudimentares da instrução e justifica a presença desse índice a por meio de sete problemáticas: a expansão da instrução pública; a falta de controle da população sobre o extenso território brasileiro; a possibilidade de autossustentação da população por conta da facilidade do clima brasileiro; a forte influência do trabalho escravo e como a manutenção do mesmo perpetuou uma população ignorante; a ausência de esforços do governo imperial pela

disseminação do ensino; a falta de comunicação entre a população geograficamente dispersa; e por fim, a economia predominantemente agrícola que menos exige instrução para o seu funcionamento.

A solução do autor para esse problema incidiu sobre a delimitação da obrigatoriedade para crianças entre 7 e 14 anos, com escolas para 100 crianças por cada região brasileira afastada, satisfazendo, assim, as necessidades locais; "(...) Enquanto umas frequentam as aulas, outras esperam a sua vez. Concluindo o aprendizado de uma turma, outra porção vem substituir a que já deixou os bancos escolares" (VIANNA, 1924, p.37). Para justificar a sua teoria, Francisco Vianna recorreu à estatística educacional americana onde, em 1922, da totalidade da população infantil 88% frequentava as escolas públicas e particulares, mostrando a impossibilidade do Governo brasileiro em oferecer escolas para toda a população infantil. Dessa forma, o autor conclui as suas ideias:

Cumpre-nos, pois, pedir a todos os Governos do Estados e ao proprio Governo Federal, que se decidam por encarar com o maximo interesse a nossa situação, sem desfalecimento nem pessimismo, mantendo escolas para a metade de sua população infantil de 7 a 14 anos, distribuidas com criterto pelos diferentes pontos de seu territorio e com uma fiscalisação que garanta o mais regular funcionamento, para mais seguro exito. (VIANNA, 1924, p. 38)

O trabalho intitulado "Classes e promoções no magistério municipal" foi um artigo escrito pelo autor em 12 de junho de 1924, publicado na revista no dia 1 de julho do mesmo ano. O artigo descreve a importância da valorização do salário e promoção do magistério municipal a fim de não comprometer parte da eficiência do ensino, pois "(...) pessoal mal pago e sem esperança de melhorar seu estipendio, não pode ter, por viver frequentemente assoberbado com dificuldades de ordem material (...)" (VIANNA, 1924, p. 134).

No decorrer do escrito, Vianna discorreu sobre a importância de delimitar as escolas cariocas entre grupos escolares, escola primaria e escola rural. Outros pontos importantes considerados pelo autor foram: a entrada no magistério por demonstração de capacidade dos concorrentes; a melhoria de vencimentos entre os adjuntos, onde os "(...) que iniciariam a carreira iriam sendo anualmente aumentados de uma quantia fixa, até atingirem a um limite determinado, o que poderia dar-se, por exemplo, ao cabo de dez annos" (VIANNA, 1924, p. 154); a formação de uma classe própria para professores com vencimentos de 550\$000, quais "seriam escolhidos, dentre os ajdunctos que tivessem atingido ao limite maximo de vencimentos, por merecimento, mediante informações dos inspectores e professores (...)" (p.155); para os diretores dos grupos escolares, o piso salarial estaria a 650\$000; os inspetores escolares constituiriam uma classe com um número de cargos fixados por leis, "onde dois terços

seriam preenchidos pela promoção por merecimento dentre os diretores mais distintos e experientes” (p.155), o outro terço destinado a concurso entre professores.

O texto “Diários de Classe” foi uma publicação na mesma revista no dia 1 de abril de 1925, e discorreu sobre o processo de produção de diários contendo planejamento didático por parte dos professores e a anotação das alterações realizadas após a realização das aulas. O autor apresentou sua opinião contrária ao modelo de diário instituído por lei, quando nomeado a inspetor pelo Dr. Álvaro Baptista, Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro. Vianna também comentou sobre a sua designação por parte do Dr. Afrânio Peixoto, que também indicou outros inspetores (Drs. Fabio Luz e Silva Pereira), a fim de constituir uma comissão para o estudo dos diários, se deveriam ser suprimidos ou não.

Em conclusão, a comissão compreendeu que os diários de classe não correspondem ao fim que foram destinados e defendem o mesmo para uso das anotações após a prática em sala de aula e não para a organização prévia das atividades escolares, pois subordinam o mestre ao sacrifício no trabalho da assimilação do conteúdo pelas crianças:

No entanto, o registro da matéria já professada, em livro que permaneça na escola, quer para o próprio adjunto verificar a marcha de suas lições, quer para que o professor, o inspetor ou um substituto eventual ou definitivo se ponha, a par do desenvolvimento do ensino, tem vantagem incontestável (VIANNA, 1925, p.37)

Além dos seus textos, Vianna foi mencionado em outras palestras e em planos de ensino, como na seção *II – A Escola*, sobre a instrução de língua materna, da professora Julieta Martins Silva Arruda, publicada no mês de março de 1922; no plano escrito pela professora Amelia Rosa Ferreira, com publicação no mês de maio do mesmo ano; na conferência *Os dois ultimos annos de arithmetica, na escola primaria, segundo a Commissão dos Quinze*, publicada na revista no ano de 1918, a qual cita a obra de Vianna voltada para o ensino de aritmética; na publicação *Problemas de arithmetica na escola primaria: como ensinar a resovel-os?*, o professor Henrique de Souza Jardim cita a palestra sobre aritmética realizada por Vianna, porém com o comparecimento de poucos professores e, por fim, a matéria *Programmas das escolas primarias de letras* onde cita o decreto instituído por Afrânio Peixoto (Decreto nº 981 de 2 de setembro de 1914), convidando professores e inspetores a participarem da formulação de novos programas de ensino; dentre os inscritos foram escolhidos: Theophilo Moreira da Costa, da Escola Visconde de Cayrú, e Zelia Jacy de Oliveira Braune, da Escola Rodrigues Alves, e os inspetores Francisco Vianna, Esther Pedreira de Mello e João Baptista da Silva Pereira.

Ao apresentar as diversas publicações de Vianna durante o seu percurso profissional, observou-se que o mesmo mantinha uma comunicação com os educadores do Rio de Janeiro,

quando esses destinavam os seus discursos em uma mesma imprensa, abordando os seus ideais e concepções sobre o ensino.

No começo de sua carreira, Francisco Vianna possuía uma relação profissional forte com René Barreto, sendo que ambos publicavam artigos e poemas, dedicando a produção entre eles ou comentando criticamente sobre o assunto discutido por cada um. Constata-se também que o autor realiza publicações que tratam da temática de dentro da sala de aula, atreladas à sua área de atuação (biológicas e exatas), articulando suas concepções sobre o positivismo (e respectivas bibliografias) com as temáticas abordadas.

Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, Vianna passou a ter novos contatos profissionais, esses voltados mais para a área burocrática, ou seja, a inspeção da instrução pública. Conseqüentemente, o autor discursou sobre os assuntos mais pertinentes às reformas educacionais com conteúdo de cunho mais técnico do que prático. Todavia, observa-se que, no mesmo período a sua produção de obras didáticas aumentou, o que pode também ter refletido sobre a diminuição de publicações na revista carioca.

Os assuntos voltados para o universo infantil estão presentes em quase todos os seus escritos, o que forneceu indícios sobre o que Francisco Vianna compreende por criança e quais são as instituições e sujeitos que estão em contato com essa fase de idade, ou seja, a escola, o trabalho e a família, e qual é a concepção que o autor possui sobre cada uma delas. Assim, o próximo capítulo irá discorrer sobre essas temáticas em articulação com os seus escritos e obras didáticas publicadas. Para isso, o próximo item deste apresentará os livros publicados por Vianna durante a sua primeira e segunda fase de atuação profissional.

## **2.2 As obras didáticas de Francisco Vianna**

Além das publicações de artigos científicos e poemas, Francisco Vianna também foi autor de obras destinadas ao ensino primário e secundário, que foram escritas durante a sua formação acadêmica e percurso profissional. As obras identificadas sob autoria de Vianna, decorrentes da revisão bibliográfica – análise dos catálogos presentes tanto em suas obras quanto no periódico *A Escola Primária*, resenhas presentes em diferentes jornais cariocas e listas de compras de materiais escolares do município –, são as seguintes: *Elementos de Trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos* (1901); *Leitura preparatória, 1º, 2º, 3º livros de leitura* (1908); *Novo methodo de caligraphia vertical* (1909?); *Cartilha: Leituras Infantis* (1911?); *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/ cartilhas: leituras infantis* (1912); *Primeiros passos na leitura* (1915); *Quarto Livro de leituras infantis* (1919);

*Pequena Historia do Brazil* (1922); *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)* (1890?) e *Novos Cadernos de linguagem* (s.d).

Ao localizar e analisar as diferentes obras educacionais publicadas por Vianna, constatou-se que elas possuem algumas relações com as categorias de livros didáticos elaboradas por Batista et al (2002, p. 34) sobre os livros publicados no início do século XX em Minas Gerais e Pernambuco.

Como forma de definir a função dessas obras utilizadas nas escolas, os autores apontam que “esses livros podem ser distribuídos em dois grandes grupos, segundo sua função no trabalho pedagógico: o dos manuais e o dos paraescolares” (BATISTA et al, 2002, p. 34). De acordo com os mesmos, os manuais escolares são estruturados sob formas de unidades ou lições, para uso coletivo, ou seja, em sala de aula sob orientação de um professor ou de uso individual. Os livros paraescolares são de uso facultativo, de forma a aprofundar um conteúdo transmitido na escola. Essas obras raramente faziam apontamentos a quem eram destinadas, mostrando assim uma “indefinição da função atribuída a elas”. Considerando essas definições, tomo de empréstimo esta classificação, consciente de que ao classificar, muito provavelmente perca importantes características e especificidades. E modo geral, é possível compreender as obras de Vianna como manuais de ensino<sup>64</sup> pois não são utilizados de forma facultativa pelos alunos e são estruturadas por meio de lições ou unidades.

Uma categoria foi criada para a presente pesquisa, com a finalidade de incluir as obras destinadas aos professores, desta forma, a obra *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/ cartilhas: leituras infantis* (1912), que não se enquadra nos manuais ou paradidáticos, está compreendida em obras de “formação”.

Quanto ao tipo de material, foi possível identificar a presença de séries graduadas e livros isolados. Quanto às series graduadas:

Os primeiros se caracterizam como coleções de livros destinados às quatro séries do ensino elementar, podendo incluir um quinto, voltado para a alfabetização ou para uma outra série, de acordo com a organização do sistema de ensino. Apresentam, por essa razão, uma progressão tanto no interior dos livros quanto em suas relações com os demais livros da série, em geral baseada na extensão e na complexidade dos textos utilizados. (BATISTA et al, 2002, p. 35)

---

<sup>64</sup> Outra forma de categorização de manuais de ensino é apresentada por Chartier e Hébrard (1995), sob o título *Ler nos manuais de leitura: os três modelos da leitura primária de Jules Ferry a Paul Lapie*, que apresentam uma análise de manuais para o ensino primário publicados entre 1880 e 1960 na França. Desses materiais estudados, os autores elaboraram três categorias: “modelo enciclopédico das leituras instrutivas”, “modelo educativo da narrativa moralizante” e “modelo cultural das leituras literárias”; passando dessa forma respectivamente, de obras de caráter enciclopédico para livros com conteúdo moralizantes e desses para “trechos selecionados”. Porém, para o presente estudo optou-se pelas categorias de Batista et al (2002) como forma de análise das obras de Vianna, pois apresentam definições mais detalhadas dos tipos de obras comercializadas no Brasil durante o período.

No que concerne à série graduada, destacam-se as obras: *Cartilha (Leituras Infantis)*, *Primeiros Passos na Leitura*, *Leitura preparatória*, *Primeiro*, *Segundo*, *Terceiro e Quarto Livro de Leituras Infantis*, publicadas pela casa editora Francisco Alves.

Em relação aos livros isolados, “claramente apresentam suas funções escolares. Embora elementos do título e da organização permitam inferir uma destinação escolar, ela não é claramente explicitada por indicações de nível ou série.” (BATISTA et al, 2002, p. 35). Desses, podem fazer parte as obras: *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos*, *Pequena Historia do Brazil*; *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)* e *Novos Cadernos de linguagem*.

No que diz respeito ao gênero, Batista et al (2002) dividem as obras em quatro tipos: narrativa, compêndios, antologias e cadernos de atividades. As obras definidas por narrativas “desenvolvem-se com base em um esquema narrativo (apresentam sequências de acontecimentos)” (p. 36), destacam-se nessa perspectiva as obras *Cartilha (Leituras Infantis)*, *Primeiros Passos na Leitura*, *Leitura preparatória*, *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro Livro de Leituras Infantis* como textos narrativos.

As obras *Pequena Historia do Brazil* e *Quarto livro de Leituras Infantis* são consideradas como compêndios, além de *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos*, pois têm por característica “uma exposição didática de um conjunto de conteúdos, organizados de forma progressiva, tendo em vista áreas de conteúdo diferentes”.

No que concerne às antologias, Batista et al (2002) afirmam:

As antologias ou seletas caracterizam-se como coletâneas de textos, em geral curtos. Embora, na maior parte das vezes, esses textos sejam de diferentes autores, encontram-se exemplos de antologias com textos não assinados, levando à suposição de que tenham sido escritas pelos próprios autores do livro didático. (BATISTA et al, 2002, p. 37)

Dentre as obras de Vianna, nenhuma possui relação com as características de uma antologia, apesar de conter alguns textos indicados pelo autor como não autorais. Também não há obras do autor que possuam conjunto de exercícios e textos para o ensino da língua materna, delimitados como cadernos de atividades.

Outra categoria criada para a presente pesquisa intitulada “material de auxílio” foi elaborada com o intuito de delimitar as obras que não se enquadram aos demais tipos de divisão de Batista et al (2002). Compreende-se como materiais de auxílio aqueles que não possuem esquema narrativo, ou não possuem seletas de outros textos e exercícios fixados, mas são destinados para uso complementar no ensino da leitura. Dessa forma, as obras *Novo methodo*



*de caligraphia vertical* (1909?); *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)* (1890?) e *Novos Cadernos de linguagem* (s.d) foram incluídos nessa categoria.

Outra definição criada para a presente pesquisa foi “Orientação para o professor”, destinada a abarcar obras que são voltadas para o auxílio do professor no processo de ensino; assim, a obra *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/ cartilhas: leituras infantis* (1912) foi inserida nessa categoria.

Considerando a análise em tipos de didatização, Batista et al (2002, p.39) apresenta 5 categorias gerais: “a) modelo da leitura manuscrita; b) modelo instrutivo; c) modelo formativo; d) modelo retórico-literário; e, por último, e) modelo autônomo.” (p.39).

Os modelos de leitura manuscrita são estruturados por meio de seletas ou narrativas com diferentes tipos de caligrafia, utilizando textos que apresentam valores morais e cívicos, sendo esses dispostos em uma progressão que vai de letras mais fáceis para aquelas mais difíceis” (p. 39). Apesar da obra *Primeiros passos na Leitura* conter 7 lições com letra cursiva e de imprensa de um total de 62 historietas, com intervalo entre 5 e 6 com letra bastão para o surgimento destas, não possui características que possam defini-la como uma obra de leitura manuscrita.

Quanto ao modelo instrutivo, as obras *Pequena Historia do Brazil, Quarto livro de Leituras Infantis* e *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos* possuem relação com essa categoria, pois “(...) o conteúdo pedagógico do livro de leitura tende a se identificar a um conjunto de conteúdos instrutivos (de ciências, geografia, história, de “coisas”).

Em relação ao modelo formativo, que é caracterizado pela “busca de transmissão não de conteúdos instrutivos, mas, fundamentalmente, de valores” (p. 41), os quatro primeiros livros da série graduada possuem semelhança com categoria (*Cartilha - Leituras Infantis, Primeiros Passos na Leitura, Leitura preparatória, Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*). Essas obras são destinadas para o ensino da “leitura corrente”<sup>65</sup>, porém suas lições perpassam sobre temas que envolvem virtudes e valores morais. No terceiro capítulo desta pesquisa, intitulado *Um mundo de pura manifestação dos sentimentos”: a infância representada nas obras de Francisco Vianna* será tratada a discussão sobre os conteúdos morais para a infância nos manuais do autor.

O modelo retórico-literário é definido por uma organização “em torno de uma seleção textual voltada para a formação do gosto literário e a apresentação de modelos para redação.”

---

<sup>65</sup> O termo *leitura corrente*, utilizado por Vianna em suas obras, é destinado ao treino da leitura.

(p. 41). Já o último modelo apresentado pelos autores é intitulado de modelo autônomo, muito presente no final da primeira metade do século XX:

Essa obra, que trouxe como principal inovação, além da apresentação gráfica cuidadosa, o planejamento do conteúdo e a especificação dos objetivos de ensino por série, marca o surgimento de novos padrões que terminaram por influenciar o conjunto da produção posterior. Os livros trazem exercícios de compreensão de textos, incluindo o estudo do vocabulário, explicações gramaticais, explicitando, em suas diferentes seções, a preocupação com a organização e a sistematização do trabalho didático. (BATISTA et al, 2002, p. 42)

Além da especificação dos objetivos, nos livros dessa categoria também são considerados os ensinamentos de diferentes habilidades. Dessas duas últimas categorias, nenhuma das obras de Vianna possui semelhança.

Sendo assim, observa-se uma variedade de categorias para definir as obras didáticas produzidas entre o final do século XIX e início do XX. Abaixo, de forma sistematizada, encontram-se as obras didáticas de Francisco Vianna definidas por meio das categorias criadas por Batista et al (2002), porém adaptadas às necessidades das obras do autor:

Quadro 4 - Categorização das obras publicadas por Francisco Vianna (1890? - 1922)

(continua)

Obra	Funções			Tipo		Gênero						Didaticidade				
	Manual	Paradidático	Formação	Série	Isolado	Narrativa	Compêndio	Antologia	Cad. de ativ.	Mat. De auxílio	Orientação para o professor	A	B	C	D	E
<i>Novo methodo de calligrafia americana (inclinada) (1890?)</i>	*									*						
<i>Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos (1901)</i>	*				*		*						*			
<i>Leitura preparatória (1908)</i>	*			*		*								*		
<i>Primeiro Livro de Leituras Infantis (1908)</i>	*			*		*								*		
<i>Segundo Livro de Leituras Infantis (1908)</i>	*			*		*								*		
<i>Terceiro Livro de Leituras Infantis (1908)</i>	*			*		*								*		
<i>Novo methodo de caligraphia vertical (1909?)</i>	*				*					*						
<i>Cartilha: Leituras Infantis (1911?)</i>	*			*		*								*		

Quadro 4 - Categorização das obras publicadas por Francisco Vianna (1890? -1922)

Obra	Funções			Tipo		Gênero					(conclusão) Didaticidade					
	Manual	Paradidático	Formação	Série	Isolado	Narrativa	Compêndio	Antologia	Cad. de ativ.	Mat. De auxílio	Orientação para o professor	A	B	C	D	E
<i>Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/ cartilhas: leituras infantis</i> (1912)			*								*					
<i>Primeiros passos na leitura</i> (1915)	*			*		*								*		
<i>Quarto Livro de leituras infantis</i> (1919)	*			*			*			*			*			
<i>Pequena Historia do Brazil</i> (1922)	*				*		*						*			
<i>Novos Cadernos de linguagem</i> (s.d)	*									*						

Dados coletados por meio da revisão bibliográfica de obras didáticas publicadas por Francisco Furtado Mendes Vianna. O quadro foi elaborado a partir das categorias presentes em *Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)*, de Batista, Galvão e Klinke (2002); algumas categorias foram elaboradas com a finalidade de enquadrar as outras obras do autor.

Dentre as obras categorizadas, *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/ cartilhas: leituras infantis* (1912) é a única considerada material de formação, pois trata-se de orientações ao professor quanto o método para o ensino da leitura. De acordo com o autor, a primeira edição foi publicada no ano de 1912, mas também circulou de outras formas, como no relatório anual de 1923 para o Diretor Geral de Ensino e que foi impresso em folheto, e em 1924 foi distribuído para todas as escolas municipais.

Em formato de folheto, o texto de Vianna tece considerações mais extensas das que foram apresentadas na obra *Cartilha*:

O folheto intitulado *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura* [1912], de Francisco Vianna é veiculado como complemento às indicações aos professores contidas no prefácio de *Cartilhas: leituras infantis*. Nesse folheto esse autor "tematiza" a proposta de aplicação do método analítico "concretizada" nessa cartilha e em *Primeiros passos na leitura*. Esse folheto, de distribuição gratuita, era adquirido junto com os editores da Série "Leituras Infantis" (ORIANI, 2010, p. 148)

A terceira edição localizada por Oriani (2010) é organizada em duas seções, a primeira intitulada "Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura. Complemento das indicações 'Aos Professores' da Cartilha de Francisco Vianna", apresenta os principais fundamentos teóricos para a elaboração da cartilha da série; a segunda parte, intitulada "Aos Snrs. leitores que não possuam a 'Cartilha'", tem o passo a passo do modo de alfabetização; mesmas orientações presentes no prefácio da Cartilha, além das três primeiras lições da obra (ORIANI, 2010).

Quanto aos livros que se aproximam do modelo formativo, estão inclusos: *Cartilha - Leituras Infantis, Primeiros Passos na Leitura, Leitura preparatória, Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*.

A *Cartilha* teve a sua primeira publicação no ano de 1910 pela editora Francisco Alves (MORTATTI, 200). Destinada ao ensino da leitura pelo método analítico, a obra teve cerca de "54 edições publicadas em 33 anos, considerando que a 48ª. é publicada em 1945 e a 54ª. em 1949, isso significa que praticamente 40 anos após a publicação da 1ª. edição da cartilha, foram publicadas seis edições, no intervalo de quatro anos" (ORIANI, 2010).

Figura 13 - Capa e contracapa da obra “Cartilha: Leituras Infantis”



Capa e contracapa da *Cartilha: Leituras Infantis*, 29ª edição publicada em 1931  
 Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP

De acordo com a 29ª edição publicada no ano de 1931, a obra é constituída por 72 páginas e organizada em: folha de rosto (com as informações das outros livros do autor); um curto aviso “Aos paes” e um prefácio destinado “Aos professores” (VIANNA, 1931, p. III); atividades de nexos lógicos, historietas; “Alfabeto” (p.67) e uma duplicata das lições localizadas entre a página 3 e 13 para auxiliar o professor no ensino da leitura.

Quanto ao conteúdo a divisão foi feita a partir de treze atividades de nexos lógicos, vinte e seis historietas com algumas delas contendo pequenas rimas morais no final dessas, além de dois poemas integrais; do total de quarenta e uma lições, quatro estão envolvidas em duas tramas, ou seja, são continuação. Cada título ocupa duas páginas de texto, exceto as de nexos lógicos que variam entre cinco e oito linhas. Do total de quarenta e uma lições, vinte e três contém frases do texto em letra cursiva e três são acompanhadas por um “glossário” com imagens das palavras presentes na história.

A primeira edição da obra *Primeiros passos na leitura* foi publicada ano de 1915, pela editora Francisco Alves e com um total de quarenta e quatro edições em um período de quarenta e três anos (ORIANI, 2010).

Também destinado ao ensino de leitura, o livro possui praticamente as mesmas gravuras, historietas e poemas da *Cartilha*, porém a diferença entre as obras reside no método de ensino, pois o autor aponta em todas as folhas de rosto de seus livros que: “a cartilha que só difere da anterior por haver em cada lição uma parte nova que permite ainda não convencidos das vantagens da sentençação” (VIANNA, 1940, p. II).

Figura 14 - Capa e contracapa do livro “Primeiros passos na leitura”



Capa e contracapa da obra *Primeiros Passos na leitura*, 43ª edição, 1949.

Fonte: AHECC/CRE MARIO COVAS/EFAP/SEE-SP.

O ensino da leitura por meio de sentençação se difere da silabação porque o primeiro está inserido no método analítico que envolve o ensino da leitura “todo para as partes” (das histórias, frases e palavras com sentido de decompor o aprendizado até as letras), contrário ao segundo tipo que se insere no método sintético que abarca o “ensino das partes para o todo” (por meio do alfabeto e das sílabas).

Em um processo de modificações no ensino, o método analítico foi instituído em 1890 pela Reforma da Instrução Pública de São Paulo e levava em consideração o desenvolvimento “biopsicofisiológico da criança” (MORTATTI, 2006 p. 7) partindo de situações do entendimento da criança para temas mais complexos, sendo de responsabilidade do professor

“estimular e dirigir a observação sempre alerta da criança, tornando-a exacta, tanto quanto possível, e encaminhando espontaneamente o seu espírito, do concreto para o abstracto (...)” (SÃO PAULO, 1907, p. 386).

O "espírito da reforma" veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positiva, essas aspirações convergiam para a busca de cientificidade - e não mais o empirismo - na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura (MORTATTI, 1999, p.125)

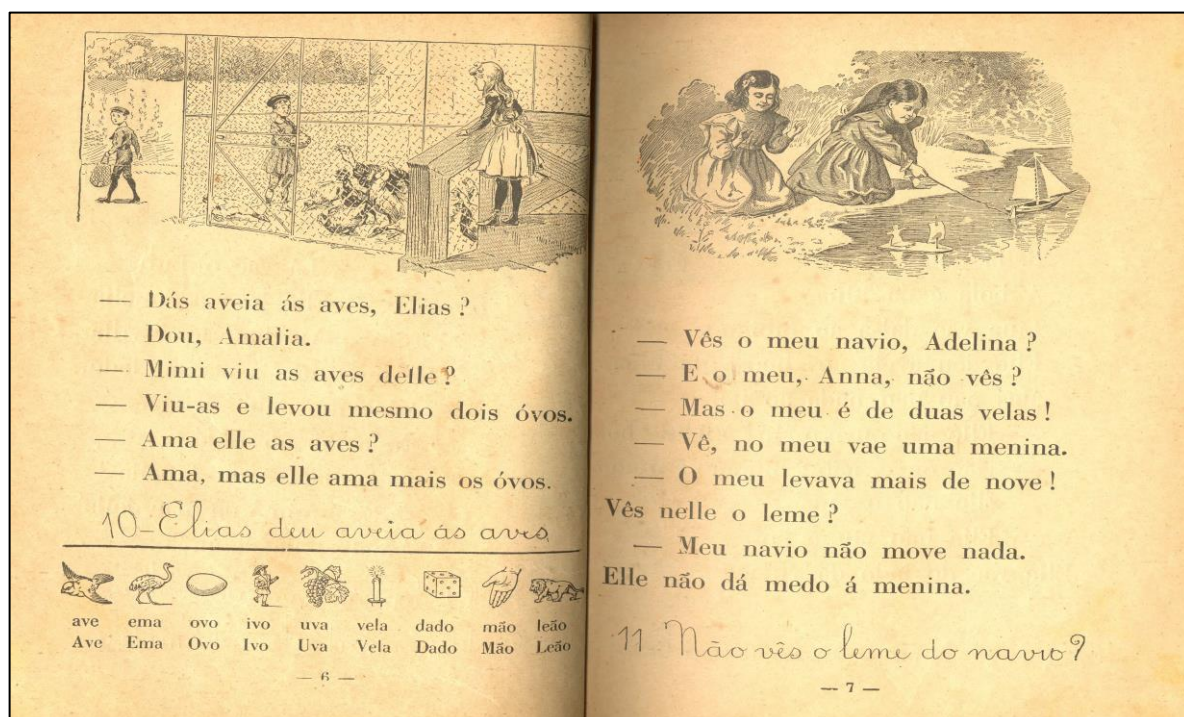
De acordo com Mortatti (1999), somente a partir de 1900 foram publicadas cartilhas estruturadas pelo o método analítico, instituído por lei em vários estados do país. Dessa forma, o critério de escolha tanto das cartilhas quanto dos livros de leitura estava pautado nesse método. Segundo a autora, a partir de 1920 essa obrigatoriedade foi extinta; o motivo reside na saída de Oscar Thompson “(...) da instrução pública e é implantada a Reforma Sampaio Dória (Lei n. 1750, de 1920), que, dentre outros importantes aspectos, garantia autonomia didática aos professores” (MORTATTI, 2002, p. 84).

Observa-se, portanto, que Francisco Vianna optou por produzir duas cartilhas por métodos diferenciados a fim de atender professores que ainda optavam pelo antigo método (sintético), mas também seguiu as exigências da Reforma publicando também uma cartilha pelo método analítico para que as suas obras fossem aprovadas e adotadas nas escolas públicas, ou seja, publicou a *Cartilha*, que é estruturada para o ensino da leitura pela sentençação, e *Primeiros Passos*, pela silabação.

Abaixo é possível compreender as diferenças entre as obras: a primeira figura apresenta as primeiras páginas da *Cartilha*, que segue pelo método analítico, contendo o poema e a sentençação a ser utilizada pelo professor para o ensino da leitura e um glossário ilustrado com as palavras presentes no poema:



Figura 15 - Páginas da obra “Cartilha: Leituras Infantis” pelo método sentençação



Página 6 e 7 do livro *Cartilha: Leituras Infantis*, 29ª edição publicada em 1931

Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP

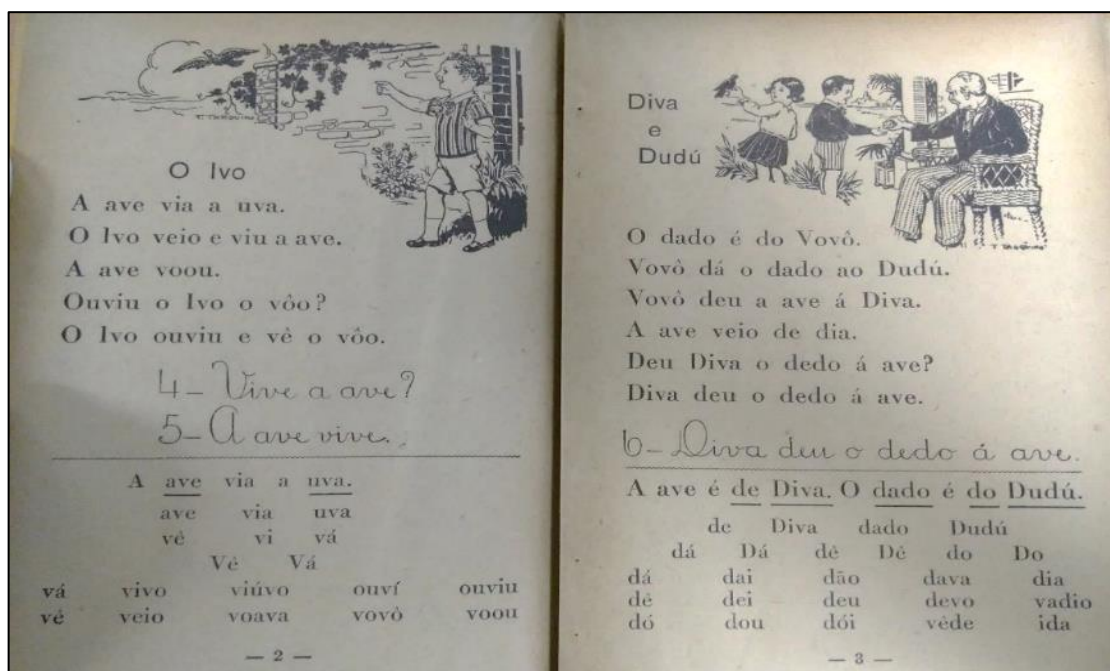
Nota-se que as páginas da *Cartilha* possuem características do método analítico por meio da sentençação. A figura contém duas páginas da obra, sendo que cada uma possui uma lição diferente, ou seja, uma trama e aprendizagem diferenciados. A primeira página possui uma história utilizando os personagens Elias e Amália em o diálogo entre eles sobre a alimentação das aves. Abaixo do poema há uma sentença de número dez, “Elias deu aveia as aves”, sendo essa sentença a ser trabalhada pelo professor para o ensino da leitura juntamente com o glossário ilustrado.

Já na segunda página a sentença está em forma de questionamento, “Não vês o leme do navio?”, o que pode indica uma comunicação do leitor com a lição, proporcionando uma interação da criança com o material e demonstrando certa “autonomia” por parte da criança com o próprio texto, logo que a própria deveria responder. A mesma pergunta leva o leitor/criança a observar a imagem para responder tal questionamento, demonstrando que imagens e demais gravuras presentes nessa e em outras páginas e outros livros do autor estão além da mera ilustração, sendo também parte constitutiva do texto escrito.

A figura abaixo exhibe o poema da cartilha que segue o método sintético. As páginas indicam que a estruturação é diferenciada, com o texto acompanhado da sentençação e o

acréscimo da decomposição da lição por meio da silabação; a terceira imagem trata-se de um excerto do artigo *Phonação*, escrito pela professora Celeste Travassos, que cita a cartilha (*Primeiros Passos*), pelo método de silabação do Francisco Vianna:

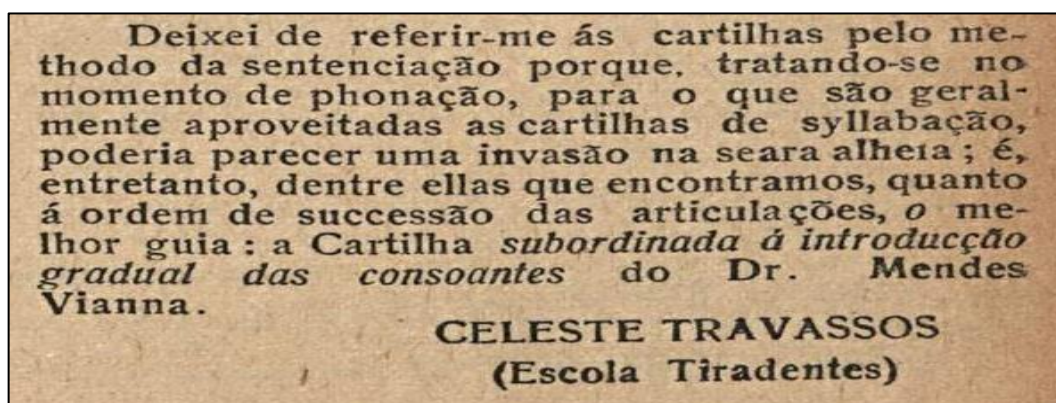
Figura 16 - Página da obra “Primeiros Passos na leitura” pelo método de silabação



Páginas 2 e 3 do livro *Primeiros Passos na leitura*, 36ª edição, 1940.

Fonte: AHECC/CRE MARIO COVAS/EFAP/SEE-SP.

Figura 17 - Excerto do artigo “Phonação” sobre a obra “Primeiros Passos na leitura”



Artigo intitulado *Phonação*, autoria de Celeste Travassos. Revista *A Escola Primaria* (1921)

Fonte: Acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* - BND.

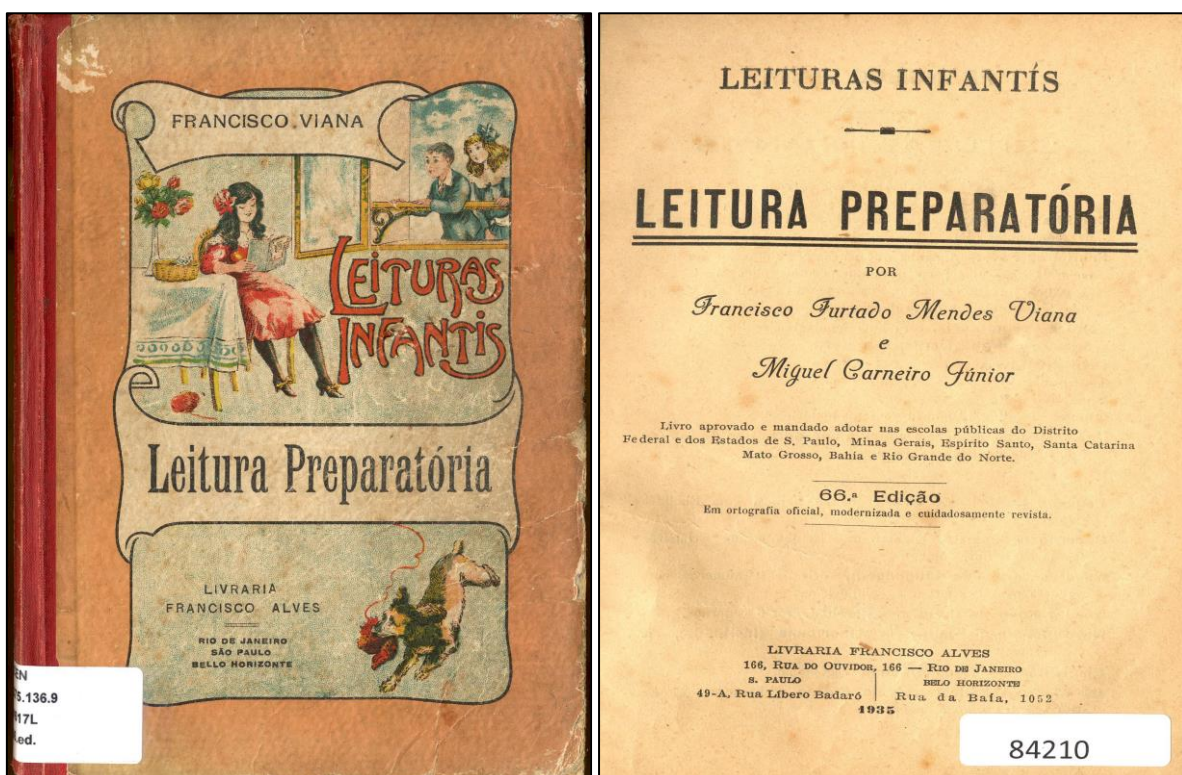
No que concerne às lições, estão distribuídas em quarenta e uma, contendo: treze atividades de nexos lógicos, vinte e quatro historietas com pequenos poemas no fim da trama e



cinco poemas integrais. Não há mudança de historietas entre as obras, somente acréscimo de título nas atividades de nexos lógicos e de dois poemas anteriormente não intitulados: “O pião” e “As bonecas”.

Outra obra publicada por Francisco Vianna, intitulada *Leitura Preparatória*, teve a sua primeira publicação no ano de 1908. A citada obra foi escrita em coautoria com o professor Miguel Carneiro Junior, também professor da Escola “Prudente de Moraes”. Publicado pela Editora Francisco Alves<sup>66</sup>, no mesmo ano do *Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*, a obra segue o modelo destas ao dispor historietas e poemas em todas as suas lições.

Figura 18 - Capa e contracapa da obra “Leitura Preparatória”



Páginas 96 e 98 da 66ª edição da obra *Leitura Preparatória*, publicada em 1935

Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP

Dessa forma, os conteúdos para as crianças estão distribuídos em sessenta lições, sendo cinquenta e cinco historietas e cinco poemas, com duas páginas por título e uma média de duas

<sup>66</sup> De acordo com Razzini (2014), a Livraria Clássica de Alves & Companhia, posteriormente denominada de Livraria Francisco Alves, foi fundada em 1854 pelo Português Nicolau Alves, no Rio de Janeiro. Sempre voltada para produções educacionais, tornou-se mais ativa no ensino primário após o seu sobrinho, Francisco Alves de Oliveira, ter assumido o comando da casa editora. Para Abreu (2010, p. 112), a grande expansão da casa editora deu-se entre o período de 1894 e 1917, quando foi inaugurada uma filial na cidade de São Paulo, “dos 264 títulos didáticos lançados nesse período, 72 obras eram de autores que atuavam no ensino público de São Paulo. Entre estes, destacam-se 44 livros de leitura (...)”

a três gravuras por lição, com um total de cento e quarenta, sendo que nenhuma é colorida. Algumas historietas estão escritas em tipografia diferenciada, de modo que o aluno possa distinguir a letra de imprensa da cursiva. Abaixo as páginas do livro a fim de apresentar as informações citadas anteriormente:

Figura 19 - Páginas do Livro “Leitura Preparatória”



Páginas 96 e 98 da 66ª edição da obra *Leitura Preparatória*, publicada em 1935

Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP

Os autores deixaram uma observação referente às alterações realizadas na obra a partir da 61ª edição, no que concerne a modificações em algumas historietas, poemas e gravuras. Sobre as gravuras, algumas foram totalmente modificadas ou substituídas por uma versão mais nítida. Nas historietas, algumas foram suprimidas e outras acrescentadas. Dessa maneira, para compreender mudanças realizadas entre as obras seria necessário encontrar edições anteriores para fazer um trabalho comparativo. No entanto, em relação às edições posteriores, Oriani (2010) identificou mudanças entre as edições 69ª e 97ª edições: as alterações de doze títulos, exclusão de oito e a inclusão de seis, porém essas mudanças foram realizadas pelos filhos de Francisco Vianna – Paulo Mendes Vianna e Euclides Mendes Vianna – após o seu falecimento.

O *Primeiro Livro de Leituras Infantis* foi publicado por Vianna em 1908, pela Livraria Francisco Alves no mesmo ano de *Leitura Preparatória*, *Segundo Livro* e *Terceiro Livro*. O *Primeiro Livro* foi destinado ao ensino de leitura nos primeiros anos do ensino primário para ser utilizada após o uso da *Cartilha* e da *Leitura Preparatória*.



Figura 20 - Capa e contracapa da obra “Primeiro Livro de Leituras Infantis”



Páginas 11 e 14 da 9ª edição da obra *Primeiro Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

No que concerne ao conteúdo destinado ao ensino da “leitura corrente”, foi possível localizar a 9ª edição de 1911, que possui um total de sessenta e uma lições, sendo: oito poemas, três estão escritas com uma tipografia diferenciada, uma mistura dois tipos textuais (carta e conto) e desse total de lições, dezesseis são continuações de uma mesma trama, com uma média de dois a três contos por história. Todas as lições contêm, em média, duas páginas.

O livro diferencia-se da obra anteriormente citada porque contém uma variedade de imagens para ilustrar as lições, apesar de essas terem menor relação com o texto e não terem uma sequência acompanhando a trama. Enquanto *Leitura Preparatória* contém somente gravuras, o *Primeiro Livro* é constituído por vinte e quatro fotografias, quarenta e cinco gravuras e vinte e dois filetes<sup>67</sup> localizados no início ou no final das histórias e poemas, diagramados de forma vertical ou horizontal. Outra diferença é a quantidade média de imagens: *Leitura Preparatória* contém cerca de três imagens por lição, enquanto *Primeiro Livro* tem uma

<sup>67</sup> De acordo com Valdez (2006), os *Fillets anglais et ornés* (ou filetes e ornados) eram enfeites utilizados com o objetivo de iniciar, finalizar ou separar os textos. De acordo com a autora, diversos catálogos de gravuras do século XIX tinham essa opção mais simples e barata para compor a base estética dos livros.

variação de duas imagens – uma fotografia no início e um ornado no final do texto ou no começo da história:

Figura 21 - Páginas do “Primeiro Livro de Leituras Infantis”



Páginas 11 e 14 da 9ª edição da obra *Primeiro Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Figura 22 - Exemplo de filetes da obra “Primeiro Livro de Leituras Infantis”



Página 7 da 9ª edição da obra *Primeiro Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

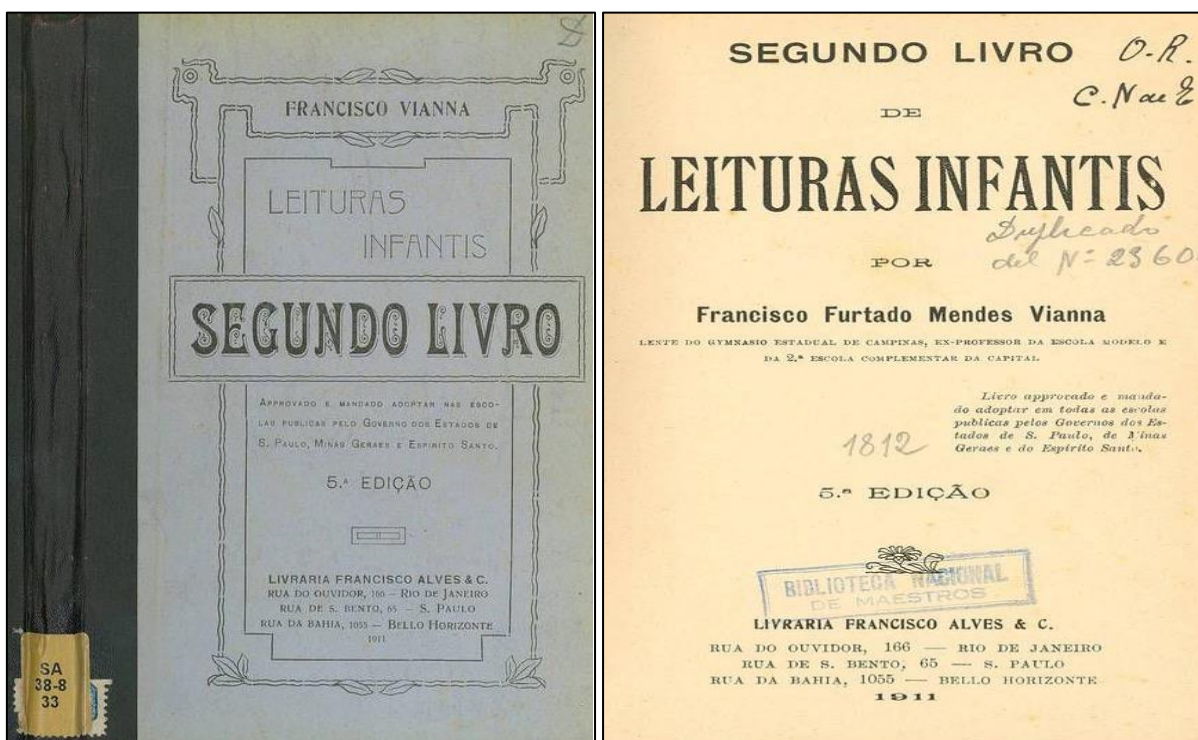
Ao analisar a comunicação entre as figuras e o texto presentes na obra, percebe-se que as fotografias “dialogam” melhor com o texto em detrimento das gravuras e ornados que aparecem para separar uma história da outra, e que geralmente representam cenas voltadas para o mundo do campo (paisagens, pássaros, casas localizadas em florestas) e não possuem relação



direta com o conteúdo dos textos. Compreende-se que essas temáticas estão pautadas numa visão idílica da realidade, abrindo a possibilidade da imaginação infantil.

O *Segundo Livro de Leituras infantis* foi publicado também no ano de 1908 pela editora Francisco Alves, obtendo sessenta edições até o ano de 1941, conforme as edições encontradas por Oriani (2010).

Figura 23 - Capa e contracapa da obra “Segundo Livro de Leituras Infantis”



Capa e contracapa da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

O livro contém o mesmo prefácio do *Primeiro Livro de Leituras Infantis*, ou seja, os mesmos objetivos apresentados pelo autor reaparecem como continuação do ensino da leitura corrente. Dessa forma, de acordo com a 5ª edição do ano de 1911, a obra está organizada em: prefácio, uma dedicatória destinada à sua mulher e aos seus filhos e uma folha de rosto com as obras até então publicadas pelo autor. Quanto ao conteúdo destinado ao ensino de leitura, a obra contém sessenta lições, sendo dez poemas, um texto contendo o conto e um poema e um texto contendo o conto e uma carta, sendo que o segundo está destacado por uma tipografia diferenciada; com uma média de quatro páginas por lição. Quanto à originalidade destas, diferentemente do *Primeiro Livro*, o autor destaca que quatro lições não foram idealizadas por

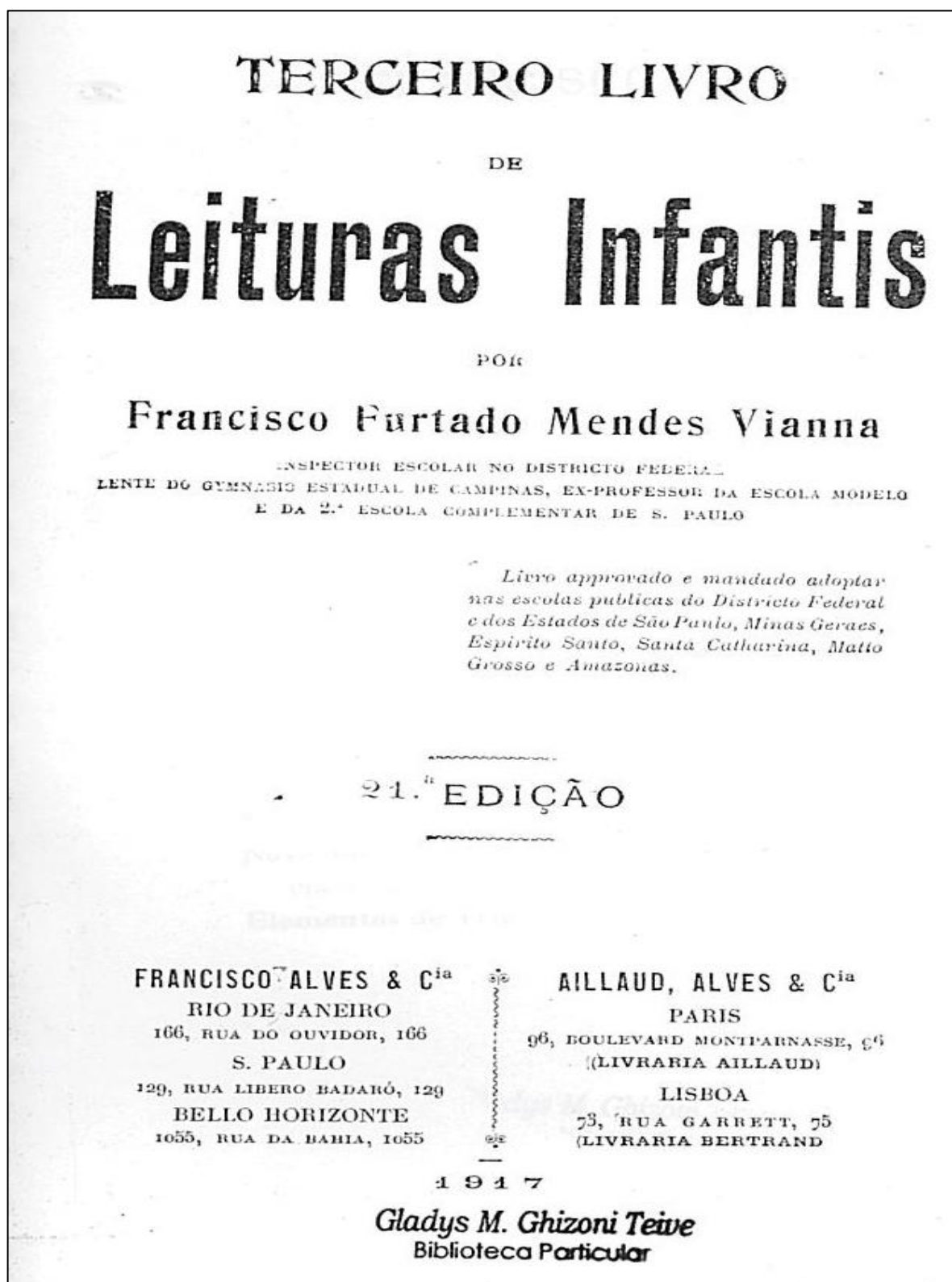
ele: “Um discurso bisado”, “O pastel magico”, “A carta e o selvagem” e “Os ladrões e a machina photographica” (VIANNA, 1911b).

No que concerne às ilustrações, a quantidade diminui em relação à obra anterior, sendo assim, constituída por: cinco fotografias, sessenta e quatro gravuras e trinta filetes. Foi possível constatar a presença de algumas gravuras mais elaboradas e que possuem maior relação com o texto, se comparadas com as do *Primeiro Livro*.

O *Terceiro Livro de Leituras Infantis* foi publicado em 1908, pela mesma editora, a Francisco Alves. A edição encontrada para a análise foi a 21ª do ano de 1917, aprovada nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Mato Grosso e Amazonas. A obra está organizada em folha de rosto com as obras publicadas pelo autor, dedicatória, prefácio, lições, sumário e catálogo das obras publicadas pela editora.



Figura 24 - Contracapa da obra “Terceiro Livro de Leituras Infantis”



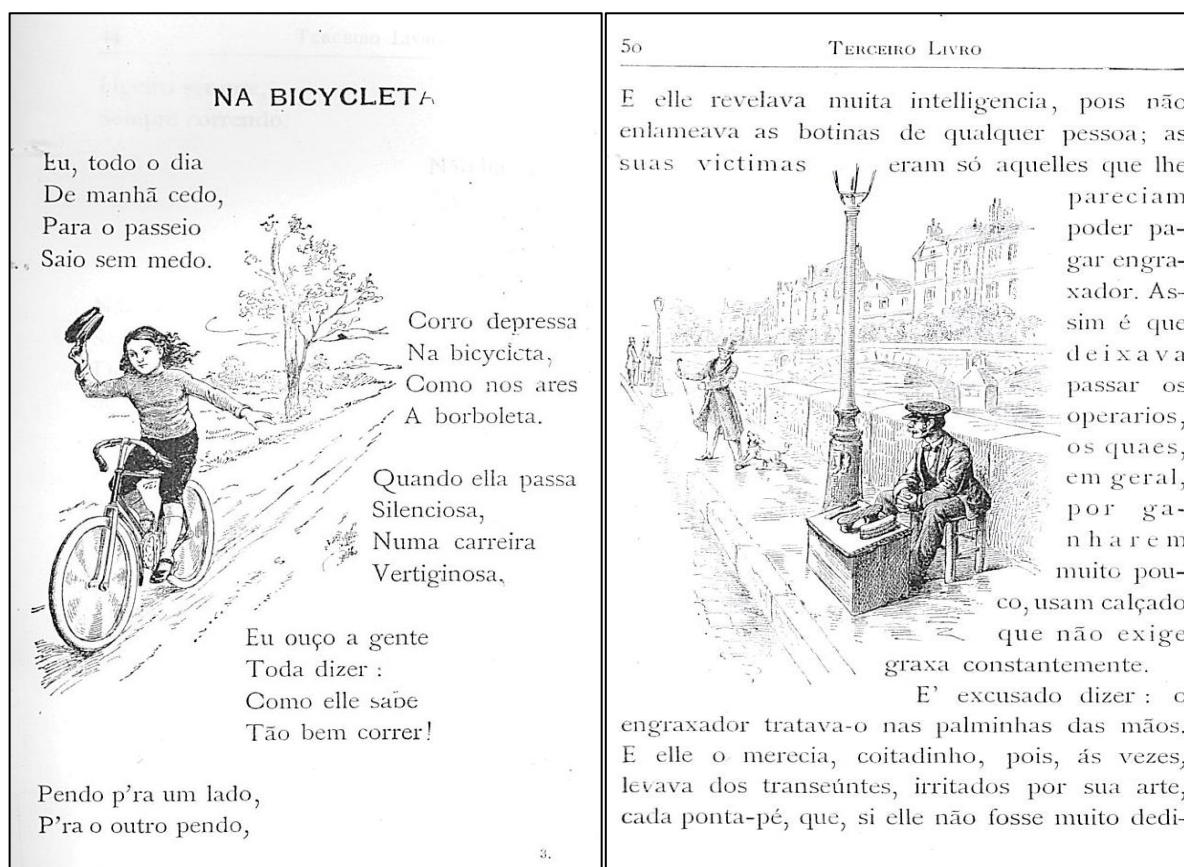
Páginas 43 e 50 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

No que concerne ao conteúdo destinado aos alunos, o livro contém cinquenta e sete lições, sendo doze poemas e trinta e sete histórias divididas em quinze tramas. Do total, sete não são de assuntos originais: “*O cão do engraxador, Um jogador de vintém, Bancos de carne e osso, O dinheiro do cego, Um ladrão roubado, A primeira prova e A quarta prova*” (VIANNA, 1917, p. 206).

Com uma média de quatro páginas por historieta/poema, observou-se que as gravuras ocupam grande parte da página, apesar de aparecerem em menor quantidade, com um total de: quarenta e seis gravuras, um ornado e nenhuma fotografia.

Figura 25 - Gravuras do livro “Terceiro Livro de Leituras Infantis”



Páginas 43 e 50 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Dentre os manuais abarcados na categoria de modelo instrutivo, fazem parte: *Pequena Historia do Brazil*, *Quarto livro de Leituras Infantis* e *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos*.

A obra *Pequena Historia do Brasil* foi realizada de forma conjunta com o seu filho Euclides Vianna e foi publicado pela mesma casa editora da série *Leituras Infantis*, ou seja, a

Livraria Francisco Alves, no ano de 1922. De acordo com a resenha do jornal carioca, *Jornal do Commercio* de 13 de janeiro do ano de 1923, o livro é constituído por 174 páginas de formato pequeno, possui um estilo decente, com exemplos e leituras detalhadas sobre cada temática desenvolvida, esclarecendo com detalhes cada quadro da evolução do país brasileiro:

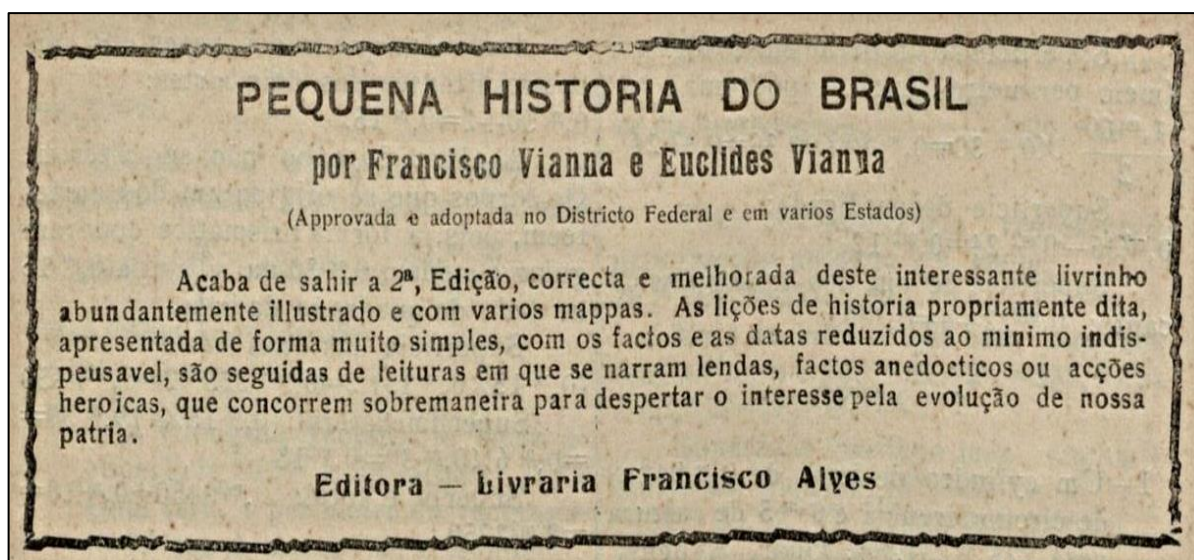
O Sr. Francisco Vianna resume com lealdade e pericia o que ha de principal na nova historia tradicional, tem na sua simplicidade um modo attrahente: elogia o jesuita, considera barbaros os processos empregados pelos nossos maiores. Tudo, porém, é dito com moderação, com calma, com conhecimento perfeito do assumpto. Cremos que como obra didactica, tendo o fim que tem, o livro é perfeitamente organizado. (JORNAL DO COMMERCIO, 1923, p. 2)

Além dos elogios, ressalvas também foram feitas no que concerne às "teorias" do autor que deveriam ser tratadas com maior cuidado, pois condenam diferentes civilizações e costumes do tempo, exalta o personagem José Bonifácio de Andrada como símbolo da independência e relativiza as guerras tirando o seu caráter de conquista e agressão. A obra, no entanto, é:

[...]Excelente pelo methodo, pela clareza da exposição, pelos assumptos destacados nos primeiros capitulos, pela probidade da factura e das idéas. Os estudantes encontrarão nesse compendio um meio rapido de apprehensão das etapas essenciaes da vida politica e da \*for-\* etapas do Brasil, e assim só ha a louvar o autor e o seu collaborador nas "Leituras". Ha no compendio um savoir-faire, uma practica pedagogica que a tornará agradável a crianças e adolescentes, resultante de sua concisão e de sua clareza. (JORNAL DO COMMERCIO, 1923, p. 2)

Aprovada em vários estados, a segunda edição foi publicada no ano de 1927, conforme é possível ver na figura abaixo:

Figura 26 - Propaganda da 2ª edição da obra “Pequena Historia do Brasil”



Propaganda da obra *Pequena História do Brasil*, 2ª edição. Revista *A Escola Primária*, julho/1927  
 Fonte: Acervo da *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* - BND.

Destinado ao último ano da escolarização primária, o *Quarto Livro de Leituras Infantis*, foi publicado no ano de 1919 pela editora Francisco Alves. De acordo com o jornal carioca *A noite*, a obra foi estruturada em:

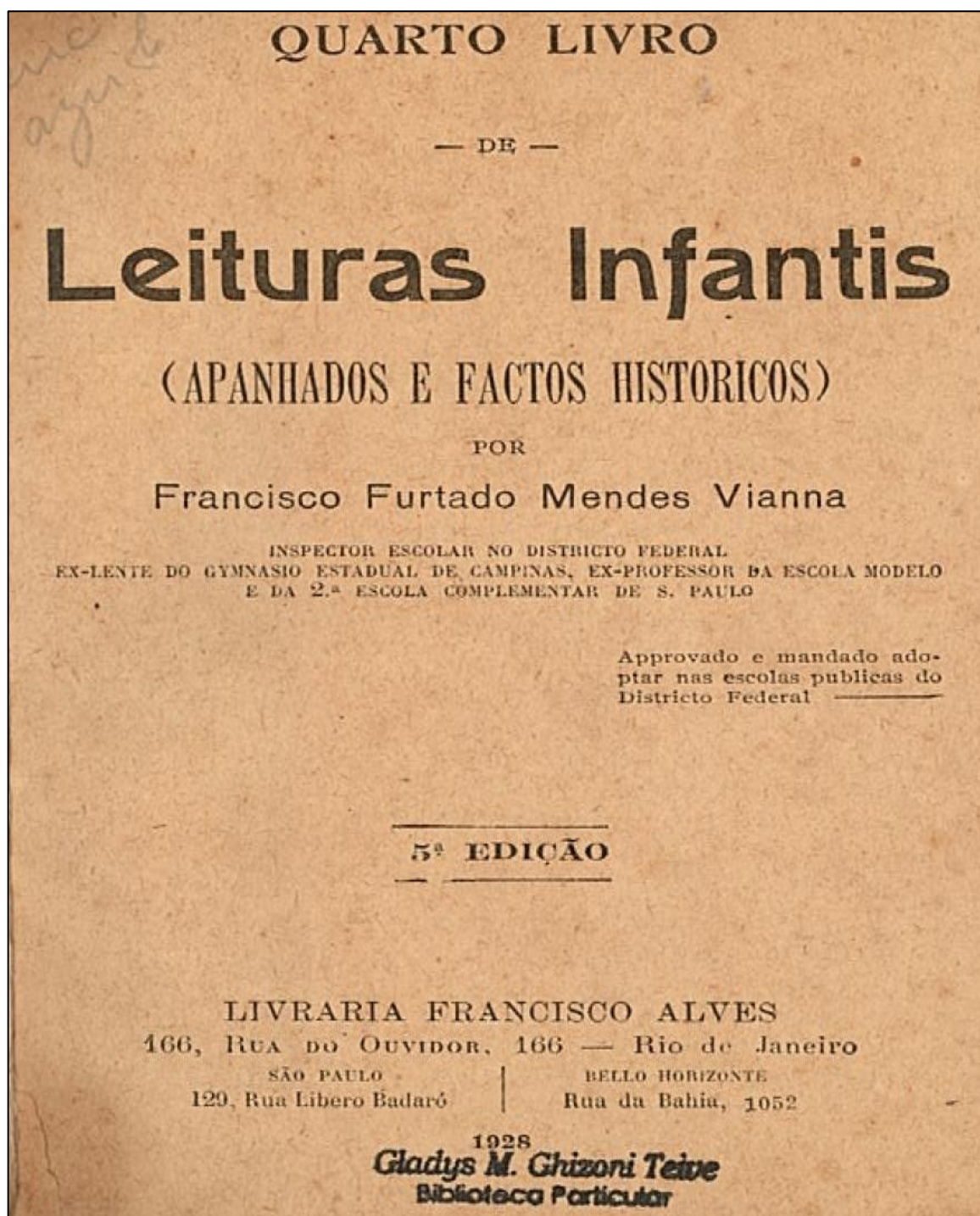
68 lições ilustradas, em 352 páginas, de prosa e verso, que visam a cultura dos sentimentos de civismo e de fraternidade universal, mediante narrações dos factos nobres interessantes da vida dos vultos da Humanidade e alguns ligeiros apanhados de evolução humana (A NOITE, 1919, p. 4).

A 5ª edição da obra, publicada em 1928, está organizada em 10 capítulos que contém poemas, epopeias, biografias de grandes personagens da história e elementos de várias civilizações. Esses capítulos perpassam pelas seguintes temáticas: comparação entre a terra primitiva e a atual; tempos pré-históricos e politeísmo; monoteísmo ocidental; Idade Média; elementos da Renascença e Reforma, invenções e descobrimentos; idade moderna; idade contemporânea e "O porvir" (VIANNA, 1928, p. 352). Além do conteúdo, o livro possui: folha de rosto; agradecimentos, sendo um deles ao tio Godofredo e ao até então Diretor Geral da Instrução Pública, Alberto Salles; catálogo dos livros de Vianna pela Francisco Alves; "Prefácio da 1ª edição"; um prefácio destinado "Aos pequenos leitores"; conteúdo para os alunos contendo sessenta e oito lições estruturadas com textos e poemas, além de cinco mapas, trinta e três representações imagéticas de personagens históricos, três ilustrações de diferentes civilizações e seis instrumentos criados pela humanidade.

A figura abaixo ilustra a contracapa da obra, obtendo informações como: Título e subtítulo, autor, pequeno resumo de atividades profissionais de Francisco Vianna, locais de aprovação dos livros, número de edição, informações sobre a editora e ano. Geralmente as contracapas seguem esse tipo de padrão, principalmente para demonstrar a relevância do autor e a ressonância de suas obras pelo país, como forma de legitimar o próprio espaço em campos de disputas de âmbito intelectual, educacional, científico e mercadológico.



Figura 27 - Contracapa da obra “Quarto Livro de Leituras Infantis”



Contracapa da 5ª edição da obra *Quarto Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

O livro *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos* foi publicado no ano de 1901, época em que o autor era professor da escola complementar “Prudente de Moraes”. O livro foi editado pela *Typographia da Companhia*

*Industrial de São Paulo*<sup>68</sup>, constituído por 93 páginas, dividido em três capítulos: "Definição e objecto"; "Taboas trigonometricas"; "Resolução dos triangulos"; e "Exercicios e problemas" (ORIANI, 2010).

No periódico educacional paulista *Revista de Ensino* (1903) de número II, René Barreto publicou um artigo intitulado *Elementos de Trigonometria*, tecendo considerações acerca do ensino da matemática partindo da análise da 2ª edição da obra de Francisco Vianna, “da qual se expurgaram todas as incorrecções typographicas e alguns enganos de calculo que prejudicaram a primeira” (BARRETO, 1903, p. 66). De acordo com René o livro foi dividido em três capítulos: o primeiro expõe a exposição de conceitos da trigonometria e das fórmulas, a fim de apresentar as diferentes linhas da trigonometria para uma análise mais detalhada. A segunda parte destina-se à construção das tábuas de logaritmos para o auxílio na identificação dos ângulos, valores e suas linhas trigonométricas. Finalmente o terceiro capítulo, estuda especificamente um objeto da trigonometria, a resolução de todos os triângulos, sejam eles retilíneos ou esféricos.

No que concerne à disposição dos conteúdos, René apontou a excelência do autor na organização do livro, pois "frisou perfeitamente não sò a unidade da theoria trigonometrica, fazendo-a brotar de uma mesma fonte, sinão tambem mostrou o laço logico que une entre si a geometria e a trigonometria, fazendo sentir que esta não é alguma cousa toda diversa daquela." (BARRETO, 1903, p. 67).

Dentre os manuais que não possuem semelhança com a categoria de didaticidade, mas enquadram-se em materiais de auxílio destacam-se: *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)*, *Novo methodo de Calligraphia vertical* e *Novos Cadernos de linguagem*. Os dois primeiros destinam-se ao treino de caligrafia e o terceiro à produção autoral das crianças por meio de imagens. Além desses, inclui-se o *Caderno de escrita* (s.d), um caderno em linhas destinado como “auxiliar da cartilha e dos primeiros Passos na Leitura (único)” (VIANNA, 1935, p. 2).

De acordo com os catálogos afixados nas folhas de rosto das obras de Vianna, as coleções *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)* e *Novo methodo de Calligraphia vertical* foram constituídos por seis cadernos cada uma. Conforme as edições das obras encontradas por Oriani (2010), a autora aponta que a segunda coleção foi publicada no ano de

---

<sup>68</sup> De acordo com Martins (2008), a Typographia Companhia Industrial de São Paulo, anteriormente denominada como Tipographia de H. Knosel e futuramente a Casa Duprat, foi comprada pelo estrangeiro Jorge Seckler no ano de 1980. A tipografia estava localizada na Rua Direita, 19A e com escritório no Largo do Riachuelo, 32. De acordo com a autora, o periódico responsável por essa casa editora foi o *A Eschola Publica*, publicado entre os anos de 1893 e 1897.

1909, encontrando uma possível última edição (a de número 90) no ano de 1989. Entretanto, não há ano da primeira e última edição.

Em uma pesquisa no site “Mercado Livre”, foi possível encontrar um anúncio do *Novo methodo de Calligraphia vertical* de números 2, 3, 4 e 6, publicados no ano de 1920, porém sob a editoração da Melhoramentos<sup>69</sup>. Provavelmente as duas editoras mantinham o direito sobre essa obra e as comercializavam no mesmo período. Abaixo é possível ver a capa e a contracapa de um dos livros da coleção:

Figura 28 - Anúncio “livreto Caligrafia Vertical 4 Francisco Viana 1920 Lojaabcd”



Frente e verso do caderno número 4 da coleção *Novo methodo de Calligraphia vertical*

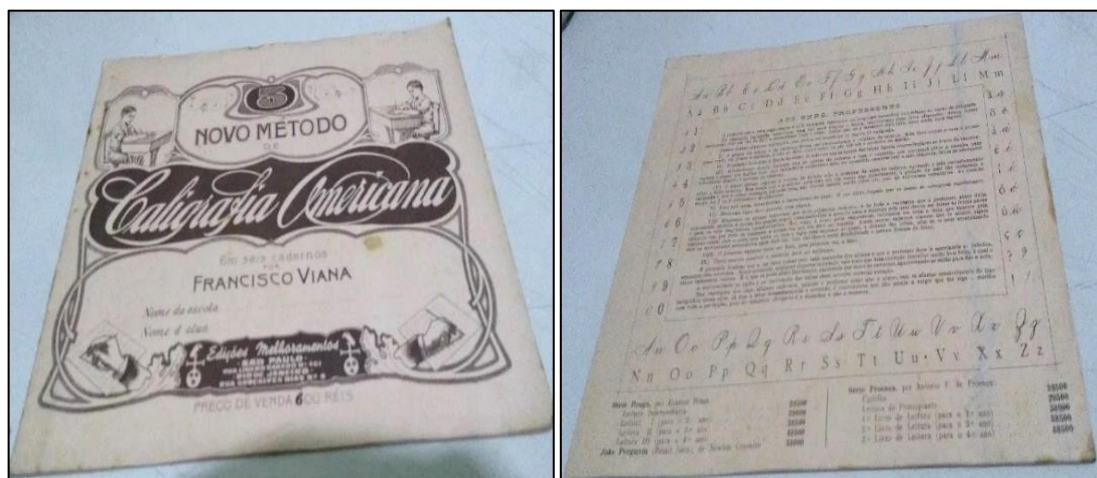
Fonte: Site de anúncios “Mercado Livre”. Disponível em: <[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1007367517-livreto-caligrafia-vertical-4-francisco-viana-1920-lojaabcd-_JM)

1007367517-livreto-caligrafia-vertical-4-francisco-viana-1920-lojaabcd-\_JM>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Outro anúncio identificado no mesmo site foi sobre o *Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)* de números 1, 2, 4, 5 e 6, também pela Melhoramentos. Na página do vendedor o ano de publicação é de 1890, período anterior de Vianna na Escola Normal de São Paulo, o que pode indicar produções anteriores de Vianna ao curso Normal ou há um erro de catalogação do próprio vendedor:

<sup>69</sup> De acordo com Razzini (2010, p. 116), a editora Melhoramentos foi criada a partir da sociedade entre Bühneads, de Hamburgo, e os irmãos Weiszflog, em São Paulo, no ano de 1899. No ano de 1905, os irmãos compraram a parte do outro sócio, denominando a empresa como Estabelecimento Graphico Weiszflog Irmãos & Comp. Até o ano de 1920, antes mesmo da fusão com a Companhia Melhoramentos, a empresa constituída pelos irmãos publicou “(...) 27 livros didáticos, sendo 12 para o ensino primário e 15 para o ensino secundário.”

Figura 29 - Anúncio “Livreto Caligrafia Americana 5 Francisco Viana 1890 Lojaabcd”



Frente e verso do caderno número 4 da coleção *Novo methodo de Calligraphia americana*

Fonte: Site de anúncios “Mercado Livre”. Disponível em: <[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1007374883-livreto-caligrafia-americana-5-francisco-viana-1890-lojaabcd-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1007374883-livreto-caligrafia-americana-5-francisco-viana-1890-lojaabcd-_JM)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Conforme a propaganda presente na 9ª edição da obra *Primeiros Passos na leitura*, a coleção *Novos Cadernos de Linguagem* foi presumivelmente publicada em 1911 pela editora Francisco Alves. Uma coletânea constituída por 10 cadernos (ou blocos) ao preço de 200 réis, cada caderno “contém 24 paginas em branco (para exercícios quaisquer) e 8 intercalados, com uma gravura ao lado” (VIANNA, 1911b, p. 174). Abaixo a propaganda sobre a coleção:



Figura 30 - Propaganda da coleção “Novos Cadernos de Linguagem”

NOVOS CADERNOS  
— DE —  
**LINGUAGEM (\*)**  
(Com gravuras para descripções e composições)  
ORGANISADOS PELO PROFESSOR  
**FRANCISCO VIANNA**

Collecção de 10 cadernos — Preço de cada caderno 200 réis



**Formato e especimen das gravuras.**

*Cada caderno contém 24 paginas em branco (para exercicios quaesquer) e 8 intercaladas, com uma gravura ao lado, nitidamente impressa, propria, quer para construcção de sentenças (1.º anno), quer para descripção, quer para composição. Estas gravuras estão graduadas de accordo com a difficuldade do assumpto e da linguagem. Os presentes cadernos, por sua organisação, devem substituir os cadernos em branco, que se usam habitualmente para linguagem em geral.*

**Editores**  
**Francisco Alves & C.**

(\*) Esta collecção tambem existe em blocos

Propaganda dos *Novos Cadernos de Linguagem*,  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

### 2.3 A comunicação entre Francisco Vianna e os professores

Ao publicar as suas obras didáticas para o uso nas escolas, Francisco Vianna também ofereceu orientações aos professores ou teceu comentários sobre as suas opções didáticas. Em uma análise na série *Leituras Infantis* foi possível localizar prefácios ou posfácios nas obras *Cartilha*, *Primeiros Passos na Leitura*, *Primeiro Livro de Leituras Infantis*, *Segundo Livro* e *Terceiro Livro de Leituras Infantis*.

Nas primeiras páginas da obra *Cartilha*, há uma seção intitulada “Aos paes”, porém identifica-se no texto orientações também para os professores. Num pequeno parágrafo de quatro linhas, Vianna faz três alertas: que o presente livro não deverá ser utilizado em casa ou fora da sala de aula antes das treze primeiras lições, pois são destinadas ao ensino inicial da leitura; que os pais se abstenham de ensinar os seus filhos, mesmo conhecendo o método de ensino e que a criança falte na escola somente se necessário.

Já, no prefácio da mesma obra intitulada de “Aos professores”, Francisco Vianna apresenta os dois métodos popularmente utilizados para o ensino da leitura: um considerado mais racional que parte da silabação para a sentencição (da parte para o todo); já o segundo, o método analítico, que para o autor “mesmo coordenando as lições segundo a introdução gradual das consoantes, não é necessária a decoraçção prévia de syllabas isoladas ou mesmo a syllabação explicita do vocábulos” (p. III). No que tange ao método analítico trata-se da:

[...] maneira de se iniciar o ensino da leitura com unidades completas de linguagem, para posterior divisão em partes ou elementos menores; no *método da palavração* inicia-se esse ensino com palavras, que depois são divididas em sílabas e letras; no *método da sentencição* inicia-se com sentenças inteiras, que são divididas em palavras, e estas, em sílabas e letras; no *método das histórias* (ou de *contos* ou da *historieta*) inicia-se com histórias completas para depois se orientar a atenção para as sentenças, palavras, sílabas, letras; no *método global*, enfatiza-se inicialmente o imediato reconhecimento de palavras ou sentenças inteiras, e, ocasionalmente, pode ser identificado com os métodos da palavração, da sentencição ou das historietas. (p. 123, grifos da autora). (MORTATTI, 2004, pp. 47-48)

Além da sua defesa pelo método analítico, Vianna exhibe “protocolos” que o professor deveria exercer sobre os alunos e como essas regras de leitura devem ser internalizados pelos estudantes, partindo da própria concepção do que é o método. No que concerne à leitura, “os próprios vocábulos nunca serão syllabados, pois o professor deve instituir o habito da previa leitura silenciosa, para que as creanças enunciem os vocábulos de uma só vez” (VIANNA, 1931, p. III).

A partir das considerações acerca do método, Vianna propôs três fases a serem seguidas: “*diálogos* sobre o seu assumpto, *leitura no quadro negro* de suas sentenças ou de outras construídas com os elementos até então empregados e, finalmente, *leitura no próprio livro*” (VIANNA, 1931, p. IV). Observa-se que o manuseio do livro pelo aluno ocorre somente na terceira fase, sendo assim, era responsabilidade do professor o controle sobre a leitura e o contato com o material. O mestre, contudo, deveria apresentar o material desde o primeiro dia de aula, pois “(...) ellas terão grande satisfação em possuir o livro; 2ª Este, suas gravuras, lhe despertará a curiosidade e, portanto, lhes estimulará o desejo de aprender” (p.V).

Em contraponto, as gravuras aparecem na primeira fase, como suporte aos questionamentos que o professor deverá fazer ao aluno:

Mostrando às crianças a primeira gravura, o mestre deverá interrogar-as, de maneira a obter respostas quase iguais às do texto da lição (...) e necessário mesmo que as estimulamos, limitando-nos a sistematizá-las convenientemente, o que não apresenta dificuldade, pois que a criança reconhecerá quase sempre e logo a superioridade das sentenças propostas, ou, pelo menos, a identidade com relação às formuladas por ella (VIANNA, 1931, p.V)

Quanto ao conteúdo a divisão foi feita a partir de treze atividades de nexos lógicos, vinte e seis historietas com algumas delas contendo pequenas rimas morais no final dessas, além de dois poemas integrais; do total de quarenta e uma lições, quatro estão envolvidas em duas tramas, ou seja, são continuações. Cada título ocupa duas páginas de texto, exceto as de nexos lógicos que variam entre cinco e oito linhas. Do total de quarenta e uma lições, vinte e três contêm frases do texto em letra cursiva e três são acompanhadas por um “glossário” com imagens das palavras presentes na história.

De acordo com as edições encontradas de número 36<sup>a</sup> (1940) 43<sup>a</sup> (1949), na obra *Primeiros Passos* Francisco Vianna expõe a semelhança entre as duas cartilhas, entretanto aponta a diferença de método entre ambas; “Indicações sobre o ensino”, onde Vianna também explica os protocolos de leitura para o seu livro, além de comentar que por mais que tenha sido criada para o ensino da “silabação ou a palavração, foi êle organizado com o objetivo de preparar a disseminação do ensino da leitura pela sentencição.” (VIANNA, 1940, p. III); após o comentário do autor há o início das lições destinadas à leitura; uma página contendo o “Alfabeto” e “Duplicata das lições da página 3 a página 13”; por fim, a primeira lição da obra *Leitura preparatória* intitulada de *A Lagartixa*, para que os professores e alunos conheçam a próxima obra a ser utilizada para o ensino de leitura.

Na obra *Leitura Preparatória*, os autores Carneiro Junior e Francisco Vianna elaboraram um prefácio intitulado “Aos Srs. Professores” e um texto com “Observações finais”, trazendo informações sobre o objetivo da escrita do livro e as alterações realizadas no decorrer das edições.

Em “Aos Srs. Professores”, os autores se dedicam a apresentar a real função do ensino da leitura que envolve a compreensão do texto, pois para eles “(...) o verdadeiro ensino da leitura corrente só começa depois que a criança deixar a cartilha e quando em seu espírito já se tenha definitivamente estabelecido uma íntima e perfeita conexão entre o elemento fônico e o elemento gráfico que o representa” (VIANNA; CARNEIRO JUNIOR, 1935, p. 3).

Assim, os professores teceram considerações sobre a diferença entre leitura mecânica e a compreensão do conteúdo por parte dos alunos e a sua relação com a natureza do assunto que deve ser intimamente relacionada com o ambiente e as experiências infantis.

Outro ponto tratado pelos autores foi o modo como o professor em sala deverá ter consciência de que o livro por si só não é suficiente, e que para um ensino da leitura ocorra de forma eficiente, o professor deverá seguir os seguintes passos, a fim de que os alunos também possam seguir os protocolos de aprendizado, quais sejam: “explicação prévia do professor”, “leitura prévia do professor”, “leitura pelos alunos” (primeiramente silenciosa, para depois em voz alta), “exposição socrática” e “reprodução da história pelos alunos” (VIANNA; CARNEIRO JUNIOR, 1935, pp. 4-5). Após a exposição dos passos, os autores alertam para a necessidade de cada lição passar algum conteúdo moral, “a menos que não o comporte” (p.5).

Finalmente, Mendes Vianna e Carneiro Junior justificaram uma “possível” facilitação do conteúdo da citada obra em decorrência da tenra idade e da baixa intensidade das funções cerebrais da criança:

Assim, enquanto este livro é essencialmente banal, referindo-se quase exclusivamente á vida dos mais verdes anos, os outros já se preocupam de desenvolver, sempre sob a forma de histórias, os sentimentos propriamente sociais, em relações que se vão tornando cada vez mais restritas. “(VIANNA; CARNEIRO JUNIOR, 1935, p. 5).

Em “Observações finais”, os autores escolheram delimitar os seus posicionamentos no “campo” de produção de obras didáticas ao criticar os seus contemporâneos pela falta de originalidade nos livros e como os mesmos teimam em apresentar como originais. Em vista disso, os professores defenderam que a obra deles é, de certa forma, original por ter um conteúdo diferenciado dos outros autores.

Apesar de defenderem essa originalidade, Vianna e Carneiro Junior comentam que das 60 lições apresentadas, 16 não são de autoria dos mesmos, ou seja, são traduções ou adaptações de originais:

Assim é que as histórias – *Os amiguinhos de Julita, As duas vacas, A criada, Contas bem feitas, Só pode apanhar o caldo, Depois do presente, O lambe-sêlos, As botinas, Não vale a pena comer, O tostão perdido e A boneca quebrada* – são baseadas em assuntos conhecidos. As lições – *O Negrinho e o Vigilante, A gravata, Um elevador interessante, Que dois e Um banho*, são baseadas em histórias mudas. (VIANNA; CARNEIRO JUNIOR, 1935, p. 3).

O prefácio das obras *Primeiro e Segundo Livro de Leituras Infantis* são idênticos. Neles, Francisco Vianna elaborou duas páginas justificando a importância desse livro para o ensino da “leitura corrente” (1911a, 1911b, 1917), pois se afasta do usual ensino das ciências e das práticas nos primeiros anos. Assim como no livro anterior, Vianna critica as outras obras que “falham duplamente ao seu destino” (VIANNA, 1911a, p. V), o primeiro problema identificado pelo autor é que os outros livros não aproveitam as noções infantis para partir do ensinamento de novos conhecimentos e a segunda envolve a falta de interesse dos alunos na aprendizagem da leitura quando se deparam com obras que não estão adequadas aos seus níveis,

dessa forma “fazem uma leitura fria, sem a menor atenção e compreensão, donde uma falta total de expressão”. (p. V)

Vianna também justificou a escolha pelos contos e historietas para compor o seu livro. A opção por esse tipo de texto recai sobre a simplicidade e o fácil acesso às inteligências “rudimentares” das crianças, ou seja, estão de acordo com a realidade infantil. Prosseguindo com a sua explicação, Mendes Vianna discorreu que “as crianças realmente fazem seu mundo consistir em puras manifestações do sentimento”, expressando suas ações a partir da imaginação e ainda necessária de conhecimentos pautados na observação e em teorias:

E é de ver-se que as pessoas ignorantes, neste particular verdadeiras crianças, malgrado a idade, conservam indefinidamente essa predileção, como tão bem o observamos no accentuado prazer que revelam pelos romances, mormente pelos de grandes lances sentimentais e intricado enredo. (VIANNA, 1911a, p. V)

Ao mesmo tempo em que defendeu a importância de conteúdos destinados à infância, aponta da mesma forma que eles não devem ser totalmente moldados ao gosto da criança, pois para o autor, toda leitura exerce alguma reação em quem a lê. Citando, portanto, A. Comte, expôs a importância de usar essas leituras “(...) para a formação dos seus sentimentos e de seu caráter, em summa de seu moral” (p.VI). Para que essas mudanças acontecessem seria necessário desenvolver o altruísmo a fim de eliminar o egoísmo, trazendo exemplos pela prática por meio da família e do lar, nunca em forma de conceitos e abstrações que não fazem parte da inteligência infantil. Dessa forma, o autor teceu considerações acerca da presente obra e das seguintes destinadas ao ensino da leitura.

No *Terceiro Livro de Leituras Infantis* houve algumas modificações sobre ideias a serem complementadas pelo autor no que concerne ao ensino da moral e ao intelecto infantil. Como citado anteriormente, o autor cita Auguste Comte para construir a noção do ensino do sentimento pelas lições e seus respectivos assuntos. Ao comentar sobre a necessidade do desenvolvimento do altruísmo com o objetivo de suprimir o egoísmo, Vianna ressalta que esse tipo de ideal é utilizado em outras obras destinadas ao público infantil escolar.

Para complementar o seu discurso, o autor defendeu a sua posição no campo editorial ao apontar que, apesar dos concorrentes utilizarem os ideais moralizantes, esses os usavam de forma excessiva, contrariando a sua concepção do ensino moral pelas práticas familiares em contraposição com as abstrações:

Foi, portanto, subordinando-me a este modo de pensar, tentando dar a moral por factos e não por preceitos, em historias nas quaes procurei ser bem parco de conselhos formulados explicitamente, comquanto o mais abundante possível de ensinamentos implícitos, que escrevi estes despreziosos livrinhos. Cunpre-me, por fim, lembrar que os melhores livros de leitura (e estes não se presumem taes) não exigem o mestre do mais largo comentário, sem o qual muitas vezes ficariam ineficazes as suas melhores paginas. (VIANNA, 1917, p. VI)

Antes de finalizar o prefácio, o autor comenta que a citada obra foi ilustrada e tipografada na Europa, em comum acordo com os editores brasileiros. A justificativa pela diagramação fora do país dá-se ao “favorável acolhimento que esta serie tem merecido” e “afim de evitar os erros typographicos, tão inconvenientes nos livros escolares infantis” (p. VI). Contudo, vale ressaltar que a Comissão Revisora de Livros Didáticos da cidade de São Paulo realizou um relatório parcial sob a responsabilidade do Dr. Plinio Barreto em 7 de janeiro de 1918, apresentando erros nos livros de Francisco Vianna. Especificamente ao *Terceiro Livro*: “Erros: <<Possuía um automovel que, por meio de uma corda de mola, punha-se em movimento sòsinho (Terceiro Livro pagina 11)>>. <<Não sei como me acordei (idem, pagina 103)>>” (BARRETO, 1918, p. 167).

Ao analisar todos os prefácios e posfácios da série observa-se uma tentativa do autor em transmitir não somente orientações sobre como o professor deverá trabalhar com os livros, mas também tece considerações para a sua defesa no campo editorial educacional, na tentativa de diferenciar-se dos seus contemporâneos ao apresentar uma obra mais próxima do universo infantil e com assuntos destinados a essa fase de idade. Para atrelar essa “diferenciação” de abordagem com a criança, o autor também comenta sobre as suas viagens ao exterior para realizar a diagramação da série, como uma forma de apresentar ilustrações que possam captar a atenção da criança e criar uma melhor harmonia com os textos. Na seção intitulada “As crianças na série *Leituras Infantis*”, será discutido a relação das imagens com a infância representada pelo autor.

#### **2.4 Circulação da série *Leituras Infantis***

De todos os manuais publicados pelo autor, somente a série graduada *Leituras Infantis* constituída pelas obras *Cartilha*, *Primeiros Passos*, *Leitura Preparatória*, *1º*, *2º*, *3º* e *4º* aparecem com maior regularidade nos jornais, na revista educacional carioca *A Escola Primaria* e nas listas de almoxarifado do Rio de Janeiro para as escolas públicas do município. Por meio destas fontes, foi possível analisar a receptividade das obras do autor na cidade carioca a partir da sua mudança de São Paulo. Abaixo está representado um catálogo publicado na revista *A Escola Primaria* (1920), contendo as obras de Vianna e de outros autores da editora e seus respectivos valores. Considerando que o catálogo foi distribuído em todo o país, as obras tinham preços que não variavam de acordo com as regiões:



Figura 31 - Catálogos publicados pela editora “Francisco Alves”

<b>LIVRARIA FRANCISCO ALVES</b>	
RIO DE JANEIRO	S. PAULO
Rua do Ouvidor, 166	R. Libero Badaró, 129
de Paulo de Azevedo & Cia., livreiros editores e importadores	
<b>BELLO HORIZONTE</b> R. da Bahia, 1055	
<b>Extracto do Catalogo :</b>	
<b>HILARIO RIBEIRO</b>	
Cartilha Nacional. . . . .	\$400
2º Livro de Leitura. . . . .	\$600
3º Livro de Leitura. . . . .	\$600
4º Livro de Leitura. . . . .	\$600
<b>THOMAZ GALHARDO:</b>	
Cartilha da Infancia. . . . .	\$500
2º Livro de Leitura. . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
<b>EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO:</b>	
1º Livro de Leitura. . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura. . . . .	3\$000
5º Livro de Leitura. . . . .	3\$000
<b>SERIE PUIGGARI-BARRETO:</b>	
Cartilha Analytica. . . . .	1\$500
1º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
<b>ARNALDO BARRETO:</b>	
Cartilha das Mães. . . . .	1\$000
Primeiras Leituras. . . . .	2\$000
Leituras Moraes. . . . .	1\$500
<b>FRANCISCO VIANNA:</b>	
Primeiros Passos na Leitura. . . . .	1\$200
Cartilha. . . . .	1\$500
Leitura Preparatoria. . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura. . . . .	3\$500
<b>JOAO KOPKE:</b>	
1º Livro de Leitura. . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
4º Livro de Leitura. . . . .	3\$000
5º Livro de Leitura. . . . .	4\$000
Leituras Praticas. . . . .	1\$500
Fabulas (em verso). . . . .	1\$500
<b>D. MARIA ROSA RIBEIRO:</b>	
Leitura Intermediaria. . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno. . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno. . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno. . . . .	3\$000
<b>D. RITA DE MACEDO BARRETO:</b>	
Leituras Preparatorias. . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura. . . . .	3\$000
<b>ABILIO CESAR BORGES:</b>	
1º Livro de Leitura. . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura. . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$500
<b>Syllabarios e Livros de Leitura</b>	
<b>SABINO e COSTA E CUNHA:</b>	
Expositor da Lingua Materna. . . . .	1\$000
Segundo Livro. . . . .	1\$000
<b>FERREIRA DA ROSA:</b>	
Methodo de aprender a ler. . . . .	\$500
2º Livro de Leitura. . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura. . . . .	2\$000
Excursões escolares. . . . .	1\$000
<b>DR. MARIO BULCAO:</b>	
Vida Infantil, 1º Livro. . . . .	1\$500
Vida Infantil, 2º Livro. . . . .	2\$000
Vida Infantil, 3º Livro. . . . .	2\$000
<b>COLLECÇÃO F. T. D.</b>	
Quadros Muraes, cada quadro. . . . .	1\$000
Novos Principios de Leitura. . . . .	\$700
Guia da Infancia, 1ª parte. . . . .	1\$000
Guia da Infancia, 2ª parte. . . . .	1\$000
Guia da Infancia, as 2 partes. . . . .	1\$800
O 1º Livro de André, 1ª parte. . . . .	2\$000
O 1º Livro de André, 2ª parte. . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada. . . . .	2\$000
Noções de Sciencias. . . . .	1\$500
Anthologia (3º livro da coll.). . . . .	2\$500
Anthologia (4º livro coll.). . . . .	4\$000
<b>JULIA LOPES DE ALMEIDA — Contos Infantis. . . . .</b>	
R. PUIGGARI — Coisas Brasileiras. . . . .	3\$000
D. ESTRADA — Historia Natural. . . . .	2\$500
J. LOPES DE ALMEIDA — Historias da Nossa Terra. . . . .	3\$000
J. J. ROCHA — Fabulas. . . . .	1\$000
R. THEOPHILO — Sciencias Naturaes. . . . .	2\$000
<b>GABRIELA FRANÇA — Contos Brasileiros. . . . .</b>	
E. DE AMICIS — Coração. . . . .	1\$000
BILAC e NETTO — Contos Patrios. . . . .	3\$000
» » » — Patria Brasileira. . . . .	3\$000
<b>A. M. PINTO — Proverbios Populares. . . . .</b>	
AFRANIO PEIXOTO — Minha Terra e Minha Gente. . . . .	2\$500
E. M. A. — Passa-tempo Infantil. . . . .	1\$500
<b>CORNAZ — As creanças e os animaes. . . . .</b>	
CORNAZ — Novos Amigos. . . . .	1\$500
C. E. DA COSTA — Contos Moraes. . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM — Livro de Leitura. . . . .	1\$000
BILAC e NETTO — Theatro Infantil. . . . .	4\$000
CORREIA e BARRETO — Era uma vez. . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM — Atravez do Brasil. . . . .	4\$000
F. LUZ — Leituras de Ilka e Alba. . . . .	2\$500
D. ESTRADA — Leituras militares. . . . .	2\$500
O. S. REIS — Previdencia. . . . .	3\$000
Remettemos nosso catalogo, gratis, para todo o Brazil	

Catálogo da Editora Francisco Alves na revista *A Escola Primaria*, jun-jul de 1920, página 128.

Fonte: *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* – BND.

Foi possível constatar que existem poucas variações de preços da casa editora Francisco Alves, porém há um aumento de valor entre as obras seriadas quando comparado o preço do primeiro livro com o último de cada série, com uma diferença média de mil contos de réis. Quanto às obras de Vianna, ao coletar os catálogos entre os anos de 1920 e 1937, observa-se que essas tiveram sensíveis alterações de preço, conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Relação de valores das obras de Vianna

Obras/ Ano	1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1931	1933	1934	1935	1936	1937
<b>Primeiros Passos</b>	1\$200	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500
	=	+	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
<b>Cartilha</b>	1\$500	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	1\$800	2\$000	2\$000	2\$000
	=	+	=	=	=	=	=	=	=	=	=	+	=	=
<b>Leitura Preparatoria</b>	2\$000	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500
	=	+	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
<b>1º Livro de Leituras Infantis</b>	2\$500	3\$000	3\$000	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	3\$000	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500
	=	+	=	-	=	=	=	=	=	+	-	-	-	-
<b>2º Livro de Leituras Infantis</b>	2\$500	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000
	=	+	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
<b>3º Livro de Leituras Infantis</b>	2\$500	3\$000	3\$000	-	-	-	3\$000	-	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000
	=	+	=				=		=	=	=	=	=	=
<b>4º Livro de Leituras Infantis</b>	3\$500	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000
	=	+	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=

Dados coletados a partir dos catálogos publicados pela Editora Francisco Alves na revista *A Escola Primária*, entre os anos de 1920 e 1937

Fonte: *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* – BND.

\* Os sinais “+” e “=” representam as alterações de preços em comparação com os catálogos dos anos anteriores. Algumas obras não possuem valores em determinados anos pela ausência das mesmas na lista da editora.





Tabela 2 - Valores das obras publicadas pelos autores da "Francisco Alves"

		(conclusão)														Valor médio	
		1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1931	1933	1934	1935	1936	1937		
<b>Serie Puiggari-Barreto</b>	<i>Cartilha Analytica</i>	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	-	-		1\$375	
	<i>1º Livro de Leitura</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	
	<i>2º Livro de Leitura</i>	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000
	<i>3º Livro de Leitura</i>	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000
	<i>4º Livro de Leitura</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500
<b>João Köpke</b>	<i>1º Livro de Leitura</i>	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000
	<i>2º Livro de Leitura</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$464
	<i>3º Livro de Leitura</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$464
	<i>4º Livro de Leitura</i>	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	3\$500	2\$500	2\$500	3\$500	3\$357
	<i>5º Livro de Leitura</i>	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	4\$000	3\$500	3\$500	-	3\$923
	<i>Leituras Praticas</i>	1\$500	1\$500	1\$500	3\$000	3\$000	3\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$107
	<i>Fabulas (em verso)</i>	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500	1\$500
<b>D. Maria Rosa Ribeiro</b>	<i>L. Intermediaria</i>	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000
	<i>Leitura para o 2º anno</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500
	<i>Leitura para o 3º anno</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$000	2\$000	2\$000	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$357
	<i>Leitura para o 4º anno</i>	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000
<b>D. Rita de Macedo Barreto</b>	<i>Leituras Preparatorias</i>	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	-	-	-	-	-	-	-	-	2\$000
	<i>1º Livro de Leitura</i>	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	2\$000	-	-	-	-	-	-	-	-	2\$000
	<i>2º Livro de Leitura</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	-	-	-	-	-	-	-	-	2\$500
	<i>3º Livro de Leitura</i>	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	2\$500	-	-	-	-	-	-	-	-	2\$500
	<i>4º Livro de Leitura</i>	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	3\$000	-	-	-	-	-	-	-	-	3\$000

Dados coletados a partir dos catálogos publicados pela editora Francisco Alves na revista *A Escola Primária*, entre os anos de 1920 e 1937.

Fonte: *Biblioteca Nacional Digital do Brasil* – BND. \*As obras do autor Abílio Cesar Borges não foram inclusas na presente tabela por justificativa da retirada de seus livros do catálogo a partir de 1926, sendo substituídas pela série de João Ribeiro. \*\* As obras que possuem um traço no campo dos preços foram retiradas do catálogo.

Os valores dos livros para o ensino de leitura possuíam uma média entre 2\$000 e 3\$000. Com a finalidade de ter uma noção sobre o valor dos livros nesse período foi possível recorrer à Lajolo e Zilberman (1999) que apresentam uma relação de produtos comercializados entre os anos de 1820 e 1930, para compreender a remuneração do trabalho intelectual no país.

De acordo com as autoras, entre os anos de 1908 e 1930, o valor dos manuais para o ensino de matemática, história ou de geografia variavam entre 4\$000 e 6\$000 (*História do Brasil*, de João Ribeiro, por exemplo, custava 4\$000; a obra *Apontamentos de aritmética*, 6\$000; e a obra *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, 10\$000), o que pode ser compreendido por obras mais caras que os livros de leitura que beiravam abaixo dos 3\$000.

Quanto à remuneração dos autores, foi possível constatar que aqueles que publicavam romances ou novelas recebiam cerca de 50\$000 a 5\$000 por edição; intelectuais que publicavam no jornal *A Tribuna*, de Santos, recebiam 10\$000 por artigo; um redator de um jornal no Rio de Janeiro recebia entre 250\$000 a 400\$00 e os colaboradores do *Jornal do Commercio* recebiam de 50\$000 a 70\$000 de pró-labore.

Portanto, ao identificar os valores de outros tipos de escritos e salários dos intelectuais, constata-se que os livros de leitura possuíam um valor médio de 2\$000 e 3\$000, porém, se compararmos com os preços de outras obras constata-se que estão abaixo do valor. Apesar do baixo preço, o que pode ter se tornado um campo muito atrativo para intelectuais da educação e casas editoras é a sua alta vendagem, pois essas obras estavam em circulação nas escolas públicas do país e muitas delas eram compradas em grande quantidade pelo Estado para o uso nessas instituições.

Ao observar as tabelas de número 1 e 2, foi possível constatar um pequeno aumento no ano de 1921, período em que o autor já era inspetor de ensino do Rio de Janeiro. Não se sabe ao certo o motivo da mudança de todas as obras, presumivelmente fora reflexo das vendas das obras do autor, quando comparado à sua legitimidade no campo editorial, pois, ao analisar os preços dos outros autores, Vianna passa a se equiparar comercialmente com as outras coleções, principalmente as de Epaminondas e Felisberto de Carvalho, Série Puiggari-Barreto, Arnaldo Barreto, João Köpke e de D. Rita de Macedo Barreto. Os valores se mantêm até o ano de sua morte, em 1935, quando a obra *Cartilha* acresce de valor. Esse fenômeno é comum quando uma obra escolar, após passar por diversas gerações de alunos (agora adultos), adquire status como “peças exóticas” (VIDAL & SILVA, 2011) de um período saudoso e de grande valor sentimental.

Quanto à adesão das obras de Vianna nas escolas públicas cariocas, foi possível localizar as listas de almoxarifado no ano de 1914 e entre 1922 e 1926 nos jornais cariocas *O*

*Paiz*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio*. Essas listas contêm materiais que vão desde mapas até compêndios, cartilhas e série de leitura. Dentre os manuais presentes nas listas, observa-se a presença de sua série graduada, porém as outras não são citadas.

A lista publicada no *O Paiz*, em 5 de setembro de 1914, foram requeridas as compras de: 668 exemplares da *Cartilha*, 1.043 de *Leitura Preparatória*, 1.119 exemplares do *Primeiro Livro*, 1.110 do *Segundo Livro* e 1.122 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*.

No dia 5 de fevereiro de 1922, o *Jornal do Brasil* publica a lista intitulada de “Almoxarifado Geral da Prefeitura”, a qual registrava a compra das obras: *Cartilha*, *Primeiros Passos na Leitura*, *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro Livro de Leituras Infantis*. Nos anos de 1923, 1924, acrescentam-se *Leitura Preparatória* e *Quarto Livro de Leituras Infantis (apanhados e factos históricos)*; em 1925 a obra *Pequena História do Brasil* é solicitada juntamente com a série *Leituras Infantis*, mas com a retirada da obra *Primeiros Passos na leitura* e *Quarto Livro de Leituras Infantis*. No ano de 1926, a obra *Primeiros Passos* retorna à lista de compras. Nessas listas aparece como descrição de quantidade “UM” para todos os materiais citados, desde armários até compêndios, não se sabe se essa era uma quantidade “simbólica” ou exata.

Em São Paulo, a aprovação das suas obras também foi notável. A divulgação dos pareceres sobre os materiais didáticos a serem adotados nas escolas públicas paulistas, além de outras informações sobre a educação do período (atividades escolares e as suas jurisdições, movimento de alunos, do corpo docente, unidades escolares, despesas) foram publicadas nos *Anuários de Ensino do Estado de São Paulo*, produzidos entre os anos de 1907 e 1937 pela Diretoria Geral da Instrução Pública. Dentre esse período de publicações desses anuários, três pareceres com aprovações das obras foram publicados: em 1896, 1907-08 e 1918.

De acordo com o *Anuário de Ensino* do ano de 1908, foram aprovados para uso nas escolas paulistas os livros: *Segundo Livro de Leituras Infantis* e *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, as outras obras ou foram recusadas ou não entraram no processo de análise.

No parecer de 1918, Oliveira e Trevisan (2015) identificam as obras de Francisco Vianna que foram analisadas, no entanto não se sabe se todas participaram do processo ou somente aquelas escolhidas pela comissão, pelo autor ou pela editora. O livro, *Calligraphia americana (inclinada)* não foi aprovado pela incompatibilidade com os processos oficialmente adotados, ou seja, o método analítico. As demais obras: *Primeiros passos na leitura*, *Leituras infantis*, *Cartilha* e a série *Leituras Infantis* apresentavam defeitos de redação. Além dos erros de redação, a obra publicada com Miguel Carneiro Junior, *Primeiros Passos na Leitura*, apresentava falta de elegância e às vezes clareza na redação. Essas obras tiveram que fazer as alterações necessárias para serem utilizadas como leitura auxiliar e suplementar em sala de aula.

O anuário de 1937 apresenta uma aprovação mais geral das obras de Francisco Vianna. De acordo com Abbeg (2018), os livros presentes nesse anuário foram os seguintes: *Cartilha: Leituras infantis*, aprovada em 1912; *Leitura Preparatoria, Primeiro Livro, Segundo Livro, Terceiro Livro e Primeiros Passos na leitura*, aprovados em 1913. Apesar das comissões criadas para a aprovação e adoção dos livros didáticos não serem realizadas de forma constante, a aprovação das obras acontecia de forma anual, o que representa os anos de aprovação das obras de Vianna indicados nessa pesquisa, realizadas depois da comissão de 1907-08, porém antes da de 1918.

Sendo assim, observa-se a constância de vendas das obras de Vianna nas escolas cariocas entre o período entre 1914 e 1926, estendendo o período até 1937 se considerarmos os catálogos afixados na revista *A Escola Primaria*, apresentando esses valores de venda estáveis por anos.

—

Ao apresentar as diferentes obras e escritos publicados por Francisco Vianna, observa-se que os mesmos estão atrelados a fases diferentes do seu percurso profissional, ou seja, o autor produziu tipos diferentes de textos em cada fase de atuação.

Compreende-se, portanto, que Francisco Vianna publicou muitos poemas e artigos voltados para a prática em sala de aula, especificamente sobre o ensino secundário em sua primeira fase de atuação. Já nos anos finais de sua atuação como professor em escola preliminar, tornando-se assim, professor de ginásio e, conseqüentemente, diretor interino, o autor passa a produzir alguns artigos de caráter mais técnico-burocrático, como os escritos *Para a reforma da Instrução Publica 1, 2 e 3 e Conferencia*. Nesse mesmo período, o autor já tinha publicado muitas obras didáticas, como *Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos* (1901), *Leitura preparatória* (1908), *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1908), *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1908), *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1908), *Novo methodo de caligraphia vertical* (1909?), *Cartilha: Leituras Infantis* (1911?).

É importante ressaltar que grande parte dos poemas que Francisco Vianna publicou na *Revista de ensino* está presente na sua série de leitura. Provavelmente o autor já tivesse pretensões de lançar algo voltado para o ensino de leitura, mesmo em processo de formação ou atuando como professor secundário. É possível ver essas mudanças de publicações no quadro seguinte, que especifica os tipos de produções que o autor publicou durante a sua vida:

De acordo com o quadro a seguir, observa-se que houve recorrências de publicações de obras didáticas de Francisco Vianna, antes mesmo de atuar como inspetor secundário, ou seja, no período em que estava no *Gymnasio de Campinas*, sendo estas: *Leitura preparatória*

(1908), *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1908), *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1908), *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1908), *Novo methodo de caligraphia vertical* (1909?), *Cartilha: Leituras Infantis* (1911?).

No contato do autor com os intelectuais do *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* e, posteriormente, com a sua mudança para o Rio de Janeiro, observa-se que o perfil de publicações de Francisco Vianna muda. Os escritos publicados pelo autor são de caráter mais técnico, ou seja, de assuntos que estão além da prática da sala de aula, como os artigos: *A Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação; Fins da educação. Character e objectivo da instrução primaria. Organização e ensino do 1.º anno; Illusões, exageros e confusões no ensino primário; A questão do analfabetismo; Classes e promoções no magistério municipal; Cotejo entre estas, que são as da chamada "Escola Activa" e as anteriores; O verdadeiro espirito da reforma e Apreciação sobre as directrizes que tendem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria*. Todos os escritos anteriormente mencionados foram produzidos a partir da sua experiência como inspetor escolar, o que reflete sobre as temáticas vivenciadas.

Dessa forma, é possível afirmar que Francisco Vianna percorreu duas fases profissionais: a primeira, de professor preliminar e secundário e autor de poemas e artigos sobre conteúdos aplicados em sala de aula; e uma segunda fase, caracterizada por sua atuação e publicação de escritos e conferências com assuntos mais gerais da educação, conforme sinteticamente apresentado abaixo:

Quadro 5 - Perfil das publicações de Francisco Vianna

(continua)

Período (ano)	Formação/Cargo	Região	Publicações		
			Poemas	Artigos	Obras didáticas
1892 - 1895	1ª formação como normalista (preliminar)	São Paulo	-	-	- <i>Novo methodo de calligrafia americana (inclinada)</i> (1890?)
1895 - 1904	Professor preliminar da <i>Escola Prudente de Moraes</i>	São Paulo	- <i>Precoce</i> (1902) - <i>Salvação de Lygia</i> (1903) - <i>Companhia Fatal (A René Barreto)</i> (1903) - <i>Santos Dumont</i> (1903) - <i>Os desamparados (inédita)</i> (1903) - <i>O avô mendigo</i> (1903)	- <i>Physiologia: Uma particularidade sobre a visão (Phenomeno desconhecido?)</i> (1903) - <i>Lei geral para a divisibilidade</i> (1903) - <i>Physica e Chimica - Phenomenos Physicos e Chemicos</i> (1903) - <i>Para a reforma da Instrução Publica (1)</i> (1904) - <i>Para a reforma da Instrução Publica (2)</i> (1904) - <i>Para a reforma da Instrução Publica (3)</i> (1904) - <i>Conferencia</i>	- <i>Elementos de trigonometria: Compreendendo a resolução dos triangulos esphericos</i> (1901)
1899 - 1900	2ª formação como normalista (complementar)	São Paulo	- <i>Lição Infantil: A Arnaldo Barreto</i> (1903) - <i>O Bom Collegial: A meu amiguinho Dagoberto Padua Salles</i> (1904) - <i>A Violeta e o Cravo</i> (1904) - <i>Saudades de minha mãe</i> (1904) - <i>Dó infantil</i> (1904) - <i>O ninho de andorinha</i> (1904) - <i>Sem médico</i> (1904) - <i>A Mamãezinha</i> (1904) - <i>O velho mestre</i> (1904) - <i>Saudades de minha mãe</i> (1904)		

Quadro 5 - Perfil das publicações de Francisco Vianna

(conclusão)

Período (ano)	Formação/Cargo	Região	Publicações		
			Poemas	Artigos	Obras didáticas
1904 - 1910	Professor de História Natural no <i>Gymnasio de Campinas</i>	Campinas	- <i>Saudade</i> (1906)	-	- <i>Leitura preparatória</i> (1908) - <i>Primeiro Livro de Leituras Infantis</i> (1908) - <i>Segundo Livro de Leituras Infantis</i> (1908) - <i>Terceiro Livro de Leituras Infantis</i> (1908)
1910 - 1911	Diretor interino do <i>Gymnasio de Campinas</i>	Campinas	-	- Provavelmente foram publicados alguns escritos do autor no período em que integrou o <i>Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas</i> .	- <i>Novo methodo de caligraphia vertical</i> (1909?) - <i>Cartilha: Leituras Infantis</i> (1911?)
1912 - 1933	Inspetor Distrital de ensino	Rio de Janeiro	-	- <i>Aplicações industriaes do calor e do frio</i> (1916) - <i>A Conflagração actual apreciada sob o ponto de vista dos meios e fins da educação</i> (1917)* - <i>Fins da educação. Caracter e objectivo da instrucção primaria. Organização e ensino do 1.º anno</i> (1918) - <i>Illusões, exageros e confusões no ensino primário</i> (1919)* - <i>A questão do analfabetismo</i> (1924) - <i>Classes e promoções no magistério municipal</i> (1924) - <i>Diários de Classe</i> (1925) - <i>Cotejo entre estas, que são as da chamada "Escola Activa" e as anteriores</i> (1928)* - <i>O verdadeiro espirito da reforma</i> (1928)* - <i>Apreciação sobre as directrizes que tendem actualmente a prevalecer na organização escolar primaria</i> (1928)*	- <i>Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura/ cartilhas: leituras infantis</i> (1912?) - <i>Primeiros passos na leitura</i> (1915) - <i>Quarto Livro de leituras infantis</i> (1919) - <i>Pequena Historia do Brazil</i> (1922) - <i>Novos Cadernos de linguagem</i> (s.d)

Dados coletados por meio da revisão bibliográfica de obras didáticas e escritos publicados por Francisco Furtado Mendes Vianna.

\* Os escritos indicados são referentes aos anos das conferências proferidas e publicadas na obra *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).



Francisco Vianna escreveu uma grande quantidade de obras educativas (cartilhas, compêndios, série de leitura, materiais de auxílio e de formação), porque estava inserido em um momento em que as novas demandas educacionais se fizeram presentes, ou seja, estudou e atuou profissionalmente em um período de efervescentes discussões sobre o melhor método de ensino, e, conforme aponta Caetano de Campos sobre a Reforma da Instrução Pública de 1890, o método analítico era a escolha para a formação de professores e criação de novos materiais educativos:

Modificar tudo que se ensinava; tudo encaminhar nos diversos ramos de conhecimentos para explicar-os por novos processos; sobretudo fazer perder o hábito de decorar, o que só se obterá escrevendo novos compêndios; adicionar às matérias que outr'ora se ensinavam muitas outras que completam a instrução indispensável que deve ter o professor - tal foi, em poucas palavras, o espírito da reforma da Escola Normal. (CAMPOS, 1890 apud MORTATTI, 2002, p. 79)

No entanto, compreende-se que a adoção desse método não ocorreu de forma homogênea, pois, como aponta Mortatti (2002), os professores recém-formados se apropriavam dos conceitos do método analítico e criavam as suas variações de ensino, produzindo obras para o uso nas escolas e a produção de artigos educacionais para legitimar as suas “opções conceituais”.

Inicialmente sem grandes disputas intestinas, os grupos de normalistas que se foram formando em torno dos propugnadores da "nova bússola" passaram, no entanto, a produzir apropriações diferenciadas, gerando-se, no entanto, a produzir apropriações diferenciadas, gerando-se as disputas em torno do melhor modo de se processar o método analítico para o ensino da leitura. No âmbito dessas disputas, foram-se impondo as apropriações de determinados grupos que assessoravam autoridades da administração educacional e cujas propostas ganharam espaço institucional, configurando-se como as primeiras normatizações sobre o ensino da leitura. Essas normatizações, por sua vez, também foram-se impondo, por meio da adoção oficial de cartilhas e da produção de artigos de combate, traduções de textos estrangeiros e relatos de experiências bem-sucedidas, publicados sobretudo na Revista de Ensino. (MORTATTI, 2002, p.82)

Identifica-se uma relação intrínseca entre o percurso de formação e atuação profissional de Francisco Vianna com a produção de suas obras. Não que o mesmo tenha optado por atuar em uma profissão mais técnica-burocrática do que a prática da sala de aula, mas ao fazer esse percurso profissional, o mesmo pretendeu legitimar as suas opções sobre o método que defendia em suas obras, ou seja, o analítico por meio da sentençação, utilizando, dessa forma, sua atuação como diretor, inspetor e, conseqüentemente, superintendente.

Outro ponto importante é a necessidade do mesmo em defender-se de suas opções teóricas ao apresentar uma escrita agressiva nos seus prefácios, defendendo que as suas obras soam “diferentes” dos seus parceiros profissionais por compreender realmente o universo infantil.

A sua preocupação em destacar-se não se fez somente por meio das obras didáticas, mas também por meio dos escritos educacionais. Ao fazer parte do corpo editorial do periódico *A Escola Primária*, permitiu que fossem publicados escritos sobre a educação em termos gerais (diferentemente dos escritos publicados na *Revista de Ensino*), além de promover as suas obras por meio dos seus próprios escritos, também foi possível identificar artigos de seus parceiros da revista que publicavam as suas práticas escolares utilizando as obras de Francisco Vianna.

Vale ressaltar que, além dessas articulações profissionais, Vianna divulgava os seus ideais por meio de conferências, enfatizando e divulgando a sua concepção do método analítico, como foi possível identificar na palestra intitulada “Methodos de ensino”, publicada pela revista carioca *O Malho*, no ano de 1921.

Sendo assim, compreende-se que a concepção de estudante que Vianna apresenta em suas obras e em seus outros escritos estão pautados no método que visa o aprendizado por meio das experiências infantis, utilizando referências que fazem parte desse universo, partindo para assuntos mais complexos, o que também reverbera sobre quantidade de páginas, as mesmas aumentam a cada livro da série, contudo a quantidade de figuras diminui refletindo sobre a sua concepção sobre até que ponto a criança passa a utilizar referências como brinquedos, brincadeiras, travessuras e transformam essas referências em assuntos pautados na cientificidade, no trabalho e na compreensão de valores morais e éticos que esperam de um adulto.

O próximo capítulo abordará a representação da infância nas obras de Francisco Vianna, no que concerne aos comportamentos infantis, considerando as virtudes, defeitos e morais a serem aprendidos, utilizando as obras anteriormente delimitadas como modelos formativos: *Cartilha - Leituras Infantis, Primeiros Passos na Leitura, Leitura preparatória, Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*.

O capítulo também pretende discorrer sobre as expectativas depositadas a cada fase da infância e a sua relação com as gravuras e fotografias da série, principalmente no que concerne ao ambiente escolar, família e trabalho. Para isso será utilizada a Série *Leituras Infantis* em comunicação com as conferências proferidas pelo autor e publicadas na obra *Modernas Directrizes no Ensino Primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).

## **CAPÍTULO III**

### **UM MUNDO DE PURA MANIFESTAÇÃO DOS SENTIMENTOS”: A INFÂNCIA REPRESENTADA NAS OBRAS DE FRANCISCO VIANNA**

O presente capítulo visa analisar a representação de infância presente nas obras do autor Francisco Furtado Mendes Vianna, considerando os materiais didáticos definidos como modelo formativo, ou seja, que objetivam instruir por meio de valores morais. Nesse tipo de categoria, estão inseridas as seguintes fontes coletadas: a 29ª edição da *Cartilha - Leituras Infantis* (1931); a 36ª edição da obra *Primeiros Passos na Leitura* (1940); a 66ª edição *Leitura preparatória* (1935); a 9ª edição do *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911); a 5ª edição do *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b) e a 21ª edição do livro *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917).

Além das obras acima citada, foram utilizados escritos publicados na revista educacional carioca *A Escola Primaria*, além das conferências de Francisco Vianna presentes na obra *Modernas directrizes no ensino primario escola activa do trabalho ou nova* (1930).

O período demarcado pela publicação desses escritos residiu em um momento ao qual havia nova demanda educativa que necessitou de profissionais de diversas áreas: arquitetos, médicos e sanitaristas, profissionais da área do Direito e da política, além de educadores empenhados no conhecimento dos métodos de ensino, e na criação de materiais, como por exemplo, os livros didáticos, pois, além das reformas instituídas no final do século XIX e início do XX “(...) os republicanos paulistas necessitam consolidar e divulgar o seu modelo escolar por meio de conferências, escritos e livros didáticos, todos dirigidos aos professores com intenção de prescrever o que e como ensinar”. (PANIZZOLO, 2017, p. 7). Quanto às mudanças de conteúdos e saberes a serem ensinados, foi possível identificar algumas modificações:

[...] os programas de ensino para a escola elementar se limitavam ao ensino inicial das habilidades da leitura, da escrita e do cálculo, progressivamente se foram constituindo conteúdos e saberes específicos para serem ensinados pela instituição escolar; também progressivamente os saberes compreendidos como “leitura” e “escrita” ganham novas dimensões, respondem a novas exigências e demandas sociais, assumem formas mais complexas de escolarização. (BATISTA; GALVÃO; KINKLE, 2002, p.28)

Além da demanda de novos profissionais para realizar as mudanças na educação, a classe dominante produziu um discurso formativo específico para a infância. De acordo com Rago (1985, p. 122) os grupos dominantes viam as crianças como fácil modelação comportamental, apesar dos vícios latentes que deveriam ser corrigidos pela pedagogia. Quanto à rotina destinada às crianças, era marcada pela emergência de um projeto de nação que tinham por estratégias uma disciplinarização suave do corpo e da mente. Pela terapia do trabalho, visavam “(...) manter os menores ocupados o tempo todo: no interior das escolas particulares ou na esfera do lar, para os ricos, nas instituições assistenciais ou nos patronatos e orfanatos, no caso dos pobres”.

Quanto às expectativas de idealização do povo republicano, Câmara (2010, p. 119) apresenta as principais preocupações com a criação de uma identidade nacional pautadas na

padronização e homogeneização da população. Para isso, criar símbolos para identificação de sua unidade nacional era de principal importância, pois para criar a nação passava “(...) pelo ideal civilizador da integração nacional e de reforma social do país, tendo em vista incorporar o “todo social”, com suas diferenças e individualidades, aos ideais modernizantes de transformação da sociedade”. No que concerne à mobilização para criação dessa nacionalidade, a autora aponta que:

Os intelectuais, ao intencionar produzir a identidade nacional do povo brasileiro, cindiram os ideais de sua integração política, cultural e moral como partes constitutivas da ideia de nacionalidade. A partir dessa sutura entre o político, moral e o cultural estabeleceram não só os aspectos constituintes dos direitos e dos deveres do povo, mas também mapearam as diferenças no seu interior, a fim de suprimi-las (CÂMARA, 2010, p. 121)

No que tange à idealização da criança republicana, Câmara (2010, p. 124) defende que para criar esse “sentimento nacional” fossem elaborados dispositivos que a convencesse pela educação e pelo prazer, muito mais do que pela repressão e castigo. Dessa maneira, foram escolhidas estratégias com a finalidade de colocar a escola e a educação como “celeiros do futuro, fontes fecundas de inspiração da nacionalidade”. E os principais objetos utilizados dentro do ambiente escolar para a materialização do discurso nacional foram os livros didáticos, sendo o mais importante deles os livros de leitura infantil. Quanto ao projeto de instrução da infância, a autora discorre da importância no período de um projeto de aprimoramento do indivíduo:

A ênfase direcionada à instrução das crianças associava-se ao caráter essencial da educação para o aprimoramento da raça, para o engrandecimento da pátria. Em uma clara alusão, destacaram o papel preponderante que essa assumia no processo de “redenção nacional” que se esperava incrementar com a educação física e moral da criança. Inculcar valores morais e cívicos, as noções de ordem, de civilidade, desenraizando os hábitos pertinentes às camadas populares dos fazeres e pensares das crianças constituiu-se a tônica dos discursos e ações enfeixadas em torno da prerrogativa curativa da infância pobre. (CÂMARA, 2010, pp.126-127)

Referente à articulação entre os valores a serem inculcados pelas crianças por meio da literatura infantil escolar, Leão (2007, p. 73) discorre que entre o final do século XIX e início do XX, os contos de fadas e os teatros infantis “(...) com seus suaves conselhos e disfarçadas maneiras de correção, dedicava-se à disseminação das artes de bem conduzir-se no mundo”. Nas obras de Francisco Vianna não há lições que retratam o mundo fantasioso, no entanto, é possível observar que há a representação das ações cotidianas infantis travestidas de ensinamentos morais e virtudes, além de mostrar os defeitos nas crianças, nos animais e nos adultos com a necessidade de fazer as correções necessárias.

Dessa forma, os livros infantis são os principais propagadores de projetos de civilidade, proporcionando a educação do corpo e da mente, introjetando valores morais e

comportamentais sob a forma de narrativas envolvendo aventuras, ou por meio do lúdico e da fantasia. De acordo com Tozzi (2013), os livros infantis possuem um papel importante para o processo de civilização:

Atuantes nos processos de aprendizado da vida em grupo e na formação de disposições comportamentais, esses livros aparecem como objetos de *formam* porque ensinam formas de ser e estar no mundo; que apresentam às crianças uma ordem para os espaços de sua existência e expressão, que funcionam reorganizando simbolicamente os lugares ocupados por públicos que detêm sua propriedade ou apropriação conformada a certa prática. (p. 137)

Para Leão (2007, p. 11), a conformação de certas práticas sociais pelos indivíduos acontece por meio do “*habitus* leitor” que é elaborado por escritores e intelectuais imbuídos de um “*habitus social*”, que são “disposições para o pensamento e a ação, que herdadas ou adquiridas ao longo da formação de um indivíduo, acabam por tomar forma e expressão no trabalho adulto”. Dessa forma, o *habitus social* de Vianna forneceu elementos para que o mesmo criasse diversos personagens e depositasse neles um conjunto de *habitus* leitores para que as crianças que tivessem contato com o discurso do autor e pudessem compreendê-lo, oportunizando a criação de um *habitus social* por meio da leitura.

No entanto, é importante salientar que a civilidade só tem efeito nos livros quando entra em relação com os símbolos e tradições culturais específicas daquele grupo social, e com um processo civilizatório para a nação. Desse modo, nas historietas de Francisco Vianna encontram-se crianças consideradas ideais ou crianças sendo expostas por suas ações negativas, e essas entram em conformidade com a representação da sociedade republicana brasileira e com os assuntos pertinentes à cultura voltada para a criança do período.

De acordo com a análise de Hunt (2010, p. 91) sobre a obra de Nicholas Tucker *What is a child?* (O que é uma criança?), a concepção de criança está intimamente atrelada à cultura, seja em termos sincrônicos ou diacrônicos. Para o autor, há elementos gerais que definem a fase anterior à da puberdade e a do adulto, como: brincadeiras, receptividade cultural, constrangimentos fisiológicos, imaturidade sexual, formar laços emocionais com pessoas de maior idade, dificuldade de abstração, pouca concentração e com muita facilidade de percepção imediata. Dessa forma, “elas se adaptam mais facilmente que a pessoa madura”, porém irão agir de modo diferente em situações de morte, medo, sexo, perspectivas, egocentrismos e causalidade, essas quando são relacionadas com os “estágios de desenvolvimento cognitivo”<sup>70</sup>.

Portanto, considera-se a criança como uma fase específica da vida humana que é definida por postulados gerais da “incompletude” das capacidades, essas a serem ensinadas no

---

<sup>70</sup> A análise de Hunt (2010) identifica referências aos postulados da psicologia infantil de Jean Piaget, voltadas para hierarquização dos estágios do desenvolvimento cognitivo da criança.

seu percurso de amadurecimento. Dessa maneira, a presente categoria criança especifica o período de vida que a pesquisa toma como referência, considerando o processo de formação do indivíduo que envolve a escola e a família como esferas principais.

A compreensão sobre ser criança está pautada em lidar com uma fase de idade onde as produções culturais, os assuntos e a forma como devem ser apresentados deverá ter um maior controle, ou seja, sofrer maiores “censuras” temáticas e conter uma simplicidade no conteúdo com o qual os indivíduos nessa fase têm contato. Assim, nas análises das obras de Francisco Vianna observa-se um processo de simplicidade dos temas abordados nos primeiros livros, sofrendo, assim, uma complexificação dos assuntos decorrente do amadurecimento desses, o que caracteriza a seriação dos livros do autor. Delimitando o período de formação das crianças com as obras de Francisco Vianna, considera-se que as crianças a serem identificadas estão em formação escolar e enquadram-se na idade entre 7 e 13 anos de idade, caso seja considerado o último ano do ensino primário aos alunos entre 13 e 14 anos.

Ao compreender o conceito de criança como uma fase biológica e psicológica de menor amadurecimento em comparação com a vida adulta, entende-se o termo infância como uma construção social e histórica do “ser criança”. Segundo Sarmiento (2005), são atribuídos diferentes estatutos sociais com bases ideológicas e normativas sobre o lugar da criança na sociedade em momentos diversos, ou seja:

[...] está, por consequência, num processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída dos seus actores concretos, mas por efeito conjugado das acções internas e externas dos factores que a constroem e das dimensões de que se compõe.” (SARMENTO, 2005, p.366).

Essa concepção articula com a perspectiva que nega a visão abstrata de infância como única e universal, pois considera os fatores como classe, gênero, etnia, raça, instituições e outras determinações que fornecem diferentes ideais de infância. Assim como esses fatores citados, a história também é determinante na compreensão sobre a infância:

Não existe, a bem dizer, uma infância. Existem várias experiências humanas que modelam a criança dentro de limites cronológicos determinados. A esses períodos que desenham a pessoa da criança ou a criança como pessoa sobrepõem-se as alteridades dos tempos sociais que delimitam o território onde cada um se faz. (FARIA FILHO & FERNANDES, 2007, p. 8)

Assim, para considerar a infância como um processo sociocultural que sofre modificações, compreende-se a história dos infantes como “a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos com essa classe de idade” (KUHLMANN E FERNANDES, 2004, p.15), portanto, leva-se em conta a produção material e simbólica destinada à criança, como uma “especificidade do estudo da infância na produção histórica seja a recolha e a análise de fontes” (GOUVÊA, 2007, p.20).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Hunt (2010) aponta que as produções literárias infantis estão carregadas de ensinamentos morais. Em relação ao perigo da análise desse tipo de literatura, o autor aponta que:

A literatura infantil tem esse problema, com a dificuldade adicional de que não podemos saber como uma criança lê – como uma experiência “literária” ou como uma experiência funcional. Qualquer texto pode receber uma leitura “literária” – e devemos tomar cuidado com a contradição ao dizer que alguns textos agradam mais que outros –, pois os valores que nele aplicamos também pertencem ao sistema cultural. (HUNT, 2010, p. 87)

Essa preocupação deve ser aliada às multiplicidades de infâncias que podem ser consideradas dentro das narrativas de ficção, pois para o autor:

[...] a infância não é hoje (se é que alguma vez foi) um conceito estável. Por conseguinte, não se pode esperar que a literatura definida por ela seja estável. Assim, devemos ser muito cautelosos acerca do descompasso entre as interpretações de um livro feitas quando este livro é publicado e as interpretações realizadas em outros períodos, com contextos sociais diferentes. (HUNT, 2010, p. 87)

Portanto, é necessário conceber a infância como constitutiva de diferentes discursos, assim como Heywood apresenta em sua obra *Uma História da Infância* (2004), trazendo uma reflexão importante ao historiador acerca de como tratar o conceito de infância e criança em suas pesquisas, articulando-as com o social e o cultural. Deste modo, é possível compreender a complexidade da infância, como um conceito não estático e muito menos progressista no sentido de evolução; que cada sociedade possuirá “idéias contrastantes sobre questões fundamentais relacionadas à duração da infância, às qualidades que diferenciam os adultos das crianças e à importância vinculada às suas diferenças” (HEYWOOD, 2004, p.22), dessa maneira, o historiador deverá ter consciência de que diferentes discursos, muitas vezes desprovidos de articulação com a história, poderão ser falsamente identificados como verdade, naturalizando os conceitos de infância e criança e negando a presença de outros discursos (muitos deles de característica micro) constitutivos de um macro social.

À vista disso, Gouvêa (2008, p. 102) aponta que os estudos voltados para a infância devem “considerar a multiplicidade destes ritmos de duração. São inegáveis as contribuições de uma micro-história, bem como uma história conjuntural na escrita de uma história da infância”. Portanto, foram analisados os discursos elaborados por Francisco Vianna, autor inserido em um contexto social e cultural específico. No que concerne à construção de um produto cultural destinado especificamente à criança, no caso a literatura infantil escolar, a autora defende que ao mesmo tempo em que esse material consegue definir a infância por meio dos seus discursos, também a reflete em suas narrativas, ou seja, é pensar a criança em seu constructo cultural e social:



Ao formularem-se imagens de crianças, edifica-se um imaginário sobre a infância, no qual se define o que é criança, os contornos que a diferenciam do adulto, quais suas características psicológicas, seu comportamento, seus hábitos e atitudes, assim como que valores, hábitos, comportamentos e atitudes devem ser transmitidos pelo adulto, e segundo qual estratégia de socialização. (GOUVÊA, 2004, p. 57)

Assim, aliando as informações coletadas sobre o contexto de produção das obras, o percurso profissional do autor, os seus ideais sobre a educação dos infantes e suas opções teóricas, o presente capítulo visa compreender quais são os valores morais, defeitos e virtudes que o autor, Francisco Vianna, concebe à infância, além de identificar quais são as expectativas para essa faixa de idade e quais são as relações com a família, com a escola e com o trabalho, sendo essas consideradas instituições principais para o cuidado ou modelação da infância. Para isso, foram utilizadas obras de modelo formativo do autor, relacionando-as com os discursos proferidos por meio de conferências realizadas entre 1916<sup>71</sup> e 1928, publicadas na obra *Modernas Directrizes no Enzino Primario: escola activa do trabalho ou nova* (1930).

Com a finalidade de identificar um perfil da infância presente nas obras de Francisco Vianna, foi necessário compreender quais são os personagens mais recorrentes, ou seja, se há a presença de familiares, desconhecidos, padrões ou animais, e quais são os espaços mais presentes (campo, cidade, escola, oficina), além das temáticas tratadas (valores positivos a serem demonstrados ou ações negativas que deveriam ser evitadas). Para isso, foram elaboradas tabelas para a sistematização de dados com a finalidade de realizar *uma análise descritiva* e *uma análise interpretativa* geral de um total de 280 lições. Define-se análise descritiva e análise interpretativa como:

A análise descritiva é aquela voltada para a decomposição do texto em elementos menores que o constituem e o fazem pertencer a um determinado gênero literário. Tal decomposição do texto em elementos menores é, por assim dizer, algo como uma dissecação do texto de modo a facultar a compreensão e a classificação das partes que o constituem. A análise interpretativa, por sua vez, volta-se para a compreensão das possíveis relações de sentido que se estabelecem entre tais elementos que constituem o todo textual e, também, para a compreensão das possíveis relações de sentido que se estabelecem entre a ordem que preside a organização de tais elementos sob a forma de texto e a história ali narrada. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 34)

Como forma de apresentação da análise, o presente capítulo foi dividido em três seções. A primeira seção apresenta como estão estruturadas as narrativas nas obras do autor, possibilitando compreender qual é a criança e as relações que permeiam a infância e como o autor apresenta o seu ideal de criança para a elaboração dessas lições. Já a segunda seção visa mostrar os valores morais, virtudes e defeitos que o autor identifica como sendo característico da infância. A terceira apresenta as gravuras e fotografias que estão atreladas às narrativas do

---

<sup>71</sup> O livro contém conferências que ocorreram num período entre 1917 e 1928, porém o autor faz referências sobre relatórios e outras palestras realizadas no ano de 1916.

autor, com a finalidade de apresentar como elas são modificadas a cada fase de idade da infância na sua relação com a seriação das obras, quais são os outros personagens que surgem no decorrer da série e se essas ilustrações possuem referências europeias ou se houve uma preocupação em aliar um discurso nacionalista com o conteúdo imagético.

### **3.1 As narrativas de Francisco Vianna**

As narrativas das lições de Francisco Vianna perpassam sobre tramas que atrelam acontecimentos da vida cotidiana, envolvendo diversas manifestações infantis: brincadeiras, momentos de estudo, conversa com os pais, traquinices realizadas, momentos altruístas e egoístas e outros. São textos curtos que variam de uma a três páginas, com começo, meio e fim da trama. Algumas dessas narrativas, principalmente as que estão presentes nos últimos livros da série, possuem uma continuação mais extensa, dividindo uma trama entre duas a três lições e com média de duas a quatro páginas, para que o conteúdo seja facilmente compreendido pelos alunos.

Atrelados à quantidade de páginas, os assuntos também são relacionados à realidade infantil, pois, para Francisco Vianna, por mais que as faculdades mentais da criança sejam as mesmas do indivíduo adulto, essa ainda não dispõe da mesma complexidade intelectual:

Eis, porque, embora a psychologia da creança seja, quanto ás faculdades elementares postas em jogo, fundamentalmente a mesma do adulto, nós não a podemos tratar como si fosse um adulto em que todas ellas se manifestassem reduzidas na mesma proporção. Uma vez que a relação que há entre cada uma das faculdades elementares no adulto e na creança não pode ser representada pelo mesmo coeficiente, a combinação delas apresenta, num e noutro caso, resultados aparentemente tão diversos que se assemelham a muitos como oriundos de faculdades tambem diversas. (VIANNA, 1930, pp. 50-51)

Constata-se que, além da pedagogia, a psicologia também se fez presente como um discurso científico para a infância. De acordo com Gouvêa (2004, pp. 59-60), a premissa principal sobre a concepção da psicologia sobre a criança pautava-se na alteridade em relação ao indivíduo adulto, sendo assim, elaborados diversos discursos de cunho técnico-científico para legitimar a diferenciação para essa fase de idade:

Assim, é que, no início do século passado, destacam-se autores como o próprio Claparède, além de Dewey, Montessori, Binet e Kilpatrick que irão dirigir sua produção no sentido de defender um novo olhar sobre a criança, que a perceba como qualitativamente diferente do adulto. Nessa “cruzada” em favor da afirmação da infância terão em Rousseau a referência histórica privilegiada. (GOUVÊA, 2004, p. 59)

Observa-se que, nos escritos de Francisco Vianna, há um embasamento dos ideais de Dewey para a compreensão da sua concepção de criança e de educação, como foi possível localizar em suas conferências. No que concerne à definição de criança em sua maturação física e psicológica, o autor utiliza a citação da Sra. Johnson, encontrada na obra “Escola de Amanhã”:

[...] A criança vive ansiosa por mover-se, mental e physicamente. Do mesmo modo que o crescimento physico tem de dar-se juntamente com o mental, outrotanto ocorre nos factos isolados da creança. O seu desenvolvimento corporal e a sua evolução mental dependem mutuamente um do outro. (JOHNSON apud VIANNA, 1930, p. 28)

Dessa forma, compreende-se que na narrativa estruturada para a infância por meio dos livros de Francisco Vianna há a presença de elementos que transcendem às tramas, mas também um discurso que legitima a alteridade da criança em relação ao adulto, não somente por sua idade e por suas características físicas, mas também o seu desenvolvimento psicológico. Vale ressaltar que essa alteridade está delimitada somente às características naturais e não culturais:

E'claro não ser tão precisa aqui a mensuração como a que se faz para determinar a dimensão geometrica no mundo concreto. Entretanto, não só é possível, como indispensavel para quem se proponha nos tempos modernos estabelecer nases da instrucção dos homens. Já passou o tempo da antiga pedagogia, em que, como diz Claparède, se cogitava apenas do que o alumno *deve* aprender, mas estamos na epoca que devemos primeiro saber o que a criança *póde* aprender. (GONZAGA, 1919, p. 142)

Observa-se que, além de diferenciar as capacidades mentais da criança em relação ao adulto, o próprio autor compreende que as crianças também são diversas. Portanto, é possível constatar tramas diferentes e curtas, para atingir o máximo de alunos que leriam as suas obras. Dessa forma, o autor não focaliza em uma classe social específica, e, sim, na fase da infância e suas possíveis variações.

Considerando que a idade das crianças que estudam no ensino primário esteja na faixa dos 7 aos 14 anos, a infância que o autor considera abarca essa faixa de idade, entretanto as historietas apresentam personagens com idades a partir de 3 anos. Cada livro possui, em média, 60 lições distribuídas em tramas diversas, passando por uma complexificação dessas narrativas, para que a criança que está em contato com a *Cartilha* (entre 7 e 8 anos) possa lidar com tramas mais simples, com poucos personagens coadjuvantes e com a constante presença de pais e familiares, passando a aumentar o leque de “indivíduos” a cada obra (principalmente nos últimos dois livros, que atenderiam crianças entre 11 e 13 anos), acrescentando vizinhos, padrões e animais, com status de personagens principais ou secundários, conforme apontam as tabelas abaixo:

Tabela 3 - Recorrências de personagens principais nas obras

<b>Obras/Espaços</b>	<i>Cartilha/ Primeiros Passos</i>	<i>Leitura Preparatória</i>	<i>Primeiro Livro</i>	<i>Segundo Livro</i>	<i>Terceiro Livro</i>
<b>Criança</b>	42	55	60	45	52
<b>Adulto</b>	-	2	1	14	7
<b>Animal</b>	-	3	-	1	-

Fonte: Dados coletados por meio da revisão bibliográfica de obras didáticas publicadas por Francisco Furtado Mendes Vianna.

Tabela 4 - Recorrências de relações entre personagens nas obras

<b>Obras/Espaços</b>	<i>Cartilha/ Primeiros Passos</i>	<i>Leitura Preparatória</i>	<i>Primeiro Livro</i>	<i>Segundo Livro</i>	<i>Terceiro Livro</i>
<b>Uma Criança</b>	8	11	7	3	4
<b>Criança/Criança</b>	13	12	18	3	4
<b>Criança/Adulto</b>	21	29	30	36	39
<b>Criança/Animal (sem fala)</b>	8	16	2	-	2
<b>Animal/Animal (sem fala)</b>	-	3	-	-	-
<b>Adulto/Adulto</b>	-	-	-	11	7

Fonte: Dados coletados por meio da revisão bibliográfica de obras didáticas publicadas por Francisco Furtado Mendes Vianna.

Tabela 5 - Adultos representados nas obras

(continua)

<b>Obras/Espaços</b>	<i>Cartilha/ Primeiros Passos</i>	<i>Leitura Preparatória</i>	<i>Primeiro Livro</i>	<i>Segundo Livro</i>	<i>Terceiro Livro</i>
<b>Pai</b>	6	10	21	14	19
<b>Mãe</b>	10	11	29	16	25
<b>Avô</b>	2	-	1	2	1
<b>Avó</b>	1	1	2	-	-
<b>Tios/Padrinhos</b>	2	3	7	6	2
<b>Outros familiares</b>	1	1	-	1	1

Tabela 5 - Adultos representados nas obras

(conclusão)

<b>Obras/Espaços</b>	<b><i>Cartilha/ Primeiros Passos</i></b>	<b><i>Leitura Preparatória</i></b>	<b><i>Primeiro Livro</i></b>	<b><i>Segundo Livro</i></b>	<b><i>Terceiro Livro</i></b>
<b>Empregada</b>	-	4	1	1	-
<b>Vizinho</b>	2	2	-	-	1
<b>Desconhecidos</b>	-	8	2	9	3
<b>Patrão</b>	-	1	-	3	8
<b>Professor/Mestre</b>	-	2	8	5	3

Fonte: Dados coletados por meio da revisão bibliográfica de obras didáticas publicadas por Francisco Furtado Mendes Vianna.

Ao observar a tabela de número 5, identifica-se a variedade de personagens principais, pulverizando a centralidade da criança, o que permite inferir sobre a necessidade de apresentar como os adultos e os animais lidariam com determinada situação, como forma de apresentá-los como modelos a serem seguidos ou por exemplos a serem refutados. Já a tabela de número 6 indica a complexificação das relações infantis a cada ano, aumentando as relações entre pares e a relação das crianças com os adultos. A tabela de número 7 indica que os familiares continuam sendo a base de relação das crianças, porém aparecem outros indivíduos como: patrões, professores, vizinhos e desconhecidos.

Apesar dessa variação dos personagens se fazer presente, o grau de complexidade desses pode ser definido como *plana*, ou seja, “apresenta baixo grau de densidade psicológica” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 39) e se enquadram no perfil de “tipo”, pois são apresentados de acordo com os papéis sociais que já carregam valores incorporados, como por exemplo, a mãe e o seu instinto de proteção, o pai como o líder familiar e com uma voz mais ativa, o professor e a sua sabedoria, a criança mais velha como alguém a ensinar algo a mais nova, o indivíduo trabalhador como uma pessoa honesta e altruísta. Dentre vários exemplos, abaixo é possível identificar o papel do bombeiro na narrativa antes mesmo da sua ação heroica:

Figura 32 - Trecho da lição “O carro em disparada”

Mas não bastam estas duas qualidades para um bombeiro ser util: é preciso, também, que elle não receie arriscar um braço, uma perna, ferir-se, morrer, até, para salvar a vida dos outros.

Dedicados e ageis, elles podem, em geral, mesmo fóra das suas obrigações, nos grandes perigos, correr em soccorro dos outros.

Página 171 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911.  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Quanto à forma de narração dessas histórias, nota-se que quase todas possuem um narrador em terceira pessoa (excetuando-se as atividades de nexos lógicos da *Cartilha*), ou seja, um narrador observador definido como *heterodiegético*, pois o mesmo “possui um distanciamento da história narrada” (IBDEM, p. 40), conferindo uma participação de grau zero na narrativa, pois não participa da história que narra. Quanto ao foco narrativo, considera-se como *onisciente neutro*:

Esse foco narrativo caracteriza-se pelo uso da 3ª pessoa do discurso. Tende ao uso do sumário, embora não seja incomum que use a cena para a inserção de diálogos e para a dinamização da ação e, conseqüentemente, do conflito dramático. Reserva-se, normalmente, o direito à caracterização das personagens, descrevendo-as e explicando-as para o leitor. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 43)

Constata-se que muitas lições apresentam a descrição do personagem por parte do narrador, como “O Juquinha e o Chico entraram, então, na copa. Os dois eram muito gorduchos” (VIANNA, 1935, p. 8); “Tinha, porém, o defeito de supôr-se mais inteligente e, sobretudo, melhor, só por ser filho de paes ricos” (VIANNA, 1917, p. 7); ou “Pedro poude, então, apreciar a honradez de João, que fôra incapaz de aproveitar-se da sua patetice” (VIANNA, 1917, p. 33), observa-se que essas características físicas ou comportamentais dos personagens podem estar atreladas ao nó ou ao desfecho da narrativa, demonstrando uma causalidade já em suposição pelo leitor. Dessa forma, ao mesmo tempo que o narrador descreve o que irá acontecer na trama, também define quais são os personagens que geralmente seriam capazes de realizar tais ações,

fazendo com que o leitor (com o apoio do professor) possa identificar quais são os erros que devem ser evitados e o que se deve esperar de pessoas que possuem certo tipo físico ou forma de pensamento.

O *espaço*, que é compreendido como “(...) o conjunto de referências de caráter geográfico e/ou arquitetônico que identificam o(s) lugares onde se desenvolve a história” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 45), é distribuído de forma diversificada em cada livro. De acordo com Gouvêa (2004), o espaço em que as narrativas são retratadas vão para além da concepção geográfica:

O autor, ao construir a narrativa, situa-se num determinado *locus*, confere ao texto uma territorialidade concreta (o espaço físico). Ao mesmo tempo, para além dessa dimensão, projeta sentimentos, desejos, expectativas que dotam tal espaço de um significado que transcende a dimensão concreta, tangível. [...] Ele não apenas retrata uma visão da época, mas projeta um determinado ideal, busca delinear um modelo no qual o leitor infantil se espelhe. (IBDEM, p. 174)

Dessa maneira, compreende-se a presença dos espaços como um modo de retratar não somente os locais onde a infância deveria se fazer presente, mas também quais regras sociais, hábitos, valores e atitudes que são próprias desses espaços, favorecendo a criação de hábitos e comportamentos e inserção de personagens característicos. Consta-se que variam de acordo com cada fase de destinação das obras, ou seja, para as crianças entre 7 e 9 anos há uma constância de espaços que estão próximos à habitação dos personagens, distanciando-se quando o público alvo passa a ser crianças entre 10 e 14 anos de idade.

Essas tramas que envolvem o trabalho, seja ele atrelado à escola, ao campo, à casa ou à cidade aparecem a partir do *Segundo Livro de Leituras Infantis*, fase que compreende alunos entre 13 e 14 anos.

Tabela 6 - Espaços presentes nas obras

(continua)

Obras/Espaços	<i>Cartilha/ Primeiros Passos</i>	<i>Leitura Preparatória</i>	<i>Primeiro Livro</i>	<i>Segundo Livro</i>	<i>Terceiro Livro</i>
<b>Casa</b>	13	25	35	18	19
<b>Campo</b>	10	9	-	13	1
<b>Cidade</b>	6	11	11	5	8
<b>Escola</b>	-	1	8	6	3
<b>Trabalho</b>	-	-	-	2	2
<b>Campo/Cidade</b>	-	-	2	3	1

Tabela 6 - Espaços presentes nas obras

(conclusão)

Obras/Espaços	<i>Cartilha/ Primeiros Passos</i>	<i>Leitura Preparatória</i>	<i>Primeiro Livro</i>	<i>Segundo Livro</i>	<i>Terceiro Livro</i>
<b>Campo/Escola</b>	7	-	-	-	-
<b>Campo/Casa</b>	3	2	10	3	-
<b>Cidade/Casa</b>	1	6	2	7	6
<b>Cidade/Escola</b>	-	1	0	4	-
<b>Escola/Casa</b>	-	1	6	4	3
<b>Trabalho/Casa</b>	-	-	-	-	9
<b>Trabalho/Cidade</b>	-	-	-	-	7
<b>Trabalho/Campo</b>	-	-	-	-	-

Fonte: Dados coletados por meio da análise das obras: *Cartilha: Leituras Infantis* (1931); *Leitura Preparatória* (1935); *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a); *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b) e *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917).

Observa-se que as ocorrências sobre o campo no livro *Cartilha* se sobrepõe às referências à cidade, passando a mudar esses dados a partir da obra *Leitura Preparatória*, quando há quase uma equiparação das recorrências. Já no *Primeiro Livro*, as temáticas sobre o campo desaparecem em detrimento à cidade, no entanto constata-se que as narrativas em que há espaços campestres em relação às residências suprem a ausência do contato totalmente externo. Surpreendentemente, o campo reaparece nas tramas, superando a cidade como espaço principal, contudo essa perde quando há a relação entre a cidade e a casa em uma mesma narrativa.

Dessa forma, compreende-se que há a presença dos dois espaços nas obras, inicialmente com a presença das crianças somente no campo ou em suas casas, sendo distribuídas a cada obra com outros ambientes. O campo é representado nessas narrativas como espaços de socialização e de educação da criança, como forma de afirmar a segurança desse local para formar a mente infantil com espaços abertos, possibilitando o contato com a natureza e oportunizando brincadeiras mais corporais: correr, brincar de barquinho no lago, colher frutas, faz de conta com vários pares, entre outras atividades lúdicas. Não há o ambiente escolar nas narrativas, somente comentários que as crianças frequentam esse espaço:

Ellas se levantam às seis horas.



A's sete saem a tomar ar no terreno.  
 Ellas se divertem com suas bonecas.  
 O seu cão Setim vem com ellas.  
 Mais tarde ouvem a sineta tocar.  
 Então as duas sobem e vão estudar. (VIANNA, 1931, p. 13)

Porém, a partir do *Segundo Livro* inicia-se uma alteração da compreensão do campo como espaço voltado para a formação da criança, quando há ocorrências do ambiente escolar e da cidade. O campo é sempre citado nas narrativas como lugar de descanso dos personagens que estão doentes, ou motivo para férias após um período de estudos ou visitação de parentes distantes. Observa-se que nas lições há um movimento inverso, ou seja, um personagem do campo adentra nas relações de um espaço urbanizado e, por isso, sofre com a adaptação no processo de socialização:

Figura 33 - Trecho da lição "Aventuras de um roceiro II"

Uns dias antes, o primo, muito delicadamente, tinha feito ver ao Tónico que deveria dizer *os pães* e não *os pão*.

Pois bem, no decorrer do jantar, o Tónico, desejando um pedaço de pão, chamou a cozeira, desta fórma :

— O' Manuela, traga aqui *um pães!*

A visita sorriu-se, os primos se entre-olharam com ar de riso e o Tónico encasifou-se bastante. Por isso, quando a Manuela trouxe as fatias, elle, em vez de espetar uma dellas, calca com o garfo sobre a crosta dura de um bico : este escorrega do prato, cae dentro da terrina do feijão, que, não só salpica toda a toalha, como ainda, por extremo caiporismo, respinga tambem o rosto do convidado.

Página 102 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911b.  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

A polarização entre campo e cidade aparece de formas diversas nas narrativas do início do século XX. O campo pode aparecer como espaço onde oportuniza o contato da criança com a natureza e uma relação próxima à vida familiar e materna, mas também a presença desse espaço nas narrativas desse período é um reflexo de um país até então majoritariamente agrário,

em que a economia das principais cidades se faz por meio da plantação e exportação de diversos produtos que advém da terra.

Já a urbanização aparece de forma a complementar o processo econômico do país, seja pelas estradas de ferro ou por meio dos portos, como o de Santos. Dessa forma, a “urbanização acelerada concentrou-se nas primeiras décadas do século passado, em íntima relação com o processo de industrialização” (GOUVÊA, 2004, p. 176). Portanto, constata-se que, além da polarização dos ambientes para a educação das crianças, há um movimento de valorização de ambos, seja por meio da complexificação das relações que estão em contato com o meio urbano, mas também de apresentar o campo como refúgio para os problemas citadinos e como espaço fundamental para a criação das crianças delimitadas na “primeira infância”, ou seja, aquelas inseridas na faixa entre 0 e 7 anos.

No que concerne à escola, constata-se que a mesma vai ascendendo de acordo com a seriação das obras, aumentando consideravelmente a partir do *Primeiro Livro de Leituras*, tanto de forma isolada como também em relação à casa dos personagens. Nessa última recorrência, não há especificações se esses espaços estão localizados na cidade ou no campo, porém, compreende-se que com o aumento das referências urbanas nas obras, esses espaços estejam inseridos nele. Abaixo, um trecho que aponta a relação entre a escola e a sua inserção no cotidiano familiar:

Estavam numa sala uma senhora e três crianças: duas meninas e um menino. O menino escrevia em um caderno; uma das meninas bordava no bastidor uma chinela e a outra dava lição de leitura á senhora. Esta era a mãe dos tres.

- O homem é um animal, lia, vagarosamente, a Joaquina na sua cartilha.

- Tenha paciencia, dona Joaquina, interrompeu o Alvaro, voltando-se para a menina, si você é, eu não sou. Não sou quadrupede, não sou ave, não sou peixe, não sou mosquito; ando de pé, possuo mãos, sei falar, tenho intelligencia: sou homem.

- Homem, você! tornou Joaquina, sem comprehender Alvaro direito; você é menino, tem só dez annos. Então eu tambem sou uma moça!

- Ouve, Alvaro, disse-lhe a mãe, nós todos somos animaes e não só o homem que tem intelligencia; o cavallo, o gato, o cão, o leão, o burro, as aves, todos os animaes a têm, uns mais, outros menos. (VIANNA, 1917, pp. 46-47)

Em relação ao trabalho, observa-se a presença desse espaço a partir da obra *Leitura Preparatória* de crianças ajudando os seus pais em momentos de folga dos estudos, entretanto as recorrências do trabalho infantil aparecem no *Segundo Livro* e são triplicadas no *Terceiro Livro*. A diferença de abordagem dos espaços entre os dois livros reside na referência da criança completando entre 12 e 13 anos no último livro e adentrando nas relações de trabalho, passando por processos de seleção para o cargo ou desistindo dos estudos para ajudar a família no sustento de casa:

Figura 34 - Trecho da lição "Quatro provas para um emprego"

**QUATRO PROVAS PARA UM EMPREGO**

No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, lia-se, certa vez, este annuncio :

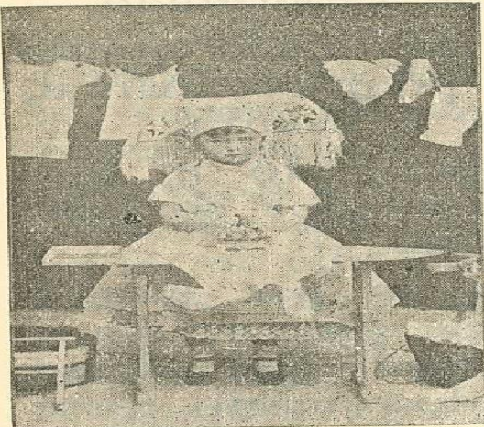
Precisa-se um menino de 12 annos, bom, intelligente, honesto e corajoso. Paga-se bem. Para tratar á Rua do Ouvidor n. 25, das 2 ás 3 da tarde, amanhã.

Fazia tal annuncio um millionario estrangeiro, o Snr. Franklin Moore.

Página 153 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Constata-se que as classes de idade compreendidas nas narrativas de ficção estão de acordo com os papéis sociais atribuídos ao adulto e ao ambiente em que o infante está presente, e não somente às ações próprias da criança. Dessa forma, há algumas brincadeiras de faz de conta que apresentam crianças realizando ações de adultos: dona de casa, lavadeira, passadeira, médico, entre outras.

Figura 35 - Trecho da lição "A Engommadeira"



Vocês me olham!  
 Estão se rindo?  
 Notam acaso  
 Que é muito lindo  
 Meu vestuario?  
 O rosto meu?  
 Gostam do ferro,  
 Que o pae me deu?  
 Ou talvez julguem  
 Que estou brincando  
 É só por troça  
 Estou passando

Página 102 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911b.



Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Quando a mesma atinge uma idade mais para o fim da infância, essas atividades se concretizam em profissões logo ao fim, ou antes mesmo de terminar os estudos no ensino primário. No que concerne às crianças retratadas nas narrativas, compreende-se um caminho dual após os estudos, aquelas que estudam para que, no fim, possam trabalhar com os pais, ou aquelas que desistem da educação escolar para ajudar os pais que estão necessitando de ajuda. No que concerne à valorização da criança trabalhadora, Gouvêa (2004, p. 128) afirma que:

Tal percepção traduz a representação do trabalho como salutar à formação e desenvolvimento da criança de camadas populares, como sua instância socializadora privilegiada para a formação para a vida adulta. É exemplar nesse sentido a instituição, no Estado de São Paulo, do “Dia da criança que trabalha”, dentro das comemorações da “Semana da criança”, quando se celebra a data mediante a composição de um hino à criança trabalhadora, intitulado “Apoteose à criança que trabalha” (*O Estado de São Paulo*, 22, set. 1936)

Identifica-se, portanto, três tipos de crianças que adentram no mundo do trabalho: a primeira após completar o estudo primário, herdando as atividades dos pais.

Figura 36 - Trecho da lição "O lambe-sêlos"



Páginas 26 e 27 da 66ª edição da *Leitura Preparatória Leituras Infantis* (1935).

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Aquelas que atrelam a atividade escolar com o trabalho, contudo o segundo aparece como necessidade de subsistência ou tutoria de algum familiar.

Figura 37 - Trecho da lição "O brinquedo das taboinhas"

O padrinho de Belmiro, que era proprietário de uma fabrica de caixas de papelão, encarregou-se de educal-os.

Durante o dia frequentavam a escola e pela manhã iam á fabrica aprender a fazer caixinhas. Raymundo, a quem o brinquedo tornára a mão firme e leve, aprendeu num instante : as caixinhas feitas por elle eram de tal perfeição que os operarios homens não o excediam. Belmiro estragava o papelão, não sabia collar e ficou durante muito tempo sem fazer cousa que prestasse.

Página 14 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911b.  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

E, o terceiro tipo, a criança que desiste dos estudos para ajudar a família. Como é o caso do conjunto de cinco lições intituladas de “A boa filha”, essa narrativa conta a história de Rosalia, uma menina que vê o sofrimento dos pais em trazer dinheiro para a casa e pretende trabalhar escondido para ajudá-los.

Figura 38 - Trecho da lição "A boa filha II"

Rosalia mostrou-se muito contente com o presente de sua mãe. Poz os livros sobre a mesa, folheou-os e divertiu-se em ver as illustrações.

Virou a ultima pagina do ultimo delles e murmurou baixinho : — Muito bonitos! Mas não era ler o que eu queria; agora, eu queria trabalhar. Como, porém, si a Mamãe não consente?

Durante todo o outro dia, Rosalia rebuscou em sua cabecinha como havia de ajudar aos paes.

Página 182 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

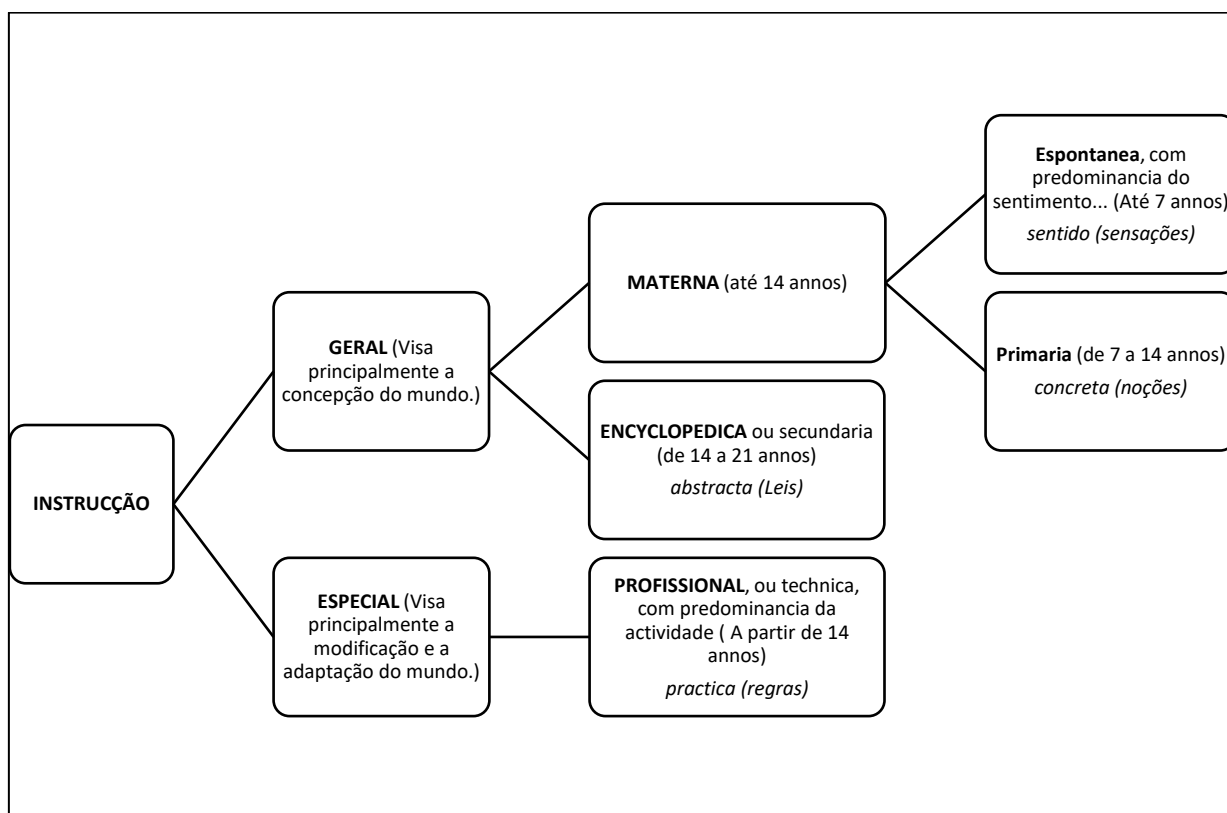
É interessante observar que para Francisco Vianna a criança trabalhadora aparece representada com a idade entre 12 e 14 anos; já em outras obras são infantes mais novos:

[...] no âmbito da literatura infantil, ao mesmo tempo em que designa a criança trabalhadora como “um rapazola de 9 anos”, Bilac, em outro conto de *Contos Pátrios* se refere a uma criança, filha de fazendeiros, interno num Colégio, como “Jorge, um menino de 10 anos”. Ou seja, aparece “adultização” da criança pobre, trabalhadora, ao lado da infantilização da criança-aluno de camadas superiores, revelando uma percepção diferenciada do conceito de infância, determinado pela classe social de origem da criança. (GOUVÊA, 2004, p. 129)

Ainda sobre a relação entre o papel da escola e o papel do trabalho, Gouvêa (2004, p. 129) afirma que “A escola e o trabalho são percebidos como processos socializadores diferenciados e distintos, apenas a criança das camadas superiores podendo se beneficiar da educação escolarizada para a formação da vida adulta”. Apesar de concordar com a afirmação no que concerne à escola e o trabalho como agentes socializadores, não foi possível compreender a relação entre a criança da classe superior utilizando a escola como ascensão e a da camada inferior se destinando ao trabalho, mas constata-se que ambas estão inseridas nesse meio logo no final do ensino primário.

Foi possível localizar, no final da palestra “Illusões, exageros e confusões no ensino primário” (VIANNA, 1919), um esquema retratando as divisões concernentes às fases de aprendizado da criança em comunicação com as características do ensino primário. Observa-se que o ensino propriamente profissional aparece como opção a partir dos 14 anos de idade, residindo o ensino primário a todas as crianças e deste bifurcando entre o enciclopédico e o especial a partir do final da infância:

Quadro 6 - O ensino na concepção de Francisco Vianna



Fonte: VIANNA, F.F.M. *Ilusões, exaggeros e confusões no ensino primario: conferencia realizada, na Bibliotheca Nacional, a 6 de Novembro de 1919, a convite da Liga de Professores*. In: VIANNA, F.F.M. *As modernas directrizes no ensino primario (escola activa do trabalho ou nova)*. Nº 648. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930, p. 123.

Diferentemente de Olavo Bilac, Francisco Vianna não compreende que uma criança de 9 anos esteja inserida no ambiente de trabalho, mesmo que essa seja de uma camada social mais desfavorecida. Contudo, as crianças que estão em processo de vulnerabilidade estão retratadas como desamparadas, ou seja, aquelas que sofreram a perda dos pais e não possuem nenhuma forma de sobrevivência, dessa forma, a mesma precisa de ajuda de outros adultos que atuam de forma carismática, principalmente por vias da adoção. Dentre as narrativas das obras, as lições *O orpham I e II* (1911b) retratam de forma mais detalhada a situação da criança desamparada e o apoio que deve receber daqueles que possuem condições para cuidá-la.

Figura 39 - Trecho da lição "O orpham II"

— Pobresinho, disse a senhora Barbosa ; ter andado sósinho a esmolar ! Mas isto acabou-se ; não esmolarás mais. Miguel, juntou ella, voltando-se para o marido, não temos fortuna, mas vivamos com mais simplicidade ainda, e seja este o nosso quarto filho, não ?

— Sim, será nosso filho. Eu já tinha resolvido isto ; estava apenas esperando que fosses a primeira a propô-lo.

Todos os presentes applaudiram essa generosa resolução do casal, que exercia assim a verdadeira caridade. E fizeram votos por que esse novo filho se tornasse um homem digno.

Página 171 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911b.  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Complementar ao espaço, como forma de retratar as narrativas, há também a *ambientação*, definida pela “(...) identificação do modo como o ambiente é construído pelo narrador” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 46), observou-se que, na totalidade de lições, há uma característica *franca*, pois por meio da própria descrição do narrador e das ações dos personagens o leitor identifica o grau de ambientação das narrativas. Toma-se, por exemplo, a lição intitulada “Garrafa”, presente no *Segundo Livro* (1911b), a história descreve a confusão de um estrangeiro em traduzir para a língua portuguesa o objeto que possui rolha e, para isso, pediu ajuda para que diferentes crianças; as três primeiras eram consideradas “travessas” e passaram nomes diferentes ao objeto, deixando o estrangeiro cada vez mais confuso.



Figura 40 - Trecho da lição “Garrafa”

No dia seguinte encontrou-se com um dos outros dois e, mostrando-lhe a carteira, perguntou-lhe si era assim mesmo que se escrevia a palavra. O segundo menino achou graça e, dizendo que não, em vez de emendá-la para certo, escreveu-a—*Fagarra*.

Logo após dirigiu-se ao terceiro e fez-lhe a mesma pergunta. Não foi o ultimo mais consciencioso que o segundo: emendou a palavra para — *Ragafa*.

Ora, na mesma rua, pouco adiante da casa em que se hospedára o inglez, residia um meninosinho pobre, que o olhava muito, porém sempre de maneira respeitosa.

O moço, encontrando-o á janella, mostrou-lhe as tres palavras *gafarra, fagarra, ragafa*, escriptas pelos meninos, perguntando-lhe qual estava certa. Notando a diversidade de letra, o pequeno sorriu-se.

Página 171 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911b.  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

De acordo com o trecho acima, observa-se que a ação dos personagens forneceu elementos para caracterizar uma ambientação confusa por parte do estrangeiro e da chacota por parte das crianças, com o apoio do narrador na complementação dessa descrição.

Todas as lições possuem um *tempo objetivo*, ou seja, cronológico, enfatizando que as tramas foram desenvolvidas de forma simplificada para auxiliar a criança que está no processo de aprendizado. O seguimento da narrativa também é considerado simples (*ovo in res*), pois o narrador não faz digressões das cenas, o que poderia confundir o leitor; além disso, o discurso das narrativas é direto, ou seja, marcado por falas dos personagens. Uma frequência *singulativa dos acontecimentos* (uma igualdade na quantidade de acontecimentos e menções a esses próprios acontecimentos) confere maior dinamicidade às histórias, facilitando a concentração na leitura por parte da criança. No que tange ao problema de conteúdos que estão além da compreensão dos infantes, Francisco Vianna comenta que:

Da preocupação excessiva com a linguagem, resultava a tendência para exercel-a, si assim podemos dizer, no vazio: as idéas, as concepções, os sentimentos e as ações passavam para o plano secundário. Dahi o exagero da construção de frases, dos exercícos puramente grammaticaes, das descrições, das composições, especialmente, das cartas, etc. O alumno lia, escrevia e analysava muito, dissertando,

por vezes, até sobre o que contemplara e mesmo meditara insuficientemente. (VIANNA, 1930, p. 68)

Quanto ao aprendizado considerado essencial para os infantes, o autor defende:

Ora, para que a ultima se possa exercer convenientemente é imprescindível que a aprendizagem seja, no início, de natureza eminentemente contemplativa, isto é, feita mediante exercício da observação, da experiencia e comparação pela propria creança, sobre os seres e mesmo os phenomenos que lhe são accessíveis. (VIANNA, 1930, p. 70)

Ou seja, por meio da observação e das experiências das crianças, o autor escreveu historietas que partiam da compreensão das ações de “pessoas” em situações diversas, atentando-se em “(...) prevalecer na educação o sentimento e ainda de ter nesta como objetivo, final e principal, preparar para o serviço da Humanidade” (VIANNA, 1930, p. 11). Considerando que os ensinamentos dos diversos assuntos devem estar de acordo com o nível de desenvolvimento da criança, o autor também ressalta que o ensino moral deve estar acima de qualquer outra inteligência. Quanto aos assuntos pertinentes à infância, o autor defende que:

Si queremos formar bons cérebros nos adultos, não forcemos os das creanças: deixemos que ellas sejam creanças em todas as suas phases. Que as aquisções intellectuaes e mesmo Moraes venham no momento oportuno, pois do contrario causaremos males irremediáveis (VIANNA, 1930, p. 47)

Os assuntos morais que necessitam ser trabalhados pelo professor inserem-se numa perspectiva de formar um bom indivíduo, capaz de discernir o instinto “construtor” do “destruidor”, com a função de eliminar o segundo, favorecendo uma formação individual mais humana e menos egoísta, ou seja, uma educação dos sentimentos pautada no positivismo comteano:

Ora, o instinto constructor, a que Auguste Comte chamou tambem industrial, é de uma indispensabilidade e um valor excepcionaes, porque é o seu exercício que assegura e facilita a existência material dos indivíduos que compõem a humanidade. Pois bem, é com o exercício regular, systematizado e continuo, do instinto constructor, na indústria, na agricultura e mesmo no commercio, que a quase totalidade dos indivíduos pode realmente colaborar de fôrma eficiente para as sociedades em que vivem, concorrendo, pelos productos, para a facilidade da vida material, fonte de tantos atritos, e pela sympathia continua que se desenvolve nos trabalhos para o progresso moral da Humanidade. (VIANNA, 1930, p.90)

Observa-se que a série de livros escrita por Francisco Vianna condiz com o que concebe por criança pela relação entre assuntos pertinentes ao “desenvolvimento cerebral” delas, inteligências e valores morais a serem ensinados, representando a criança como um indivíduo em formação, e que, para isso, é imprescindível ter uma leitura mais simplificada, e orientada por um narrador capaz de levar o leitor a se identificar com os personagens e apreender seus comportamentos, sejam eles positivos ou negativos. Esses sentimentos devem ser trabalhados por meio da família e desenvolvidos por meio da educação, que “(...) consiste exatamente no

desenvolvimento de todas as qualidades que permitem a cada individuo dar uma feição moral á sua atividade, quer quanto á origem, quer quanto aos meios, quer quanto aos fins” (VIANNA, 1930, p. 56). Caso o egoísmo prevaleça sobre o indivíduo, o autor compreende que a sociedade tende a ser mais destrutiva e esqueça os valores fraternais:

O que observamos, por exemplo, é, em relação ao egoísmo uma grande intensidade de instinto de conservação do individuo, do instinto destruidor, do orgulho (considerado aqui como a tendência para o domínio), enquanto o instinto materno, o instinto constructor e a vaidade (necessidade de aprovação) revelam-se ainda muito fracos. Dos pendores altruístas o mais forte é o apego; a veneração, isto é, o reconhecimento da superioridade, e a bondade, desejo de amparar os mais fracos, são ainda muito rudimentares. (VIANNA, 1930, p. 49)

Dessa forma, a presença da família se faz muito recorrente nas historietas, como forma de demonstrar à criança os valores como a bondade, o apego e o respeito. Já a escola e o trabalho aparecem com menor repetição, pois a primeira é a mais importante e capaz de apresentar os valores morais. Enquanto o autor defende que é pela família que se aprende esses valores, a segunda seria a Pátria.

De acordo com Francisco Vianna, as crianças que estão inseridas no ensino primário, na verdade, deveriam aprender essas noções e outras inteligências a partir da educação materna, excluindo a necessidade de que os infantes nessa faixa de idade (entre 7 e 14 anos) estivessem dentro do ambiente institucional educacional, suas afirmações se fazem presentes tanto nas conferências publicadas no livro *Modernas*, principalmente a de 1919, o qual possui o item “1ª ilusão – Suppôr-se a escola a instituição mais adequada para o ensino primario” (VIANNA, 1930, p. 99), quanto no artigo “A questão do analfabetismo”, publicado no periódico *A Escola Primaria*, no dia 14 de março de 1924. O mesmo percebe que essa possibilidade de ensino só seria aplicada caso a sociedade atingisse certo grau de “positividade”, excluindo instituições que seriam responsáveis por regulá-las, transferindo essas responsabilidades para os próprios indivíduos:

Mas, embora eu continue a considerar a escola primaria como instituição transitória, destinada a desaparecer no dia em que a organização social permita ás mães assumirem integralmente o verdadeiro papel de educadoras de seus filhos até os 14 annos, reputo a transformação da escola primaria actual para como de alta relevância, porque ella irá concorrendo para a transformação dos cérebros capazes de repetir bem o que os outros fizeram, em cérebros verdadeiramente pensantes por si, creadores, servindo a indivíduos dotados de largo sentimento de fraternidade e verdadeiros habitos de acção.(VIANNA, 1930, p. 20)

Quanto aos estudos pátrios, o autor também se embasa na concepção positivista para justificar o civismo como união dos indivíduos que estão inseridos em uma determinada pátria, mas também com uma visão de respeito ao estrangeiro, envolvendo fraternidade e a colaboração com o próximo.

De todas as 280 historietas, somente as duas últimas do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, intituladas de “Um equivoco” e “José Bonifacio” – que apresenta José Bonifácio de Andrada como um grande homem, considerado exemplo de “virtude” e de “civismo” –, citam valores pátrios, já a outras historietas não citam tais valores. Sendo assim, observa-se que o assunto cívico aparece somente no final da infância, considerando o sentimento, os valores morais e fraternais mais importantes para essa fase, destinando ao *Quarto Livro de Leituras Infantis* para tal temática. Quanto à sua crítica sobre o ensino do civismo, o autor comenta que o mesmo não foi apresentado de forma correta na escola:

Todos nós sabemos que o ideal mais altruísta da escola era até bem pouco *preparar o individuo para o serviço da pátria*, claro é que não tomando como tal o tacanho conceito de formar o eleitor. Dahi resultava a preocupação da instrução cívica, o insulamento do estudo da Historia Patria de cada paiz, o exclusivismo nacionalista, a exarcebação do egoísmo patriótico, a preocupação com a supremacia da patria respectiva sobre as demais, o bater-se na tecla de que o paiz era o mais rico, o mais bello, o mais isto, o mais aquillo. (VIANNA, 1930, p. 60)

E, ao apresentar as suas críticas pontuais, o mesmo considera o ensino cívico em outra perspectiva:

Era uma forma insuficiente do espirito de sociabilidade, da fraternidade que deve dominar entre todos os habitantes do planeta, porque nós precisamos não esquecer que nos devemos considerar como irmãos, mesmo daqueles que não nos queiram tratar com sentimentos cordeaes. (VIANNA, 1930, p. 60)

Assim, o autor valoriza o ensino moral acima das demais inteligências e do patriotismo, considerado como assunto tão pertinente a ser tratado no período. As recorrências às brincadeiras e ações infantis aparecem de forma constante, enfatizando o respeito ao desenvolvimento físico e psicológico da criança. Vale ressaltar que o autor não considera um indivíduo na casa dos 21 anos como adulto, sendo assim, supõe-se que a adolescência, para Francisco Vianna, está na fase dos 15 aos 21 anos de idade:

[...] imaginae, por exemplo, que daqui há alguns séculos, já se tivesse o juízo barbado aos sete anos, já se decidisse tudo com o acerto aos quinze, já estivéssemos habilitados a dar verdadeiros conselhos aos vinte e um! Perdoae-me, que existência estúpida! Como seria desagradável uma existência em que não tivesse havido brinquedos e travessuras, realizações rusticas de habilidades incipientes, que não tivesse sido gizados planos de ventura e de glorias com a mesma cândida facilidade com que se faz jorrar a luz, abrindo de par em par uma janela [...] Deixae que os pequeninos riam, cantem, brinquem; que pensem, sintam e se movimentem como ruidosa, sincera e franca alegria de ir rasgando aos poucos os para eles ainda misteriosos véos da existência! (VIANNA, 1930, p. 115)

Ao analisar todas as historietas, constata-se que a simplicidade de temas abordados nas obras de Francisco Vianna teve a intencionalidade de respeitar as crianças que estão inseridas no ensino primário. Atrelando situações como as brincadeiras, relações familiares, com seus pares, com os animais e com o trabalho, Francisco Vianna construiu uma concepção de infância

que carece do controle dos instintos destruidores e da evolução dos instintos construtores para promover uma sociedade mais humanista.

Quanto ao caráter da educação para o ensino desses valores, também foi possível observar a preocupação em manter os personagens que estão no âmbito familiar como referência primeira para as crianças entre 7 e 14 anos, deixando a escola como pano secundário e o trabalho e a pátria nos momentos finais da infância.

A escolha por temáticas cotidianas, também se justifica por ensinar valores morais e fraternais aproximando-se a realidade dessas por meio da observação das ações de crianças, adultos ou animais, preconizando apresentar ações consideradas boas e ruins, pautadas na perspectiva positivista que afirma que essa fase deve favorecer o desenvolvimento do instinto construtor em detrimento do instinto destruidor.

Dessa forma, para compreender quais seriam essas ações consideradas “boas” ou “ruins”, a seção a seguir pretende demonstrar a relação dos valores morais com a concepção positivista de educação do autor.

### **3.2 O positivismo e as ações que convergem para o altruísmo**

“As creanças realmente fazem seu mundo consistir em puras manifestações do sentimento” (VIANNA, 1911b, p. V), é a principal definição de Vianna do que seriam as crianças. Presente nos prefácios de *Primeiro e Segundo Livro de Leituras Infantis*, Vianna tece um discurso com elementos voltados para a compreensão da especificidade infantil, sua relação com o mundo, principalmente com a família, com a escola e com os seus valores morais e éticos. Acrescentando a ideia da criança como um ser que só está imerso na imaginação e está “sofreada por falta de observações e theorias”, os manuais vão além da sua função alfabetizadora, inclusive desenvolvendo nas crianças a rotina de observação e respeito às regras sociais por meio de tramas específicas do ambiente em que a criança está presente, no caso a escola, a brincadeira, a família e seus pares.

Ainda no prefácio, o autor comenta que apesar de ser importante produzir textos seguindo os interesses das crianças, esses devem aproveitar “assumptos que concorram para a formação de seus sentimentos e de seu caracter; em summa de seu moral” (p.VI), logo, para inculcar esses valores, Vianna recorre à Auguste Comte (1798-1857)<sup>72</sup> e a sua filosofia

---

<sup>72</sup> Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier Comte, mais conhecido como Auguste Comte, nasceu em 19 de Janeiro de 1798 em Montpellier, assumindo o nome mais simples em 1818. O professor de matemática, autor de diversas obras como: *As minhas Reflexões. Humanidade, verdade, justiça, liberdade, pátria. Comparações entre o regime*

positivista, principalmente no que concerne à compreensão da sistematização positiva dos sentimentos.

Seguindo os ideais de ambos os tios (Godofredo José Furtado e Raimundo Teixeira Mendes), Vianna recorre ao positivismo ortodoxo para nortear as suas produções. À vista disso, o positivismo foi uma das principais vertentes políticas e ideológicas para a construção da representação nacional brasileira, ou seja, com a necessidade de criar um ideal do homem brasileiro, superando as “tradições do Antigo-Regime, que levaria a uma transformação radical, rumo ao progresso e à modernidade” (PANIZZOLO, 2006, p. 256).

Carvalho (1990), em sua obra *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*, apresenta a visão dos grupos que tinham interesses com Proclamação da República. Espelhado nos princípios da Revolução Francesa, o positivismo lutava pelo seu espaço no campo assim como também os ideais do jacobinismo e o liberalismo (com suas ortodoxias)<sup>73</sup>, com o desejo de disputarem pelo desejo de inculcação dos novos valores sociais, os quais condenavam a Monarquia e sua fase “teológico-militar (p.27), devendo ser superada pela fase republicana, pautados em atribuir a importância da relação entre Estado e sociedade civil, entre o público e o privado.

Ligado a esses interesses, o positivismo ortodoxo tinha por principal objetivo a secularização entre a Igreja e o Estado. Constituído por estudantes, professores e militares, tinham: o desejo da formação técnica, superando a elite literária civil; um apelo a um forte Executivo e interesses por implantar uma “Ditadura Republicana”, ou seja, o poder na mão de um representante, sendo ele o presidente, com a função de indicar seu sucessor; um viés de progresso com a participação direta do Estado e a incorporação do proletariado na sociedade moderna (MELLO, s.d). No que concerne à defesa de uma “Ditadura Republicana”, Mello (2011) compreende que:

O que norteou a ação dos positivistas ortodoxos nos primeiros anos da república foi a defesa da implantação da “Ditadura Republicana”. O grupo após não conseguir que seu projeto político fosse aplicado, passou a defender o cumprimento de artigos da constituição de 1891 que por diferentes motivos tivessem aspectos que se assemelhavam com a política tida pelo Apostolado como adequada. A possibilidade de golpes de tomada de Estado baseado em outro viés ideológico dificultaria a ordem tão defendida pelos positivistas ortodoxos na formação do estado republicano brasileiro. (MELLO, 2011, p. 15)

---

*de 1793 e o 1816, dirigidas ao povo francês por Comte, ex aluno da Escola Politécnica (1816); Ensaio sobre alguns pontos da Filosofia das Matemáticas (1818); Opúsculos de Filosofia social (1854); Programa dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade (1820); Considerações filosóficas acerca das ciências e dos sábios (1825); Considerações sobre o poder espiritual (1826); Exame do tratado de Broussais sobre a irritação (1828); Discurso de abertura do curso de filosofia positivista (1828) e seis tomos do Curso de Filosofia Positiva (1830-1842); além de cursos destinados à instrução popular a fim de difundir a sua “filosofia positiva”. (BASTIDE, 1984; NACHMAN, 1977)*

<sup>73</sup> Para maiores informações sobre as outras correntes que disputavam pelo ideal republicano, ler Carvalho (1990).

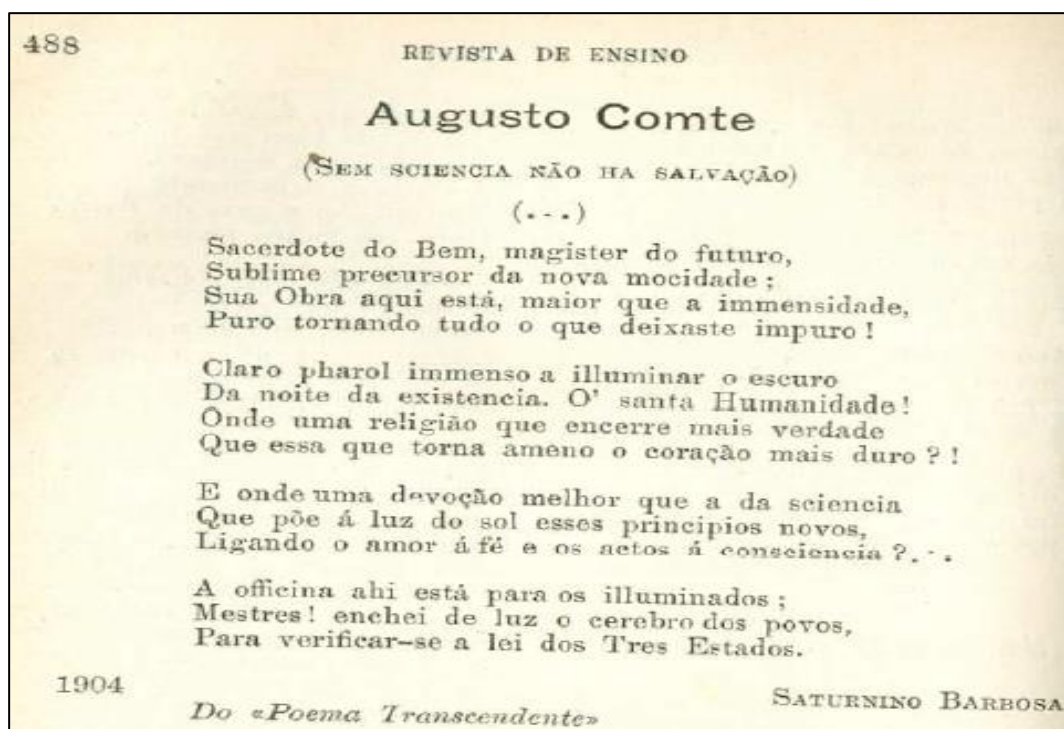
Quanto aos ideais positivistas comteanos, Nachman (1977) demonstra que a filosofia de Comte tem por principal crença os fatos verificáveis em detrimento das abstrações metafísicas, possibilitando assim uma aprovação de natureza universal. Para Bastide (1984, p. 33), o próprio termo “positivo” aparece em contraposição ao “quimérico”, “o *preciso* que recusa o *vago*, a aptidão para *organizar*, contrapartida do *negativo* – aptidão a destruir – e, finalmente o *relativo* que exclui o *absoluto*”.

Portanto, seguindo três níveis de cunho, “histórico, sistemático e didático, o pensamento de Comte deve ser complementarmente captado a estes três níveis”(BASTIDE, 1984), ou seja, por meio desses pontos principais Comte construiu todo o seu pensamento com a função de criticar a Igreja Católica Romana e discursar sobre uma filosofia libertária capaz de mudar as instituições sociais por meio da alteração de opinião do ser humano. Dessa maneira:

«O destino da sociedade, chegada à maturidade, não é o de habitar para sempre o velho e débil casebre que construiu na infância, como os reis pensam; nem o de viver eternamente sem abrigo após tê-lo abandonado, como pensam os povos; mas, ajudada pela experiência adquirida, o de construir com todos os materiais que recolheu o edifício mais indicado para as suas necessidades e proveitos». Trata-se, portanto, de construir para os homens um *habitat* social digno deles. (BASTIDE, 1984, p. 24)

A mudança das instituições, assim como o pensamento do ser humano e as ciências criadas por ele sempre passam pelos processos instituídos pela “lei dos três estados”, formulada em 1822, dividida em três fases: teológico ou fictício; metafísico ou abstrato; por fim, científico ou positivo. De acordo com o filósofo, as únicas ciências que chegaram à última lei (a positiva) proposta por ele foram: a astronomia, a física, a química e a biologia, pois todas entram em conformidade com a verificação e observação proposta pelo pensamento; já a política, a mais importante na análise positivista, tinha alcançado os dois primeiros estados. Para chegar ao terceiro seria necessário “hierarquizá-la na sua relação de positividade com as outras ciências fundamentais para ter a série ordenada, princípio da classificação das ciências” (BASTIDE, 1984, p.25) e a mesma poderia se tornar ciência, caso seguisse por orientação essas leis. Como forma de ilustrar a importância das ciências no ideal positivista, abaixo há um poema adaptado pelo professor Saturnino Barbosa para a *Revista de Ensino* (1904):

Figura 41 - Poema positivista publicado na “Revista de Ensino”



Poema *Augusto Comte: sem sciencia não há salvação* publicado na Revista de Ensino n. 5 (1904)  
 Fonte: Repositório Institucional da UFSC

Para Bastide (1984, p. 26-29), o motivo de a ciência política ser a mais importante nas análises de Comte reside em sua natureza analítica, pois a mesma está pautada na contemplação das questões relativas ao progresso coletivo voltado para a “(...) espécie humana, tendo por objecto a coordenação do passado social e por resultado a determinação do sistema que o movimento da civilização pode realizar”. E, da mesma forma que a política, o ser humano também passaria por essa “lei dos três estados”, pois “todo homem é teólogo na infância, metafísico na juventude e físico na idade adulta”. Ao conseguir alcançar o caráter positivo, ambos (política e homem) podem compreender a “impossibilidade de alcançar noções absolutas, renuncia à busca das origens, da destinação e das causas íntimas, para se entregar a descobrir, pelo raciocínio e pela observação”.

Portanto, para que as mudanças sociais pudessem ocorrer, seria necessária a compreensão do funcionamento dessas sociedades com objetivo de proporcionar a evolução social; porém, isso só seria possível se tivesse um *poder espiritual* organizado, e somente por meio da educação é que esse poder entraria na sua “positividade”, pois todo o problema social reside na desorganização desse. Assim, o poder espiritual:

[...] tem por objetivo próprio o governo da opinião, isto é, o estabelecimento e a conservação dos princípios que devem presidir às diversas relações sociais>>. A



principal atribuição do poder espiritual é a educação. <<A acção do poder espiritual consiste essencialmente em estabelecer, pela educação, as opiniões e os hábitos que devem dirigir os homens na sua vida activa e, seguidamente, em manter, por uma influência moral, regular e contínua, exercida quer sobre os indivíduos, quer sobre as classes, a observância prática dessas regras fundamentais>>. O exercício e a responsabilidade do poder espiritual não podem ser confiados senão a homens dotados de <<capacidade científica>> suficiente para se elevarem ao conhecimento dos conjuntos. (BASTIDE, 1984, p. 27)

À vista disso, rebatendo concepções metafísicas e com objetivos de levar em consideração os fatos verificáveis; desenvolvendo a moral, os hábitos e as opiniões universais por meio da educação; considerando as ciências como ferramentas essenciais para a modificação do homem sobre o social e influenciando mudanças em suas instituições; embasados pelo lema “amor como princípio e a ordem como base; progresso como objetivo” (BASTIDE, 1984, p.18), que os positivistas comteanos passaram a defender em suas diferentes esferas de atuação, sendo um deles Francisco Vianna na educação:

Generaliza-se por toda a parte a convicção de que, como demonstrou o portenhoso philosopho de Montpellier, todas as sociedades humanas civilizadas tendem para o estabelecimento de um regimen scientifico-industrial, o qual só é possível mediante um largo e completo predomínio da fraternidade em todo o planeta terráqueo. (VIANNA, 1930, p. 16)

Assim, levando em consideração as assertivas anteriores, as referências positivistas estão presentes na vida do autor, bem como em sua formação profissional com ênfase na matemática e na biologia, as indicações a cargos – como o de inspetor e de superintendente –, suas produções didáticas, e principalmente a sua concepção de criança.

Como citado anteriormente, o autor atrela em sua série de leitura os assuntos infantis, a narrativa específica da infância (histórias, poemas e contos) e o ensinamento dos valores morais. A frase “as creanças realmente fazem seu mundo consistir em puras manifestações do sentimento” (VIANNA, 1911b, p. V) advém da apropriação do autor de estudos de Comte, em sua fase “sentimental” (considerada pelos seus estudiosos, que a datam a partir de 1845), ao qual objetiva analisar os sentimentos seguindo um método “subjetivo” e “objetivo” – o primeiro, individual e o segundo, social –, onde “os nossos conhecimentos reais tendem, pelo contrário, com uma espontaneidade evidente, para uma total sistematização, tanto científica como lógica” (BASTIDE, 1984, p. 35).

Logo, Vianna utiliza tramas que partem de assuntos mais simples, como o uso de poucos personagens e espaços com a mesma característica imagética (presentes principalmente na *Cartilha e Leitura Preparatória*), para uma complexificação das relações sociais envolvendo: o trabalho, a escola e a família com os seus diferentes membros, tramas de maior dificuldade de resolução, tramas com temas de caráter científico (presente nas obras *Primeiro*,

*Segundo e Terceiro Livro de Leituras Infantis*), acompanhando, dessa forma, todo o processo de crescimento da criança e a sua relação com o mundo, e perpassando por temáticas comuns ao conceito de civilização na ótica comteana, sendo elas: a indústria, as ciências e as belas- artes.

Os temas moralizantes tanto aparecem para Vianna como forma essencial de formação das crianças quanto para a filosofia comteana. Os ensinamentos morais são elencados como princípios essenciais para a civilização. Dessa maneira, a moral elevada à “ciência do homem individual”, está situada “na linha da coordenação educativa. Resulta da convergência das vontades graças a uma educação científica e social, animada e controlada pelo poder espiritual” (BASTIDE, 1984, p. 38).

Dessa forma, enquanto Vianna utiliza como referência a fase da criança na concepção comteana, com objetivo de alcançar a positividade do ser adulto, se apropria de elementos comuns para a educação própria para a infância do período, utilizando os manuais de ensino para o ensino de leitura, com um tipo de texto considerado “próprio para a infância” e com conteúdos literários presentes na realidade infantil (utilizando brincadeiras, brinquedos, e a própria inocência e suas reações na narrativa).

Assim, como citado anteriormente, a importância de um discurso para a infância, principalmente com viés moralizante, não foi uma opção literária somente de Francisco Vianna, mas de quase todos os autores didáticos do período, pois conforme o relatório final dos livros a serem aprovados e utilizados nas escolas públicas paulistas, elaborado pela Comissão Revisora de Livro Didático do ano de 1918, o tema da moral aparece como um requisito importante para uma obra ser considerada um “bom livro”:

Para os integrantes da Comissão, o livro pode ter um tema admirável, especialmente no que se refere a moral, pode estar ao alcance dos seus leitores, com uma “linguagem pura” (Dória; Moura; Barreto, 1918, p.147), clara e corrente, mas se estiver exposto de modo impróprio para o entendimento infantil, ele será prejudicial ao ensino. (OVILEIRA E TREVISAN, 2015, p. 108)

No Distrito Federal, a revista *A Escola Primaria* publicou uma matéria intitulada *Livros de Leitura*, sob a solicitação do Diretor Geral da Instrução Pública no ano de 1924, com o propósito de explanar as necessárias características de um livro didático de qualidade. Esse artigo faz parte de um relatório geral elaborado por uma comissão revisora de livros do período e dentre os diversos itens discutidos no texto, um em específico, intitulado de *V - Incidentes da vida commum: apreciações morais*, traz a questão de assuntos corriqueiros da sociedade (família, amigos, trabalho, escola), os quais não precisam estar moldados diretamente com os valores morais, ou seja, não precisam estar presentes de forma explícita nas obras, porém as

discussões morais devem ser mobilizadas pelo professor e pelos próprios alunos, já que “lendo uma historieta, é natural que as crianças se inclinem para o bem e sintam repulsa pelo mal.”(A ESCOLA PRIMÁRIA, 1924, p. 40).

Quanto ao discurso de professores do período que defendem o ensino moral, foi possível resgatar o excerto de uma aula intitulada “Educação do homem e do cidadão”, elaborada pela redação da revista *A Escola Primaria*:

A formação de sua personalidade moral é importantíssima: é preciso extinguir os máos hábitos e substituí-los por bons, e nessa idade, em que a criança é tão impressionável, tão docil, tão inclinada á imitação, ha necessidade de uma direcção segura, de bons exemplis que lhe servirão mais tarde. Nos primeiros annos de sua vida, o contacto perpetuo da mãe, de sua afeição incomparavel, tem como resultado enternecer o coração da criança. Ao amor que lhe consagra, corresponde com igual amor. Este sentimento poderoso será o fundo sobre o qual se desenvolverão os sentimentos de altruismo, de sympathia, de devotamento. (A ESCOLA PRIMARIA, 1916, p.17)

No que concerne ao ensinamento de valores morais, Bittencourt (1996, p.5) defende que os próprios manuais de ensino possuem características controversas, pois ao mesmo tempo em que “democraticamente” ensinam a prática da leitura, “desvenda os signos, tentando, em princípio, libertar o indivíduo”, acaba condicionando “o leitor na pretensão de refrear a própria liberdade de que cria”, ou seja, por mais que os livros didáticos ofereçam democraticamente a “liberdade” de pensamento, ele também refreia os sentimentos infantis com o intuito de inculcar valores e comportamentos idealizados pelos adultos. No que diz respeito às virtudes a serem inculcadas, principalmente pelas vias da educação pública para a “formação das almas” (p.11), Carvalho (1998) afirma que:

A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas. Não foi por acaso que a Revolução Francesa, em suas várias fases, tornou-se um exemplo clássico de tentativa de manipular os sentimentos coletivos no esforço de criar um novo sistema político, uma nova sociedade, um homem novo. Mirabeau disse-o com clareza: não basta mostrar a verdade, é necessário fazer com que o povo a ame, é necessário apoderar-se da imaginação do povo. (CARVALHO, 1998, p. 11)

Quanto ao imaginário da criança, Vianna (1930, p. 18) elenca uma série de características a essa fase de idade. Para o autor, as crianças “são activas, são alegres e loquazes, são curiosas” e para isso o ensino não deve criar uma imobilidade e passividade ao espírito próprio a esse período de crescimento, pois as mesmas “querem ar e liberdade; não as enclausuremos, prendendo-as, por cima, a grilhetas, pesadas e odiosas, embora douradas”.

Explicando melhor sobre a forma de educação para a criança, o autor comenta que por mais que respeitem as suas particularidades, elas devem “ser educadas e dirigidas com vida, no meio da vida e para a vida; não nos limitemos a domesticar-as, inibindo-as em suas manifestações affectivas”.

Levando em consideração o ideal de ensino e de criança criado pelo autor, o discurso formativo para a infância na série *Leituras Infantis* está totalmente norteado pelo ensino da moral. Quanto à compreensão desse termo por parte de Vianna, o mesmo afirma que “só se pode obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egoísmo” (VIANNA, 1917, p.VI). Desse modo, a presente seção analisa o discurso formativo moralizante na concepção de Francisco Vianna nas 280 lições analisadas (poemas, contos e historietas), presentes nas seis primeiras obras da série de leitura. Abaixo há um conjunto de tabelas que apresenta as recorrências do comportamento infantil perante os conflitos narrados:

Tabela 7 - Atitudes interessadas na obra "Cartilha"

<b>Atitudes interessadas</b>	<b>Quantidade</b>
Positivas	21
Negativas	7
Mudança repentina (- para + /recompensa ou aprendizado)	2

Fonte: Dados coletados por meio da análise da obra *Cartilha: Leituras Infantis* (1931).

Tabela 8 - Atitudes interessadas na obra "Leitura Preparatória"

<b>Atitudes interessadas</b>	<b>Quantidade</b>
Negativas	28
Neutra (demonstração da natureza da inocência infantil/povo do interior, morais sem castigos aparentes)	13
Positivas	11
Brincadeiras (demonstração)	7
Mudança repentina (- para + /recompensa ou aprendizado)	1

Fonte: Dados coletados por meio da análise da obra *Leitura Preparatória* (1935).

Tabela 9 - Atitudes interessadas na obra "Primeiro Livro de Leituras Infantis"

<b>Atitudes interessadas</b>	<b>Quantidade</b>
Negativas	28
Positivas	15
Mudança repentina (- para + /recompensa ou aprendizado)	10
Neutra (demonstração da natureza da inocência infantil/povo do interior, morais sem castigos aparentes)	6
Brincadeiras (demonstração)	4

Fonte: Dados coletados por meio da análise da obra *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a).

Tabela 10 - Atitudes interessadas na obra "Segundo Livro de Leituras Infantis"

<b>Atitudes interessadas</b>	<b>Quantidade</b>
Negativas	20
Mudança repentina (- para + /recompensa ou aprendizado)	16
Neutras (demonstração da natureza da inocência infantil/povo do interior, morais sem castigos aparentes)	13
Positivas	10
Brincadeiras (demonstração)	0

Fonte: Dados coletados por meio da análise da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b).

Tabela 11 - Atitudes interessadas na obra "Terceiro Livro de Leituras Infantis"

<b>Atitudes interessadas</b>	<b>Quantidade</b>
Positivas	16
Negativas	15
Neutras (demonstração da natureza da inocência infantil/povo do interior, morais sem castigos aparentes)	14
Mudança repentina (- para + /recompensa ou aprendizado)	9
Brincadeiras (demonstração)	3

Fonte: Dados coletados por meio da análise da obra *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917).

Dentre as narrativas estudadas, observa-se uma linha de raciocínio nos temas escolhidos para cada lição escrita por Vianna (ou por outros autores) com a finalidade de compor as seis<sup>74</sup> obras que formam a série *Leituras Infantis*. Enquanto as historietas da tabela 7, em sua maioria, pautam sobre tramas com demonstrações positivas, já na tabela de número 8 há um aumento de lições com ações negativas e seus respectivos “castigos”, contudo observa-se um aumento da recorrência de brincadeiras, considerando que o autor espera que a criança do primeiro e do segundo ano do ensino primário esteja envolta de atividades lúdicas para compreender o seu mundo.

Constata-se que as recorrências negativas, muitas vezes, superam em quantidade de ações positivas, o que reflete sobre o que o autor concebe por infância: um ser que possui diversos erros que precisam ser corrigidos ou eliminados por meio dos castigos, ou seja, a criança é principalmente constituída por elementos considerados “destrutivos” e precisam corrigi-los por meio de exemplos de virtudes e recompensas.

<sup>74</sup> As obras *Cartilha: Leituras Infantis* e *Primeiros Passos na Leitura* possuem as mesmas lições, portanto será considerada para a análise o primeiro manual.

Na tabela 9 há a continuação de recorrências de leituras positivas e uma quantidade elevada de ações negativas, entretanto, diferente das anteriores, a presente obra possui um índice maior de lições nas quais os personagens aprendem com os erros e mudam as suas condutas, ou seja, passam a ter consciência sobre o certo e o errado. Na tabela de número 10 ocorre um aumento significativo de lições neutras, a justificativa reside no aumento de lições com continuações (Parte I, II e III), trazendo as tramas negativas, positivas e de mudanças entre a parte II e III dessas. Outro ponto interessante concerne a eliminação de historietas com brincadeiras como tema principal, demonstrando a “maturidade” das crianças que estariam nessa fase escolar.

Na última tabela, a de número 11, há quase uma equiparação entre as lições negativas, positivas e neutras, sob a mesma justificativa da tabela anterior no que tange à contextualização das tramas na parte I e residindo os conflitos e as demonstrações da moral nas partes seguintes.

O egoísmo está presente em todas as lições que apresentam ações negativas, porém travestidas de outros “defeitos”<sup>75</sup>, como: vaidade, furto, mentira, não ouvir conselhos, preguiça, maltrato ou preconceito social. Quando o autor pretende criar uma representação da infância, apresenta assim essas problemáticas em comunicação direta com a criança, mas também utiliza personagens como o adulto, animais, amigos cometendo erros e demonstrando algum tipo de arrependimento ou alguma ação que o “castigue” pelos atos errôneos. Abaixo, as recorrências negativas encontradas nas narrativas analisadas:

Tabela 12 - Recorrência de ações negativas presentes na série "Leituras Infantis"

(continua)

<b>Atitudes negativas apresentadas</b>	<b>Quantidade</b>
Traquinagem	18
Maltrato aos animais	17
Não ouvir os mais velhos	15
Falta de atenção (falta de observação)	14
Egoísmo/ Necessidade de empatia	13
Vadiagem (não gostar de estudar)	12
Furto	12
Mentira	12
Vaidade	8
Preguiça	8
Gula	8

<sup>75</sup> Considera-se o termo “defeito” como contrário à virtude de acordo com um trecho da lição *O automóvel* (1917): “Renato, porém, tinha um grande defeito - era muito vingativo.” (VIANNA, 1917, p. 11)

Preconceito social (classes e padrão estético)	7
Falta de responsabilização pelos atos	6
Controle dos sentimentos/corpo	6
Inveja	5
Mal comportamento em situações sociais	4
Controle dos sentimentos/corpo	4
Vingança	4
Curiosidade	3
Desrespeito à pátria/falta de amor ou conhecimento pela pátria	3
Falta de empatia	3
Falar mal dos outros	2
Exercício do poder (forma negativa)	2
Franqueza excessiva	2

Fonte: Dados coletados por meio da análise das obras: *Cartilha: Leituras Infantis* (1931); *Leitura Preparatória* (1935); *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a); *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b) e *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917).

\*Também foram computadas as recorrências de temas duplos em uma única trama como, por exemplo, a mentira e o roubo.

Dentre as temáticas mais repetidas, a com maior recorrência são as traquinagens, presentes em todas as obras analisadas. Em seguida, aparecem também os maltratos aos animais, não ouvir os mais velhos ou os conselhos de colegas; a falta de atenção ou a falta de observação dos fatos, também presente em todas as obras. Já egoísmo/necessidade de empatia, vadiagem (não gostar de estudar), furto e mentira aparecem com recorrências menores, no entanto estão mais distribuídos a partir do *Primeiro Livro*, quando os assuntos negativos aparecem com maior complexidade, atrelados aos diferentes espaços nos quais as crianças estão presentes.

Há diversas narrativas que envolvem o ato de afanar os objetos dos outros, principalmente atrelados à vontade de comer algo escondido, ou de pegar algum brinquedo do amigo, porém esses envolvem a falta da consciência infantil sobre esse erro. Há, contudo, duas lições que apresentam o ato do furto como algo negativo, criminoso, egoísta e de consciência daqueles que realizam a ação, como nas lições: *Os ladrões e a machina photographica* e *A Carta Perdida I, II e III*, ambos presentes no *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911a).

A lição traduzida do francês, intitulada *Os ladrões e a machina photographica*, traz inicialmente uma discussão, provavelmente escrita pelo próprio autor, acerca do que leva as pessoas a roubarem. Enquanto há uma divisão, novamente dual, sobre pessoas boas e ruins, o mesmo desenvolve essa discussão apontando que no mundo há pessoas que possuem muito

dinheiro e há aqueles que não ganham um tostão, recorrendo então às esmolas e até à criminalidade.

Dentre esses que roubam, há os indivíduos que fazem por necessidade vital, ou seja, como único recurso para a sobrevivência e aqueles que fazem como se fosse uma profissão. Desse último grupo, merecem então uma pena de morte. Ao apresentar esse tipo de informação destinada à infância, teria por objetivo demonstrar sua opinião acerca do tema? Como continuação da história, o autor discorre sobre a função das prisões e dos policiais como modo de contenção dessas pessoas. E mesmo que esses indivíduos possam enganar a sociedade, sempre serão pegos mais cedo ou mais tarde. A partir desse ponto inicia-se a história de uma quadrilha que atua em Paris. Esses “gatunos” (VIANNA, 1911b, p.173) resolvem roubar uma oficina de fotografia, atuando à noite, roubando todos os equipamentos e o dinheiro do dono, que, aliás, não estava em casa. Ao encontrarem um equipamento pesado, difícil de carregar, decidem deixar um recado para o fotógrafo: “— Faça de conta que viemos visitar o Snr. Photographo: como não achámos em casa, deixamos a careta de um de nós, para que ele saiba de quem teve a honra de receber a visita. Fica lá bem direito; vou tirar-te o retrato.” (VIANNA, 1911b, p.174). E assim, o bando tira a foto de um dos ladrões, tornando-se pista e primeiro a ser identificado e preso:

Figura 42 - Gravura de Os ladrões e a machina photographica



Página 171 da 5ª edição da obra *Segundo Livro de Leituras Infantis*, publicada em 1911b.  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.



Já a segunda lição, trata-se de um embate de consciência de um menino que recentemente perdeu a mãe por conta de uma moléstia e que já tinha perdido o pai, portanto, para apoiar o irmão mais velho e doente, resolve ajudá-lo.

Em *A Carta Perdida I* (1911b), o menino Julio, de 11 anos tem como única lembrança da mãe uma carta com orientações sobre como se tornar um homem como o pai, “(...) cumpre sempre os seus deveres esforça e escrupulosamente, respeita e obedece a teus patrões; sê bom e affectuoso com todos, como ele o era; ajuda aos mais fracos do que tu.” (VIANNA, 1911b, p. 144). Logo, o autor elenca nesse trecho as virtudes de um bom homem, que envolve a caridade, amor, respeito e trabalho. Caso o garoto não soubesse como agir em tais situações, deveria sempre perguntar ao retrato da própria mãe se ela ficaria feliz com tal ação. Assim, alude a um processo de autoexame dos atos.

A problemática inicia com a doença do irmão mais velho, que substituiu o pai falecido no trabalho na estrada de ferro. O adolescente teria orientações para passar um tempo no campo, para poder se recuperar, porém os dois não tinham recursos para tal viagem. Mesmo solicitando e recebendo a ajuda dos amigos da escola, o irmão ficava cada vez mais fraco e os dois com menos recursos para a cura. Certo dia, o menino encontra na rua uma carta do capitalista da cidade, endereçada a um senhor que a receberia na estação de trem. A carta possuía orientações para que o senhor retirasse cem mil réis. Todavia, como a carta não chegou ao senhor, que partiria da cidade às 15h, o garoto decidiu avisar ao capitalista, mas ao passar em casa antes, percebe que o irmão teve uma piora significativa, levando o garoto a um ato desesperado: passar na casa do capitalista e retirar os cem mil réis que não lhe pertencia.

Sendo atendido pelo criado do capitalista e retirando a quantia citada, o garoto passa a travar “(...) no espírito do menino uma luta horrível, até que afinal se resolveu a um procedimento bem incorrecto” (VIANNA, 1911b, p. 147). Após conversar com a mãe pelo quadro e dormir sonhando sobre a possível reprovação pelo ato, o garoto resolve contar toda a verdade ao capitalista. No dia seguinte, viu que o irmão estava um pouco melhor, o medicou e foi na casa do capitalista contar toda a história. Recebeu o perdão pela boa conduta, além da ajuda de custo do dobro do valor anterior afanado. O garoto aprendeu com a situação, tornando-se um homem íntegro.

Percebe-se que ambas as lições tratam de uma mesma temática, porém de perspectivas diferentes. Enquanto na primeira não há a compreensão da culpa, a segunda envolve um exame de consciência e a possibilidade de mudança de comportamento e um final considerado “positivo”.

Outra característica presente na segunda lição é a valorização do trabalho, como ato comum dos jovens iniciarem as atividades remuneradas juntamente com os pais, ou substituindo-os. De acordo com Panizzolo (2006, p. 231), durante o final do século XIX e início do XX, os republicanos tiveram o intuito de difundirem uma imagem infantil pautada nos valores do “trabalho regular e da instrução”. Observa-se, dessa forma, uma das destinações de público leitor: crianças, filhas de proletários. De acordo com Rago (1985), a importância de moldar uma nova representação de família proletária incide sobre a qualidade e as condutas de obediência e produtividade dentro das fábricas do início do século XX:

Fora da fábrica, a redefinição das relações familiares, através da promoção de um novo modelo de mulher, voltada para o lar, e de uma nova percepção cultural da criança, procura difundir entre a classe operária os valores burgueses da honestidade, da laboriosidade, da vida regrada e dessexuada, do gosto pela privacidade, eliminando as práticas populares consideradas ameaçadoras para a estabilidade da ordem social (RAGO, 1985, pp. 26-27)

Quanto à educação da criança proletária, a autora aponta que o interesse parte da necessidade de formar disciplinarmente cidadãos capazes de internalizar “a ética puritana do trabalho comportando-se de modo a não ameaçar a ordem social” (p.120). Além das historietas *A Carta perdida I e II*, há outras lições que envolvem a valorização do trabalho para crianças: *Dás aveia às aves*, *Elias* (1931), *Boa bola* (1931), *Tito vae de bote* (1931), *O aprendiz de sapateiro* (1935), *A criada* (1935), *A engommadeira* (1911a), *A lavadeira* (1911a), *O brinquedo de taboinhas* (1911b), *A boa Filha I, II, III, IV e V* (1917), *Quatro provas para um emprego*, *A primeira prova*, *A segunda prova e a terceira*, *A quarta prova*, *Provas perdidas e Provas revalidadas* (1917).

Observa-se, portanto, a alusão à necessidade de apresentar o trabalho doméstico (em alguns casos, o trabalho assalariado) para as crianças como parte do processo do desenvolvimento do caráter solidário e altruísta:

Faltava à escola, pelo destino quase exclusivamente intelectual que lhe atribuíam, destino este que a alheava muito dos interesses próprios da vida da criança em cada idade, os meios de suprir áquella solidariedade verdadeira e espontânea dos membros de cada lar e áquella fonte de aprendizagem, também espontânea, concreta, interessante, pratica e activa dos pequenos serviços e trabalhos domésticos. (VIANNA, 1930, p. 19)

Outro assunto muito recorrente nas obras é o maltrato aos animais, principalmente quando se trata dos domésticos, sendo vítimas das crianças pequenas e inocentes que não têm compreensão do erro que cometem. Na lição *Galopim* (1911a), as crianças estão fazendo uma brincadeira de faz de conta em que o garoto Vicente tem o papel de médico e a Rita toma o seu cão como filho doente. Ao examinar o cão, o menino utiliza uma agulha de costura para segurar a boca do cão, que acaba fechando a mandíbula e se machucando. Já a lição *A Lagartixa* (1931),

o garoto fica com um o inseto dentro da roupa após brincar de lagartixa alada com um barbante. A *Aza do sabiá*, ao contrário, traz um julgamento por parte dos pequenos que encontram o passarinho machucado, o colega de classe culpado por isso seria um maldoso, “na escola elle não faria isto. Havia de ter nota zero” (VIANNA, 1931, p. 26).

Dessa forma, além de apresentar os animais como integrantes das relações familiares, dotados também de sentimentos e condutas ditas como “boas”; proporciona também às crianças discursos de valorização dos bichos, com a finalidade demonstrar carinho e amor aos seres da natureza e de refrear os impulsos que visam o maltrato desses. Assim como a relação entre personagens humanos e animais, outra forma de apresentar as boas condutas desses é apresentar os bichinhos como personagens e somente com a presença desses. As tramas em que aparecem somente os animais, ou os mesmos como personagens principais são: *O valente* (1911a); *O elefante amável* (1911b); *A borboleta e as flores* (1917); *O cão engraxador* (1917); *Sem médico* (1917); *O caozinho e a sopa* (1931); *O Negrinho e o vigilante* (1935) e *Duas marradas* (1935).

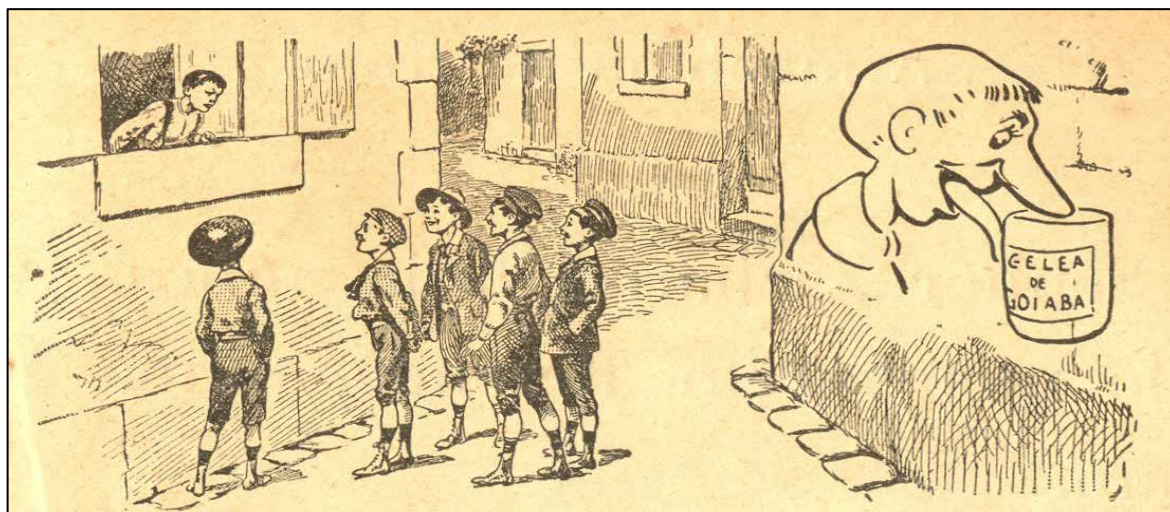
Não ouvir os mais velhos ou os próprios pais é uma característica constante nas lições de Vianna. Em *Plínio* (1935), o garoto não ouve a irmã mais velha sobre o perigo de andar de patins em um chão ladrilhado e, conseqüentemente, acaba caindo no jardim, espetando-se todo nas roseiras que ali estavam. Já em *A pontinha da Orelha I e II* (1917), os meninos de um grupo escolar acham estranho um garoto com a ponta da orelha cortada e o mesmo percebendo essa situação, decide contar-lhes o motivo:

Quero mesmo que vocês se aproveitem do que me sucedeu, para ouvirem melhor as recomendações de seus paes. [...] uma vez fui cortar o cabelo. Foi cousa que nunca apreciei; nem mesmo hoje, que já sou bem quieto. Ter de ficar com a cabeça parada [...]Eu, que estava doidinho para virar-me, sacudi a cabeça bruscamente. Soltei um grito: a tesoura tinha apanhado esta orelha de tal fórma, que o pedacinho cortado cahiu no chão. Envergonho-mr de ter a orelha assim. Mas, com a pontinha dela, o barbeiro cortou-me também a reinação. (VIANNA, 1911a, p. 131)

Por mais que a criança idealizada por Vianna seja uma criança totalmente altruísta, é comum de sua “natureza” pregar algumas peças nos outros, pois é comum da infância descrita pelo autor tender aos instintos não racionais. Na lição *Luizinho* (1917), Vianna explicita todas as qualidades que uma criança tem que ter, mas entende que “poderia ser um menino modelo, si não fossem, de vez em quando, as suas terríveis reinações” (VIANNA, 1917, p. 104), em contraponto, há aquelas que ultrapassam o limite entre a brincadeira e prejudicar o próximo, sofrendo com alguma consequência. É o que acontece com Rangel em *Garatuja de Rangel* (1931) e *Um nariz Gigante* (1931). O garoto Rangel possui a mania de desenhar as pessoas em caricaturas nos muros perto de casa. Um dia o pai resolve dar o troco pedindo para que a sua sobrinha (que desenha melhor que o primo) faça um desenho de Rangel com um nariz enorme

e com um pote de geleia em sua frente. Na segunda parte da historieta, as crianças aparecem no dia seguinte em frente à porta do Rangel e o zombam pelo grande nariz que fizeram. Dessa forma, Rangel aprende que não deve zombar dos outros.

Figura 43 - Gravura da lição “Um nariz gigante”



Página 51 da 29ª edição da obra *Cartilha: Leituras Infantis*, publicada em 1931.  
Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP

A teimosia também aparece de forma constante nas lições de Vianna. As historietas *Que dois!* (1935) e *A talha* (1911a) tratam da mesma temática, porém com abordagens diferenciadas. Enquanto a primeira ocorre no campo entre crianças que ajudam os pais no sustento de casa, a segunda acontece no ambiente escolar entre dois colegas de classe.

Em *Que dois!* (1935), dois filhos de verdureiros precisam passar com as suas carroças sobre uma estrada com uma via de passagem. Ambos decidem não ceder o lugar para o outro passar, ficando assim o dia inteiro parados no local. Num dado momento, passa um adulto avisando que eles parassem com a “pirraça” (VIANNA, 1932, p. 69), pois não daria em nada. No fim, os dois percebem o quanto foram teimosos e resolvem aceitar o conselho do adulto.

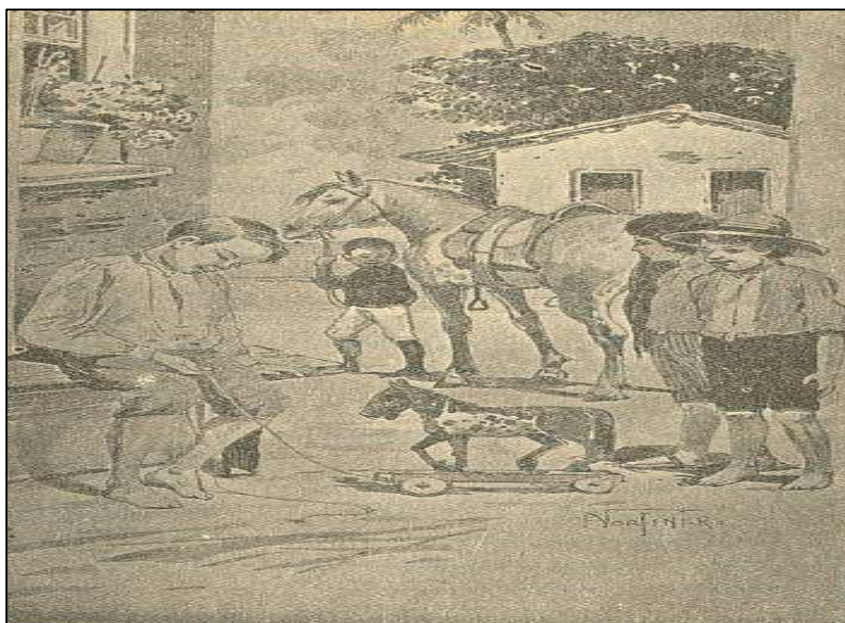
Já em *A talha* (1911a), dois colegas de classe brigam para ver quem usaria primeiro a talha (bebedouro) da escola. No momento da briga, os dois quebram o objeto e se molham. Como castigo recebem dois recados: um para o professor (que as crianças façam uma carta descrevendo o ocorrido e deverão ler na sala de aula para os outros amigos) e uma para os pais, para providenciarem a troca da talha.

A avareza, outro defeito causador do egoísmo, tem o seu espaço nas historietas. Em *A caixa de ovos* (1911b), um vendedor de ovos sempre pensava em modos de economizar com o

intuito de obter lucro. Um dia, ele pediu para o marceneiro fazer alguns caixotes e uma caixa maior para comportar as primeiras, com a finalidade de conseguir levar mais ovos a vender nas ruas. No entanto, pelo valor alto da caixa maior, o vendedor resolve pagar somente pelas caixas menores, e para continuar com o lucro visado, resolve fazer sozinho a caixa maior, com menor qualidade e resistência, pois não conseguiu pregar todos os pregos, fazendo com que as cinco caixetas caíssem no chão, quebrando todos os ovos que seriam vendidos. Por causa de dois mil réis, perdeu doze mil com esse incidente, fazendo com que ele fosse direto ao marceneiro comprar a caixa maior.

Quanto ao tema que envolve a preguiça e a falta de atenção estão presentes em: *Um bom guarda não dorme* (1911b) e *A mina* (1911b). Na primeira lição, com a intenção de descrever o quanto o menino era dorminhoco é relatado que o mesmo dormia em qualquer lugar, onde estivesse calmo. Um dia chegou um amigo do pai e o responsabilizou de cuidar do cavalo do lado de fora. O garoto acabou adormecendo e o animal fugiu, porém os colegas do menino o encontraram em tempo. Da segunda vez em que ele precisou cuidar do animal preferiu amarrá-lo no braço ao invés de se manter acordado. Os amigos, dessa vez, decidiram pregar uma peça no colega, escondendo o animal e o substituindo por um cavalo de pau. Sendo flagrado dormindo pelo pai, pelo dono do cavalo e amigos, o menino aprendeu a lição: não ser dorminhoco.

Figura 44 - Gravura de Um bom guarda não dorme



Outros quatro defeitos apresentados pelo autor com muita recorrência são o preconceito social, a mentira, a vaidade e a vingança. Respectivamente as lições *Photographo sem machina* (1917), *Que tal II* (1911a), *O No' vital* (1917) e *O automóvel I e II* (1917) apresentam essas discussões. A primeira historieta é retratada na escola com o personagem principal de nome Arthur, que era rico e muito vaidoso e sempre falava mal das crianças mais pobres. Um dia, um dos garotos mais inteligentes da sala, que era filho de sapateiro, apareceu com roupas novas chamando a atenção de forma positiva de todos da sala, menos de Arthur, que comentou que a roupa nova parecia os trapos dos criados dele. Para dar um troco na vaidade desse, Euclides, um outro colega de classe, resolveu pregar uma peça no Arthur, iniciando a brincadeira de fotógrafo.

Com um arco de madeira, chamou todos os colegas para que se concentrassem em uma parte do pátio. Como “fotógrafo”, avisa a todos que irá tirar retratos pelo valor de um vintém. Seguindo o plano, Euclides fala: “Retratos de um conto de réis, aqui, sem seres tu, só o Arthuzinho póde pagar”. O garoto rico, com toda a pompa retira a quantia do bolso, entregando ao “fotógrafo” que posiciona o arco em frente ao colega de classe. Assim, Euclides comenta em bom tom a todos “Agora vejamos o tal retrato de vintém. (...) Ah! Desse só há um aqui na escola. Eil-o, meus collegas!”, fazendo alusão a uma pessoa que não vale um centavo. Todos os colegas riram, deixando o menino Arthur colérico com a vergonha que passou.

Em *Que tal II* (1911a), o chefe de uma família resolveu levar todos para Mato Grosso, por conta de um trabalho na área de engenharia. Um dos seus filhos (o mais velho) sempre voltava à região Natal e aproveitava a reunião com os amigos para contar as suas experiências e algumas mentiras para deixar as histórias mais interessantes. Ainda mais em uma região povoada por animais selvagens como onças, coatis, guarás. Em um diálogo com um grupo de amigos, o menino passa a contar a mentira de que estava andando a noite na mata e armado, passando em cima de um tronco quando vê uma giboia e ela o engole. De dentro da barriga da cobra, consegue cortá-la e foge no mesmo instante. Um menino de 8 anos desmente o mentiroso, já que se ela comesse o colega o teria mordido primeiro. Como moral, o garoto percebe que até as crianças pequenas conseguem identificar uma mentira.

A poesia *O no' vital* (1917), descreve o interesse de uma menina em querer fazer um exame para entrar na escola, convicta que sabe de tudo que a escola ensina: ciências, faz experimentos, é aplicada, toca, borda, desenha. A diretora leva a garota para a sala de uma professora para aplicar um ditado e a menina escreve de forma errada na lousa, tornando-se motivo de chacota. Abaixo, a cena representada pela menina escrevendo o ditado “(...) O ponto do vegetal, que o caule e a raiz separam, foi chamado – nó vital” (VIANNA, 1917, pp. 90-91):



Figura 45 - Gravura da poesia “O no’ vital”



Página 90 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Como observado nas historietas descritas, quase não há ocorrências de castigos físicos. Nas lições *Os canitos* (1931), *Só pude apanhar o caldo* (1935), *Pedido de uma palmada* (1911b) e *O paravento* (1911a) só há a referência de que as crianças que fazem coisas erradas podem levar palmadas. Em *O Claque* (1911a) e *No barril* (1911a), há o ato físico – no caso as palmadas –, pela falta de atenção e pela curiosidade. Abaixo, um trecho da última historieta narrando a ação da mãe:

Figura 46 - Trecho de “No barril”

Apesar de Osmar confessar-lhe tudo, o pae deu-lhe ainda duas palmadas...  
 — Olha: uma é por teres quebrado a mammadeira, outra por teres fugido de tua Mãe.

Página 90 da 9ª edição do *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a)  
 Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Os casos de autopenitencia pelos próprios atos errôneos aparecem em grande quantidade, principalmente quando a história está marcada por uma reviravolta de moral, ou seja, quando a criança reconhece o erro e decide contá-lo para alguma pessoa mais velha. As historietas *O automóvel I e II* (1917), *O relógio* (1911b) e *Os premios de desenho* (1917) apresentam essa questão. Abaixo, um trecho da segunda historieta a título de exemplo:

Figura 47 - Trecho de “O relógio”

Relatou-lhe também que o relojoeiro não aceitará mais os seus tostõesinhos e que por isso comprou o lanche. Mostrou-lhe também o maquinismo muito demoradamente.

Armida, porém, quis penitenciar-se até o fim e, durante os cinco dias restantes, sempre encontrou algum mendigo para dar-lhe o seu tostão.

Dessa forma tornava o castigo do mal em prática do bem.

Página 164 da 5ª edição do *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b)

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Dessa forma, o castigo insere-se como um ato pedagógico sobre a infância, para demonstrar que as ações negativas devem ser constantemente avaliadas e corrigidas pelas crianças, logo, não há somente o papel do adulto como “alter ego” das condutas dos pequenos.

Além da consciência e da busca pela autopenitência, há historietas que apresentam a “força divina” como consequência das ações negativas realizadas pelas crianças (ou até pelos adultos, quando esses são os únicos personagens). Essas lições apontam “que a narração das punições vividas pelas crianças busca produzir o temor ante as possíveis consequências trágicas de suas ações” (GOUVÊA, 2004, p. 93). Essas consequências dos atos aparecem em 29 lições, sendo essas: *O incontentável* (1911a); *Como cae um gato* (1911a); *Curiosidade* (1911a); *A viagem II* (1911a); *A lata de sardinha* (1911a); *A pontinha da orelha II* (1911a); *Uma troca I e II* (1911a); *Que pó de arroz!* (1911a); *O lampeão* (1911b); *Distrações II* (1911b); *Um prestigiador desastrado* (1917); *O doce de côco* (1917); *Um barbeiro de cão* (1917); *O melado* (1917) e *Um banho inesperado* (1917); *O doce de figos* (1931); *O polichinelo* (1931); *As ameixas que mordem* (1931); *A bengala* (1931); *A gravata* (1931); *O colchão* (1931); *O papagaio logrado* (1931); *Um cumprimento perigoso* (1931); *O pára-quedas* (1931); *O chapéu* (1931); *Um banho* (1931); *A meia* (1931); *A trouxa* (1931); *Uma boa pincelada* (1931); *A tartaruga* (1931); *O fiel* (1935); *O Gallo* (1935); *Plinio* (1935) e *O navio de Philadelpho* (1935). Observa-se, portanto, uma maior recorrência desse tipo de castigo nas obras *Leitura preparatória* (1931) e *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a), sendo esses destinados para meninos já em processo de alfabetização, e tendo contato com historietas mais elaboradas.



Outra forma de castigo identificado foi por meio da intencionalidade dos pais em dar uma lição nos próprios filhos, como forma de “pedagogizar” o ensinamento. As lições *Que logro!* (1911b); *Garatujas de Rangel* (1931) e *Um nariz Gigante* (1931) explicitam essa forma de moralizar as crianças.

Ao analisar os temas negativos presentes nas obras de Francisco Vianna, observa-se regularidades discursivas que envolvem outros personagens em comunicação com as crianças, ou seja, como “alter ego”, demonstrando o quanto as atitudes negativas podem ter consequências. A presença do irmão ou amigo mais velho, dos pais ou de outros adultos como conselheiros aponta a necessidade de contenção dos interesses pessoais da criança sobre o social. O próprio autor, ao discutir sobre o ensino dos valores morais na educação, justifica essa “docilização” da criança perante às suas vontades, ou seja “(...) exige que a personalidade se subordine à sociabilidade, o que equivale dizer, como chave do problema humano, que é imprescindível obter a predominância do altruísmo sobre o egoísmo” (VIANNA, 1930, p. 17).

Assim, considera-se que a complexificação dos temas voltados para contenção do egoísmo serve como orientação para a formação do aluno como ser social, desde a sua entrada na instituição escolar até o encaminhamento para o mundo do trabalho. Além disso, possibilita que a criança aprenda a ter contato com pessoas além do seu círculo familiar (pai, mãe e irmãos) que estão muito presentes no livro *Cartilha*, mas que passam a expandir nas obras seguintes para relações com os vizinhos, colegas, tios, patrões e até desconhecidos.

Além de utilizar as crianças como participantes dos conflitos que testam os seus modos de lidar com os desejos pessoais, também mostram adultos cometendo erros ou apresentando-os como exemplos de emulação. O projeto de educação moral de Vianna tem como principal função transformar ideais destrutivos para a sociedade em relações altruístas e positivas, mas têm consciência de que o lado negativo nunca será eliminado, pois faz parte da essência humana:

Mas, vêde bem; não se trata de anular o egoísmo, o que é impossível, mas apenas de regulá-lo e controlá-lo, satisfazendo-o dignamente; não se trata de extinguir os caracteres de cada personalidade, mas pelo contrario, de desenvolvê-los melhor para o serviço social. Dahi resulta, para a educação, um relativismo com o qual, em vez de andarmos atrás do ideal illusorio da perfeição, vamos apenas em busca do aperfeiçoamento possível em cada caso. (VIANNA, 1930, p. 17)

Sendo assim, observa-se que a infância representada por Vianna está em constante aprendizado quando lhe são apresentados conflitos que os estimulem a fazer escolhas, inicialmente tendo por apoio os mais velhos como “consciência externa” de seus atos e os livros

que se seguem há uma maior autonomia dos próprios personagens de identificarem os seus próprios erros.

Portanto, Francisco Vianna espera que a criança leitora desses atos negativos possa se apropriar dessas situações, não no sentido de repeti-las, mas de repreendê-las de seu cotidiano. As mesmas, ao terem acesso a essas tramas, pela observação, iriam refrear vontades como roubar, mentir, ter preguiça ou ser malcriado.

Em contraponto aos atos negativos, há histórias com demonstração de atos de altruísmo como a caridade, empatia, amor a si e ao próximo, sacrifício pessoal, o controle dos sentimentos. Abaixo, uma tabela com os interesses positivos encontrados em todas as lições analisadas:

Tabela 13 - Recorrência de ações positivas presentes na série "Leituras Infantis"

<b>Atitudes positivas apresentadas</b>	<b>Quantidade</b>
Caridade	12
Respeito aos animais	11
Empatia	11
Busca ou amor pela Profissão/Trabalho	9
Gosto pelos estudos	8
Coragem	6
Abnegação	6
Ouvir os mais velhos	6
Paciência	3
Bons modos	2
Consciência do roubo como errado	2
Cuidar dos objetos do próximo	2

Fonte: Dados coletados por meio da análise das obras: *Cartilha: Leituras Infantis* (1931); *Leitura Preparatória* (1935); *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a); *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b) e *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1917).

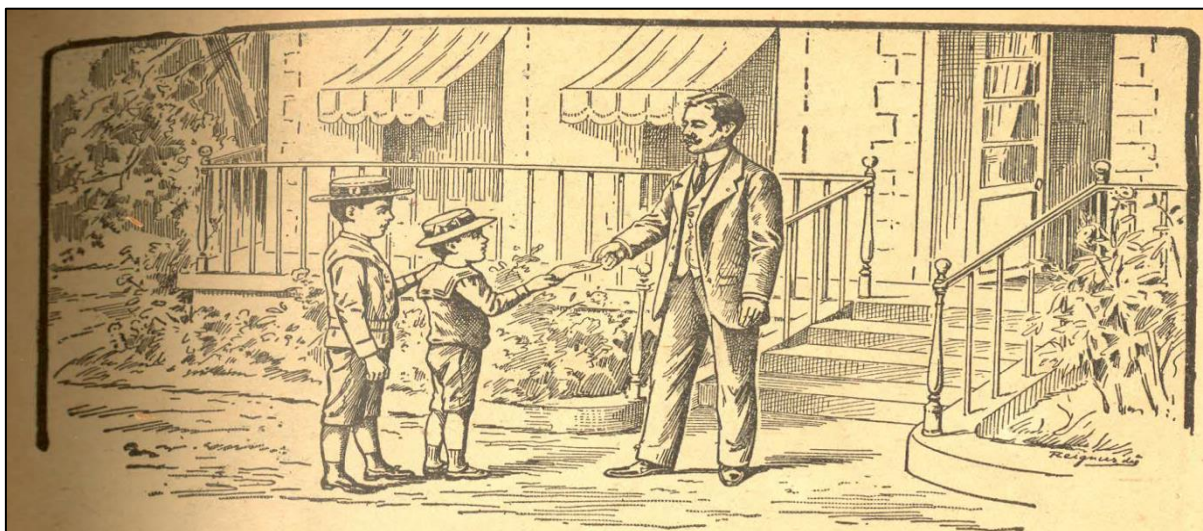
\*Também foram computadas as recorrências de temas duplos em uma única trama como, por exemplo, a empatia, a caridade e a abnegação.

Dentre as ações positivas consideradas importantes para a infância, estão em maior recorrência os valores principais pautados por Vianna: caridade, respeito aos animais e empatia, pois aparecem em todas as obras analisadas como virtudes a serem destinadas à formação de uma nova humanidade. Seguidamente, aparecem a busca ou amor pela profissão/trabalho, gosto pelos estudos, coragem, abnegação e ouvir os mais velhos como ações de maior presença a partir do *Primeiro Livro de Leituras Infantis*.

Quanto à busca pela profissão, no *Terceiro Livro* há duas tramas que carregam esse alto índice em suas diferentes partes: a primeira trama perpassa por seis lições, respectivamente intituladas: *Quatro provas para um emprego*; *A primeira prova*; *A segunda prova e a terceira*; *A quarta prova*, *Provas perdidas* e *Provas revalidadas*. Já a segunda trama está dividida em cinco partes, intituladas em *A boa filha I, II, III, IV e V*. Ambas retratam a vida de crianças com pais vivenciando uma dificuldade financeira e resolvem procurar emprego para ajudá-los.

A primeira virtude a ser apresentada está presente na historieta *A caixa de chocolate* (1931) em que a empatia é o foco principal. Uma criança narra a história dela e do colega Heitor, ambos encontram uma nota de duzentos mil reis e sabem de quem é e decidem levá-lo ao respectivo dono. Ao chegar à chácara do dono do dinheiro (Chico), devolvem o dinheiro e ganham uma caixa de chocolate como recompensa. Ao voltarem para a casa, encontram uma menina chorando e decidem dar a ela um chocolate, fazendo-a feliz.

Figura 48 - Gravura da lição “A caixa de chocolate”



Página 31 da 29ª edição da *Cartilha Leituras Infantis* (1931)

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

No que concerne à virtude da observação, lições *As bolhas de sabão I e II* (1911a), dois irmãos (menino mais velho) estão na janela de casa quando veem o vizinho fazendo bolhas de sabão, dessa forma, o primeiro conto inicia com a descrição de como o garoto as fazia. Após observar o vizinho, o garoto resolveu imitá-lo no quintal, mas as bolhas não duravam, estourando antes do mesmo soltá-las. Enquanto o menino tentava, a irmã mais nova passa a prestar mais atenção ao vizinho, notando que o mesmo soprava de forma mais delicada, soltando levemente a bolha do canudo de papel.

Posteriormente, a pequena resolve fazer as bolinhas de sabão, porém da janela onde estava observando o vizinho ela via as “bolhinhas” sendo atingidas pelos raios de sol até arrebentarem. Observou também porque o irmão não conseguia, queria bolhas grandes e enchia muito as bochechas, além de estar do lado de fora de casa, com grande vento. Vai até o irmão mostrar como fazer as bolhas. Moral: até para brincar a gente precisa aprender e ter paciência.

Uma das lições que dá o exemplo da abnegação a fim de fazer a felicidade daqueles que mais precisam é a *A corrida I, II e III* (1911a) que conta a história de três amigos superinteligentes, estudiosos e com ótimo comportamento. Contudo, dois tinham notas maiores, pois tinham mais tempo para estudar, e o terceiro, filho de pais pobres que precisava auxiliar os pais nos serviços domésticos, tirava notas com diferença pouca. O menino pobre não tinha inveja dos amigos, mas os dois mais ricos eram mais vaidosos por serem sempre os primeiros. No final do ano, o diretor anunciou a entrega do prêmio dos 3 melhores (que seriam os três), também entregaria o prêmio de ginástica (barra fixa, salto em altura e comprimento, movimento com alteres e uma corrida). O de corrida também seria de um dos três, porém o menino pobre ficaria em terceiro lugar. Esse mesmo menino contou aos amigos que o pai faria uma roupa especial para a festa, mas o garoto já sabia que não iria ganhar prêmio algum porque ele sabia que não iria vencer. Como continuação da história, no dia da corrida os pais dos meninos mais ricos decidem dar, cada um, um prêmio além do que a escola vai dar. Ouvindo isso, os dois amigos ricos decidiram deixar o colega mais pobre ganhar a corrida (e conseqüentemente os prêmios). Dessa forma, o menino pobre ganha a corrida, sendo motivo de emoção para o pai.

Na entrega dos prêmios, os três ganharam como melhores alunos. Quando o professor iria começar a distribuir o prêmio de competição de ginástica, o pai do menino pobre pediu um momento de fala, alegando que o filho não iria receber o prêmio, pois apesar de ter ganhado não o deixaria pegar o prêmio, então pede que os prêmios sejam entregues aos meninos que ficaram em segundo e em terceiro. O professor e os pais insistiram tanto que ele acabou cedendo e deixando o menino ganhar o prêmio. Além do prêmio da escola, os meninos mais ricos pediram uma roupa nova para o amigo e uma escrivaninha para poder estudar.

Quanto à caridade, *A carta de Raimundo I e II* (1911a) descreve em carta o diálogo entre o filho e sua mãe. Um adolescente envia uma carta para a sua mãe, pois o mesmo está em outro estado morando com a tia. Nessa carta, conta um fato que ocorreu onde está morando. Um dia, o mesmo encontra uma garotinha doente e a mãe dessa não tinha condições de cuidar da sua saúde por falta de recursos. Para tentar ajudá-las, o menino recorre a um vizinho que era médico, porém o confundiu com um antigo amigo do pai falecido por ter o mesmo nome. A problemática reside na confusão do garoto que foi esclarecida pelo homem, e mesmo assim esse senhor

ajudou a curar a menina. A carta aponta que talvez tenha sido intrometido, ainda mais que seria responsabilidade de um adulto cuidar da menina.

Figura 49 - Trecho da lição “A carta de Raymundo”

*Mas, Mamãe, apesar de Papae ser muito bom com os pobres, talvez se zangue comigo. Ha de chamar-me de intrometido, ha de dizer que sou uma creança e que, por isso, deixasse os mais velhos cuidarem da pobre.*

*Mamãe, conte tudo a Papae; diga-lhe que eu pensei que este Dr. Anselmo fosse o amigo delle e arranje para elle perdoar-me, que não cahirei noutra.*

Página 138 da 9ª edição do *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a)

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Em carta de resposta, a mãe comenta que não vai julgá-lo, pelo contrário, o louva pela virtude caridosa e comenta o quão está orgulhosa do filho, agindo como o próprio pai, que tinha um coração bom para ajudar o próximo.

Figura 50 - Trecho da lição “Resposta a Raymundo”

*Tua carta, meu filho, veio mostrar-me que vaes sendo tão caridoso como Rogerio. Não precisas de perdão: antes mereces louvor por tua bella acção, interessando-te pela saúde da creancinha pobre.*

Página 138 da 9ª edição do *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a)

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Quanto à abnegação envolvendo um sacrifício maior, *O vendedor de paes de cará I e II* (1911b) mostra o sacrifício do criado a fim de ajudar a sua patroa que passa por necessidades financeiras. Uma mulher viúva e com filhos pequenos recebia ajuda dos familiares que eram também pobres, no entanto, como orientação do marido, manteve um criado para auxiliá-la. Com o intuito de se manter financeiramente, a mesma fazia bolos e pães para que o criado vendesse pelas ruas. Ela vendia muito, mas o valor não era totalmente suficiente para o sustento. Em dado momento, a senhora caiu enferma por um mês, sendo de responsabilidade da irmã

fazer os pães, porém a mesma não os fazia muito bem e mesmo assim o criado chegava com o mesmo valor de ordenado dos meses anteriores, sendo motivo de orgulho de sua patroa. Tempos depois, a patroa (já curada) descobre que o criado distribuía os pães ruins para as crianças necessitadas e retirava de sua pequena poupança o valor das “falsas vendas”, demonstrando um ato de abnegação material para salvar a família da patroa. A mesma, como ato de agradecimento, fez um retrato do criado e o colocou na sala junto com as fotos da família, deixando o criado feliz, pois o mesmo não queria o seu dinheiro de volta.

É possível observar a necessidade do autor em apresentar valores voltados para a bondade, caridade e dignidade, de forma a inculcá-los nas crianças leitoras. Tanto as historietas com tramas consideradas “negativas” (proporcionando um momento reflexivo daquelas que agem de forma errada) quanto nas “positivas”, pretendem, dessa maneira, formar uma criança ideal. Para Benjamin (2002), essas práticas que envolvem os bons atos estão na literatura infantil desde o iluminismo:

Com sua forma de educação, os filantropos colocavam à prova o imenso programa de formação humanista. Se o homem era piedoso, bondoso e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e mais sociável. (BENJAMIN, 2002, p. 54)

Entretanto, considera-se que a destinação não é exclusiva aos infantes, mas a sociedade de um modo geral. Os exemplos de lições envolvendo personagens adultos promovendo bons atos, como principalmente a caridade, induz uma necessidade de mudança em grande escala. Dentre as historietas, as que envolvem atos de bondade pelos adultos são: *O incontentável* (1911a); *A corrida II e III* (1911a); *Garrafa* (1911b); *O carro em disparada* (1911b); *O sapo* (1911b); *Na mina* (1911b); *O bule do capitão* (1911b); *O vendedor de pães de cará I e II* (1911b); *Um pequeno <<Note Bem>>* (1911b); *Comprou o que já era seu* (1911b); *Patronadas II* (1911b); *A botina velha* (1911b); *Sempre se póde fazer o bem* (1911b); *A tinta mágica I e II* (1911b); *O pelintra I e II* (1911b); *O Orpham I e II* (1911b); *Gallinhas magicas* (1917); *O dinheiro do cego* (1917); *Um ladrão roubado* (1917); *Provas reavaliadas* (1917); *A amabilidade* (1931); *Modificação da semana* (1931) e *Os filhotinhos* (1935). O maior número de lições com adultos oferecendo exemplos são: *Primeiro e Segundo Livro de Leituras Infantis*, que apresentam maiores relações entre crianças e seus familiares, e, conseqüentemente, o ensinamento de bons atos por meio deles.

Assim como os ideais iluministas estão presentes na nova ordem republicana, os fatos históricos mundiais também afetam o modo como a educação é vista pelos autores e profissionais da educação. De acordo com Vianna (1930), os ideais educativos no Brasil



sofreram modificações após o evento da grande guerra de 1914, necessitando de indivíduos que pensassem a sociedade em geral, pautada em virtudes para o bem coletivo:

Symptoma parcial da evolução muitíssimo vasta e profunda por quem passam as sociedades modernas occidentaes, especialmente depois da guerra, a modificação que ora se propugna em relação ás organizações do ensino publico primario precisaria ser apreciada de fórmula mais completa, porque é desnecessário repetir que os ideaes da educação variam conforme as opiniões scientificas e religiosas das sociedades e das épocas. (VIANNA, 1930, p. 16)

Enquanto há histórias que apresentam o maltrato aos animais como algo repulsivo, também existem aquelas em que discorrem da relação de amizade entre o cão e seu dono, sendo elas: *Os filhotinhos* (1931), *O gigante* (1931), *A amiguinha dos bichos* (1935), *O valente* (1911a), *O caozinho e a sopa* (1935) e *O cão de São João* (1917). Entretanto, algumas demonstram a inteligência dos animais e como os mesmos são capazes de atos de heroísmo, bondade e gratificação.

Em *O cão engraxador* (1917), há uma conversa entre um menino e sua mãe, se os animais são espertos ou se conseguem ser inteligentes. Para explicar que os animais são inteligentes inicia uma história de um cão que sempre ajudava o seu dono engraxate a ter clientes sujando o pé das pessoas que passavam por perto. O engraxate sempre ficava perto de pontes para que o cão pudesse ter como se sujar e, posteriormente, sujar os pés dos futuros clientes. Em troca, o cão recebia muito amor, carinho e alimento.

Já em *O negrinho e o vigilante* (1935), conta a história de um cachorro e a sua perspicácia em conseguir enrolar um cachorro raivoso para poder comer a comida deste. A História mostra que a esperteza foi realizada nessa situação para algo bom.

Figura 51 - Sequência de gravuras da lição “O negrinho e o vigilante”



Páginas 26 e 27 da 66ª edição da *Leitura Preparatória Leituras Infantis* (1935).

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Quanto à presença de recompensas por boas ações, existem referências constantes, mas somente acontece quando a criança não espera por tal prêmio. A exemplo disso, há a lição *O*

*aeroplano* (1935), que descreve a relação entre dois irmãos, a mais velha chamada Matilde e o menor de nome Plínio. Os dois estão dentro de casa quando a maior ganha um aeroplano de brinquedo do pai. O menor queria brincar com o brinquedo e tomou da mão da maior. A menina, queixando-se do ato do irmão, foi reclamar com a mãe que explicou-lhe que logo ele largaria e deu um sonho (doce) para a menina. Num outro momento, aparece a tia das crianças e dá um carrinho para a menina, o garotinho larga o aeroplano e pega o carrinho da mão da menina, que dá de bom grado. Após o ocorrido, a menina cobra da mãe outro sonho, pois deu o brinquedo ao irmão. Dessa vez a mãe não deu, justificando que “cedeste prontamente pelo interesse de ganhar outro doce. Devemos ser bons sem visar recompensas” (VIANNA, 1931, p. 71).

O altruísmo presente nas obras de Vianna são referências para as crianças que estão em processo de desenvolvimento e que terão que, nesse percurso de crescimento, aliar o controle dos sentimentos com vistas ao refinamento da observação e das teorias, além de captarem alguns elementos positivistas da formação humana no que tange à fraternidade entre os indivíduos. Assim, as historietas que têm por predominância as ações positivas apresentam as iniciativas das crianças quanto aos conflitos narrados e suas respectivas recompensas pelos bons atos. Dentre as narrativas que apresentam características consideradas “altruístas” para a infância, um conjunto em específico atrela essas qualidades ao ideal de criança.

### **3.3 A criança modelar: o Luizinho**

Dentre todas as histórias que envolvem as crianças exemplares como protagonistas das tramas, observa-se um conjunto peculiar relatando a vida de uma criança de classe média e filha única presente no *Terceiro Livro de Leituras Infantis* (1911) intituladas de: *Luizinho, Um barbeiro de cão, No Rio de Janeiro e O jacaré*. Francisco Vianna consegue aliar as virtudes que toda criança deveria ter, porém afirmando que Luizinho ainda está em processo de formação, pois o próprio poderia ser um modelo completo “(...) si não fossem, de vez em quando, as suas terríveis renações” (VIANNA, 1917, p. 104). O presente conjunto de historietas se difere das outras tramas porque elege um personagem para estar presente em diferentes situações cotidianas e não somente em uma narrativa e com um único conflito a se resolver.

Nas historietas são relatadas as aventuras do menino com o seu cão, em viagem com a família para visitar os familiares no Rio de Janeiro, a sua visita ao zoológico e o seu aprendizado



sobre: a fauna brasileira, a história dos índios e os seus modos de sobrevivência com animais selvagens.

A primeira historieta é a mais importante no que concerne a demonstrar o comportamento de uma criança considerada ideal para o autor. Em duas páginas, Vianna relata a relação do mesmo com os estudos, com a sua família, com o seu cachorro querido, com o seu asseio e outras qualidades distribuídas ao seu “personagem-quase-perfeito”. No texto, o menino é descrito como um modelo de criança se não fosse as suas reações. Inteligente e sempre atento, aprende com facilidade todas as lições explicadas pela sua mãe. Tem 8 anos, sabe ler com muita desenvoltura e não se engana com as contas de adição, subtração, multiplicação e divisão; “As operações sobre fracções, sim, é que ainda lhe não entraram bem na cachola. Mas também é cedo” (VIANNA, 1917, p. 106).

Além, do respeito à mãe e o interesse pelos estudos, *Luizinho* possui um amigo inseparável, o seu cachorro. Assim como o dono, o seu cachorro é muito asseado e acorda cedo juntamente com a mãe do menino, que abre as cortinas do quarto do filho, e a acompanha, acordando o seu dono.

Figura 52 - Trecho da lição “Luizinho”

Para dizer tudo: é uma dessas creanças que nos captivam por suas boas qualidades. Os outros paes apontam-n’o aos filhos como modelo digno de ser imitado. E é uma excepção, porque, em geral, os filhos unicos querem ser muito voluntariosos e exigentes.

Página 105 do *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917<sup>76</sup>.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Dentre todas as lições com crianças exemplares, apresentadas nos livros de Vianna, Luizinho torna-se o mais estimado pelo autor, pois é o único que aparece em quatro historietas, sem sequência, com tramas diferenciadas. Constata-se que o mesmo já internalizou quase todos os comportamentos necessários para se tornar uma “criança perfeita”.

Quanto ao discurso de Vianna como intelectual em suas obras infantis, é observável como o autor deposita as principais características a uma criança republicana que possui

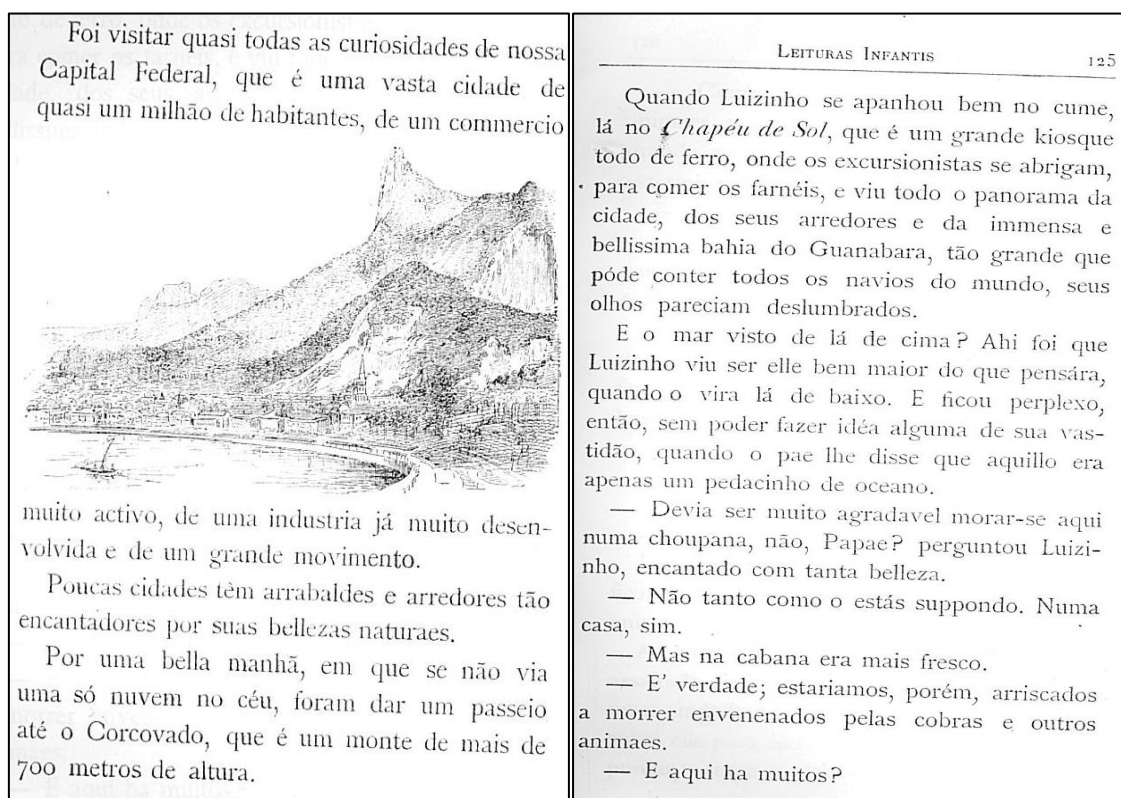
<sup>76</sup> A versão da obra coletada na página *Biblioteca Nacional de Maestros* veio com vestígios de leitura, por meio dos sublinhados e comentários nas lições.

interesse pela escola, tem amor ao seu animal de estimação, respeita todas as orientações dos seus pais, colocando o *Luizinho* como uma criança que passou por quase todo o processo de introjeção dos comportamentos idealizados para uma criança ideal:

E que cuidado põe elle em tudo quanto faz! Anda sempre muito asseadinho, porque não só não se vae sentando no chão. como porque tem muito cuidado em suas refeições. Come á mesa apenas o que os paes lhe dão e obedece-lhes por um simples olhar, sem, no emtanto, ter-lhes medo. (VIANNA, 1917, pp.104-105)

Portanto, ao elaborar os valores de respeito aos animais e ao próximo, a valorização às belezas naturais do país, ao progresso industrial, e ensinamento de elementos da ciência e apresentação da evolução científica, Vianna (1917) posiciona Luizinho numa situação de interesse das crianças, o conhecimento do novo por meio das viagens:

Figura 53 - Parte da lição "No Rio de Janeiro"



Páginas 124 e 125 da obra *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Partindo dessa contextualização, Luizinho passa a conhecer o zoológico do Rio de Janeiro e aprende sobre as façanhas do índio brasileiro e as suas características, “os nossos indigenas eram de uma coragem, de um sangue frio espantoso: diante dos maiores perigos conservavam-se calmos, como si nada houvesse, esperando o inimigo de frente.” (VIANNA,

1917, p. 127). E com adjetivos principais (a calma e a coragem) norteando toda uma narrativa que envolve a luta entre o índio e o jacaré é que Luizinho aprendeu alguns valores considerados essenciais para a formação de um homem preparado para as diferentes adversidades.

Figura 54 - Trecho da Lição "O Jacaré"

Mas, com o tempo, foi-se tornando mais corajoso e, quando ficou rapaz, achava que para aquella ousadia só lhe faltava a agilidade dos indigenas.

Páginas 124 e 125 da obra *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Para Leão (2007, p. 15), o modo de ler as obras e os efeitos causados pela leitura das mesmas favorecem um movimento civilizatório, “levando cada vez mais estrito dos afetos”. Quanto ao conceito do processo civilizatório, a autora recorre aos estudos do sociólogo Norbert Elias e sua análise dos manuais de civilidade. Dessa forma, a autora relata que o processo civilizador “consiste no modo pelo qual se estrutura uma rede de censuras e proibições que transforma, de forma muito lenta e em conjunto, os comportamentos, as emoções individuais e a vida coletiva”. No que concerne aos estágios de controle de suas pulsões, somente a experiência de vida a tornará cada vez mais refinada:

A teoria do processo de civilização aponta para o desenvolvimento conjunto do aparelho psíquico e das cadeias das relações formadas pelos indivíduos na sociedade. A primeira dimensão chama-se psicogênese; a segunda, sociogênese, e ambas encontram-se entrelaçadas. Em vista disso, os modelos assumidos pelo processo não podem ser apreendidos como entidades abstratas, fora das dinâmicas concretas de cada tempo histórico e sociedade [...] (LEÃO, 2007, p. 21)

Em vista disso, *Luizinho* passou pela formulação do seu processo civilizatório (porém, ainda não concluído), sob o efeito de um controle dos seus sentimentos e dos instintos destrutivos, de sua reponsabilidade com a escola e com a família, aprendendo sobre o seu país, formando características de um adulto, atrelando o desenvolvimento do seu aparelho psíquico e as suas relações com o social, favorecendo com que o mesmo ocorresse com os seus leitores ao terem contato com suas aventuras.

Foi possível também constatar que uma criança que respeita os seus pais, seja inteligente, saiba amar e cuidar dos animais, tenha gosto pela escola, tenha interesse por assuntos científicos e que tenha viagens como rotinas comuns constituem elementos essenciais que Vianna considera como uma criança ideal. Apesar do mesmo realizar pequenas traquinices,

as mesmas fazem parte da característica da infância, com a ressalva de que essas não prejudiquem o próximo.

Ao analisar todas as obras da série de leituras, observa-se que o personagem aparece no último livro destinado às narrativas infantis. O *Quarto Livro de Leituras Infantis* possui textos voltados para assuntos históricos e pátrios, o que indica que as crianças que leram as obras anteriores passaram por esses aprendizados, e espera-se que essas possam ter as mesmas características que Luizinho. Portanto, mesmo não sendo a última historieta presente no terceiro livro, é crível afirmar que as sequências de textuais sobre esse garoto altruísta devam seguir como exemplos de emulação para as crianças que não chegaram a ter esses comportamentos apreendidos.

### 3.4 Ilustradores e as ilustrações da *Série Leituras Infantis*

A produção de livros didáticos no Brasil sofreu expansão a partir da segunda metade do século XIX, com livros em formato dos modelos europeus, principalmente quando incorporados por livreiros-editores vindos desses países com suas maquinarias e estilo de produção (BITTENCOURT, 2016, 121). Enquanto alguns livreiros-editores investiram em suas lojas no país, também houve o movimento de autores de livros didáticos que decidiu realizar a editoração de suas obras diretamente em países europeus, assim, como citado anteriormente, Vianna passou 6 meses na Europa para reeditar e imprimir as suas obras com a finalidade de obter melhor qualidade de impressão. Essa escolha por parte dos autores era muito comum, pois a melhor qualidade da impressão possibilita a “(...) a inclusão das ilustrações, constituindo outra maneira de criar formas de leitura específicas e estas eram moldadas segundo padrão externo”.

Apesar de não conter informações sobre os ilustradores das obras de Francisco Vianna, assim como de muitos autores do período, foi possível identificar as assinaturas desses em algumas gravuras. Somando todas as ilustrações encontradas na *Serie Leituras Infantis* (*Cartilha, Leitura Preparatória, 1º, 2ª e 3º Livro*), considerando somente as gravuras e eliminando os ornados, das 334 identificadas apenas 82 possuem assinaturas. A grande maioria das marcas dos ilustradores são as iniciais de seus nomes ou são ilegíveis. Dessas foram identificados os nomes: Louis Maîtrejean, Firmin Bouisset, R. Norfint, Reignier, Jumgnes RIO (?), T. Tarquinio, Otto Guagnier; porém, foram encontradas informações apenas dos dois primeiros ilustradores.

De acordo com as informações do site europeu *Lambiek-Comiclopedia*<sup>77</sup> e a Biblioteca Nacional da França – *BnF Gallica*<sup>78</sup>, Louis Emile Maitrejean (1882-1955) nasceu na comuna de Bègles, na França. Ele também contribuiu para *Touche à Tout* (1908), *Ma Récréation* (1910-22), *La Semaine de Suzette*, *L'Almanach Vermot* (1911-20), *Le Petit Monde* (1919) e *Le Pêle-Mêle* (1924); também foi o principal ilustrador da revista *Lisette*, "Journal des Petites Filles" (Jornal para as garotas jovens) entre os anos de 1920 e 1927, contribuindo principalmente para as histórias *Linette et son Poilu'* sob a escrita de H. J. Babin.

Figura 55 - Gravura e assinatura de Louis Maîtrejean



Página 65 da obra *Cartilha Leituras Infantis* (1931)

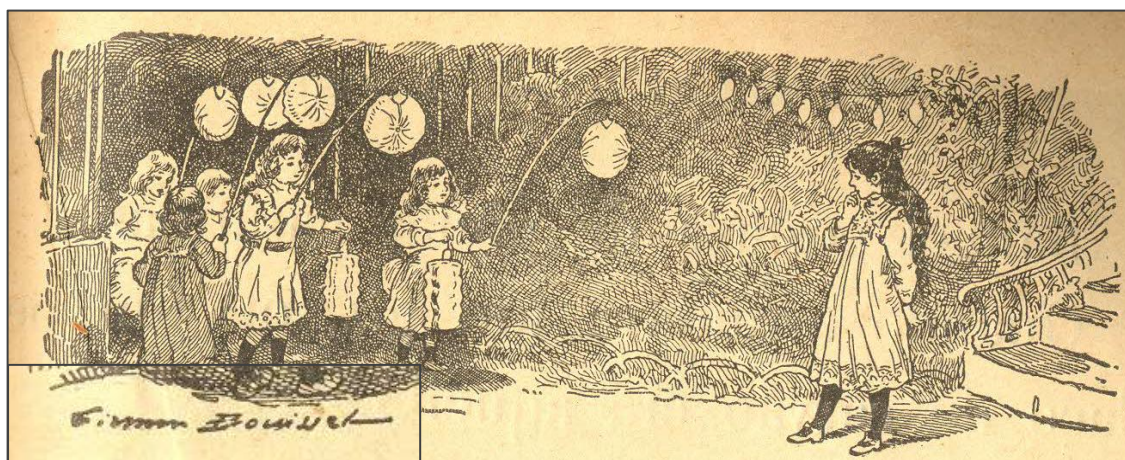
Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP

Conforme as informações do *Lambiek-Comiclopedia*, Firmin Bouisset (1859-1925) nasceu na França, foi pintor, artista de diversos cartazes e gravurista, ilustrador de livros, principalmente os infantis, como o *La Petite Ménagère*. Chamou atenção de empresas como *Job cigarettes*, *Poulain chocolate*, *Lu biscuits* e *Maggi*, além de ter desenhado para as estampas da *Imagerie Quantin* (a.o. '*Petits-Mauvais Coeurs*').

<sup>77</sup> O site da Bibliothèque nationale de France - BnF Gallica contém um vasto acervo de livros, ilustrações, jornais, fotografias, músicas, mapas, e outros materiais. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/accueil/?mode=desktop>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

<sup>78</sup> O *Lambiek-Comiclopedia* é um site europeu destinado à venda de diferentes histórias em quadrinhos, das obras mais raras até as mais populares, com localidade física em Amsterdam. O site também possui uma enciclopédia dos principais quadrinistas e ilustradores do mundo entre os séculos XIX e XXI. Para obter maiores informações, acessar: <<https://www.lambiek.net/>> Acesso em: 17 jul. 2018.

Figura 56 - Gravura e assinatura de Firmin Bouisset



Página 47 da 29ª edição da obra *Cartilha Leituras Infantis* (1931)

Fonte: Biblioteca do Livro Didático (BLD) - Faculdade de Educação da USP (alterado)

Apesar das ilustrações terem origem europeia, elas foram escolhidas de forma a terem “comunicação direta” com as historietas, contos e poemas dos livros Vianna. No próximo item, serão discutidas as características presentes nas gravuras escolhidas para as obras da série, se há uma referência marcadamente eurocêntrica ou houve uma tentativa de trazer referências nacionais às imagens.

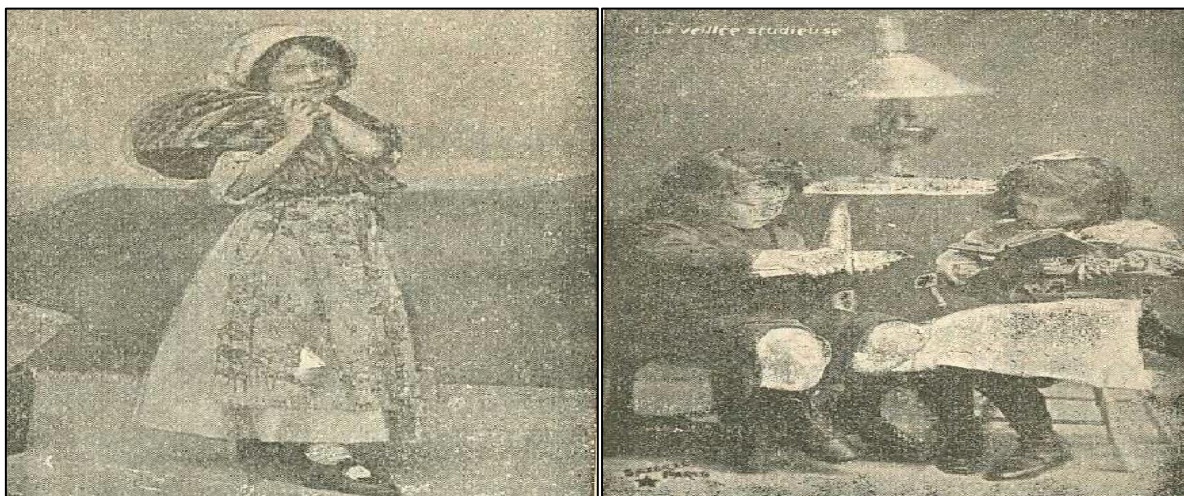
Cabe verificar se as gravuras presentes na série foram realmente desenhadas com a finalidade de compor o texto como um trabalho de pós-escrita dos livros (como afirma Francisco Vianna no *Terceiro Livro*), ou se os textos foram elaborados a partir das ilustrações. Para identificar esses pormenores será necessário um estudo minucioso nas casas editoras ou nos acervos franceses e localizar possíveis vestígios dessa história, que envolve uma relação de produção e consumo entre os autores dos livros didáticos, as editoras e seus ilustradores, além de resgatar a biografia daqueles que não foram ainda estudados.

Uma característica presente em todas as obras é a relação entre as imagens com as narrativas, pois todas estão pautadas no cotidiano e não são histórias de imaginação, consequentemente, as ilustrações que estão diagramadas no corpo do texto possuem relação direta com essa temática.

Abaixo, é possível observar que, enquanto no *Primeiro Livro* o que está presente juntamente com o texto são somente as fotografias, no *Segundo Livro* há uma mescla de fotografias e gravuras e no *Terceiro Livro* há somente gravuras.

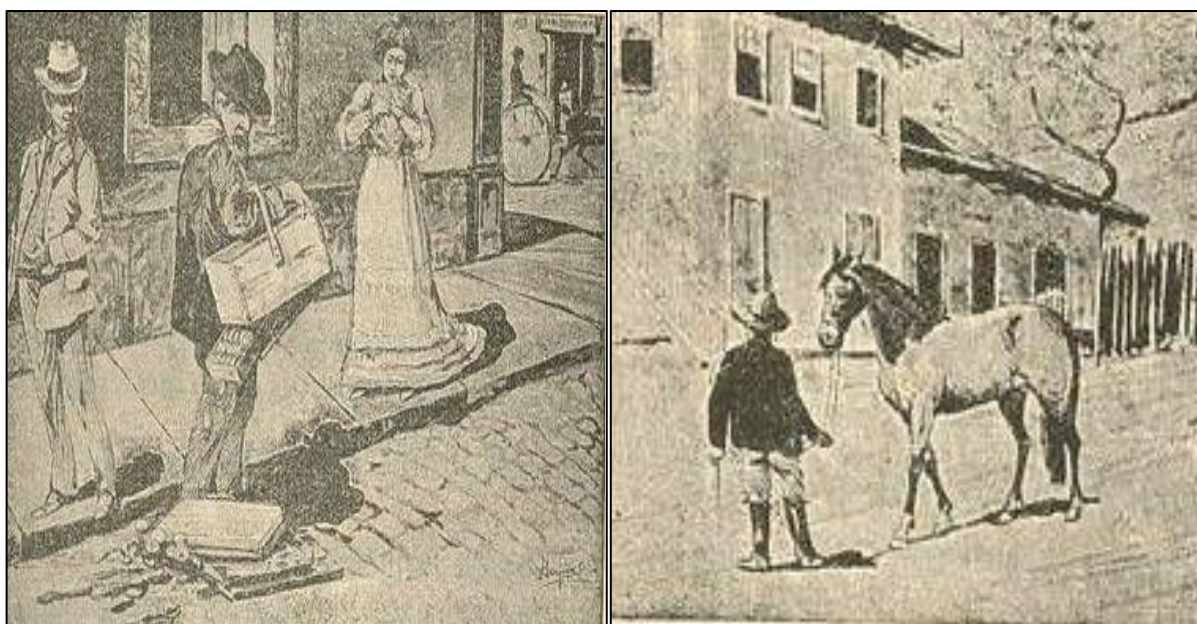


Figura 57 - Fotografias da obra “Primeiro Livro de Leituras Infantis”



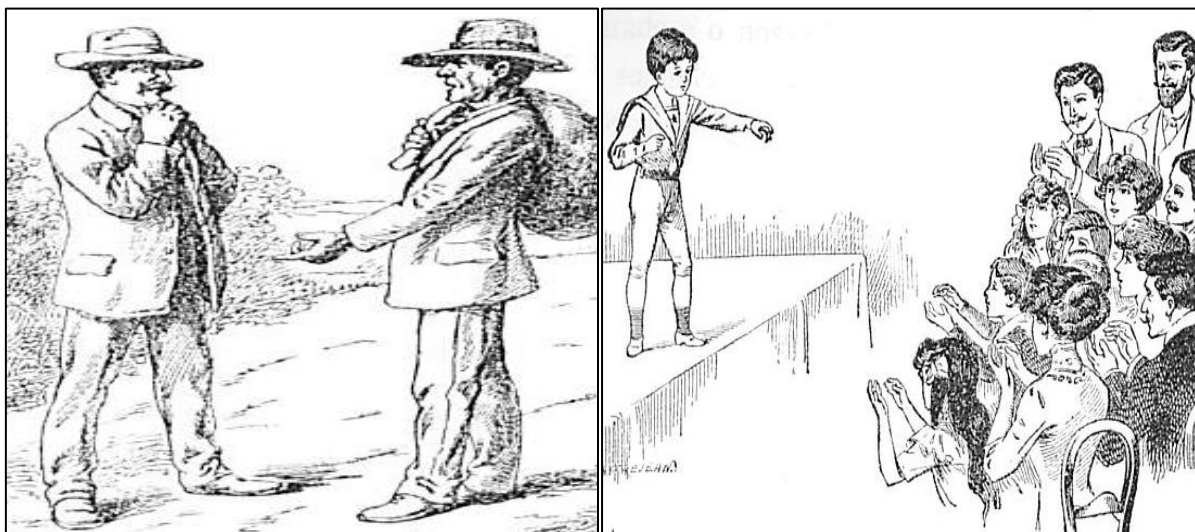
Fotografias da 9ª edição do *Primeiro Livro de Leituras Infantis* (1911a)  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Figura 58 - Gravuras da obra “Segundo Livro de Leituras Infantis”



Gravuras da 5ª edição do *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b)  
Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Figura 59 - Gravuras da obra “Terceiro Livro de Leituras Infantis”

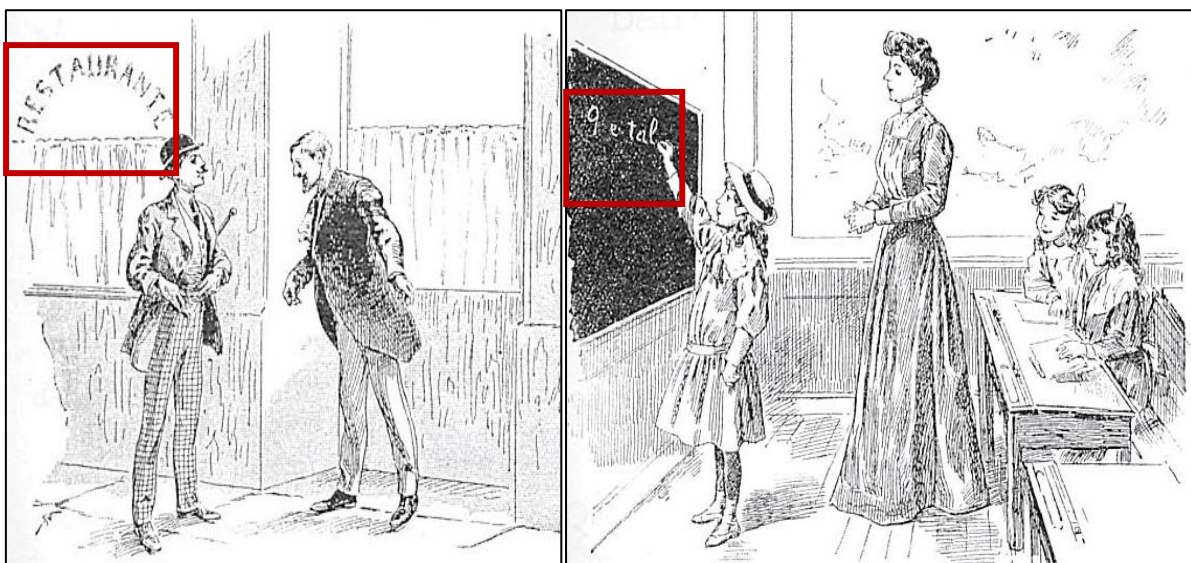


Gravuras da obra *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.

Além do vestuário, há algumas ilustrações que deixam “indícios” de que foram elaboradas especificamente para autores brasileiros, ou feitas a pedido dos editores das obras de Francisco Vianna. Além das vestimentas de características mais “tropicais”, observa-se que algumas delas possuem escritos da língua portuguesa, reiterando o caráter mais nacional do que europeu.

Figura 60 - Gravuras do “Terceiro Livro de Leituras Infantis”



Gravuras da obra *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, 21ª edição publicada em 1917.

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM.



Quanto à ambientação das imagens, além de ilustrarem somente o cotidiano, há um acréscimo gradual de lugares que ocorrem nas narrativas. Nas obras *Cartilhas e Primeiros Passos na Leitura* identifica-se uma regularidade de imagens de casas ou em áreas abertas localizadas no campo, com personagens do âmbito familiar e poucos personagens desconhecidos, não há historietas com a presença da cidade, ou dentro do ambiente escolar, apesar de ter a menção das crianças seguindo sentido à escola.

Figura 61 - Gravura da obra “Cartilha”



Gravura da 29ª edição da *Cartilha Leituras Infantis* (1931)

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

Na obra *Leitura Preparatória* há uma pequena diversificação de espaços, com historietas que retratam cenas em casas ou nas ruas, tanto em ambientes campestres quanto citadinos. Também há uma diversificação de personagens, saindo do ambiente familiar com aparecimento de pessoas desconhecidas aos personagens principais. Apresentam-se como personagens principais não somente as crianças, mas também animais. Há duas historietas com menções à escola, porém tanto a narrativa quanto as ilustrações não mencionam diretamente dentro de alguma instituição. No tocante às atividades remuneradas, há algumas que já indicam a presença de meninas realizando trabalhos domésticos.

Figura 62 - Gravuras da obra “Leitura Preparatória”

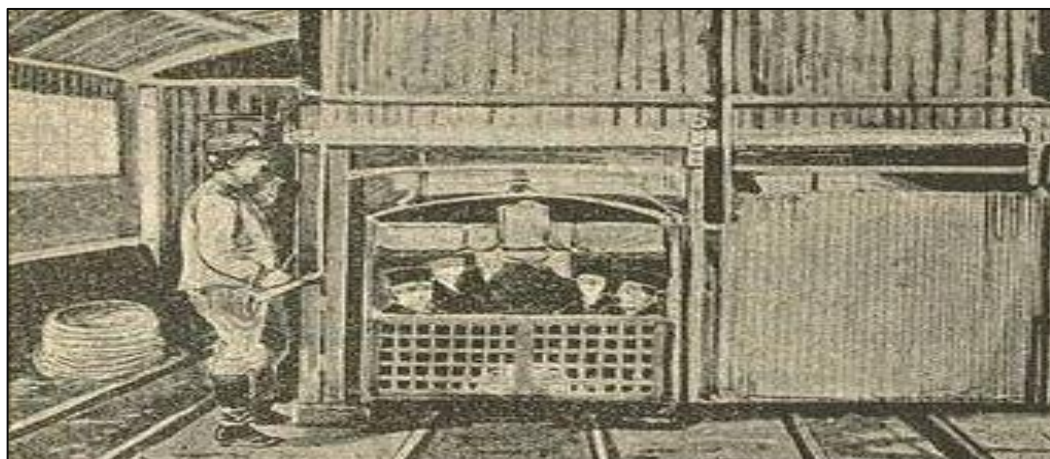


Gravuras da 66ª edição da *Leitura Preparatória Leituras Infantis* (1935).

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

A partir do *Primeiro Livro de Leituras*, diversificam-se os personagens, sendo que algumas historietas possuem adultos como personagens principais, e dessa forma, as ilustrações mostram somente esses. O ambiente escolar e do trabalho são incorporados aos anteriormente citados, demonstrando a complexificação das relações sociais onde a criança faz parte, ou seja, entre 7 e 8 anos há temáticas mais voltadas para a família com ambientação mais calmas como campo e casa, passando a incorporar tios, vizinhos, desconhecidos e espaços mais abertos como a cidade, a escola e o trabalho entre os 10 e 14 anos de idade.

Figura 63 - Gravura do “Segundo Livro de Leituras Infantis”



Gravuras da 5ª edição do *Segundo Livro de Leituras Infantis* (1911b)

Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM



Apesar de inserirem ambientes como a escola e o trabalho, que aparentemente diminuem a rotina de brincadeiras espontâneas das crianças, as historietas que envolvem atividades lúdicas perpassam sobre todos os livros da série, tanto brincadeiras individuais quanto em grupos, enfatizando o ideal que o autor tem sobre a infância, uma fase em que deve ser explorada ao máximo as brincadeiras e as rotinas que características dessa fase.

Figura 64 - Gravuras com brincadeiras da série “Leituras Infantis”



Fonte: Biblioteca Nacional de Maestros – BNM

No que concerne à sua defesa sobre temas voltados para a infância, foi possível identificar o esforço do autor em se destacar no campo livreiro. Com gravuras que representam o cotidiano infantil, que trazem referências por meio dos objetos, brincadeiras e vestuários, seja ela do campo ou da cidade.

As referências das gravuras com palavras da língua portuguesa também indicam a procura por parte dos editores em trazer uma referência de cunho nacional às obras, em um período em que a Pátria é altamente valorizada, ausentando qualquer possibilidade de aparecer referências europeias.

Dessa forma, ao analisar as ilustrações e fotografias das obras de Francisco Vianna, compreende-se que, apesar das figuras terem sido elaboradas na Europa, as roupas não indicam diretamente a relação com a cultura europeia, pois são sempre roupagens simples e não ornamentadas, o que ressalta a tentativa dos editores em fazer uma obra de característica mais regional.

—

Ao analisar as obras da série *Leituras Infantis* observou-se que o processo de crescimento da criança, está intimamente atrelado à seriação das obras, o que foi possível

identificar através da complexificação dos personagens e dos espaços representados, retratando crianças do campo e com a forte presença dos familiares, passando para espaços mais abertos como a cidade, a escola e o trabalho e com relações mais diversificadas com vizinhos, chefes e até desconhecidos. Vale ressaltar que, apesar do aumento de referências do cotidiano, as brincadeiras estão presentes em quase todos os livros, sejam elas com seus pares ou com os seus animais de estimação.

No que se refere à escolha pelos valores morais, do controle dos instintos destrutivos e o desenvolvimento dos instintos construtores como referência de ensino para a infância, tais ideias estão embasadas na filosofia e nas obras de Augusto Comte, principalmente a *Filosofia Positivista* publicada no ano de 1852, que faz uma “exposição sumária da religião universal, apresentada sob a forma de diálogos entre uma mulher e um sacerdote da Humanidade” (GIANOTTI & LEMOS, 1978, p. 4). A citada obra é constituída por treze conferências distribuídas em cinco partes: a introdução, a qual contém explicações sobre a "Teoria geral da religião" e a "Teoria da humanidade"; há também três partes intituladas "Explicação do culto", "Explicação do dogma", "Explicação do regime", além da conclusão intitulada de "História Geral da Religião". Dentre todas as conferências, a oitava que leva o título "Ordem humana - primeiro social, depois moral", explicita a concepção de "desenvolvimento cerebral" e a sua relação com os instintos destrutivos e construtores que foram citados de forma recorrente por Francisco Vianna:

Tambem, para evitar possíveis interpretações que não se ajustem bem á forma por que entendo que ora deve ser praticada a transformação, julgo de vantagem o exame do quadro das funções cerebrais, segundo Augusto Comte, em meu folheto *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*, e a leitura da obra de Kerschensteiner, *Concepto de la escuela del trabajo*, tradução de Luziríaga, publicado em 1928. (VIANNA, 1930, p. 12)

O citado quadro de funções cerebrais foi elaborado por Augusto Comte como forma de explicar o funcionamento cerebral humano em suas diversas fases de desenvolvimento. Foi com base nessas ideias que Francisco Vianna embasou-se para criar suas obras, desde os compêndios sobre história e matemática, perpassando pelos seus artigos da prática em sala de aula, conferências sobre a educação, dos demais manuais de ensino, principalmente sobre a opção temática para a série de leitura.

Como é possível observar no anexo 1, o esquema criado por Comte apresenta dezoito regiões cerebrais que estão presentes no cérebro do indivíduo, seja ele criança ou adulto, contudo, com intensidades diferenciadas.

O cérebro na classificação positivista, de acordo com Comte, está estruturado sob três principais ações: o *amar*, o *pensar* e o *agir*, que pode ser resumido em uma frase "agir por

afeição e pensar para agir" (p. 246), posto que o sentimento e a razão são a base central do pensamento positivista.

Dentro dessa tríade de ações estão presentes 10 motores afetivos, sendo esses inclinados ao estado passivo do sentimento. Desses, sete são considerados pessoais e três sociais. Referente aos pessoais insere-se: o interesse, que se define como os instintos de conservação, de caráter sexual ou materno e os de aperfeiçoamento, sejam eles por destruição ou de construção; a ambição, dita temporal ou de orgulho, que visa o domínio. Além desses há o espiritual ou vaidade, em que está presente a necessidade de aprovação. No que tange aos três sociais há dois especiais – o apego e a veneração – e um geral, a bondade, ou o amor universal (simpatia e humildade).

Vale ressaltar que, no próprio esquema apresentado pelo autor, os 7 motores considerados pessoais visam desenvolver no indivíduo um sentimento egoísta, já os 3 sociais, o altruísmo.

Além dos 10 motores afetivos, há também 5 concepções intelectuais: de concepção e de expressão. O primeiro envolve questões de contemplação até atingir o nível de abstração e compreensão dos seres. A de expressão envolve ações mímicas, orais, escrita, de comunicação. As funções intelectuais são consideradas como características de conselho, ou seja, estão no espírito humano. Por fim, o autor acrescentou 3 qualidades práticas: a atividade, que inclui a coragem e a prudência e a firmeza em que se insere a perseverança. Todas essas características cerebrais visam à execução das ações e a formulação do caráter.

De acordo com Comte, a liberdade humana só se faz existente quando o indivíduo está imbuído de regras externas a ele:

Se a liberdade humana consistisse em não seguir lei alguma, ela seria ainda mais imoral do que absurda, por tornar-se impossível um regime qualquer, individual ou coletivo. Nossa inteligência manifesta sua maior liberdade quando se torna, segundo seu destino normal, um espelho fiel da ordem exterior, apesar dos impulsos físicos ou morais que possam tender a perturbá-la. (COMTE, 1852, p. 235)

Assim, ao reconhecer a necessidade das regras exteriores ao indivíduo, sendo essas regras morais ou científicas, este seria capaz de sentir a mesma liberdade no que concerne à própria inteligência, visando desenvolver o "(...) impulso afetivo harmônico como verdadeiro destino dele, superando os motores contrários" (COMTE, 1852, p. 235).

Quanto aos assuntos pertinentes ao ensinamento para o ser humano, todo conhecimento que desenvolva "a atividade, a inteligência e o sentimento" (p.236) irá proporcionar ao indivíduo elementos que transformarão a sociedade e suas instituições. A grande ciência positiva do mundo social está estratificada, em duas partes: uma estática e outra dinâmica, sendo

a primeira responsável por construir a teoria da ordem e a segunda voltada para o desenvolvimento do progresso, assim, a instrução religiosa positivista tende a considerar:

[...] sobretudo a primeira, onde a natureza fundamental do verdadeiro Grande Ser é diretamente apreciada. Porém a segunda deve completar esta determinação, explicando os destinos sucessivos da Humanidade, a fim de guiar convenientemente a prática social. Estas duas metades da sociologia se acham profundamente ligadas entre si em virtude de um princípio geral estabelecido pelo positivismo para religar por toda parte o estudo do movimento ao da existência. *O progresso é o desenvolvimento da ordem.* (COMTE, 1852, p. 236)

Para o desenvolvimento visado por Comte, a destruição dos comportamentos egoístas só se dá por meio do coletivo, o qual irá favorecer os comportamentos altruístas. O ensinamento coletivo é explicitado por Comte da mesma forma como Vianna apresenta em suas conferências, com uma valorização ao contato materno e a instituição familiar como a esfera mais importante:

A providência feminina, que deve sempre dominar nosso surto moral, dispõe-nos, primeiro, a sentir a continuidade e a solidariedade, dirigindo a educação espontânea que se realiza no seio da família. Em seguida, a providência sacerdotal faz-nos apreciar de modo sistemático a natureza e o destino do Grande Ser, revelando-nos gradualmente o conjunto da ordem real. Caímos, enfim, sob o predomínio direto e perpétuo da providência material, que nos inicia na vida prática, cujas reações afetivas e especulativas completam nossa preparação. (COMTE, 1852, p. 238)

Portanto, constata-se que a concepção sobre o aprendizado e as relações que visam moldar o ser humano no sentido da sua própria liberdade está intimamente relacionada com a teoria positivista. A apropriação desses ideais por parte de Francisco Vianna delimitou a forma como o autor as via: quais eram as instituições e os assuntos mais importantes para trabalhar, quais eram os ambientes e pessoas que deveriam estar próximo a elas, quais eram os comportamentos necessários e a própria delimitação de fase biológica da criança até os 14 anos e o da adolescência entre 15 e 21 anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do século XX foi marcado por diversas mudanças sociais em detrimento da Proclamação da República que foi instaurada antes da virada do século. Com a necessidade de uma nova representação sobre o cidadão brasileiro, a educação tornou-se a principal divulgadora dos valores sociais a serem inculcados, principalmente sobre a família e a criança.

Dessa forma, a presente pesquisa teve por principal objetivo analisar a representação de infância por meio de obras didáticas de um autor inserido nesse contexto, no caso, Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935). Para auxiliar o processo de análise das obras foram utilizados outros dois tipos de fontes: escritos educacionais do autor e de seus contemporâneos presentes na *Revista de Ensino* e *A Escola Primaria*, além das publicações dos *Anuarios de Ensino do Estado de São Paulo* (1907-1920); outro tipo de fonte foram os jornais publicados na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro durante o período de vida do autor, totalizando 25 periódicos.

Constatou-se que, apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, o autor passou a sua infância e grande parte da vida adulta em São Paulo. Com a súbita morte dos pais, Francisco Vianna foi tutelado por seu tio, positivista ortodoxo e professor da Escola Normal de São Paulo.

Durante o seu percurso formativo e profissional em São Paulo, o autor publicou poemas e escritos educacionais no periódico *Revista de Ensino*, além de ter participado das reuniões do *Centro Positivista de São Paulo*, oferecendo palestras de conscientização da alfabetização da classe trabalhadora. Após atuar nessas instituições, o autor mudou-se para outra cidade de São Paulo, com a finalidade de trabalhar no *Gymnasio de Campinas* como professor de História Natural, e posteriormente, tornou-se diretor interino da escola.

Apesar do hiato de publicação de seus escritos na *Revista de Ensino*, o autor participou de reuniões e, provavelmente produziu pesquisas no âmbito educacional e na perspectiva positivista no *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* (CCLA). Presumivelmente, foi por meio dos contatos realizados nesse centro e no ginásio, além do seu contato com o tio Teixeira Mendes (outro positivista ortodoxo), que o autor foi indicado para atuar como inspetor de ensino secundário no Rio de Janeiro, tornando-se superintendente, além de ter publicado escritos na revista carioca *A Escola Primaria* e ter realizado conferências entre os anos de 1916 e 1928.

Entre 1896 e 1922 o autor produziu diversas obras didáticas tanto a compêndios na área da matemática quanto na área da história, além de manuais para professores e livros voltados para o ensino da leitura. Desses citados, o último é caracterizado pelo tipo *formativo*, tornando-

se, assim, principal fonte de análise para compreender a representação que o autor tem sobre a infância e sobre a criança. Sendo assim, foram elencados os livros: *Cartilha: Leituras Infantis*, *Primeiros Passos na Leitura*, *Leitura preparatória*, *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro Livro de Leituras Infantis*, excluindo-se o *Quarto Livro*, pois o mesmo diferencia-se dos outros por ser um *compêndio* com histórias sobre a pátria brasileira.

A série que segue uma estrutura de narrativas curtas, com o acompanhamento de imagens para auxiliar a “observação” do aluno dos acontecimentos narrados. Pautadas em assuntos do cotidiano e relacionando assuntos voltados para realidade infantil, as temáticas envolvem brincadeiras, relações entre pares, com familiares, com a escola e com o trabalho, porém sempre tendo os valores morais como norteadores das ações anteriormente citadas.

Verificou-se nessas obras que o público alvo dessas leituras foram crianças que tinham relação com o ambiente escolar, ou seja, crianças entre 7 e 14 anos, entretanto observou-se que também há crianças menores a essa faixa de idade descritas em suas histórias, demonstrando essas como infantes em processo de incompletude das percepções sobre o mundo e do controle dos instintos construtores.

Quanto à classe social, se compreender à de destinação educacional, são crianças burguesas que possuíam acesso à educação primária, porém, de acordo com as temáticas presentes nos livros, são crianças que nasceram e cresceram em ambientes campestres, mas que, ao atingir a idade para estudar, mudaram-se para a cidade. Essas mudanças também se caracterizam sobre as relações, que passam a ser mais complexas, ou seja, sai a centralidade da família para a educação dos filhos, e outros indivíduos aparecem, como: parentes distantes, vizinhos e desconhecidos. No final da infância, a instituição que toma maior centralidade é a educação e, posteriormente o trabalho, mas observa-se que todos os aprendizados morais deveriam ser incorporados com a família e na escola, e o requisito principal para adentrar-se no mundo do trabalho seriam os aprendizados conquistados nas duas primeiras instituições.

Apesar das recorrências sobre o trabalho e a escola estarem presentes nas tramas, observou-se que a família toma centralidade entre todas as obras da série. Essa opção do autor em trazer à família como principal instituição formativa da infância entra em conformidade com o ideal positivista que considera a educação materna como a principal e única necessária para a educação até os 14 anos de idade. Entretanto, de acordo com os escritos de Francisco Vianna, a escola ainda seria necessária até que a sociedade conquistasse sua positividade e, conseqüentemente, sua autonomia sobre qualquer instituição que a rege, ou seja, a escola seria uma forma provisória de formação da criança até que a sociedade colocasse a família como a única para a educação dos infantes.



Quanto às ilustrações, foi possível observar que as mesmas acompanham as tramas das historietas, criando uma relação entre texto-imagem, confirmando assim a preocupação do autor em trazer as experiências infantis para as suas obras. Por meio da análise das assinaturas das gravuras, identificou-se alguns artistas de origem europeia, o que confirma a viagem do autor para a editoração da série. Apesar dessas imagens terem sido criadas em outros países, as referências dos personagens (roupas, espaço, etc) relacionam-se com as características de um país tropical, reiterando uma preocupação com a diagramação dos livros para a criança republicana brasileira. Cabe identificar se essas gravuras foram elaboradas especificamente para as obras de Francisco Vianna ou se faziam parte de um catálogo de editores franceses.

Assim como as pesquisas elaboradas pelo GEPICH, o presente trabalho foi necessário para compreender o modo como a infância foi idealizada, principalmente sobre um período marcado pela mobilização de intelectuais e de diferentes grupos políticos para modelação de uma população recém adentrada no regime republicano. A forma como Francisco Vianna, um profissional da educação, que acreditava fielmente na filosofia comteana projetou em suas obras uma idealização de infância difundida em palestras e comercializada por meio dos seus livros por várias décadas no século XX, e permitiu que seus ideais moldassem diversas crianças que perpassaram sobre o ensino primário. Dessa forma, a representação de infância criada por Francisco Vianna em toda a sua trajetória de vida possibilitou incorporar elementos para a compreensão da criança republicana e para a história da infância e do livro escolar no Brasil.

## REFERÊNCIAS

A ESCOLA PRIMARIA. A reforma do ensino primario. *A Escola Primaria*. Anno III, n. 7. Rio de Janeiro, abr. 1919, pp. 182-198. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

ABBEG, V. A. J. O. *Pro Brasília Fiant Eximia: nacionalismo e paulistanidade em livros didáticos aprovados no Estado de São Paulo (1911-1937)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2018. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2018/valter-andre-jonathan-osvaldo-abbeg>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. 1ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968

BARRA, V. M. L. O serviço de inspeção escolar e a funcionarização pública da profissão docente no século XIX. *Revista Linhas*: v. 18, n. 36, 2017.

BARRETO, P. S. *O Caracol e o caramujo: Artistas & cia na cidade*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1994. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279260/1/Barreto\\_PauloSergio\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279260/1/Barreto_PauloSergio_M.pdf). Acesso em: 10 de jan. 2019.

BASTIDE, P. A. *Auguste Comte*. Tradução: Joaquim José Coelho Rosa. Biblioteca Básica de Filosofia. Norte Editora: Póvoa de Varzim, 1984.

BATISTA, A. A. G; GALVÃO, A. M. de O.; KINKLE, K. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago, nº20, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a03.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BELO, M. *Amigos do Coração: representação de criança, infância e educação na obra de Edmondo de Amicis*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2017. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2017/milena-domingos-belo>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

BITTENCOURT, C. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, 2004.

BITTENCOURT, C. Práticas de leitura em livros didáticos. *Revista Faculdade de Educação*. v. 22, n. 1, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33598/36336>. Acesso em: 31 ago. 2018.

BITTENCOURT, C. História dos livros escolares no Brasil: produção e circulação. In: CASTELLANOS, S. L. V; CASTRO, C. A (org.). *Livros, Leitura e Leitor: perspectiva histórica*. São Luís: EDUFMA, 2016.

BOTO, C. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a09v30n3.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

BOURDIEU, P. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, P. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, São Paulo: Papirus, 10 ed., 1996, p.137-157.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 17-47.

BRASIL. Decreto Nº 2.888, DE 9 DE AGOSTO DE 1879. *Autoriza o Governo a conceder a D. Francisca Martins Furtado dispensa na lei, para poder habilitar-se e receber o meio soldo de seu finado marido*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2888-9-agosto-1879-547495-publicacaooriginal-62253-pl.html>. Acesso em: 20 jul. 2018

BRASIL. Decreto no 20.108, de 22 de julho de 1931. *Dispõe sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nacional nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D20108.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D20108.htm). Acesso em: 20 jul. 2017

BRASILIA. Decreto nº 981, de 8 de Novembro de 1890. *Approva o Regulamento da Instrução Primaria e Secundaria do Districto Federal*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 20 jul. 2018

BRASILIA. *Dicionário Biobibliográfico de autores brasileiros: filosofia, pensamento político, sociologia, antropologia*. Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro. Coleção biblioteca básica brasileira, 1999. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1030>. Acesso em: 05 de jan. 2019.

BRUNO, E. M. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Volume II e III. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1954.

BURKE, P. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo, Editora UNFESP, 2017.

CÂMARA, S. Sob a guarda da República, a infância minorizada no Rio de Janeiro da década de 1920. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARVALHO, B. V de. *A Literatura infantil: visão histórica e crítica*. 3ª ed. São Paulo: Global editora, 1982.

CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 13ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. (org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2006.

CHAGAS, F. G. *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2016. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2016/floriza-garcia-chagas>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

CHARTIER, A.; HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura: 1880-1980*. 1 ed. Trad: Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995, p. 373-413.

CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Tradução: Mary Del Priori. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*. Tradução: Ernani Rosa. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Tradução de Maria Adriana C. Cappello. *Educação & pesquisa*, São Paulo, v. 30, n.3, p.549-566, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2017.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882-1982*. São Paulo: Quiron, 1983.

COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874\\_Colegio\\_Culto\\_a\\_Ciencia.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874_Colegio_Culto_a_Ciencia.pdf). Acesso em 13 de jun. 2017.

COMTE, Auguste. *Os pensadores*. Tradução: Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CORRÊA, C. H. Manuais, paleógrafos e livros de leitura: com quais materiais se formavam os leitores nas escolas primárias de antigamente? *Seminário — "Constituição Do Leitor: Memórias"*. Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp, 2005.

CORRÊA, R. L. T. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos CEDES*, ano XX, nº 52, novembro, 2000. Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a02v2052.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

DEAN, W. *A industrialização de São Paulo*. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difel, 1985.

FARGE, A. *O sabor do arquivo*. Tradução: Fátima Durat. São Paulo: Edusp, 2009.

FAUSTO, B. *Trabalho urbano e conflito social*. 1ª ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

FAVERO, M. de L. de. A.; BRITTO, J. de M. *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. ISBN:857108226X.

FOLLIS, F. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: UNESP, 2004.

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (org). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá, 2009, pp. 33-58.

GAZE, I. P. Ensino profissional no Distrito Federal: A administração legal da instrução pública na década de 1910. *IX Seminário Nacional De Estudos E Pesquisas "História, Sociedade E Educação No Brasil"* Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2012. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.11.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.11.pdf). Acesso em: 10 mai. 2017.

GIANOTTI, A.; LEMOS, M. Introdução. In: COMTE, Auguste. *Os pensadores*. Tradução: Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GOLOMBEK, P. *Caetano de Campos: a escola que mudou o Brasil*. São Paulo. EDUSP, 2016.

GOMES, P. M. *A Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (1902-1916)*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2009. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270267/1/Gomes\\_PatriciaMichele\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270267/1/Gomes_PatriciaMichele_M.pdf). Acesso em: 10 de jan. 2019.

GOUVÊA, M. C. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In: LOPES, A. et al; FARIA FILHO, L. M. de; FERNANDES, R. (org.). *Para a compreensão histórica da infância*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2007. p. 19-38.

GOUVÊA, M. C. S. de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, M, GOUVEA, M. C. S. de. *Estudos da infância*. Petrópolis: Vozes, p.97-118. 2008

GOUVÊA, M. C. *O mundo da criança: a construção do infantil na literatura brasileira*. 1ª ed. Bragança paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

Haidar, M. de L. M. *O ensino secundário no Império Brasileiro*. São Paulo; Grijalbo / USP, 1972.

HEYWOOD, C. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. M. T. (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2000, 2ª ed. pp. 347 - 370.

KUHLMANN JUNIOR, M. A circulação das idéias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cesar de; KUHLMANN JUNIOR, Moyses (org.). *Os intelectuais na História da infância*. 1ª ed. São Paulo: Cortez. 2002. p. 459- 503.

KUHLMANN JUNIOR, M. Infância e Educação (1820-1950): comparação e classificação. In: LOPES, A.; FARIA FILHO, L. M. de; FERNANDES, R. (org.). *Para a compreensão histórica da infância*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2007. p. 185- 198.

KUHLMANN JUNIOR, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. de (org.). *A infância e sua educação; materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autentica. 2004. p. 15-34.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEÃO. A. B. *Norbert Elias & a Educação*. Coleção Pensadores e Educação. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003

LUCA, Tânia Regina de. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACIEL, V. B. A modernização no ensino de números nos manuais de René Barreto (1912-195). *Encontro Nacional de Educação Matemática*. São Paulo, 2016. Disponível em: [http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/7565\\_3258\\_ID.pdf](http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/7565_3258_ID.pdf). Acesso em: 27 mai. 2018.

MAIA, G. B. P. Conhecer o homem, compreender seu tempo: sobre a importância de José Getúlio da Frota Pessôa e o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova para a História da educação brasileira. *Revista Historiar*. vol. 2, n. 2. 2010. Disponível em: <http://www.uvanet.br/historiar/index.php/1/article/view/25/20>. Acesso em: 19 de dez. 2018.

MARTINS, A. L. *Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 1ª ed.

MATOS, M. I. S. *Cotidiano e cultura. História, cidade e trabalho*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

MATTOS, C. V de. *Lasar Segall*. Coleção: Artistas brasileiros. Editora: Imprensa Oficial, São Paulo, 1997, 1ª ed.

MELLO, R. R. P. B de. O Apostolado Positivista e a primeira constituição da república no Brasil. *XXVI Simpósio Nacional de História - Anpuh*. 2011. Disponível em:

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308581256\\_ARQUIVO\\_O\\_Apostolado\\_Positivista\\_do\\_Brasil\\_e\\_a\\_primeira\\_constituio\\_republicana.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308581256_ARQUIVO_O_Apostolado_Positivista_do_Brasil_e_a_primeira_constituio_republicana.pdf). Acesso em 13 set. 2018.

MELLO, R.R.P.B de. *A influência do positivismo nos primeiros anos da República (1889-1894)*. Núcleo de Pesquisas sobre Estado e Poder no Brasil, UERJ – FFP, s.d. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT6/GT6-RAFAEL.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

MENESES, M. F. de. *Circulação dos professores diplomados na Escola Normal de São Paulo pela instrução pública (1890-1910)*. Dissertação de Mestrado. FEUSP. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08112012-141811/pt-br.php>. Acesso em: 17 jul. 2018.

MONARCHA, C. (org.). *Educação da infância brasileira (1875-1983)*. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

MONARCHA, C. *A instrução pública nas vozes dos portadores de futuros (Brasil – séculos XIX e XX)*. Volume VIII. 1ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

MORSE, R.M. *Formação histórica de São Paulo (De comunidade à metrópole)*. São Paulo: Difel, 1970.

MORTATTI, M. do R. L. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Acolhendo a alfabetização em países de língua portuguesa (ACOALFAPLP)*, v. III, p. 91-114, 2008. Disponível em: [http://www.acoalfaplp.net/0005acoalfaplp/0005acoalfaplp\\_tx/3fundaeducalfab/302metodomortatti.pdf](http://www.acoalfaplp.net/0005acoalfaplp/0005acoalfaplp_tx/3fundaeducalfab/302metodomortatti.pdf). Acesso em: 29 dez. 2008.

MORTATTI, M. do R. L. *Educação e letramento*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

MORTATTI, M. do R. L. et al. Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil. *II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. 2009. Disponível em: [http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii\\_pdf/M\\_R\\_Mortatti.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/M_R_Mortatti.pdf). Acesso em: 10 mai. 2017.

MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*. 1ª ed. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

NACHMAN, R. G. Positivism, Modernization, and the Middle Class in Brazil. In: DUKE UNIVERSITY PRESS. *The Hispanic American Historical Review*. Vol. 57, No. 1 (Feb., 1977), pp. 1-23. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2513540>. Acesso em: 17 jul. 2018.

NOBREGA, P. de. Orestes Guimarães e as questões educacionais de sua época: da direção do Colégio Municipal de Joinville à reforma do ensino catarinense de 1911. In: *Anais...Reunião anual da ANPED*, 24., Caxambu, 2001.

OLIVEIRA, C. R. G. A. de; SOUZA, R. F. de. As faces do livro de leitura. *Cadernos CEDES*, ano XX, n 25 o 52, novembro/2000. Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

OLIVEIRA, R. de O.; TREVISAN, T. A. Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: a atuação da Comissão Revisora de 1918. *Hist. Educ.* [online]. 2015, vol.19, n.45, pp.103-125. ISSN 2236-3459. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/48152>. Acesso em: 01 ago. 2017.

ORIANI, A. P. A atuação profissional e a produção escrita de Francisco Vianna (1876-1935) na história do ensino da leitura. In: MORTATTI, M. R. L., et al. *Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 103-115.

ORIANI, A. P.; MORTATTI, M. do R. L. *Série leituras infantis (1908-1919), de Francisco Vianna e a história do ensino da leitura no Brasil*. Universidade Estadual Paulista (UNESP). 2010.

PANIZZOLO, C. *A arte de civilizar-se por meio dos livros de leitura: um estudo das séries graduadas da escola primária paulista (1890-1904)*. Ano: 2017, 25 páginas. (no prelo)

PANIZZOLO, C. Italianizar os brasileirinhos, paulistanizar os italianinhos: um estudo sobre os livros de leitura que circularam nas escolas em São Paulo no início do século XX. In: CASTRO, C. A. C.; CASTELLANOS, S. L. V. (org.). *História da escola; métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura*. 1 ed. São Luis - MA: EDUFMA, 2018a, v. 1, p. 579-604.

PANIZZOLO, C. *João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade

PANIZZOLO, C. O processo escolar entre italianos e seus descendentes: a escola italiana em São Paulo, no século XIX e início do século XX. In: LUCHESE, T. A. (org.). *Escolarização, culturas e instituições; escolas étnicas italianas em terras brasileiras*. 1ed.Caxias do Sul: EDUCS, 2018b, v. 1, p. 139-172.

PANIZZOLO, C.; BELO, M. D. Educar a infância para o futuro da nação: uma análise da Série de Leitura Puiggari-Barreto (1890-1920). *Educação Unisinos*. v. 20, n. 3 (2016). DOI: 10.4013/edu.2016.203.10. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2016.203.10/5608>. Acesso em: 09 nov. 2017.

PAULO, M. A R. *A organização administrativo-burocrática da instrução pública paulista: estudo sobre o regulamento da diretoria geral de 1910*. Tese (Doutorado em Educação). PUC/SP, São Paulo. 2007.

PAULO, M. A. R. A estrutura administrativo-burocrática da instrução pública paulista instituída no final da década de 1890. *VII Congresso Brasileiro de História da Educação*. Cuiabá, 2013.

PAULO, M. A. R.; WARDE, M. J. & PANIZZOLO, C. O serviço de inspeção escolar estabelecido no Estado de São Paulo pela reforma da instrução pública de 1892 / 1893. *Cadernos de História da Educação*. Uberlândia/Minas Gerais, UFU. v. 8, n. 2, p. 381-407, jul/dez. 2009.

PEREIRA, J. C. *Estrutura e expansão da indústria em São Paulo*. São Paulo: Nacional; USP, 1967.



PFROMM NETO, S. et al. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974, pp.154-204.

PROST, A. *Doze lições sobre a história*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2012.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAZZINI, M. de P. G. A produção de livros escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. INTERCOM, 30. Santos, SP, 2000, Núcleo de Pesquisa (NP) Produção Editorial. Anais.... Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1479-2.pdf> . Acesso em: 10 de jan. 2019.

RAZZINI, M. de P. G. Livro didático e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). *Língua escrita*. Belo Horizonte, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: [http://www.fae.ufmg.br/Ceale/menu\\_abas/rede/projetos/didatica\\_da\\_lingua\\_escrita/arquivos/lingua\\_escrita\\_numero\\_um/02\\_Livro%20didatico%20%20expansao%20escolar.pdf](http://www.fae.ufmg.br/Ceale/menu_abas/rede/projetos/didatica_da_lingua_escrita/arquivos/lingua_escrita_numero_um/02_Livro%20didatico%20%20expansao%20escolar.pdf). Acesso em: 20 jul. 2018.

RAZZINI, M. de P. G. O poder dos livros de leitura no início do século XX. In: MORTATTI, M. do R. L; FRADE, I. C. A da S. *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*. Editora Unesp. Marília, 2014.

RAZZINI, M. de P. G. São Paulo: cidade dos livros escolares. In: ABREU, B. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo. Editora Unesp, 2010.

REGINA, M. S. B. *A representação de Infância nas obras de Arnaldo Barreto: educar, civilizar e modernizar o cidadão republicano*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017, 168 f. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2017/maria-silvana-benevides-regina>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

REIS FILHO, C. dos. *A educação e a ilusão liberal: Origens da Escola Pública Paulista*. Editora: Autores Associados. Campinas, 1995.

ROSEVICS, L. *O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009, 149 f.

SANTOS, F. N. dos. *Representação de infância em Zalina Rolim: entre a arte poética e a educação*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2017. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2017/fernanda-nunes-dos-santos>. Acesso em: 10 de jan. 2018.

SANTOS, J. A. dos S. A trajetória da educação profissional. In: LOPES, E. M. T. (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2000, 2ª ed. pp. 205 - 224.

SÃO PAULO. *Consolidação das Leis, decretos e decisões referentes ao Ensino Primário e às Escolas Normas do Estado de São Paulo*. Typographia do Diario Official. São Paulo: 1912.

SÃO PAULO. Decreto 144-B, de 30 de dezembro de 1892. *Aprova o Regulamento da Instrução Pública*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/137641>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SÃO PAULO. Decreto n. 218 de 27 de novembro de 1893. *Aprova o Regulamento da Instrução Pública Para Execução Das Leis ns 88, de 08/09/1892, e 169, de 07/08/1893*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/137485>. Acesso em: 20 jul. 2018

SÃO PAULO. Decreto n. 362, de 17 de junho de 1896. *Altera o art. 4.º, do decreto n. 247, de 23 de Julho de 1894*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=137234>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SÃO PAULO. Lei nº 130 de 25 de abril de 1880. *Autoriza o governo a abrir desde já a Escola Normal, e dá-lhe regulamento*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/139470>. Acesso em: 20. jul. 2018.

SÃO PAULO. Lei nº 34, de 16 de março de 1846. *Dá nova organização às escolas de Instrução Primária, e cria uma Escola Normal*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/139680>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SÃO PAULO. Lei nº 374, de 3 de setembro de 1895. *Providencia sobre o ensino das materias do Curso das Escolas Complementares, dos Gymnasios, das Escolas Normaes, sobre outros assumptos relativos, e crea, como uma secção da Directoria Geral de Instrucção Publica, um Almojarifado marcando-lhe o pessoal e vencimentos*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1895/lei-374-03.09.1895.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SÃO PAULO. Lei nº 88, de 8 de setembro de 1893. *Reforma a instrucção publica do Estado*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1892/lei-88-08.09.1892.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2017.

SILVA, A.C. e. *Tudo é passageiro; expansão urbana, transporte público e o extermínio dos bondes em São Paulo*. São Paulo: AnnaBlume, 2015.

SILVA, S. S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 5ª ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1981.

SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (org). *Por uma história política*. UFRJ/FGV. Rio de Janeiro, 1996.

SOARES, T. S. S.; AMARAL, R. dos S. A aritmética nas revistas de ensino do Estado de São Paulo (1902-1906): um breve mapeamento. *XII Seminário Temático Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890 - 1970): o que dizem as revistas pedagógicas?*. Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: [www2.td.utfpr.edu.br/seminario\\_tematico/ANAIS/25\\_SOARES\\_AMARAL.pdf](http://www2.td.utfpr.edu.br/seminario_tematico/ANAIS/25_SOARES_AMARAL.pdf). Acesso em: 10 mai. 2017.

SOUZA, A. F. de; BERTINI, L. de F. COMO ENSINAR PROBLEMAS? Os saberes nos artigos da Revista de Ensino (São Paulo, 1902-1919). *Caminhos da Educação Matemática em Revista. Sergipe, 2016.* Disponível em: [http://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/caminhos\\_da\\_educacao\\_matematica/article/view/98](http://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/caminhos_da_educacao_matematica/article/view/98). Acesso em: 10 mai. 2017.

SOUZA, R. F. de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo*. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 1998.

SZMRECSÁNYI, T (org.). *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004.

TAMBARA, E. *Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil*. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11):25 - 52, Abr., 2002.

TANURI, L. M. *O ensino normal no Estado de São Paulo: 1890-1930*. São Paulo: USP, 1979.

TOZZI, J. B. Educação, infância e leitura: contribuição da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias. *Pro-Posições*, v. 24, n.2 (71) | p. 127-145 | maio/ago. 2013.

VALDEZ, D. *A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abilio Cesar Borges: o barão de Macahubas (1856 - 1891)*. 2006 370p. Doutorado em Educação: Universidade Estadual De Campinas.

VALDEZ, D. Livros de Leitura seriados para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866 – 1930). *Revista Linhas*. Santa Catarina: v. 5, n. 2, 2004, p. 17 – 49. Disponível em: [www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1218](http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1218). Acesso em: 09 abr. 2017.

VIDAL, D. G; SILVA, V. L. G. da. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: CASTRO, C. A. (org). *Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)*. São Luís: EDUFMA, Café & Lápis, 2011.

VIEGA, J. G. A. B; GALVÃO, A. M. de O. As escolas isoladas nas décadas iniciais do século XX: o estudo de uma instituição. *Cadernos de História da Educação – v. 11, n. 2 – jul./dez. 2012*. Disponível em: [file:///C:/Users/as\\_pa/Downloads/21708-81588-1-PB.pdf](file:///C:/Users/as_pa/Downloads/21708-81588-1-PB.pdf) Acesso em: 02 dez. 2018

VIEIRA, M. do P. de A. et al. *A Pesquisa em História: Série Princípios 159*. São Paulo: Editora Ática, 2009.

## FONTES

### Obras de Francisco Vianna

VIANNA, F. F. M. *Leitura Preparatória*. 66ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Cartilha*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Elementos de trigonometria: compreendendo a resolução dos triangulos esphericos*. São Paulo: Typographiada Industrial de São Paulo, 1901.

VIANNA, F. F. M. *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

VIANNA, F. F. M. *Novo methodo de calligraphia americana (inclinada)*. v. 1 - 6. São Paulo: Melhoramentos, [1890].

VIANNA, F. F. M. *Novo methodo de calligraphia vertical*. v. 1 - 6. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

VIANNA, F. F. M. *Novos cadernos de linguagem*. v. 1-10. São Paulo: Melhoramentos, [1911].

VIANNA, F. F. M. *Primeiro livro de leituras infantis*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911a. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Primeiros Passos na leitura*. 36ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1940. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Primeiros Passos na leitura*. 43ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Quarto Livro de Leituras Infantis (Apanhados e factos historicos)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Segundo livro de leituras infantis*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911b. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M. *Terceiro livro de leituras infantis*. 21ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, F. F. M.; VIANNA, E. R. M. *Pequena historia do Brazil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

### Publicações de Francisco Vianna

VIANNA, F. F. M. A minha filhinha Heloisa. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 181, abr. 1904a, São Paulo.

VIANNA, F. F. M. Fins da educação. Caracter e objectivo da instrucção primaria. Organização e ensino do 1.º anno. *A Escola Primaria*. Anno III, n. 1. Rio de Janeiro, out. 1918, pp. 6-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

VIANNA, F. F. M. Santos Dumont. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 4. São Paulo, out. 1903a, p. 1.

VIANNA, F. F. M. A violeta e o cravo. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*. Anno III, n. 5. São Paulo, 1904b, p. 44.

VIANNA, F. F. M. Aplicações industriaes do calor e do frio. *A Escola Primaria*. Anno I, n. 2. Rio de Janeiro, nov. 1916, p. 71. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

VIANNA, F. F. M. Classes e promoções no magistério municipal. *A Escola Primária*. Anno VIII, n. 6. Rio de Janeiro, jun. 1924, pp.154-157. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

VIANNA, F. F. M. Companhia fatal. A René Barreto. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 1. São Paulo, abr. 1903b, p. 152-154.

VIANNA, F. F. M. Conferencia. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 1. São Paulo, abr. 1904c, p. 138-149.

VIANNA, F. F. M. Diários de Classe. *A Escola Primária*. Anno IX, n. 2. Rio de Janeiro, abr. 1925, pp. 36-39. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

VIANNA, F. F. M. Dó infantil. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 6. São Paulo, fev. 1904d, p. 573.

VIANNA, F. F. M. Hymnos escolares: A mamãezinha. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 6. São Paulo, fev. 1904d, p. 579.

VIANNA, F. F. M. Lei geral da divisibilidade. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 2. São Paulo, abr. 1903c, p. 78-81.

VIANNA, F. F. M. Lição infantil: a Arnaldo Barreto. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno I, n. 1. São Paulo, abr. 1902a, p. 1146-1148.

VIANNA, F. F. M. O avô mendigo. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 5. São Paulo, dez. 1903d, p. 468.

VIANNA, F. F. M. O bom collegial. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 5. São Paulo, dez. 1904e, p. 43, dez. 1904.

VIANNA, F. F. M. O ninho das andorinhas. (Tradução de Viennet). *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 6. São Paulo, fev. 1904f, p. 57.

VIANNA, F. F. M. O velho mestre. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 1. São Paulo, abr. 1904g, p. 320.

VIANNA, F. F. M. Os desamparados. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 3. São Paulo, ago. 1903e, p. 263-264.

VIANNA, F. F. M. Para a reforma da instrução publica. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 1. São Paulo, abr. 1904h, p. 312-313.

VIANNA, F. F. M. Para a reforma da instrução publica. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 3. São Paulo, ago. 1904i, p. 387-389.

VIANNA, F. F. M. Para a reforma da instrução publica. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 5. São Paulo, dez. 1904j, p. 445-447.

VIANNA, F. F. M. Physica e Chimica: phenomenos physicos e chimicos. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 5. São Paulo, dez. 1903f, p. 449-452.

VIANNA, F. F. M. Physiologia: uma particularidade sobre a visão. Phenomeno desconhecido?. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 5, p. 520-522, dez. 1903g, São Paulo.

VIANNA, F. F. M. Precoce. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno I, n. 5, dez. 1902b, São Paulo, p. 953.

VIANNA, F. F. M. Precoce. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno I, n. 5, dez. 1902c, São Paulo, p. 953.

VIANNA, F. F. M. Salvação de Lygia. Do "Quo Vadis?". *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno II, n. 1. São Paulo, abr. 1903i, p. 52-53.

VIANNA, F. F. M. Saudade. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno V, n. 1. São Paulo, jul. 1906, p. 28.

VIANNA, F. F. M. Saudades de minha mãe. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 1. São Paulo, abr. 1904k, p. 320.

VIANNA, F. F. M. Sem medico. *Revista de ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*. Anno III, n. 1. São Paulo, abr. 1904l, p. 188.

VIANNA, F.F.M. A questão analphabetismo. *A Escola Primaria*. Anno 8, n. 2. Rio de Janeiro, 1 de mar. 1924, pp. 35-38. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

### Periódicos educacionais

A ESCOLA PRIMARIA. Escola Francisco Vianna. *A Escola Primaria*. Anno XIX, n. 2. Rio de Janeiro, mai. 1935a, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A ESCOLA PRIMARIA. Francisco Vianna (Oração pronunciada pela professora Leonor Posada, na Escola Tiradentes.). *A Escola Primaria*. Anno XIX, n. 2. Rio de Janeiro, mai. 1935b, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A ESCOLA PRIMARIA. Francisco Vianna. *A Escola Primaria*. Anno XIX, n. 1. Rio de Janeiro, abr. 1935c, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A ESCOLA PRIMARIA. II - A Escola: A Reforma do Ensino Primario. *A Escola Primaria*. Anno 3, n. 7. Rio de Janeiro, abr. 1919, p. 182-197. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=Inspector%20escolar>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A ESCOLA PRIMARIA. Merecida homenagem (Discurso proferido pela professora Leonor Posada, na manifestação prestada pelo professorado da 3ª Circumscrição ao Dr. Francisco Vianna). *A Escola Primaria*. Anno XVIII, n. 1. Rio de Janeiro, 1 de fev. 1935d, pp. 215-216. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A ESCOLA PRIMARIA. Pequena Historia do Brasil. *A Escola Primaria*. Anno XI, n. 5. Rio de Janeiro, jul. 1927, p. 92. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

BARRETO, P. Parecer preliminar apresentado á Comissão revisora dos livros didaticos pelo dr. Plinio Barreto aos demais membros da referida comissão, em 7 de janeiro de 1918. In: SÃO PAULO. *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo*. Typ. Augusto Siqueira & C. São Paulo, 1918, pp. 157-171.

BARRETO, R. Elementos de Trigonometria. *Revista de Ensino*. Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Anno II, n. 1. São Paulo, abril. 1903, pp. 66-67.

JARDIM, H. S. Problemas de Arithmetica na escola primaria - Como ensinar a resolvel-os? *A Escola Primaria*. Anno II, n. 9. Rio de Janeiro, jun. 1918, pp. 218-219. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

PEIXOTO, A. A Escola Primaria. *A Escola Primaria*. Anno 1, 1 de out. 1916, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 10 de jan.2019.

REVISTA DE ENSINO. A Instrução Publica em Santa Catharina: Professor Orestes Guimarães. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*. Anno X, n. 1. São Paulo, jun. 1911, pp. 41-42.

REVISTA DE ENSINO. A posse do Gremio. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*. Anno III, n. 1. São Paulo, abr. 1904, p. 167.

REVISTA DE ENSINO. Professor Mendes Vianna. *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado publico de São Paulo*. Anno V, n. 1. São Paulo, jul. 1906, p. 38.

SÃO PAULO. Escola Normal. *Anuario de Ensino do Estado de São Paulo*. Typ. Augusto Siqueira & C. São Paulo. São Paulo, 1907-1908, p. 79-92.

TRAVASSOS, C. Phonação. *A Escola Primaria*. Anno 5, n. 5. Rio de Janeiro, jun. 1921, p. 157. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=097497&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

## Jornais

A NOITE. A's escolas primarias. *A Noite*. Rio de Janeiro, 22 de fev. 1917a, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=348970&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

A NOITE. Cursos para a Escola Normal. *A noite*. Anno VII, n. 1824. Rio de Janeiro, 1 de jan. 1917b, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=348970&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A NOITE. Illusões, exageros e confusões no ensino primario. *A noite*. Anno IX, 07 de nov. 1919, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=348970&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

A NOITE. O memorial da Associação Brasileira de Educação aos editores do Brasil: O que se contém nesse documento. Terceira Edição. *A Noite*. Anno XXI, n. 6375. Rio de Janeiro, 15 de jan. 1931, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970\\_03&pesq=ABE](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&pesq=ABE). Acesso em: 11 de jan. 2019.



A NOITE. Os preparativos para a Festa da Bandeira: No 1º Distrito Escolar. *A Noite*. Anno VII, n. 2129. Rio de Janeiro, 18 de nov. 1917c, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=348970&pesq=Os%20preparativos%20para%20a%20Festa%20da%20Bandeira>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

A RAZÃO. Centro B. dos Operarios Municipaes - Reunião de propaganda educativa. *A Razão*. Anno IV, n. 1049. Rio de Janeiro, 7 de nov. 1919, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=129054&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

CORREIO DA MANHÃ. Cursos para a Escola Normal. *Correio da Manhã*. Anno XVI, n. 5953. Rio de Janeiro, 13 de jun. 1915, p. 14. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_02](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02). Acesso em: 11 de jan. 2019.

CORREIO DA MANHÃ. Falleceu o professor Mendes Vianna: os serviços prestados pelo extinto ao ensino municipal. *Correio da Manhã*. Anno XXXIV, n. 12383. Rio de Janeiro, 5 de abr. 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=089842&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

CORREIO DA MANHÃ. O dia da missão universitária argentina. *Correio da manhã*. Anno XVIII, n.7117. Rio de Janeiro, 22 de ago. 1918, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=089842&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. de 2019.

CORREIO PAULISTANO. Escola Normal. *Correio Paulistano: Orgam Republicano*. Anno XXXIX, n. 10927. São Paulo, 17 de mar. 1893. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_05&pasta=ano%20189&pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pasta=ano%20189&pesq=). Acesso em: 11 de jan. 2019.

CORREIO PAULISTANO. Factos diversos: Primeiro Congresso de Instrução Secundaria. *Correio Paulistano*. N. 17073. São Paulo, 11 de fev. 1911, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_06&pasta=ano%20191&pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20191&pesq=). Acesso em: 11 de jan. 2019.

CORREIO PAULISTANO. Fallecimento. *Correio Paulistano: Orgam Republicano*. Anno XXXIV, n. 9508. São Paulo, 10 de mai. 1888, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_04&pasta=ano%20188&pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_04&pasta=ano%20188&pesq=). Acesso em: 11 de jan. 2019.

DIARIO DA NOITE. O 21 de Abril e as homenagens da Escola Tiradentes. Segunda Edição. *A Noite*. Anno VI, n. 2020. Rio de Janeiro, 21 de abr. 1934, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=221961&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

DIARIO DA NOITE. Os superintendentes de Educação, de Saúde e de Hygiene Escolar. Terceira Edição. *Diario da Noite*. Anno V, n. 1031. Rio de Janeiro, 3 de set. 1923, p. 1.

Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961\\_01](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_01). Acesso em: 11 de jan. 2019.

DIARIO DE SAO PAULO. Interior: Côrte. *Diario de Sao Paulo*. Anno IX, n. 2394. São Paulo, 15 de out. 1873, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709557&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

GAZETA DE NOTICIAS. Escola Ferreira Viana. *Gazeta de Noticias*. Anno XL, n. 342. Rio de Janeiro, 8 de dez. 1915, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=103730&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Almoxarifado da Prefeitura. Aviso. *Jornal do Brasil*. Anno XXXV, n. 68. Rio de Janeiro, 20 de mar. 1925a, pp. 12-13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Almoxarifado da Prefeitura. Aviso. *Jornal do Brasil*. Anno XXXIV, n. 62. Rio de Janeiro, 13 de abr. 1924, pp. 15-16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Almoxarifado da Prefeitura. Aviso. *Jornal do Brasil*. Anno XXXV, n. 91. Rio de Janeiro, 16 de abr. 1925b, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Almoxarifado da Prefeitura. Aviso. *Jornal do Brasil*. Anno XXXVI, n. 58. Rio de Janeiro, 9 de mar. 1926, pp. 15-16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Almoxarifado Geral da Prefeitura. Aviso. *Jornal do Brasil*. Anno XXXII, n. 290. Rio de Janeiro, 5 de dez. 1922, p. 16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Bibliografia: Francisco Vianna - Leituras Infantis - Livraria Francisco Alves - 1934. *Jornal do Brasil*. Ano XLIV, n. 116. Rio de Janeiro, 17 de mai. 1934, p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_05](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05). Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Escola Colombia. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1 de jan. 1928, p. 14. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Inspectoria escolar do 10º districto. *Jornal do Brasil*. Anno XXIII, n. 346. Rio de Janeiro, 12 de dez. 1913, p. 15. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO COMMERCIO. Centro de Professores Francisco Vianna. *Jornal do Commercio*. Anno 108, n. 161. Rio de Janeiro, 10 de abr. 1935a, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO COMMERCIO. Discurso pronunciado na sessão de 12 de agosto de 1929. *Jornal do Commercio*. Anno 102, n. 193 Rio de Janeiro, 14 de ago. 1929, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

JORNAL DO COMMERCIO. Livros Novos. *Jornal do Commercio*. Anno 97, n. 12, p.2. Rio de Janeiro, 13 de jan. 1923. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq=>. Acesso em: 10 de jan. 2019.

JORNAL DO COMMERCIO. Na Camara dos Deputados. *Jornal do Commercio*. Anno 108, n. 157. Rio de Janeiro, 5 de abr. 1935b, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_12&pesq=Francisco%20Viana](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&pesq=Francisco%20Viana). Acesso em: 11 de jan. 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. O positivismo em S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*. Anno XXIV, n. 7167. São Paulo, 4 de jul. 1898, p. 2. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18980704-7167-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

O IMPARCIAL. Reuniao de inspectores. *O imparcial - diario illustrado do Rio de Janeiro*. Anno IV, n. 877. Rio de Janeiro, 28 de mai. 1915, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=107670&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

O MALHO. Methodos de ensino. *O Malho*. Anno XX Rio de Janeiro, 5 de nov. 1921, p. 28. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

O PAIZ. Cursos para a Escola Normal. *O Paiz*. Anno XXX, n. 11165. Rio de Janeiro, 3 de mai. 1917, p. 10. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691\\_04](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04). Acesso em: 11 de jan. 2019.

O PAIZ. Festa da Bandeira. *O Paiz*. Anno XXIX, n. 10637. Rio de Janeiro, 21 de nov. 1913, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=178691&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

O PAIZ. Instrucção Publica. *Annexo. O Paiz*. Anno XXX, n. 11016. Rio de Janeiro, 5 de dez. 1914a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=178691&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

O PAIZ. Nota. *O Paiz*. Anno XXIX, n. 10751. Rio de Janeiro, 15 de mar. 1914b, p. 15. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=178691&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

O VINTE DOUS DE MAIO. Ministerio da Guerra. *O Vinte dous de maio: Jornal politico, noticioso e dedicado aos melhoramentos da provincia*. Anno I, n.10. São Paulo, 24 de ago. 1872, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=815098&pesq=>. Acesso em: 11 de jan. 2019.

REVISTA DA SEMANA. Escola Sarmiento. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 1935, p. 29. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909\\_03](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_03). Acesso em: 11 de jan. 2019.

